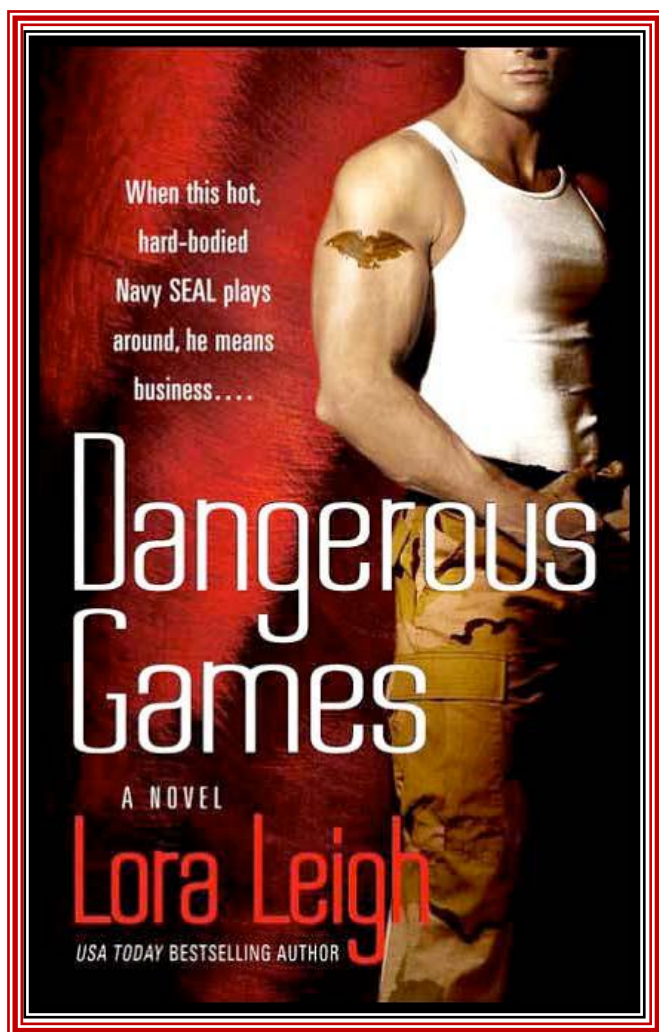


Jogos perigosos

Lora Leigh



Disponibilização/Tradução: Gisa (crédito correto!!)

Revisão Inicial: Ana Mota

Revisão Final: Ana Mota

Formatação: Betty

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES





O Navy SEAL¹, Clint "Iceman"² McIntire, não havia ganhado o apelido por ser covarde. Ou alguém que desiste fácil. Tendo esmagado um infame cartel de drogas na Colômbia, Clint não é nada parecido com um herói americano. Agora ele voltou para casa, com uma licença muito necessária, mas em vez de descanso e recuperação, ele se encontra preocupado até o pescoço com Morganna Chavez, a irmã de seu melhor amigo, a única mulher que tem o poder de deixá-lo de joelhos...

Morganna estava trabalhando secretamente com o DEA³ para tentar descobrir mais informações sobre uma droga usada em estupros, o que a conduz a uma facção sombria que é mais mortal do que qualquer coisa que a equipe dela tivesse encontrado antes. Agora, está nas mãos de Clint manter esta bela e determinada agente fora do caminho do perigo, mesmo quando a paixão entre os dois ameaça consumi-los. Logo a maior missão de Clint não será apenas manter Morganna a salvo, mas também, trazê-la para os braços dele e nunca deixá-la ir embora.

Dedico a papai e mamãe, por conseguirem escutar as histórias por horas infinitas; e a meu marido, Tony, por sempre acreditar em mim.

À Patricia Rasey, Beth Anderson, Lyn Morgan, Mama Sue e Stacey, porque estavam lá no princípio e me ajudaram infinitamente; às damas no Fórum; e aos leitores que enviaram e-mails para mim; vocês me fazem seguir em frente.

Aos meus leitores avançados, por tolerarem mais uma cópia da mesma história e por chutarem a minha bunda quando foi necessário.

Ao Scheme, meu descobridor de música, meu instigador de ideias, e fonte de chocolate. Obrigada por tudo.

E a minha editora, Monique, obrigada pela chance.

Nota da Autora

As reuniões em clubes subterrâneos como o Diva, Merlin e Roundtable são tudo fruto da minha imaginação somente. Dentro da série dos Tempeting SEALs, eu tentei montar o que eu pressentiria como os clubes alternativos mais interessantes em vez do que a minha pesquisa achou para clubes de BDSM⁴. Domínio masculino,

¹ O United States Navy Sea, Air and Land, mais conhecidos como US NAVY SEALs, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos, especializados na guerra não convencional, ação direta, antiterrorismo e reconhecimento de terreno.

² Iceman = homem de gelo.

³ DEA – (Drug Enforcement Administration) ou Força Administrativa de Narcóticos é um órgão da polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.

⁴ No original: BDSM (Bondage – Domination – Submission – Masochism). Em português : Escravidão – Dominação – Submissão – Masoquismo.





uma hiper sexualidade, e consciência de prazer da mulher são o que meus heróis têm em comum, e é o que os membros dos clubes dentro dos meus livros têm em comum também, não importa a extremidade deles. Espero que você aprecie ler a aventura de Clint e Morganna tanto quanto eu apreciei escrever.

Prólogo

Dez anos antes

Clint McIntyre, vinte e cinco anos. Um Navy SEAL. Um macho completamente crescido, sensual, dominante. Ele era um homem cujos outros homens olhavam com respeito. Um homem que havia crescido com a confiança no poder. Ele não era mais uma criança lutando para esconder o abuso que havia sofrido. Ele era um homem que não tolerava nada menos do que o melhor de si mesmo e dos homens que lutavam ao seu lado dele.

Mas era um homem que quase tinha ficado de joelhos uma noite ao ver uma pequena e jovem Lolita⁵ vestida com uma saia curta, uma fina blusa azul, e sapatos de salto alto. O cabelo castanho escuro fluindo ao redor do corpo com uma multidão de cachos, e olhos cinza faiscando de para ele com uma sugestão de riso e interesse. Interesse demais.

Ele era um homem crescido, ciente de sua sexualidade, seus gostos, e suas fomes. Até mesmo considerar as pulsações que se moviam nele por causa da proximidade era um crime. Um que ele se recusava a permitir dar asas.

Ela era a irmã de seu melhor amigo. Ela era a melhora amiga de sua irmã. E ela seria a ruína de sua existência.

Morganna Chavez tinha o atormentado, de uma forma ou de outra, desde o dia em que tinha começado a aprender a andar para bater na cabeça dele, com então onze meses de idade, com sua mamadeira para conseguir sua atenção. Ela tinha conseguido a atenção dele de uma forma ou de outra desde então.

Mas, ele não esperava por isto. Aquele vislumbre de consciência. O modo como ele tinha notado os seios altos e cheios sob a blusa fina e as pernas longas, bem formadas, sob a saia curta. Os lábios rosa brilhando suave e os olhos cinza que pareciam esfumaçados, sedutores, em vez de imaturos e cheios com maravilha pueril.

Ele merecia levar um tiro.

"Então, você vai ficar aí como um tronco morto ou vai vir dançar comigo?", ela escorou uma mão no quadril e sorriu devagar. "Afinal, é meu aniversário".

⁵ Lolita - título de um romance em língua inglesa, de autoria do escritor russo Vladimir Nabokov, publicado pela primeira vez em 1955.





Os lábios dela se contraíram para flertar. Ela tinha paquerado com ele desde que ele podia se lembrar, também.

Clint olhou ao redor do quintal; as luzes brilhavam através das árvores jogando apenas um pouco de claridade sobre cerca de trinta adolescentes se divertindo na festa que o irmão dela havia permitido.

Reno tinha perdido a cabeça esse ano. Clint olhou de relance através do jardim para onde seu melhor amigo, irmão de Morganna, estava testando um pouco de ponche para ver se tinha álcool, para a diversão das crianças em torno da mesa.

Eles eram crianças. Morganna era uma criança.

"Vá dançar com um de seus amigos, pirralha". Clint sorriu para suavizar a rejeição. Ele não tinha que fingir seu afeto por ela; ela era uma parte da vida dele tanto quanto a própria irmã quando ele estava em casa. Ele gostava de Morganna. Profundamente.

"Covarde". Ela deu a ele um olhar divertido sob as pestanas. Um olhar extremamente amadurecido para sua idade e extremamente sabedor.

Nenhum dos homens que ele conhecia o chamaria de covarde. Ele era feroz. Forte. Mortal. E estava morto de medo de ficar a trinta metros dela.

Ele agitou a cabeça e riu dela. Uma risada suave, indulgente, que fez as sobrancelhas dela se juntarem e seus olhos cinza escurecerem com uma sugestão de vulnerabilidade.

"Vá brincar, Morganna", ele disse suavemente à medida que se virava. "Deixe os adultos em paz".

Ele nunca deveria ter concordado em ser uma dama de companhia na festa. E não teria aceitado se soubesse o que enfrentaria, se ao menos tivesse suspeitado por um segundo que veria Morganna como qualquer coisa diferente da irmã de seu melhor amigo. Ou a melhor amiga de sua irmã.

Dois anos depois

Ela tinha dezoito anos. Alta e flexível, uma cigana, uma desordeira, a mulher mais bonita que ele já tinha colocado os olhos; em dois anos, depois de várias lições, e noites infinitas de sonhos dos quais ele merecia levar vários tiros, a consciência da presença dela apenas havia crescido.

Sexy e sensual Morganna.

"Quando você vai partir?", eles estavam na varanda dos fundos da casa dela, a casa que ela compartilhava com Reno desde a morte dos pais.

A tia idosa que uma vez tinha ficado com Morganna enquanto Clint estava em tarefa não tinha chegado, mas não havia nenhuma razão para esperar por ela. Havia? Ainda assim Clint estava lá esperando por Reno, que tinha sido forçado a sair mais cedo do que o habitual para comandar a força pequena de Navy SEALs que levaria em uma missão. Reno se sentia confortável em deixar Morganna só em casa





desta vez. Clint não estava.

Ele também não se sentia confortável sentado atrás na varanda, a calça jeans mais apertada do que o normal, a pele muito sensível. A situação estava saindo de controle. Por dois anos ele tinha lutado com a consciência, e ela estava apenas crescendo ao invés de diminuir. Ele estava apenas ficando mais faminto, e isso o assustava demais.

"Terra chamando Clint", Morganna anunciou quando ele não a havia respondido, movendo a mão na frente do rosto dele enquanto ele se movia na cadeira e agradecia a Deus por ela não poder ver a ereção inchada descuidadamente sob sua calça jeans.

"Eu saio depois de amanhã". Ele atirou nela um clarão irritado enquanto ela se debruçava contra o poste diretamente na frente da cadeira dele na varanda.

Bem em frente dele, onde ele podia ver a subida de seus seios cheios contra a camisa de algodão suave que ela usava e recebia o efeito total daquelas pernas longas, magnificamente encaixadas em um jeans aconchegante.

"Todo mundo está me deixando", ela disse suavemente, olhando fixamente sobre o ombro dele com uma expressão saudosa. "Raven pegou seu internato na escola de projetos de arte neste outono; nem estará no estado. Você e Reno terão ido. Vai ser solitário aqui".

Morganna havia aceitado uma bolsa de estudos na Universidade de Atlanta para ficar perto de casa.

"Você tem seus amigos", ele a lembrou, forçando de volta com uma careta o pensamento dos garotos cheios de espinhas que andavam com ela, sua turma de amigos.

"Sim". Ela afirmativamente movimentou a cabeça. "Eu sei. Eu ficarei bem".

Ele a assistiu inalar devagar, profundamente, e apertou a mandíbula ao perceber que a havia magoado. Apesar de não ter nenhuma ideia de como havia feito isso.

"Tia Beth disse que essa é a última vez que ela terá que ficar comigo", Morganna disse então, o tom de voz um pouco brilhante demais. "Reno é meio chato com isso. Acho que ele tem medo que eu queime totalmente a casa ou algo assim".

"Reno se preocupa em ter deixar só". Clint estava preocupado. Deus, ele se preocupava muito.

"Você podia ficar comigo", ela disse suavemente. "Você tem mais dois dias antes de partir. Eu poderia ligar para Tia Beth. Ela ficaria feliz em poder ficar em casa com suas flores e seus vizinhos".

O olhar no rosto de Morganna era afiado enquanto ele tragava firmemente e se erguia depressa da cadeira.

"Não vai dar certo, pirralha". Ele forçou as palavras a passarem pela garganta.





"Eu tenho que me preparar para partir".

"Sim. Certo". Ela anuiu com a cabeça depressa, afastando-se do poste enquanto se movia para ir ao redor dele. "Olhe, volte para aquele seu pequeno apartamento antiquado ou para o aperitivo do dia que você tenha na sua cama. Estou cansada de te ver olhando para cada veículo vindo na nossa direção rezando para que seja Tia Beth. Eu ficarei bem sem você".

Ele pegou o braço dela enquanto ela movia para a porta dos fundos, puxando-a e cometendo o maior engano maldito de sua vida. Porque ele viu as lágrimas dela. Porque viu a dor nos olhos dela enquanto a virava.

"Eu sei o que você está fazendo", ele disse suavemente. "Eu sei o que você está oferecendo, Morganna. Não me faça te machucar. Eu não quero fazer isto".

A expressão torcida, determinada, desafiante, e, Deus o ajudasse, adoração enchia os olhos dela. Ela o via como algum maldito cavalheiro que realizaria todos os seus sonhos de donzela. Ele era um bastardo apenas em ousar considerar o fato de tocá-la. E ele não iria, ele se assegurou. Ele queria tocá-la, mas era adulto o suficiente para saber que apenas querer não o machucaria.

"Eu amo você", ela sussurrou. "Eu sempre amei você, Clint".

"Não". Ele agitou a cabeça firmemente, mantendo o aperto no braço dela enquanto a outra mão se erguia para tocar a bochecha dela suavemente. O dedo polegar deslizando sobre os lábios, apenas porque ele precisava saber se eles eram tão suaves quanto pareciam. "Você tem uma queda por mim. Eu sou o único homem ao qual você não pode apontar e mandar com um giro do dedo". Ele sorriu suavemente. "Isto é tudo, Morganna. E nada pode resultar disto. Nada pode acontecer além da perda de algo que eu aprecio. Sua amizade".

"Eu não posso fingir", ela sussurrou apaixonadamente. "Você ainda me vê como uma criança. Eu não sou uma criança".

"Então não aja como uma", ele sugeriu em retorno.

A dor chamejou nos olhos dela alguns segundos antes de ele ver algo mais. Determinação, sim. Mas algo mais chocante, algo quase assustador. Ele viu fome. Sexual, intensa, era mais do que ele já havia desejado ver nos olhos dela.

"Apenas me dê um beijo de adeus então". A respiração dela prendeu. "Apenas um beijinho".

"Morganna". Ele a manteve quieta, olhando fixamente para ela abaixo com remorso. Lamentando mais do que ela poderia algum dia entender. E então ele cometeu o engano de acariciar aqueles lábios suaves uma vez mais.

Eles se separaram, o calor de sua boca queimou a carne dele enquanto a língua dela saía e deslizava em seu dedo polegar antes dos lábios se separarem e afiados dentes pequenos beliscaram firmes.

E ele perdeu a cabeça. Inferno, ele não podia nem reivindicar loucura, porque até mesmo um homem louco iria embora. Em vez disso, em menos de um segundo





ele a tinha em seus braços, a mão segurando o cabelo na nuca para puxá-la para ele enquanto seus lábios cobriam os dela.

Ela era inocente. Ele sentiu no beijo dela. Sentiu no choque que enrijeceu seu corpo enquanto ele a dava um beijo de homem. Com desejo de homem. Inclinando os lábios sobre os dela, ele lutou para consumir, em um beijo, toda a fome, a doçura, e a louca necessidade. Para guardar na memória.

Aguçado e firme, o beijo separou os lábios dela. A língua lambia sobre eles, antes de entrar, antes de possuí-la de um modo que ele sabia que não deveria nunca ter tentado.

Porque ela era mais doce do que o doce. Tão quente quanto o inferno. E o prazer rasgava por seus sentidos como uma explosão, como uma cascata enquanto ela gemia contra sua boca.

Tão depressa quanto ele tomara seus lábios, ele a soltou, empurrando-a para trás para encará-la enquanto ela o encarava em choque, e um prazer que havia escurecido seus olhos cinza e corado seu rosto em formato de coração.

"Nunca vai acontecer", ele ralhou, segurando os ombros dela para dar uma pequena sacudida que ele rezou devolvesse um pouco de bom senso dentro dela. "Garotinhas festeiras e Navy SEALs não dão certo, Morganna. Fique com um dos garotos que andam com você e deixe os homens em paz. Você ficará, com certeza, muito mais segura desse modo".

Antes que ela pudesse discutir, e ele sabia que ela iria, ele girou e andou a passos largos para fora da varanda, indo pelo jardim até chegar ao carro que havia deixado estacionado. Ficar com ela por mais tempo estava fora de questão.

Morganna aos vinte e um anos

Ficar só era um saco. Morganna olhou fixamente em torno da sala de estar da casa que um dia havia compartilhado com os pais e com o irmão. Os pais estavam mortos, o irmão ficava mais fora do que dentro de casa, e um dia não voltaria mais.

Sua melhor amiga, Raven, passava a maior parte das tardes e noites estudando o projeto gráfico no qual tinha ficado tão hábil e Morganna estava presa em um trabalho de escritório que odiava.

E ela estava só. Porque não teve o bom senso de deixar para lá um sonho e o homem que não a queria.

Ela caminhou pela sala de estar, movendo-se até a estante de retratos que mantinha e as memórias que elas traziam.

Clint estava na maior parte delas. Com ela, com o irmão dela, e com os pais dela. Lindo. Forte. Firme. Clint sempre tinha sido mais duro do que deveria ser, mais duro do que qualquer outro ao seu redor. E ele tinha arruinado o coração dela para qualquer outro homem.

Mas ela ainda estava só.





Enrolado entre dois dos retratos estavam os certificados que ela tinha guardado do Colégio. A Academia de Execução Legal estava aceitando candidatos.

Ela queria falar sobre isso com Reno quando ele esteve em casa na semana anterior, mas a permanência dele tinha sido sumária, e estava exausto. Ele havia dormido nos dois dias em que havia ficado em casa, apenas para ter que sair novamente.

Ela deitou a cabeça contra a estante e fechou os olhos. Ele se preocuparia se soubesse. E Clint, idiota como era, faria de tudo para pará-la. E ele podia pará-la. Ele tinha conexões em Atlanta, conexões que ela não poderia deixá-lo usar. Se ninguém soubesse que ela era irmã de Reno Chavez, então não haveria nenhuma chance de alguém dizer qualquer coisa a Clint. E qual seriam as chances dos sujeitos na Academia realmente se importarem para ligar para Reno e deixá-lo saber? Especialmente se o nome dele não estava na lista de contatos.

Ela bateu a unha contra os papéis.

Ela estava entediada e só. Queria mais do que um trabalho de secretária sem ir a lugar nenhum e uma casa muda a noite toda. Como Reno, ela queria fazer diferença. Ela queria mais do que continuar sonhando com algo que não existia.

Ela suspirou exausta. Inquieta. Estava cansada de ser apenas a irmã de Reno. Ou a responsabilidade de Clint McIntyre quando Reno não estava ao redor. Ela estava cansada de ser colocada em uma estante e ser tirada para se apresentar quando eles decidiam fazer uma visita.

Ela era forte o suficiente para ser quem e o quê quisesse ser. E ela não queria mais esperar por Clint.

Ela puxou os papéis da estante, enfiou-os na bolsa, e pegou as chaves do carro. Ela não iria esperar mais.

Capítulo 1

Cinco anos mais tarde

Clint estava nas sombras de um de seus clubes favoritos, os olhos estreitados voltados para a pista de dança. Ele gostava do Diva por várias razões. A música era uma mistura de batidas. Um pouco de hard rock, um pouco de gótico, um pouco de pura diversão. As mulheres eram misturas também, mas ele percebeu que todas iam pelo mesmo motivo. A extremidade mais sombria do sexo. Os jogos de domínio, as sensações mais duras e poderosas ao achar um homem disposto a passar dos limites. Ele não esperava achar Morganna aqui.

A música que tocava agora, ele imaginava, queria indicar pura diversão. Devia causar um rebuliço.

Uma mistura de fúria, descrença, e fome selvagem o enchia enquanto ele assistia a sua pequena bruxinha na pista de dança com algumas roupas ousadas. Ela





deixou o corpo dele tenso, o pau intumescendo. Um homem pensava apenas em uma coisa quando via uma mulher dançando assim, e não era como se ele devesse ficar se preocupado com a segurança dela. Um homem pensava em sexo quando a via dançando assim, e quando a via dançando assim como uma lasciva, a necessidade de sexo ignorava todo o resto.

A música era uma versão rápida de rock com uma batida misturada, ele achava. A pista de dança estava cheia de mulheres e alguns homens, rindo e seguindo as indicações do cantor. Ele nunca tinha ouvido falar no sujeito. Casper? Clint agitou a cabeça em desgosto. Diva tinha uma mistura interessante de música algumas noites. A questão era levar as mulheres para a pista de dança. Para se exibirem.

Esta música não era do tipo que ele gostava, mas era do tipo da Morganna. Infelizmente.

Ela estava ali, vestida com uma pequena saia-short para garotas de escola que apenas cobria as curvas de seu pequeno traseiro. Traseiro nada, a saia apenas a mantinha decente. Ele jurou que se subisse apenas um centímetro, então não haveria nenhum segredo do que havia entre aquelas coxas bonitas, bem formadas.

A camiseta regata branca que ela usava poderia a princípio ser considerada recatada. Na prateleira poderia ter sido decente. Em Morganna, era um crime. Apenas alcançava o umbigo, mostrando uma quantidade indecente de pele, sem mencionar aquele maldito aro de ouro no umbigo que ele não sabia que ela tinha. Quando diabos ela tinha furado o umbigo? Raven não havia dito nada sobre isto, e a irmã dele era normalmente um manancial de informações sobre as questões sobre Morganna.

A camisa regata era fina; mas, ainda bem, ela parecia estar usando um sutiã. Ele não podia estar certo desta distância. Ela usava sapatos branco-e-preto de garotas em seus pés delicados além de meias-calças brancas até o meio das suas coxas sensuais. Aquelas meias iriam causar a morte dele. Ele podia vê-la esticada em sua cama, as mãos amarradas na cabeceira com correias sedosas enquanto ele abria as coxas dela e a deixava louca com a boca. A imagem quase o fez arquejar em antecipação. Oh sim, ele sabia exatamente como usar aquelas meia-calças.

O cabelo longo, muito longo, castanho e ondulado descia pelas costas enquanto ela balançava os quadris para frente, colocado os pés delicados na frente do corpo, e agitava o traseiro em um movimento que fez suor frio brotar entre as sobancelhas dele. Seu pau estava em êxtase. Se ela podia dançar assim, com esses movimentos doces dos quadris, girando, empurrando, poderia fazer misérias com a sanidade de um homem na cama.

E assim disse tudo, havia um colar de couro preto fino ao redor do pescoço.

Deus, tenha clemência, Clint rezou calado enquanto a assistia, os olhos estreitados, os músculos tensos. E a parte verdadeiramente assustadora era que ela realmente estava se divertindo. Ele podia ver no rosto dela, no modo exótico que os





olhos cinza riam. No modo como ela se movia.

Se ela pusesse metade de esforço em trepar com um homem como fazia para deixá-los loucos naquela pista de dança, então Clint estava em apuros. Estava com merda até o pescoço, como o pai costumava dizer.

Quando a música terminou, ela agitou a cabeça, fazendo os cabelos ondularem e balançarem novamente enquanto o homem ao lado dela que usava couro a erguia nos braços e a balançava com uma risada.

Se a mão dele tivesse deslizado um pouquinho mais para baixo para o traseiro bem feito dela, então ele entraria na lista de espécies em extinção. Porque Clint sabia que teria que matá-lo.

Ela bateu levemente no ombro do homem, fez um comentário sorrindo enquanto se virava e voltava para a mesa lotada na qual estava sentada. As cadeiras tinham sido tomadas, mas em vez de aceitar a oferta de um dos homens que bateu levemente no próprio joelho, o quadril dela bateu em uma das mulheres, que se moveu alguns centímetros para o lado, permitindo que Morganna se ajeitasse na extremidade.

Ela cruzou as pernas enquanto se debruçava adiante, escutando algo que a mulher ao seu lado - vestida fortemente de gótico - estava dizendo com uma onda animada das mãos.

Clint enxugou o suor de sua testa e respirou fundo para se estabilizar. Ele se sentia como se tivesse corrido uma maratona. Seu coração estava batendo forte no peito, o sangue pulsando entre as coxas, torturando seu pênis. E isso tudo era culpa da Morganna.

Ele olhou ferozmente de volta para ela, sem se aborrecer em frear o impacto de irritação que o pensamento trazia. Que diabo ela estava fazendo aqui? As mulheres que vinham até o Diva conheciam o jogo, sabiam o que procuravam, mas ainda mais, sabiam o que os homens queriam. Sexo. Selvagem, frequentemente extremo, às vezes não tão sóbrio, mas ainda assim, sexo.

Ele moveu os ombros, dobrando os músculos em esforço para relaxar, pelo menos um pouco, achar a força para tirar os olhos do homem vestido de couro - que a havia abraçado momentos antes, curvando-se para perto dela, a mão deitando intimamente em seu ombro.

Clint estava por mais de uma hora no canto escuro, assistindo-a, tentando observar aqueles que estavam ao redor dela.

Ele tinha ido até lá para achar uma mulher que o ajudasse a aliviar a inquietude sombria e crescente em seu interior desde que estivera em casa. E ele tinha achado a mulher. Apesar das objeções que a consciência jogava sobre ele, e contra todo o bom senso, ele iria tomá-la.

Pelas aparências, ela conhecia bem as pessoas com as quais estava andando, o que significava que ela havia progredido de contos de fadas e sonhos acordados





para a realidade. Ele podia trepar com ela e ir embora, da mesma maneira que tinha feito com todas as outras mulheres que tinha levado para a cama. Não haveria lágrimas ou recriminações, ou sonhos de viver feliz depois.

Será que ela tem um amante? Ele observava os homens que pareciam circundá-la como uma matilha de lobos. Ela usava a gargantilha sem adornos ao redor do pescoço, sem correia. Isso queria dizer que aqui, dentro do Diva, ela não tinha sido reclamada. Nenhum Dom tinha a lealdade dela e nenhum Dom podia ser penalizado com a perda da sociedade se desaparecesse com ela.

Clint assistiu os homens ao redor dela. Isso não significava que ela não tivesse um amante. Não que ele se importasse com isso no momento. Não que ele fosse se importar com isso depois.

Ela não parecia prestar atenção a um homem mais do que a outro, e enquanto pedia uma bebida à garçonete, Clint podia ter jurado que pegou um vislumbre de cansaço no rosto de Morganna.

Ele fez careta com a própria imaginação super ativa. Morganna tinha sido uma borboleta social antes mesmo de atingir a maioridade. Ela era uma daquelas mulheres que ficavam perfeitamente em paz no meio de uma multidão, achando seu propósito no meio dos amigos que podia juntar ao redor a qualquer hora. Não deveria tê-lo surpreendido ela estar nesse estilo de vida. O fato realmente tinha causado nele um momento de preocupação.

Estava deixando-o louco, ver os homens serem atraídos a ela como as abelhas são atraídas pelo mel, as mãos deles tocando os ombros nus dela, ela. O braço acetinado, tentando sentir aquela massa sedosa que ela chamava de seu cabelo.

Por oito anos ele tinha lutado para se afastar dela, para se impedir de afundar naquele corpo tão doce e curvo e destruir aos dois. Os dois anos antes de ela se tornar maior de idade não contavam. Vê-la como mulher e reagir a ela como uma mulher, como ele tinha logo após ela ter feito dezoito, eram duas coisas diferentes.

Ele tinha se convencido de que ela era inocente, muito suave para sua sexualidade, muito gentil para uma relação sem saída. Porque Clint havia aprendido há anos, na brutalidade dos punhos do pai e com a descrença da mãe, que finais felizes apenas não existiam.

E ele não queria machucar Morganna. Ele não tinha nenhum desejo de partir o coração terno dela ou ver seus olhos cinza suaves se encherem com lágrimas. Mas se ela estava aqui, emaranhada na sexualidade sórdida do clube, então ela seguramente sabia o jogo.

Ele podia tê-la. Uma vez só. Talvez duas. E poderia ir embora sem arriscar a alma.

Ele firmou a mandíbula em determinação enquanto se endireitava, saía da parede e começava a se mover na direção dela. A multidão se abriu diante dele. Em um local onde homens queriam ser Dom, Clint sabia que se distinguia na multidão.





Ele não era um aspirante. Era forte o suficiente para tomar o que queria e reter enquanto quisesse. A multidão aqui o conhecia, o entendia.

Ele moveu os ombros para tirar deles as mãos femininas que se esticaram para tocá-lo enquanto ele passava por elas. Mulheres que ele conhecia do passado ou aquelas que queriam submissão. Ele as conhecia também. Elas almejavam a aventura, a excitação, a escuridão, os excessos carnavais que podiam ser achados apenas em um certo tipo de homem. Ele tinha a reputação de ser exatamente esse homem. Como Morganna logo iria descobrir.

Morganna ficou quieta mas impaciente, a irritação instintiva de ter tantas pessoas ao seu redor, tantos homens tentando tocá-la. Era possível até achar que eles nunca tinham tocado uma mulher antes. Mãos suadas passando pelos cabelos dela, os braços, e o pior eram aqueles que pensavam que podiam começar no joelho e que ela nunca notaria as mãos tentando deslizar para cima da coxa.

Patetas. Ela pegou o pulso de outro, olhando rapidamente para ele enquanto tentava dar um sorriso cortês.

"Eu acabei de tomar banho", ela o informou com o que esperava ser a cópia decente de um sorriso.

Uma risada grossa soou em sua orelha antes que o grosseirão agarrasse a curva de seu ombro e braço e intimamente a apertasse. Como se ela o conhecesse.

Agradecidamente, a garçonete escolheu aquele momento para chegar com as bebidas, forçando-o a se mover.

Pateta.

Morganna tomou o refrigerante que tinha pedido, bebericando agradecida enquanto a banda começava um número escuro e primitivo que fez a energia do local pulsar. Abaixando o copo mas mantendo-o na mão, ela olhou ao redor casualmente, dando atenção particular às mesas ao redor deles.

Ela não podia ver a marca dele. Ela deu uma olhada antes enquanto fazia seu caminho através do salão, um pequeno latino usando couro preto, a mão prendendo casualmente em uma corrente pequena. Ela sabia o que ele estava procurando. Uma mulher que permitiria que ele a atasse, a dominasse. Ele também suspeitava de que ele fosse um dos homens envolvidos de ter drogado e sequestrado seis mulheres que tinham aparecido mortas na área. Havia um rumor de que a nova droga de estupro estava sob controle rígido até que os distribuidores pudessem determinar seu valor nas ruas. Eles estavam fazendo uma fortuna com os vídeos pornográficos do estupro que estavam fazendo; isso era uma certeza.

Morganna suspeitava que este homem fosse o fornecedor que os dois homens de Joe Merino e seu time tinham prendido na semana passada e tinha se recusado a





nomear. Adonis Santos também tinha sido preso na semana passada quando Morganna tinha visto-o colocar a droga em pó na bebida de uma jovem enquanto dois de seus amigos mantinham-na entretida. A prisão dos três homens tinha sido ótimo no caso que Morganna tinha sido atribuída em sua primeira tarefa na divisão de Atlanta do DEA.

"Ei, Morg, nós precisamos mandar ver nesta música". Jenna Lancaster, uma secretária do escritório em que Morganna trabalhava, saltou de sua cadeira quando outra música bate-estaca começou.

Morganna ergueu a bebida enquanto agitava a cabeça firmemente. Diabos, não. Ela ficaria parada durante algum tempo. Pegou o copo para mais outro gole, imaginando o que seria o formigamento na nuca. Esticando a mão, ela esfregou a pele sob o cabelo, olhando ao redor casualmente, perguntando-se por que de repente se sentia tão desconfortável.

Ela acabou com o refrigerante, deixando o copo na mesa enquanto esta começava a ser desocupada, enquanto a multidão se movia para a pista.

Puxando o cabelo sobre o ombro, ela suspirou com alívio quando uma brisa sussurrou em sua nuca.

"Outra bebida, Morganna?", Sandoval Mitchell a assistia com olhos escuros, a expressão sombria, alerta. Ele era assim. Sempre tão sério que era uma maravilha ele ter vindo até aqui. Ele não dançava muito, raramente paquerava. Parecia apenas que gostava de ficar à parte da multidão, sempre assistindo.

Morganna conhecia a maior parte das pessoas ao seu redor. Seria a mesma coisa em qualquer clube que estivesse. A maioria deles eram frequentadores regulares, e alguns eram até inocentes. Mas misturado no meio deles havia algumas intenções individuais mortais em destruir vidas. Eram estes que Morganna estava procurando.

"Não, obrigada, Sandy". Ela sorriu de volta para ele calorosamente enquanto se debruçava de volta na cadeira, tomando a cadeira que Jenna havia desocupado. "Acho que estou bem para o resto da noite".

Os olhos escuros dele relampejaram com decepção. Ele era um tanto quanto atraente, de um modo imaturo. Ele era um jogador aqui, não realmente em cena de uma forma séria. Usava calças e colete de couro preto, junto com botas mas não parecia se adaptar muito bem às roupas.

"Você gostaria de dançar?", o pedido foi feito com uma cortesia encantadora. Ele era um dos poucos homens lá que não agiam como um lobo.

Enquanto ela abria os lábios para falar, congelou, olhando fixamente acima do ombro de Sandy em choque e assombro. Não podia ser Clint.

Ela viu enquanto o corpo alto e largo dele se movia pela multidão, os ombros largos perfeitamente à mostra na camiseta preta que usava, os músculos inchados dos braços, apertados, os duros músculos abdominais. Pernas longas, musculosas,





que cobriam a distância, encaixadas em um jeans, guardando a protuberância que deixava a imaginação dela selvagem e fazia a boca encher de água.

O cabelo preto estava mais longo do que na última vez em que ela o havia visto, mas era ainda bastante curto, escovado para trás no rosto e enfatizando as feições fortes e ferozes que assombravam tanto as noites dela. E seus olhos. Fundos, quase pretos, uma meia-noite azul que fazia o coração dela bater mais rápido, deixava-a faminta de um modo que nenhum outro homem podia fazer.

Que diabo ele estava fazendo aqui?

Ela não tinha nenhuma intenção de ficar esperando para descobrir. Havia algumas coisas que Clint não sabia na vida dela, e Morganna percebeu que gostava que fosse assim. Isso fazia sua vida correr muito mais fácil e sem a luta de se preocupar com ele metendo o nariz na escolha da carreira dela que tinha acabado se tornando exatamente o que ela queria.

Ficando de pé depressa, Morganna foi na direção oposta, desejando ir ao banheiro das mulheres antes que ele a visse ou a pegasse. Ela não era estúpida; ele estava vindo até ela e ela sabia disto. Podia sentir.

Ela abriu passagem pela multidão, olhando rapidamente atrás de si e sentindo um começo de apreensão queimar no peito com intento, com a expressão primitiva do rosto dele. É, ele estava atrás dela, e estava se aproximando rápido. Muito rápido.

Ela passou com mais força entre os corpos atrapalhando seu caminho, abrindo passagem entre a multidão enquanto lutava para chegar ao banheiro. Uma vez que estivesse lá, seria simples enviar um pedido de socorro e tirar Clint de sua cola. Ela não podia se arriscar agora, criar um distúrbio quando podia ser vista, ouvida.

A batida primitiva da música enfatizava a batida de seu coração enquanto olhava de relance para trás novamente. Ele estava mais perto, seguindo-a, a expressão cheia de intenção carnal. Perigosa.

Ela atravessou a massa de corpos e foi em direção ao corredor longo que levava aos banheiros assim como aos quartos privados e reservados para jogos sexuais. Era muito ruim ela não ter pensado em reservar um; ela poderia se trancar nele. Mas o banheiro era logo adiante, a pequena luz de neon claramente iluminando acima da entrada.

A mão tocou a porta enquanto ela se debruçava com seu peso para abri-la, mas mãos firmes agarraram seus quadris, quase a erguendo do chão, e começaram a empurrá-la adiante.

"Você deveria ter ido para a saída", Clint disse no ouvido dela. "Você realmente poderia ter escapado. Que diabo você está fazendo aqui?".

O choque a deixou sem fala enquanto ele parava em um dos quartos privados, passava um cartão pelo sistema de segurança da porta e a fazia passar por ele.

Não era um quarto; não havia nada para dormir aqui. Era um quarto de sexo.





Uma cama grande ficava no meio do quarto. Havia prateleiras com brinquedos sexuais, em uma parede havia pendurados chicotes pequenos e chibatas. Havia algemas penduradas nas paredes sobre a cama e correntes com correias de couro que iam até o chão em cada canto da cama.

E Clint tinha uma chave. O que significava que ele sabia o que diabo acontecia aqui. Ou mais, esse era seu quarto pessoal, reservado para ele apenas. Ele teria colocado seus brinquedos aqui, as algemas, os equipamentos eróticos e extremos.

Choque passou pelo corpo dela. Ela sabia que ele era dominante, altamente sexual. Mas nunca tinha suspeitado disto.

"Engraçado ver você aqui". Ela virou, abrindo os olhos sem culpa enquanto o encarava, lutando para tranquilizar a corrida de seu coração. "E você não está usando couro, também. Você não está quebrando algum tipo de lei não escrita de um Dom?".

Ele a encarou de volta. Morganna lutou para manter a expressão um pouco zombeteira, em vez de se soltar com assombro. E ela que achava que sabia tudo que havia para saber do irmão de sua melhor amiga.

"Esse olhar é uma parte permanente da sua expressão? Eu não acho que já tenha visto alguma mudança em anos", ela o acusou ligeiramente quando ele não falou. "A maioria das pessoas tentam variar um pouco às vezes, sabia?".

"É loucura completa uma parte da sua personalidade?", ele por sua vez perguntou. "Estou começando a pensar que devia ter deixado Reno bronzear seu traseiro quando te pegou escapando pela janela do quarto anos atrás".

Morganna revirou os olhos e lutou para se impedir de mostrar nervosismo. "Reno não iria 'bronzear o meu traseiro' não mais do que iria agora. Ele só blefa".

Os lábios dele se apertaram. Clint não era todo blefe, e ela sabia disto.

"Você precisa levar uma surra", ele grunhiu, dando a ela um olhar meditativo enquanto andava a passos largos para o pequeno bar.

Ela olhou fixamente em torno do quarto novamente. "Bem, se castigo era a minha praia, então você seria o homem ao qual me dirigir. Diga-me, você realmente usa estas coisas?".

Ele olhou de relance por sobre o ombro, o olhar indo dos brinquedos para as parafernalias sexuais.

"Às vezes". Ele encolheu os ombros. "Algumas quase exigem".

Ela ergueu as sobrancelhas. "Isso te excita?".

O olhar dele queimava de volta para ela. "Você gostaria de descobrir?".

Não o excitava. Ela podia ver isto em seus olhos, em sua voz. Às vezes ela conhecia Clint melhor do que conhecia a si própria. E ela conhecia a expressão nos olhos dele enquanto ele a respondia. Um olhar de remorso cauteloso.

"Acho que hoje à noite eu passo". Ela sorriu de volta. Mas quando ele deu as costas a ela, Morganna saltou para a porta. A maçaneta não girou.





"Você precisa de uma chave", ele a informou calmamente enquanto se servia uma bebida antes de se voltar para ela.

Maldição, ele parecia um Dom. Havia uma sexualidade meditativa ao redor dele enquanto erguia o copo pequeno para os lábios e o virava. Quando ele o abaixou novamente, os olhos azuis pareciam queimá-la.

"Eu te fiz uma pergunta. Responda-me".

Ela cruzou os braços sob os seios enquanto o enfrentava desafiadoramente. "O que acha que estou fazendo aqui, Clint? Aqui é um clube, não é?".

A mandíbula dele cerrou antes de trazer o copo para os lábios novamente e terminar a bebida. Ele parecia ainda menos contente do que o habitual. Mas ele parecia sensual. Inferno, ele sempre parecia sensual.

"Você sabe que tipo de clube é". A voz era firme, sombria. O desejo que veio com as palavras fizeram os mamilos dela intumescerem sob a camiseta, a carne entre as coxas umedecer.

"Sim, eu sei". Ela lutou para controlar a respiração, assim como sua reação a ele.

Ela sabia exatamente que tipo de boate que era e sabia que tipos de homens reservavam estes quartos.

Perceber que Clint era um desses homens fazia o medo e a excitação correrem por ela.

"Então estou te perguntando novamente. O que você está fazendo aqui?".

Ela nunca tinha ouvido aquele tom de voz antes vindo dele. Áspero, cheio com luxúria. Isso a sacudiu até o âmagô. "Então, Clint, por que você acha que eu estou aqui?", ela ergueu o quadril e escorou a mão nele, assistindo a labareda no olhar dele e amando a resposta. Esse era um lado dele que ela nunca tinha visto. Um lado que a fascinava, atraía. Chocava.

"É isso o que eu estou te perguntando", ele finalmente retrucou. "Honestamente, Morganna, eu não consigo imaginar uma única razão para você estar aqui".

"Claro que não - você está muito ocupado tentando se convencer de que eu sou completamente assexuada e não uma ameaça". Ela encolheu os ombros. "Eu não sou responsável por suas próprias ilusões".

Ser atrevida com ele nunca era uma boa ideia, mas ela não conseguia evitar. Algum diabinho da autodestruição estava hospedado em seu cérebro e fazendo diabos com os seus sentimentos de auto preservação.

Ele deixou o copo no bar então, e diante do olhar atordoado dela, se sentou na cadeira macia ao lado e a ficou encarando.

A expressão dele estava tão cheia com luxúria, com conhecimento carnal, que as chamas queimando no corpo dela desde que tinha pegado um vislumbre dele tinham começado a esquentar ainda mais.





"Sexual, você?", ele relampejou um olhar duro. "Desde quando?".

"Eu não saio contando tudo", ela o informou com um sorriso cortês. "Uma menina precisa ter um pouco de mistério, Clint".

Os olhos azuis dele cintilaram em avaliação. Oh, agora esse olhar era interessante. Apesar de ser um pouco assustador.

Deus, por que ela não sabia dessa faceta dele?

"Venha aqui".

A voz estava mais baixa, mais sombria, sugestiva. Ele estava curvado na cadeira, as pernas abertas enquanto olhava fixamente de volta para ela com aquele olhar quente e meditativo. Tão quente que a fez enrubescer, fez a respiração dela ficar nervosa enquanto ela juntava a coragem e andava para mais perto.

"Mais perto". Ele ergueu uma mão do braço da cadeira, os dedos acenando para mais perto.

"Por quê?", ela não confiava neste novo Clint seja lá como ele fosse.

"Para que eu possa te mostrar por que garotinhas não devem brincar de jogos de adultos", ele grunhiu. "Vamos, Morganna; mostre-me o quão adulta você pensa que é".

Capítulo 2

Morganna sentiu o coração correr, um suor agradável brotando na pele. Ela não esperava isso de Clint, nem em um milhão de anos. Em suas fantasias mais secretas, ele fazia vários joguinhos sexuais com ela, mas ela tinha que admitir, nunca teria esperado que as ideias dominantes e fortes se tornassem realidade.

"Essa não é uma boa ideia". Ela lutou para respirar, empurrando as palavras através do nó na garganta e a da pulsação excitante que passava pelo corpo.

"Nós estamos de acordo". Os olhos dele se estreitaram mais. "Não me faça ir te pegar, Morganna. Venha aqui agora".

Venha aqui agora. A demanda áspera fez os sentidos se acautelarem.

Enquanto ela ficava tensa para se mover, uma voz suave soou em sua orelha, interrompendo o feitiço sensual que se formava em sua cabeça.

"Você precisa de ajuda?".

O agente Joe Merino e seu time eram o auxílio dela. Quatro homens enérgicos do DEA com os quais ela trabalhava nos últimos seis meses. Ela era a isca nesta tarefa. Algo que realmente não seria uma boa ideia deixar Clint saber. E Merino estava escutando cada palavra dita.

"Não". Ela manteve a voz firme enquanto encarava Clint, uma sugestão de desafio no rosto. Ela podia sentir um rubor se formar no rosto ao pensar nas escutas no ouvido.

Clint não podia ver o pequeno receptor na orelha dela, mas isso não significava





que ela estava segura. Não seria necessário um gênio para perceber como seria se ele se aproximasse o suficiente, e ele tinha a intenção de se aproximar. Ela podia ver isto em seus olhos, em sua expressão; ela podia sentir na fome que se formava no próprio corpo.

Clint moveu os lábios estranhamente, certo de que ela estava falando com ele. E talvez, de certo modo, ela estava. O erotismo do quarto, a pura descrença de que ela estava lá com ele, soprava em sua mente. Clint era um Dom? Era quase demais para acreditar. E ela o tinha desafiado desde que podia se lembrar, desafiando-o, ousando que ele tomasse o que ela sempre havia sentido que ele desejava. Ela apenas não tinha nenhuma ideia de como a intenção dele poderia ser quando quisesse ter o que desejava.

"Eu não pude acreditar quando te vi naquele pista de dança", ele murmurou, o olhar a examinando lenta e cuidadosamente, enviando chamadas que lambiam o corpo dela onde quer que ele a tocasse. "Vestida como a maior fantasia sexual de um homem, uma inocente pequena aluna, pronta e disposta a ser usada. Assustada agora, garotinha?".

Mais do que ele sabia.

"Talvez desinteressada", ela respondeu ao invés. "Eu não aceitei um convite para este quarto, Clint. Você me empurrou para cá. Creio que isto é contra as regras".

Ela ouviu Merino praguejar em sua orelha. Ele conhecia Clint, e sabia que a operação inteira estava em risco agora. Da mesma maneira que ela sabia. Como ela conseguisse sair dessa situação poderia significar a diferença entre o sucesso e o fracasso.

E ela não podia se esquecer de que Merino estava escutando. Ela estava frenética para sair do quarto antes que Clint realmente a tocasse. Ele tinha a habilidade de fazê-la perder a cabeça. Bom Deus, ela não podia perder a cabeça quando Joe e seu time inteiro estavam escutando. Ela nunca poderia esquecer.

Ela se afastou de Clint então, girando para permitir que seu olhar vagasse por todo o quarto pequeno. Ela tinha que sair de lá, rápido. Tudo o que Clint teria que fazer era tocá-la e ela seria como argila nas mãos de um oleiro.

"Morganna, você está brincando de um jogo muito perigoso com o homem errado", Merino silvou em sua orelha. Como se ela já não soubesse disto.

"Morganna, não brinque comigo. Você não gostará das consequências", a voz de Clint anulou a de Merino enquanto Morganna mordida o lábio com a loucura da situação.

Ela girou para a cama, enfrentando Clint uma vez mais. "Destranque a porta".

"Não".

O coração dela correu com a resposta, com a carnalidade meditativa de sua expressão.





Morganna lambeu os lábios nervosamente. Não havia como se livrar do receptor na orelha.

"Por quê?", ela mal conseguiu manter a voz firme, para se impedir de gritar com choque e nervoso.

"Porque eu vou te deitar naquela cama e te mostrar exatamente o que você está pedindo ao entrar neste clube. Então eu vou bater no seu bonito pequeno traseiro por ter me dado a chance". A resposta dele chocou-a, mas a resposta do próprio corpo a chocou mais.

"E eu deve dizer 'papai' ou 'tio' enquanto você tenta?", ela arqueou a sobrancelha zombeteiramente.

"'Mestre' estará bom", ele grunhiu. Mestre? Oh, ela achava que não. Tirar as roupas? Ela gostaria muito. Sob circunstâncias diferentes, claro.

"Isto está saindo de controle. Vou enviar Craig, Morganna. Ele vai te tirar daí. Apenas continue".

Merda. Merda. Isso ia ficar feio. Ela tinha que sair de lá antes que Craig aparecesse.

"Destranque a porta, Clint", ela ordenou, freneticamente lutando por uma saída da situação. Maldita sorte, estava começando a acabar rápido. "Eu não estou disposto a você ou aos seus jogos hoje à noite".

Ele se ergueu da cadeira, um metro e noventa e três centímetros de puros músculos masculinos, um animal primitivo, e começou a se mover até ela. Não havia nenhum lugar para correr. Nenhum modo de evadir. E as pernas não queriam se mover mesmo. Ela podia sentir o corpo ficando tenso, preparando-se para ele, antecipando seu toque.

Craig Tyler estaria aqui em um minuto. O corpulento ex-Marine⁶ podia fingir ser o Dom ultrajado como ninguém. Clint não era o tipo de homem que tentava invadir o território de outros. Pelo menos, não em território demarcado. O colar dizia que ela era livre, uma submissa sem restrições, livre para escolher um Dom. A cobertura de Craig como Dom não iria funcionar aqui.

"Você sabe há quanto tempo que eu estou morto de vontade de te foder?", Clint parou diante dela, as mãos nos quadris nus dela enquanto ela olhava para ele em choque. As mãos dela se agarraram nos antebraços dele quando o calor dos dedos dele afundaram em sua carne.

⁶ O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (em inglês: United States Marine Corps; abreviação oficial: USMC) é um ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos. Embora o Corpo de Fuzileiros Navais inicialmente servisse somente na segurança de navios da Marinha americana e em táticas anfíbias de guerra, o Corpo de Fuzileiros Navais evoluiu gradualmente até se tornar numa força militar individualizada, com múltiplos objetivos nas forças armadas americanas.





"Bem, você certamente pode ter me enganado", ela ofegou. "Você é o mesmo homem que fugia de mim a cada oportunidade. Certo?"

Ela não esperava por isto, não podia acreditar que estava de pé aqui com ele, os olhos dele queimando-a totalmente em vez de a gelarem com dispensa.

"Eu posso te ter agora, não é, neném?", ele sussurrou, a voz infinitamente gentil enquanto a observava. "Você está aprendendo as regras do jogo. O 'felizes para sempre' não acontece aqui".

Uma onda de dor cobriu os sentidos dela enquanto as palavras sussurradas dele eram processadas pelo cérebro. Ele não a tinha tomado antes porque ele sabia o que ela queria? Por que ele sabia que ela o amava? Mas ele podia tomá-la agora porque pensava que ela era uma prostituta? Ele achava que ela estava disponível a algum grosseirão disposto a dar a ela o que ele pensava que ela procurava?

Ela olhou fixamente de volta para ele em choque enquanto a mão dela voava em direção ao rosto dele com uma violência que não sabia que era capaz. Ele pegou a mão dela. A poucos centímetros do rosto, o olhar ardendo enquanto ela o encarava ferozmente.

"Eu não te quero agora", ela disse, lutando com as lágrimas que ameaçavam inundar os olhos. "Nem mesmo em uma aposta". Ela puxou o braço, enfurecida com a arrogância dele. "Você é um tolo, Clint. Completamente tolo, malicioso e sujo".

A surpresa brilhava na expressão dele enquanto a soltava. "Se você não é parte da cena, então que diabo você está fazendo aqui?", os olhos dele se estreitaram para ela enquanto ela parava diante dele.

"Quem disse que eu não sou parte da cena?", ela falou firme. "Eu disse que não te quero. Desculpe, Clint, mas qualquer Dom disposto a entrar no jogo não é o suficiente", ela o informou sem consideração e furiosa, usando a única arma que ainda tinha. "Quantas vezes você teve chance durante os últimos anos? Você não me quis. Lembra?"

"E agora estou te aceitando".

Os olhos de Morganna se alargaram enquanto sentia o medo se espalhar pelo corpo. Se ele a tivesse tocado, se fizesse como a fome no olhar advertia, então ela estava ferrada. Ela tinha pensado em entrar no time de Joe, precisando mexer cada pauzinho que podia pensar para poder trabalhar nesta tarefa.

Se ela mostrasse alguma debilidade agora, então Joe a substituiria tão rápido que faria a mente dela girar. Ele não tinha ficado confortável com ela no time para começar. Mas ela era o único recruta que ele tinha que era uma regular nos clubes do Masters.

"Clint, não. Não quer dizer não".

Ele pausou com os olhos estreitados, o tórax levantando, enquanto ela saía de perto dele lentamente.

"Destranque a porta e me deixe sair daqui. Não me force a fazer uma





reclamação com o Masters”.

Drage Masters, o dono do clube, não pegava leve com patronos que forçavam qualquer coisa aos membros. As regras dele eram rígidas, e todo mundo sabia disto.

"Faça todas as reclamações que quiser", Clint disse. "Eu quero respostas, Morganna, e de uma forma ou de outra, vou consegui-las”.

Ele deu um passo para mais perto e Morganna soube que o jogo tinha começado.

"Morganna Chavez, eu vou chicotear o seu traseiro", uma voz bêbeda gritou do outro lado da porta. "Abra esta porta, sua pequena gata selvagem. Eu te disse que você não podia ter nenhum outro homem até que resolvêssemos o nosso acordo. Ponto final”.

Os olhos dela se arregalavam em choque enquanto assistia a ira transformar as feições de Clint. Não era apenas raiva; era uma ira mortal que a apavorou.

"Abra esta porta!", Craig gritou, batendo no painel de metal novamente. "Você achou que eu não ia te achar?”.

Oh, Deus. Movimento errado. Com certeza eles sabiam disso agora. Merino não podia ser tão louco para enviar um de seus melhores homens assim, nessa hora. Era como enviar um bebê para uma zona de guerra. Clint ia passar por ele como um trator.

"Ele está morto”. A voz de Clint vibrava com ira enquanto a empurrava para o lado e se dirigia à porta.

"Clint, espere!", Morganna clamou enquanto ele passava o cartão pela fechadura e abria a porta com tudo.

A mão prendeu a garganta de Craig antes que Morganna pudesse gritar em advertência, empurrando-o através do corredor e jogando-o contra a parede.

Anos de treinamento árduo e manobras dos SEAL haviam endurecido o corpo de Clint, tornando-o uma arma viva de destruição em massa quando necessário.

"Caia fora!", Clint grunhiu com a expressão assombrada de Craig.

O agente do DEA estava vestido com superabundância de couro e correias que badalavam em um som profanamente estridente enquanto Clint parecia agitá-lo sem esforço.

"Clint, droga, solte-o!", Morganna agarrou o braço de Clint, as unhas no antebraço enquanto Craig tensionava o corpo para lutar.

"Para trás, Morganna, antes que eu rasgue o seu namorado com cara de afeminado ao meio”, Clint ralhou.

"Você é louco!", ela gritou, tentando soltá-lo. "Deixe-o ir”.

"É assim que você se satisfaz?", ele grunhiu de volta para ela. "Reno sabe aonde você vai para se divertir, Morganna?”.

A ameaça. Aí estava. O aviso familiar que assegurava que ele entraria em contato com Reno pelo telefone.





"Eu não sei; ele sabe como você se diverte?", ela zombou de volta. "Vá em frente e me caguite como sempre faz e eu direi a ele o que você tinha em mente para mim antes de ser interrompido. Agora deixe ir". Ela bateu no braço de Clint, furiosa, apavorada. Craig estava começando a ficar azul.

Clint jogou o braço dela para longe, virando-se para ela, o perigo primitivo brilhando em seus olhos levando a respiração dela. Não era violência; era luxúria. Luxúria pura, quente, inalterada.

"Saia daqui". A voz era rouca, as mãos em punhos cerrados enquanto ele a enfrentava. "Saia deste clube e leve o seu traseiro para casa. Agora. Agora mesmo, Morganna, ou Deus nos ajuda se eu puser as minhas mãos em você novamente".

Ela saltou para trás, vendo enquanto Craig se movia depressa. Os olhos castanhos de Craig estavam preocupados, o cabelo ondulado bagunçado, enquanto ele agarrava o braço dela e começava a seguir pelo corredor.

Ela olhava de volta para Clint e sabia que não estava terminado. Não por um bom tempo. O olhar dele prometia que iria atrás dela. Logo.

"Mova-se, menina", Craig murmurou enquanto a arrastava atrás dele. "Merino está se revirando no furgão. Isso fodeu a noite toda".

Não, merda. Morganna girou e o seguiu pela multidão de dançarinos, quase tropeçando mais de uma vez enquanto lutava para fazer seus membros cooperarem. Ela ainda podia sentir o toque de Clint, ainda doía de desejo por seu beijo. Ela queria olhá-lo de volta, ver se ele a seguia, mas ela sabia que ele estava. Ela podia sentir.

"Ele está atrás de nós", ela informou a Craig enquanto eles se moviam pela porta da frente.

"Resistente", Craig grunhiu enquanto o ar da noite morna os banhava, o clima abafado da Carolina do Sul fazendo-a se lembrar do toque de Clint. "Entre no seu carro e vá para casa. Nós nos encontraremos com você na sua casa mais tarde".

"Você não pode fazer isto", ela ralhou enquanto eles se moviam até o estacionamento. "Estou te dizendo que ele vai me seguir até em casa; ele vai querer informações. Você precisa me dar um tempo para explicar".

"Saia daqui; Merino cuidará do SEAL".

Morganna virou para Craig. Ela puxou o braço de perto dele antes de bater as mãos no peito dele e empurrá-lo de volta.

"Eu disse que não", ela repetiu furiosamente, ciente de que Clint apareceria no estacionamento a qualquer minuto. "Eu virei amanhã e ponto final. Merino pode me esperar dessa vez".

Isto era muito importante para permitir que o ego e orgulho dos homens estragassem tudo de repente. Se Clint descobrisse o que ela estava fazendo, ele mesmo voaria para o Havaí para contar tudo a Reno. Clint sempre tinha sido um maldito linguarudo, entregando-a todas as vezes que tinha a chance. Não havia





nenhum jeito de que ele pudesse deixar passar desta vez. E assim que dissesse, Reno apareceria.

Ela não tinha nenhuma ideia tinha do que teria que fazer para poder manter isso longe do irmão ou de Clint.

"Não estrague tudo, Morganna", Craig silvou enquanto verificava o estacionamento cheio de orelhas curiosas. "Você sabe o que está em jogo".

"Então você não estrague tudo". O sussurro furioso dela foi seguido por seu dedo cutucando o tórax dele enquanto ela se virava para ele. "Eu te disse quando vamos nos encontrar e pronto. Acredite em mim quando eu digo que haverá sangue derramado se ele te achar na minha casa hoje à noite. E não será o dele".

Ela não esperou por uma resposta. Ela deu as costas para um Craig congelado, movendo-se através da calçada e rumando ao próprio carro. Ela girou para olhá-lo, apenas para pegar o alarme súbito em sua expressão antes de ouvir o cantar dos pneus.

Morganna girou, cegada por uma luz súbita diante dos olhos enquanto suas orelhas se enchiam com o grito alto de pneus e a consciência súbita de perigo.

Ela ouviu Clint gritar seu nome um segundo antes de algo, alguém, pegar sua cintura e levá-la pelo ar. O fogo de artilharia ecoou ao redor dela. Tinham que ser tiros, ardendo através de seus sentidos enquanto o tempo diminuía de velocidade, avançando enquanto ela se sentia caindo, ciente do pavimento duro que a encontraria no fim de sua jornada.

Mil pensamentos queimavam sua mente; em primeiro lugar o fato de que era o braço de Clint que estava enganchado ao redor de sua cintura, então o corpo duro de Clint abraçando-a enquanto eles batiam no chão e rolavam. Ela podia ouvir os xingamentos dele em sua orelha, explícito, enfurecido, enquanto ele tomava o impacto do choque antes de girá-la sob seu corpo. Uma mão ao lado de sua cabeça enquanto as balas rugiam ao redor deles.

Ela podia ouvir os alarmes de carro agora enquanto os cacos de vidro choviam sobre ela. Clint estava usando seu corpo maior para protegê-la, mantendo-a segura enquanto lutava para escapar das balas, para mantê-los fora da linha de fogo.

"Mova-se!", ele a ergueu até ficar de pé e com um movimento urgente a levou entre os carros próximos, levando-a para o lado mais próximo dos veículos enquanto fagulhas voavam sobre o pavimento.

O som de tiros encheu a noite novamente enquanto ele a agarrava em torno da cintura e a levava em uma corrida abaixados para evitar o disparo de balas na direção deles.

"Putaquepariu!", ele amaldiçoou enquanto se apressava pela linha de carros e mais distante do veículo que agora rasgava pelo estacionamento. "Mas que inferno, Morganna, no que você está metida?".

Os pneus cantavam ao longe enquanto o som de gritos assustados ecoava por





detrás deles e maldições fluíam ao redor dela. Ela não podia dizer se era Merino ou Clint. Ou talvez ambos.

Capítulo 3

"Que diabo está acontecendo?", a voz de Clint fez Morganna vacilar com a ira pura que a enchia enquanto ele a empurrava para dentro do apartamento, e batia a porta.

Ele não esperou no clube até a polícia chegar. Entrou direto na caminhonete, destrancando a porta lateral do motorista, e a enfiando lá antes que as pessoas se aglomerassem ao lado dela.

O trajeto até o apartamento dela tinha sido curto e rápido. Morganna manteve a boca fechada, usando o tempo para tentar arrumar alguma explicação. Ela estava em apuros e sabia disto. Clint não era estúpido, e não era um homem conhecido pela paciência.

"Você está perguntando a mim?", ela ainda não tinha apresentado uma explicação enquanto o enfrentava, abrindo bem os olhos. Ela não tinha como forçar o medo que estava certa marcava sua expressão. "Pergunte ao cara que disparou contra a gente".

Clint foi até ela, uma mão ergueu o cabelo dela, revelando a maldita evidência. O receptor que ela havia colocado mais cedo.

Antes que ela pudesse se parar, a mão foi para a orelha. É, era ela. O ato de traição deixou os olhos azuis profundos dele queimando com ira renovada enquanto seus dentes trincavam em um grunhido.

"Oh sim, neném, é você". A voz dele estava rouca com raiva agora. "Que diabo você está fazendo com isto?".

Morganna lambeu os lábios nervosamente. Ela nunca tinha visto Clint tão bravo. Os olhos dele queimavam, as feições arrogantes, afiadas e comprimidas. As maçãs do rosto severamente definidas se distinguíam claramente enquanto os lábios se apertavam em uma linha severa.

"Saia!", ela bateu as mãos no tórax duro dele, desesperada para ficar longe dele agora. Ele foi sobre ela como um anjo vingador e fez o coração dela correr com trepidação. E excitação. Ela odiava como estava desperta, odiava saber que apesar dos anos que haviam passado, apesar de sua luta para esquecê-lo, para superar, ele ainda podia afeta-la. Mesmo quando ele estava terrivelmente louco.

Morganna ofegou quando ele jogou o receptor com um movimento maligno. "O que você está fazendo com isto, Morganna? Não queira me fazer de tolo. Eu quase te vi morrer diante dos meus olhos. Acha que eu gostei disto?".

As emoções que ardiam nos olhos dele chocaram-na. Eles estavam escuros, torturados, a expressão um gesto furioso enquanto a encarava de volta.





"Não consigo imaginar que isso vá te impedir de dormir à noite", ela gritou de volta para ele, apertando a mão dele que segurava seus cabelos. "Agora me solte".

Ele estava respirando tão forte quanto ela. "Não mesmo, docinho. Por Deus, você me responderá ou responderá a Reno. Escolha".

"Eu não respondo a nenhum dos dois". Ela arquejou com a própria raiva agora. Raiva e excitação. A raiva ela podia entender; a excitação a enfurecia.

Ela viu os olhos dele se alargarem com a resposta.

"É aí que você está redondamente enganada". Isto era mais enervante do que sofrer um atentado. Clint parecia pronto para cometer assassinato.

"Oh, meu Deus, você está viajando". Ela empurrou o tórax dele; infelizmente, era como se estivesse empurrando uma rocha. "Quem diabo você pensa que é? O que eu faço não é da sua conta. E como você sabe que o bastardo que estava atirando não estava atrás de você? Eu posso perceber por que alguém gostaria de te matar. Eu fantasio com isto frequentemente". Ela olhou ferozmente de volta para ele, a raiva se movendo pelo corpo.

"Respostas, Morganna. Agora".

Ela odiava quando ele ficava assim. Quando decidia que era a lei, que ela tinha que responder a ele somente porque era isso o que ele tinha decidido.

"Eu não tenho nenhuma resposta para você, Clint. Ainda que você a merecesse. O que você não merece". Ela manteve a voz baixa, apesar da raiva, apesar de que antes ela tivera a intenção de tentar explicar as coisas para ele mais cedo. A expressão no rosto dele assegurava-a de que nenhuma explicação iria ajudar. Podia apenas fazer tudo pior.

Ela ergueu o queixo desafiadoramente, recusando-se a voltar atrás, mesmo quando se recusava a admitir que a ira dele faiscava mais por que ela o havia respondido com raiva.

Mas não era apenas ira. Pela primeira vez, ela tinha visto emoção. Sombreava seus olhos, encrespava sua voz, e ela tinha que apagar a esperança que ardia dentro de si com a evidência de que ele, de alguma maneira, poderia muito bem gostar dela.

"Por que isso não me surpreende?", ele gritou para ninguém em particular enquanto ia para longe dela, a carranca sombria fazendo-a observá-lo com suspeita cautelosa. "Por que, Morganna, não me surpreende que você esteja fazendo algo estúpido?".

"Estúpido?", ela o encarou incredulamente. "Como é, Clint? O que você faz mesmo para viver? Eu estava apenas tendo uma boa noite em um bom clube. Honestamente, estou começando a suspeitar que aquele carro estivesse atrás de você. O que você fez, maltratou a mulher errada?".

Ele grunhiu enquanto dava a ela seu olhar fulminante, os olhos queimando com raiva. "Eu sabia que você estava aprontando algo. Eu disse a Reno no ano passado





que você estava aprontando algo. Você tem agido de forma furtiva por anos”.

"Você é tão paranóico". Ela ergueu o quadril e colocou uma mão sobre a carne nua com uma risada zombeteira. "Realmente. Só porque eu não estou te perseguindo mais dia e noite, não significa que eu esteja aprontando algo”.

Deus iria castigá-la por essa mentira. O dia em que ela tinha parado de olhar a porta esperando por ele, decidido ter uma vida, era como se ele soubesse. Mas em vez de aceitar o que sentia por ele, ele tinha automaticamente assumido que ela estava aprontando algo.

E talvez ela estivesse. Ela tinha uma vida. Uma produtiva. Uma que a dava um propósito.

Ele se virou para ela, cruzou os braços sobre o tórax, estreitando os olhos enquanto examinava cuidadosamente o corpo dela. Ela sabia que não estava mal; sabia que não. Ela tinha trabalhado duro ao longo dos últimos quatro anos para se certificar de que seu corpo ficasse na melhor forma, que as roupas que ela vestisse realçassem sua forma, e que a maquiagem realçasse seu papel. Mas ela estava quase certa de que a maquiagem havia se dissipado quando ele a havia jogado dentre da caminhonete mais cedo.

"O que você estava fazendo no Diva?", ele exigiu. "Vestida assim e exibindo seu corpo para cada maldito pervertido de lá? E não minta para mim, Morganna. Eu tenho amigos lá. Eu descobrirei a verdade”.

Por que isso não a surpreendia?

"Então pergunte ao homem que possui seu próprio quarto privado”, ela bufou. "Clint, eu sei exatamente quanto custa um daqueles quartos por ano. E é mais do que óbvio que você o usa. Isso te faz um pervertido também?”, ela curvou a sobrancelha zombeteiramente.

"Do pior tipo”.

A respiração dela prendeu na garganta enquanto o olhar dele se tornava mais cheio de intenções, tocando sobre a carne, despindo-a, fazendo-a se lembrar de seu toque, o domínio de seu beijo.

"Bem, pelo menos você é honesto”, ela respirou. "Agora, se você fosse amável e me chamasse um táxi...”

"Explique sobre o receptor”. A fúria fria enchia a voz baixa. Ele não estava mais puto; agora ele era perigoso.

Ela arqueou uma sobrancelha.

"Eu irei pelo outro lado, Morganna. Descobrirei quem está do outro lado e começarei a interrogar primeiro aquele cara cheio de couro aspirante a Dom. Você quer ver a linda cara dele toda arrebitada?”.

Craig poderia aquecê-lo em uma briga? Morganna sabia no fundo do coração que ele não podia. Clint quase o havia matado no corredor mais cedo.

Ela ergueu o queixo desafiadoramente.





"Eu não te devo explicações, Clint. Não te devo nada. Agora estou pronta para ir para casa".

"Isso é mau", ele disse lentamente, a expressão mudando, luxúria se misturando com a raiva enquanto continuava a observá-la. "Sabe, Morganna, eu tenho aquele quarto lá por uma razão. Eu não sei com quem você acha que está brincando, mas não é um falso Dom disposto a te deixar brincar os seus joguinhos. É isso o que você quer? Que este jogo que está brincando te leve para a minha cama?".

Não. Não era isso. Mas o tom de excitação na voz dele tinha feito o sexo dela se apertar em resposta, os fluidos dela se juntando, descendo por sua vagina dolorida de desejo.

Essa era uma parte de Clint que ela nunca tinha visto antes. Uma parte que a enchia com trepidação e excitação.

"E quem disse que eu vou acabar na sua cama?", ela tentou se esquecer do quanto queria estar lá.

Cada célula de seu corpo estava pulsando em necessidade. Ela se lembrou do beijo dele. Um sumário e possessivo fundir de lábios quando ela tinha dezoito anos e ele vinte e sete. As mãos dele tinham-na segurado, os lábios dele haviam-na possuído, e ela nunca tinha se esquecido. Agora, dez anos mais tarde, ela ainda se lembrava. Ela queria os lábios dele nos dela novamente, em qualquer lugar, em todos os lugares.

"Oh, você vai acabar lá", ele a assegurou suavemente. Morganna tragou firme.

"Por que agora?", ela o tinha desejado por anos. Feito tudo o que podia para que ele a visse, que o fizesse querê-la. E agora, quando ela tinha desistido, ele queria brincar de jogos sexuais. Mas que maldita escolha de tempo.

O sorriso apertado que dobrava os lábios dele não era confortável.

"Se eu soubesse que você gostava desses jogos, Morganna, não teria me negado. A cena de submissão não carrega o final feliz, não é, neném? Talvez você não seja a pequena sonhadora que eu pensei que era. Não há lugar na minha vida para sonhadoras. Apenas para sexo. E isso eu posso te dar bastante".

O coração dela não estava partindo, Morganna se assegurou enquanto o encarava. A dor que lascava sua alma não era o resultado da declaração fria e sem emoções que ele tinha acabado de fazer.

"E você acha que tudo o que eu quero é sexo?", ela perguntou, lutando para encobrir a dor enquanto o olhava com a amargura que sabia que não conseguia esconder.

Por um momento, a paixão relampejou nos olhos dele.

"Você é jovem", ele disse. "Você acha que os pequenos jogos sórdidos em que está envolvida têm algo a ver com o seu coração? Essa fome dentro de você é uma procura por amor? Não é". Ele descruzou os braços sobre o tórax e foi para mais





perto, envolvendo-a em seu calor e sua própria amargura. "Não cometa esse engano", ele sussurrou enquanto se movia para detrás dela, o tórax se apertando contra as costas dela enquanto ele erguia as mãos para deslizá-las no cabelo da nuca dela.

"Esqueça". Ela saiu de perto dele de novo, indo para vários metros longe dele antes de se voltar e o enfrentar. "Não funciona desse jeito, Clint. Se você não notou mais cedo, eu já tenho um amante. Por que eu precisaria de você?"

Craig não era amante dela. Era um papel que eles encenavam, nada mais.

Clint riu da declaração. "Ele nunca te tocou". Ele agitou a cabeça conscientemente. "Ele nunca te amarrou e te deixou louca com o seu toque. Ele nunca bateu no seu pequeno e apertado traseiro ou o fodeu. Aposto a minha vida nisto".

Morganna sentiu o rosto queimar, primeiro com embaraço, então com uma necessidade que estava no limiar da violência. A imagem dela amarrada com correntes na cama daquele quarto enquanto Clint fazia todas aquelas coisas com ela, quase a fez ter um clímax com antecipação.

"Deus, os seus mamilos se eriçaram sob a camisa", ele disse olhando-a fixamente. "Você quer, neném. E terá. Mas eu terei o que quero primeiro".

"Não nesta vida", ela ralhara, girando e indo rumo à porta. "Pegue as suas ameaças e enfie no-"

Ela estava na porta; a mão pegando na maçaneta um segundo antes de um corpo duro e forte a jogá-la contra a porta. A respiração batia firme no peito ao sentir a ereção dele se apertar na parte inferior de suas costas, o som da respiração firme e áspera em sua orelha.

"Você acha que vai simplesmente sair daqui?", as mãos dele agarraram os pulsos dela, levando-os para cima cabeça dela até que ele podia agarrar ambos com os dedos longos.

"Pare com isto, Clint".

"Não em sua vida, Morganna", a voz ecoou em sua orelha um segundo antes dos dentes agarrarem o lóbulo da orelha com um pequeno beliscão aquecido.

O que os dentes dele estavam fazendo não era nada se comparado a outra mão. Na coxa dela. Ele estava empurrando a saia para cima, a palma correndo sobre a carne sensível até que ele segurou a vagina quente e úmida com necessidade.

"Maldição, você está ensopada". A voz dele era quase um gemido à medida que ela gemia, apertando a cabeça na porta e lutando para manter o controle. "Você gosta de me forçar, não é? Há quantos anos você faz isto, Morganna? Sempre me provocando e ficando molhada e quente todas as vezes que nós lutamos? Quase tão molhada quanto eu estou duro. Você tem deixado o meu pau duro há quase dez anos".

Os dedos dele estavam passando por baixo do elástico da calcinha, sem se





importar quando a arrebentou com a força. Morganna também não se importou. Usando um pé entre os dela, ele abriu mais as pernas dela enquanto os dedos dele se moveram pelas dobras da carne que ele achou lá.

Nua, lisa, recentemente depilada, cada célula sensível da carne dela gritava em prazer enquanto os dedos dele examinavam a racha estreita, circulando o clitóris inchado, então deslizou de volta para a entrada dolorida de sua vagina.

Ela arqueou contra ele, frenética agora enquanto o prazer viajava pelas suas terminações nervosas. Faltava tão pouco para trazer a liberação, uma liberação que ela sabia que durante algum tempo aliviaria o nó dolorido de fome que a fazia queimar por ele.

"Tão doce e quente", ele sussurrou, a boca se movendo para o pescoço sensível dela enquanto os dedos dele massageavam a abertura pequena, encorajando o calor molhado a fluir mais firme do âmago dela. "Aposto que você pode gozar bem fácil para mim, não é, neném? Uma estocada firme dentro dessa pequena e apertada buceta e você explodiria como Quarto de julho⁷. Você quer explodir, querida?".

Ela queria. Oh Deus, ela queria. Ela precisava parar. Se não o fizesse, iria morrer. Ela arquejou em antecipação enquanto sentiu os dedos dele se moverem novamente, sentindo o toque de não um dedo contra sua entrada mas dois. Oh sim, ela iria gozar muito. Apenas uma estocada. Uma firme e forte e a fome seria extinta.

Mas ele não entrou com força. Ele aliviou. Morganna ouviu o próprio grito quebrar enquanto sentia a lenta e aquecida estirada de sua buceta, sentiu os dedos trabalhando dentro dela com habilidade diabólica, cheios de prática.

"Deus, você parece seda. Seda quente e lisa, Morganna".

Ele continuou a entrar, enchendo-a, queimando-a, fazendo o calor aumentar, mais quente, mas nunca acalmando as chamas.

"Por favor...", ela não podia fazer mais do que um apelo fraco enquanto ele a enchia, sentindo os dedos dele se curvando um segundo antes dele começar a esfregar aquele ponto que ela nunca tinha conseguido manipular de forma eficaz. Mas ele estava, com apenas os dedos calejados enviava choques de êxtase através dos nervos dela.

"Você está muito perto, Morganna", ele sussurrou. "Eu vou te ter na minha cama, as belas coxas abertas e o meu pau te abrindo ainda mais".

Os dedos dele eram obscenos. Carnais. Destrutivos.

Ele os deslizou para trás, quase ficando livre antes de se mover para dentro dela novamente. A mesma entrada fixa e lenta, a mesma carícia diabólica enquanto os dedos alcançavam as profundidades de sua vagina.

⁷ Quatro de julho – dia da declaração da independência dos EUA.





Ela estava se agitando, estremecendo com necessidade agora. A luxúria era um demônio devorando sua mente, a necessidade do orgasmo tão penetrante, tão imperativa, agora que ela sabia que estava lutando uma batalha perdida.

"Eu posso te sentir ondulando ao redor dos meus dedos, apertando-os. Isso não é bom, Morganna, ter um clímax para mim? Encher a minha mão com o seu calor doce".

"Não é justo...", ela estava indo cegamente para a liberação, tão perto, tão desesperada para alcançar que achava que se quebraria sem ele.

"Não. Não é justo te ver quase ser pega por aquele carro". A ira encheu a voz dele enquanto o corpo a apertava ainda mais contra a porta. "Não é justo sentir aquela chuva de balas ao seu redor sabendo que você podia morrer". Os dedos empurraram dentro dela, como se ele não pudesse resistir a empurrar, apenas um pouco, quase o suficiente.

O suficiente para fazê-la gemer, fazendo-a se arquear na ponta dos pés, então se retirando, desesperadamente lutando para achar aquela sensação final que seria necessária para fazê-la passar do limite.

"Você quase morreu na frente dos meus olhos, maldição", ele grunhiu antes dos dentes apertarem o pescoço dela, os dedos se dobrando dentro dela. "Pelo amor de Deus, Morganna, por quê?".

Ela abriu a boca para falar, para contar todos os segredos que tinha. As informações não podiam ser compradas, mas, oh Deus, ela poderia dá-las. Enquanto ela retraía uma respiração para confiar cada pedaço de verdade das informações, um golpe firme vibrou contra sua bochecha com força suficiente para chocá-la.

Clint parou atrás dela quando o golpe veio novamente, mais firme desta vez.

"Se for o seu Lothario⁸ de couro, vou matá-lo".

Ela gemeu quando os dedos de Clint deslizaram das profundidades doloridas de sua buceta e ele a puxou para trás enquanto andava para o lado. Ele não deu a ela tempo para se recuperar, não deu a ela a opção de deixar a sala. Ele examinou pelo olho mágico enquanto soltava Morganna, empurrando-a lentamente para detrás dele à medida que ela tropeçava, lutando para recuperar o equilíbrio, amaldiçoando, então ele abriu a porta para enfrentar os quatro agentes do DEA a paisana com os quais ela trabalhava.

Joe Merino não era tolo. Ela viu que ele tinha percebido o que havia acontecido atrás da porta enquanto estreitava os olhos e ouvia o xingamento murmurado de Craig ecoando atrás dele.

⁸ Lothario é um personagem na peça *The Fair Penitent* (A Freira Penitente) de 1703, de Nicholas Rowe. Na peça, Lothario seduz e trai Calista. A palavra Lothario foi introduzida assim na língua inglesa como um epônimo: um Lothario é um homem bonito que seduz as damas, um Don Juan.





Joe sacudiu e abriu a pequena carteira que tinha seu distintivo e identificação. A insígnia do DEA era clara, assim como as outras ao redor dele.

"Clint, nós precisamos conversar". O olhar de Joe foi para Morganna antes de um sorriso se curvar em seu rosto áspero. "Se você não se importar".

"Bem, bem, bem", Clint disse lentamente, olhando rapidamente para ela sobre o ombro. "Parece que a sua cavalaria está aqui. Você acha que eles têm as minhas respostas?".

Clint estava mais furioso do que ela podia se lembrar em toda a vida. E havia vezes em que ele tinha ficado incrivelmente louco. Como se já não fosse ruim o suficiente ele ter percebido que a inocência que brilhava nos olhos dela era falsa. Nenhuma mulher que abraçasse o estilo de vida submisso poderia reivindicar o grau de inocência sexual que ele tinha se enganado acreditar que tinha visto em Morganna.

Mas pior do que isso havia o conhecimento de que ela tinha conseguido se envolver em uma rede tão perigosa, e isso fez as entranhas dele se revirarem com medo. Filho da puta, ele iria matar Merino. Mesmo que essa fosse a última coisa que ele conseguisse fazer nessa vida, ele iria matar o homem.

Depois que os quatro homens entraram no cômodo, Clint pegou um lado da porta e a bateu com tal força que fez Morganna vacilar com surpresa. O olhar penetrante dele foi para os olhos cinza largos dela, a mandíbula cerrando com o esforço de não por os braços ao redor dela, trazê-la até ele. Para saber que ela estava segura.

"Faça um seguro, Merino", ele grunhiu enquanto dava as costas a Morganna. "Um muito bom. Você não vai querer que a sua família fique falida ao ter que pagar o seu enterro".

Os lábios de Joe Merino se ergueram em um sorriso frio enquanto os olhos castanhos cintilavam com diversão cautelosa.

"Vamos lá, Clint, se acalme, cara. Eu não tinha ideia que ela te pertencia". Ele deu um olhar a Morganna culpando-a.

"Oh Deus, isto soa como um filme de quinta categoria ou o quê?", Morganna comentou, a voz cheia de desgosto.

"Quero ouvir explicações. Creio que você está trabalhando no caso de estupro, e estou rezando para estar errado, porque se eu não estiver, vai ser o inferno quando Reno descobrir", Clint ordenou concisamente.

"Linguardo", ela murmurou.

Ele a ignorou, apenas olhando para Merino com os olhos estreitos.

Joe agitou a cabeça zombeteiramente enquanto encarava Morganna. "Sua





família ao menos sabe o que você faz?”.

Ele finalmente tinha perguntado a ela.

Ela apertou os lábios com força.

Inferno, não, eles não sabiam.

Joe suspirou. "Ela é uma agente do DEA, Clint. Uma das melhores novatas que nós temos. Eu não sei de onde aquele ataque de hoje à noite veio, ou quem está por trás disto, mas esse é o primeiro caso de Morganna e ela não teve tempo de perceber esse tipo de coisa ainda”.

"Foi provavelmente contra ele”, Morganna disse. "Eu vivo dizendo a ele que ele vai acabar enfurecendo a pessoa errada”.

"Você a colocou como isca”, Clint disse, continuando a ignorá-la. Agora isso tinha sido o mais próximo que ele já tinha chegado.

Ele não podia acreditar. Morganna trabalhava com o DEA? Não era possível. Ela não poderia ter conseguido assim, sem que Reno descobrisse. E com certeza Reno teria dito a ele.

Ela não podia fazer isto. Ela era muito suave, muito frágil. Um homem protegia mulheres como ela; eles não a permitiriam se envolver no meio de um pesadelo.

“Nós estamos investigando o golpe”, Merino suspirou enquanto enfiava as mãos nos bolsos da calça e olhava de volta para Clint, considerando-o. “Estou aqui por consideração a você. Porque eu te respeito. Mas Morganna é uma agente na força, Clint. Eu não posso te deixar arrancá-la do local da operação quando quiser”.

Joe Merino era realmente um filho de uma puta, apesar das roupas de grife que vestia. Ele tinha renunciado seu cargo com os SEALs cinco anos antes, depois da morte da esposa, e tinha ido trabalhar com o DEA. Ele era uma serpente quando lidava com criminosos e não era muito melhor quando lidava com amigos.

Mas ele era um maldito bom agente, e Clint uma vez tinha acreditado no julgamento dele sem pensar duas vezes. Colocar Morganna nisto não era bom julgamento. Porque ele deveria saber que, se Reno não o matasse, Clint iria. Agente ou não agente, esse não era lugar para Morganna.

Ele girou para Morganna, apenas contendo o medo agonizante por ela enquanto ela o encarava de volta. O medo apertava cada músculo em seu corpo e o deixava lutando para puxar oxigênio suficiente para os pulmões para respirar.

Ela estava arriscando a vida deliberadamente. Ela estava arriscando a sanidade e a sobrevivência com esta loucura.

"Por que não me disse? Raven sabe?”, ele ficou surpreso quando o peito doeu com a ideia.

"Raven apenas sabia que eu tinha voltado para a escola até a minha verdadeira graduação. Reno ainda não sabe de nada”, ela finalmente revelou. "Vamos, Clint, eu não queria ser expulsa antes de ter a chance de me formar na Academia de Execução da Lei”.





"Você não precisa estar lá!", ele exclamou, ciente do horror na própria voz. "Pelo amor de Deus, Morganna. Merino vai te fazer ser morta".

Ela encarou Clint com determinação, coragem desafiante iluminando os olhos. "Eu sou boa no que faço".

Ele girou para Merino. "E o que te fez pensar que pode colocá-la neste tipo de perigo?", ele grunhiu. "Reno vai te arrancar de lá, Joe, e você sabe disto".

"Reno aceitará do mesmo modo que você irá-"

"Exatamente, porque eu vou te matar primeiro". Clint cerrou os punhos enquanto lutava para conter a necessidade de matar o bastardo agora. "Lentamente. Reno pode ficar com o que sobrar".

Merino bufou zombeteiramente. "Desista, Clint. Nós te abordamos há meses para trabalhar neste caso por causa da sua experiência e reputação na cena de BDSM. Você não quis, então a sua opinião não tem nenhum peso aqui".

"Eu tenho um trabalho, lembra?", Clint assinalou sarcasticamente. "E ele meio que exige uma boa quantidade de tempo".

Merino fez uma careta. "Você está de licença por mais seis semanas ainda", ele assinalou. "Nós podíamos arrumar tudo dessa vez com a sua ajuda. Sua reputação como um Dom poderoso, combinada com a reputação que Craig ganhou depois de perseguir Morganna este ano, pode dar nos dar a cartada que precisamos-"

"Esqueça".

"Todo mundo sabe; eles te conhecem. Craig é considerado novo na cena. Ele está há apenas um ano-"

Clint virou o olhar para Morganna. "Quanto tempo você está envolvida nisso?".

Ela ergueu o queixo, os olhos reluzindo com desafio. "No clube, há mais de três anos. Na agência, seis meses".

Foda. Foda. "E eu me desencontrei de você naqueles clubes, é?", ele exigiu.

"Não sei". Ela encolheu os ombros, cruzando os braços sob os seios e levando o olhar dele para os mamilos duros. "Eu acho que você apenas não estava no clube certo na hora certa, Clint. Ou talvez você não estivesse dando atenção suficiente a mim". Os olhos dela se arredondaram em falsa inocência. "Acho que pode ter sido os dois".

Os dois? Ele deu as costas a ela lentamente. Ele precisava matar; como ele nunca nem consideraria tocar em um fio de cabelo dela, sobrava Merino.

"Esqueça o seguro", Clint disse suavemente. "Eu não deixarei o suficiente de você para enterrar".

Capítulo 4

A situação fazia os dentes de Clint se apertarem e ele lutava contra uma explosão que sabia que o levaria para a prisão. Matar um policial era ruim, mesmo





que o policial merecesse morrer. E ninguém merecia isso tanto quanto Merino.

Morganna estava trabalhado no caso há mais de um ano.

Tinha acabado de sair de uma Academia de Execução da Lei que Clint nem sabia que ela tinha frequentado; inferno, ele pensava que ela estava na escola para secretárias. Depois da graduação ela foi até Joe e solicitou ser parte de sua força de tarefa. Ela conhecia o cenário, conhecia as pessoas, e tinha o treinamento que ele precisava de um agente.

Clint estava ciente do caso. Dois anos antes uma nova e especialmente sintetizada droga de estupro tinha surgido no mercado. Um estimulante com as capacidades de tornar as vítimas incapazes de se lembrarem de qualquer coisa exceto dos detalhes mais nebulosos quando se tornavam máquinas de sexo por horas. Afetava homens e mulheres; o poderoso afrodisíaco também tinha o desgraçado efeito colateral de matar a vítima em muitos casos.

A venda da droga tinha sido controlada pelos fornecedores, resultado da inabilidade de identificar de onde ela vinha ou quem a estava usando. A maioria das mulheres que recebiam a dose desaparecia por dias e, se aparecessem, voltavam brutalizadas.

Muitas não viviam. Mas os vídeos dos estupros faziam milhões no mercado negro. A exploração sexual daquelas mulheres era horrenda. As que sobreviviam ao estupro viviam um pesadelo acordado ao saberem que os crimes cometidos contra elas eram vendidos, apreciados. Os suicídios resultantes não tinham sido uma surpresa.

Não que as mulheres tivessem sido as únicas vítimas. Havia alguns homens, mas a quantidade não era tão numerosa.

Clint tinha conseguido tirar os detalhes de Merino uma vez que este entendeu que sua morte estava num futuro imediato. A parte de Morganna no caso tinha sido pequena. Ela já tinha sido parte da cena do clube, evidentemente há anos. Ela tinha sido cuidadosa, porém, ficando em casa quando Clint estava na cidade ou indo para os clubes menos extremos aos quais ele não era associado.

Diva, Merlin e Roundtable eram os favoritos dele. Havia também clubes de escala mais alta, clubes de BDSM muito caros no litoral oriental que pareciam atuar nas proximidades de Atlanta.

Morganna não tinha se confinado nos clubes até começar a trabalhar no time de Joe. Ela tinha feito um jogo muito cuidadoso de uma mulher que paira na extremidade da submissão. Ou uma lutando contra as tendências de seu Dom. Morganna era um desafio a todos os machos Dominantes naqueles clubes.

Clint percebeu que Morganna estava afastada a uma distância cuidadosa dele enquanto Merino e os outros forneciam os detalhes do caso. E assim, ele tinha aprendido que Morganna era a isca.

Vários Dons ficavam ao redor dela. Ela não tinha concordado com um amante





ainda, não tinha usado um dos quartos privados, exceto com Craig, e para reuniões, e fazia o jogo da intocável. Ávida para entrar no estilo de vida sexual submisso, mas pouco disposto a concordar com um homem para fazer isso.

Ela ficava de olho nos negociantes suspeitos da manipulação da droga, enquanto informava Merino e seus homens se quaisquer mulheres parecessem drogadas ou com a necessidade de ajuda para partir.

Nos meses em que Morganna estava trabalhando com o time, duas mulheres tinham desaparecido, aparecendo mortas dias depois. Várias mais tinham sido salvas de seu destino pela intervenção do time, com apenas três prisões, e essas só ultimamente.

Até agora, Morganna tinha sido pessoalmente responsável pelas prisões dos três homens suspeitos de drogar e sequestrar as mulheres e agora estava de olho no fornecedor.

"Eles estão de olho na comunidade BDSM por causa da atmosfera sexual mais desenfreada e pela descrição geral dos participantes sobre a vida dupla que têm", Joe concluiu. "Se nós pudéssemos pegar o grupo drogando e estuprando estas mulheres aqui, então poderíamos achar o local do laboratório ou laboratórios que estão sendo usados".

"O Cartel de Fuentes criou a droga". Morganna falou mais alto então. "A fortaleza deles foi destruída no ano passado, mas nós suspeitamos que vários dos membros da família tenham sobrevivido. Sabemos pelo serviço de inteligência que o cartel está desmantelado e apenas um laboratório atualmente está funcionando. A droga não bateu nas ruas ainda; até agora, está apenas sendo usada para os vídeos de estupro subterrâneo e nós suspeitamos que está sendo aperfeiçoada".

Clint a encarou de volta, tentando esconder o choque que podia sentir correr pelo próprio corpo enquanto a observava. Ela estava falando do Cartel de Fuentes como se eles fossem os costumeiros vendedores de drogas da esquina, os vendedores de droga "mediócras".

Eles eram assassinos. E apenas pensar neles tendo Morganna como alvo fez o sangue de Clint congelar nas veias.

"Você tem ideia do que está se metendo?", ele ralhou. "Tem alguma ideia de como esses Fuentes podem ser completamente perigosos?"

Ela olhou de volta para ele calmamente. "Esta droga tem que ser destruída, Clint".

"Não por você". Deus, ela não tinha nenhuma ideia do que estava se metendo. "Não se Fuentes está envolvido".

"A sobrevivência ou a morte de Fuentes não é o problema. O distribuidor e a fonte são. Nós podemos pegar os distribuidores se conseguirmos ter um Dom forte o suficiente para parecer determinado a domesticar a espertinha, não importando o custo ou a objeção moral". Joe deu um olhar satisfeito consigo mesmo na direção de





Morganna. "Até agora não achamos um. Morganna não é a mulher mais fácil de convencer".

Clint observou a expressão dela atentamente. Claro que ela não era, e ele teria matado também os quatro homens se eles a tivessem obrigado a fazer o que teria sido necessário. Se ele não os matasse de qualquer maneira por a terem envolvido.

"Você está ciente do que eles estão te pedindo para fazer?", ele perguntou furiosamente.

Ela encolheu os ombros zombeteiramente. "Eu estou apenas aguardando que eles me apresentem um candidato viável".

O desafio que ela estava apresentando aos Dominantes dentro do clube já era ruim o suficiente. Alguns deles tinham menos escrúpulos do que um gato vira-lata. Mas ainda pior, era ela estar desafiando algum bastardo a tentar drogá-la, forçá-la a se submeter.

Clint tinha seguido as reportagens das notícias das mulheres que tinham sido drogadas. Tanto as que tinham morrido quanto as que tinham sobrevivido. Elas tinham mostrado desafio. Mulheres que não tinham se curvado ao estilo de vida submisso mas que apreciavam ficar à margem e socializando dentro de clubes alternativos cheios de Mestres.

E Morganna estava apenas esperando que Joe achasse um candidato viável e fazer o bastardo drogá-la?

A revolta e a raiva em Clint ficaram ainda maiores.

"E você acha que pode aguentar trabalhar com um verdadeiro Dom?", ele agitou a cabeça. "Você não consegue nem parar de discutir sobre uma maldita lista de supermercado. Não há como você conseguir isso, de jeito nenhum".

"É claro que eu posso". Ela mandou a crítica para longe com um aceno com a mão. "Eu posso ser uma boa atriz quando preciso".

"Você perdeu a sua cabecinha". Ele a encarou de volta. A fala arrastada dele do sul tinha lentamente melhorado ao longo dos anos aprendendo outros idiomas, ficando em outras nações, mas às vezes voltava. E seu nível de tensão estava se aproximando de um derrame.

"Pelo amor de Deus, Morganna, os quartos privados são apenas para os atos mais extremos. Eu sei que você não é cega". E isso sem contar com o clube subterrâneo – com extremidades sexuais que deixavam até ele desconfortável.

"Pare de agir como um pai zangado". Ela o encarou desafiadoramente. "Eu não tenho que te pedir permissão para fazer isto".

Os punhos dele cerraram com o esforço para se controlar, conter a luxúria, a raiva e a necessidade de protegê-la. Mesmo que essa proteção fosse contra si mesma. Ou ele.

"A maior parte dos Dons na nossa agência não conseguem ficar com ela por mais de uma hora", Merino riu silenciosamente enquanto se sentava. "Morganna





tem o péssimo hábito de tentar dizer a eles como fazerem seus trabalhos. Creio que ela até informou a um que o vibrador dela é mais divertido para brincar”.

Clint viu o rubor no rosto dela enquanto ela erguia os olhos, olhando fixamente para o teto em vez dos cinco homens que agora discutiam sua vida sexual.

"Uma mulher não consegue fingir quando está com um no traseiro", Clint retrucou então, vendo o choque nos olhos dela enquanto eles voavam de volta para ele. "Da mesma maneira que ela não pode fingir seu comportamento depois de partir de um daqueles quartos com um verdadeiro Dom. Na metade das vezes, eu nunca usei o quarto". Ele a observou atentamente enquanto dava a próxima informação. "Você já fodeu no meio de uma multidão, Morganna? Sentada no colo de seu Dom com o pau dele deslizando na sua buceta? É disso que nós estamos falando aqui. Não é de nenhuma brincadeira, droga”.

Ele a viu vacilar, então viu o calor encher aqueles olhos cinza tempestuosos. Isso a excitava, quase tanto quanto o havia excitado.

Os agentes os assistindo não tinham sido afetados.

Clint girou para Merino e viu o brilho da luxúria nos olhos de vários agentes. Alguns Dons compartilhavam suas mulheres facilmente e com prazer. Clint não estava disposto a compartilhar esta mulher, mas a sexualidade de Morganna permitiria que ela deixasse outro homem tocá-la?

A necessidade de saber consumia Clint, assim como o conhecimento de saber que mataria o bastardo que a tinha tomado antes dele enchia sua mente.

O olhar de Clint voou de volta para Morganna. Ela o estava assistindo com luxúria confusa, o tipo que enchia os olhos de uma mulher quando sua sexualidade estava no cume, a necessidade de ser tocada, tomada, enchendo cada pedaço de sua mente.

E ela precisava. Ele sabia que ela precisava.

"Certo, você quer ser minha submissa?", ele estreitou os olhos enquanto a assistia. "Vamos ver o quão submissa você pode ser. Venha aqui". Ele ergueu a mão, acenando com os dedos em convite.

Morganna curvou uma sobancelha zombeteiramente enquanto ondas de advertência vibravam por seu estômago. Clint não era um homem para se brincar quando estava com aquele olhar. Um gelo azul, como as águas do Alasca, congelando-a até o fundo da alma.

Ele não a machucaria... bem, não sem prazer envolvido. Mas aquele olhar significava que ela não iria gostar do que estava por vir.

"Eu acho que não". Ela ficou de pé, e então se precisasse, se ele saísse daquela cadeira e viesse atrás dela, ela iria jogar algo nele.

Joe bufou de onde estava sentado. "Viu o que eu disse? Ela gosta muito de confrontos para ser uma sub”.

"Como é?”.





"Isto a faria ganhar uma mordança de bola", Clint disse.

"Você teria que estar disposto a morrer antes de por isto aqui". Ela sorriu com cortesia fria enquanto ele compassava para o outro lado do cômodo, uma mão roçando no próprio pescoço enquanto olhava ferozmente para ela.

"Você rapazes estão levando isso tudo muito a sério". Ela agitou a cabeça enquanto os encarava. "Nós pegamos três dos negociantes. Craig conseguirá marcar um ponto assim que conseguirmos outro Dom".

"Até que você chegue à parte onde nós não podemos achar um Dom disposto a trabalho com você", Joe a lembrou. "Nós não podemos achar um casal apropriado na cena, também. E quem quer que seja que esteja vendendo essa merda parece cheirar os agentes de longe. O que nos faz voltar ao ponto de partida. Nós temos mais dois meses para achar uma brecha no caso antes de sermos forçados a abandoná-lo".

Morganna cerrou os dentes com o pensamento. "Nós temos uma lista de suspeitos-"

"Chega!", a voz de Clint cortou o ar enquanto ela se voltava para ele. Como ela sabia que ele seria a pessoa a protestar? "Só para começar, os homens mais prováveis botariam uma bala na sua cabeça. Como o ataque de hoje à noite. No caso deles não fazerem, como diabo você pensa que vai fingir não ter interesse por mim?".

Ela deixou o olhar descer pelo corpo dele desta vez. A boca encheu de água ao ver a protuberância na frente da calça jeans. Ela se forçou a se mover, erguendo a sobrelance desdenhosamente enquanto encontrava o olhar dele uma vez mais.

"Eu deveria assinalar, Morganna, que neste momento você está mostrando qualquer coisa exceto desinteresse", Joe assinalou lentamente. "Bang, neném, você está morta".

"Quem diz que não pode haver atração? Só porque uma mulher está relutante não significa que ela tem que estar desinteressada", ela ralhava de volta para ele. "Você está tentando fazer tudo mais complicado do que já é".

"Nós estamos tentando deixar tudo seguro", Joe discutiu.

"Eu não posso acreditar que você está tentando discutir com ela". Clint agitou a cabeça em exasperação. "Eu já aprendi isso há dez anos. Não, Morganna!", a voz cruzou a sala, fazendo os lábios dela se comprimirem com frustração enquanto ela olhava ferozmente para ele.

"Maldição, ela não está discutindo com ele", Craig murmurou momentos mais tarde. "Ele é bom".

A satisfação reluzia no olhar de Clint. Um dia destes ela iria aprender a ignorar aquele tom de voz.

"Nosso problema original não foi resolvido", Joe assinalou. "Nem se vai a lugar nenhum desse jeito. Sem negociante quer dizer sem distribuidor. Tudo o que nós





temos são os três homens que pegamos na semana passada, nenhum deles parece saber onde o laboratório está localizado. Tudo o que nós temos é esta droga monstruosa que o Fuentes criou, e as mulheres que continuarão morrendo enquanto os malditos vídeos continuam à venda”.

"Sua ideia original é boa". Clint cerrou os dentes enquanto passava os dedos pelo cabelo. "O problema é a sua agente”.

"Esse é o seu problema", ela interrompeu.

"Você está me enchendo, Morganna", ele disse enquanto ela sorria com ingenuidade, piscando os cílios apenas porque sabia que o tinha deixado puto. E recebeu um olhar feroz em retorno.

"Estou apenas esperando que palavras de sabedoria brotem de seus lábios dourados". Ela sorriu com ingenuidade. "Vejo que você se ofendeu”.

Ele a ignorou, girando para Joe. "Eles não venderão para alguém que não consigam investigar completamente. Seus homens são bons, mas aposto que eles não eram parte do cenário há dois anos”.

"Não nessa área". Joe sacudiu a cabeça energicamente. "Nós pegamos vários de Nova Iorque e um da Califórnia. Eles têm reputação sólida no mundo da submissão”.

"Mas quem quer que seja que está testando esta maldita droga, é muito cuidadoso", Clint assinalou. "Você precisa de alguém que eles conheçam, alguém que possa ser verificado facilmente. Alguém que seja conhecido por seu domínio e o fato de que ninguém nunca tenha dito não a ele. Mas também tem que ser um macho cuidadoso o suficiente para querer ficar com a mulher para si mesmo, ter a certeza de que ela estará segura. Pegue uma agente forte o suficiente para trabalhar que eu ficarei junto com ela”.

Morganna começou a sentir a lenta e constante dor da traição começar a consumi-la. Ele não faria isso com ela, não é?

"Essa é a minha tarefa, Clint”.

"Você não está envolvida". A firmeza na voz dele vibrou pelo quarto. "Eu tenho seis semanas de licença. Tire-a do caso e eu trabalharei com você”.

"Você não pode fazer isto", ela clamou dolorosamente.

Ela girou para os agentes com os quais tinha trabalhado no último ano e com sensação de fracasso percebeu que tinha perdido. "Você realmente pensa que pode achar uma agente experiente o suficiente para dizer não a ele?”.

"Disposta a foder e disposta a se submeter são duas coisas diferentes, como você mesma assinalou, Morganna", Joe discutiu. "Um homem querendo submissão não vai se conformar em apenas rolar nos lençóis. Especialmente um Dom famoso”.

"Morganna, discutir não vai ajudar", Clint respondeu em retorno. "Eles precisam de um Dom seguro que se ajusta nesta área mais do que precisam de você no momento. Minha condição é que você saia do caso”.





Ela piscou de volta para ele com choque e dor. "Você pode continuar usando Craig para tentar achar a droga". Ela girou para Joe em suporte. Não houve nenhum. "Ele já está lá há muito tempo, Joe. Todos sabem que Clint é um SEAL. Eles nunca vão cair nessa".

"Todos que me conhecem sabem muito mais sobre mim do que possa imaginar, Morganna", ele assinalou com a voz suave. "Eu não aceitarei um não como resposta. É da minha personalidade conseguir o que eu quero. Como quer que seja".

"Isto é tão injusto". Ela se forçou a ignorar a dor, o conhecimento de que ela estava perdendo, enquanto girava para Joe novamente. "Você vai aceitar, não é?".

Estava lá nos rostos deles. Eles ouviriam qualquer argumento que ela tinha, mas eles tinham agora o que sempre tinham desejado, um Dom local no qual poderiam confiar.

Seis meses jogados fora, e era isso o que ela ganhava, Clint aparecendo e jogando-a para escanteio.

Ela baixou os braços enquanto os encarava, todos, ciente da espera de Clint, a tensão ao redor dele.

"Morganna, será melhor assim-", Joe encontrou o olhar dela, os olhos estreitados, a expressão pensativa.

"Guarde as desculpas", ela ralhou, pegando a satisfação nos olhos de Clint. "Eu já tive o suficiente dos cinco. Estou indo para casa. E farei o meu protesto com o chefe na segunda-feira de manhã".

"Nós não acabamos", Clint a lembrou, a voz sombria e furiosa, enquanto ela girava e ia para a porta.

Enquanto ela agarrava a maçaneta e se voltava para ele, com um sorriso falso e brilhante nos lábios.

"Oh, você quer dizer quanto aquela transa?", ela perguntou com falsa inocência. "Obrigada, mas não quero. Veja se a sua pequena e submissa agente pode te dar o que você precisa, porque você não tem porcaria nenhuma que eu queira".

O que a havia mordido? Clint amaldiçoou em quatro idiomas diferentes enquanto seguia o táxi de Morganna a uma distância tranquila até que entrou na rua da casa dela. Ele continuou na ruela atrás da casa, apagando as luzes da caminhonete, e entrou na calçada dos fundos que sabia que nunca tinha sido usada.

Será que ela estava puta o suficiente para olhar se ele estava lá? Ele duvidava que ela o veria se fizesse isso. A cobertura da velha garagem que o pai de Reno costumava remendar antes de sua morte e da esposa escondia o veículo, e a mobília





no gramado logo à frente de Clint o protegeria da parte de trás a menos que ela acendesse a luz da varanda.

Ele abriu a janela, escutando a porta da frente ser batida e as luzes se acenderem pela casa.

Por que ele não deixava isso para lá? Ele se perguntou enquanto encarava a casa. Joe Merino e Grant Samuels tinham prometido que tomariam conta dela a partir de hoje à noite; Clint não precisava estar lá.

Mesmo assim, ele não conseguia evitar.

Ele assistiu quando a luz da cozinha acendeu e a silhueta dela se moveu pelo cômodo. Graciosa, esbelta.

Clint debruçou os braços no volante enquanto suspirava exausto.

Ele não esperava pela luz desafiante nos olhos dela essa noite, e ele, com toda a certeza, não esperava a própria resposta a isto. Morganna fazia o pau dele ficar duro já há oito anos. Mas. Ela nunca tinha realmente testado o controle dele até hoje à noite. Hoje à noite ele tinha ficado perto de tomá-la contra a porta do apartamento sem considerar o conforto dela.

Ela se moveu da cozinha, a luz brilhando atrás de si. Minutos mais tarde, a luz acendeu no quarto. Diferentemente da cozinha, a silhueta ficou apenas alguns segundos antes de ela fechar as cortinas pesadas, escurecendo a visão dele.

Ele se debruçou de volta na pica e ficou olhando a casa pensativamente. Ele teria que chamar Reno. Apesar da acusação dela de que ele sempre a controlava por tudo, isso não era exatamente verdade.

Reno e Clint tinham feito um pacto há alguns anos atrás. Eles conheciam as irmãs e sabiam dos problemas que poderiam enfrentar se elas ficassem muito soltas. Ambos tinham jurado que as duas meninas, preciosas para eles, nunca se perderia como tantas outras jovens tinham.

Os dois homens se ligavam pelo espírito de amor e proteção, Clint pensou com um grunhido enquanto pegava o celular do quadril.

Merda. Se Reno não estivesse ao redor como um pára-choque, só Deus sabia o que Clint acabaria fazendo com o corpo tão pequeno, quente e doce de Morganna. E ao fazer isso, ele acabaria com ambos.

Ilha de Oahu, Havaí

Raven respondeu o celular na terceira vibração, dando um olhar cauteloso para o banheiro enquanto mantinha a atenção no som da água corrente.

"Ei, Clint. E aí, como estão as coisas?", ela respondeu alegremente.

O número do irmão dela aparecendo no identificador de chamadas não podia significar boa coisa.

"E aí, mana. Como está a lua de mel? Você já o matou?", a voz de Clint estava macia, realmente macia. E isso já mostrava tudo. Ele estava mais do que puto.





"Oh, como qualquer outra lua de mel". Ela fingiu indiferença. "Muitas horas na cama e um pouco de turismo. Reno está empacando com o mergulho e não quer ir até o vulcão. Sabe como é".

"Sei, sim", Clint murmurou em retorno. "Ele não estaria disponível para uma conversa rápida, não é? Só para ter a certeza de que ele ainda está vivo e tal".

Ah, tá, ela acreditava nisso.

"Alguém morreu?", ela perguntou cheia de suspeitas.

"Não", Clint falou cuidadosamente.

"Então você não pode falar com ele. Todas as vezes que você o ligou nos últimos seis meses ele tinha que sair de casa e não retornava por horas. É a minha lua de mel. Não vou voltar para casa". E ela não deixaria que Reno fizesse um inferno na vida da Morganna agora.

Raven não tinha exatamente concordado com a decisão da amiga de se juntar a Academia de Execução da Lei sem dizer a Reno, mas ela a tinha apoiado. Morganna precisava de uma identidade que não fosse a do irmão, uma vida própria, e se essa era a vida que ela tinha escolhido para si mesma, então ela tinha o direito de vivê-la.

A voz de Clint endureceu através da linha. "Eu não sou bobo, querida. Sei que você está bloqueando os meus telefonemas para Reno. Você sabe que eventualmente eu vou conseguir".

"Clint...", ela mordeu o lábio antes de suspirar profundamente. "Todos nós deixamos Morganna. Ela está só agora; você não pode esperar que ela viva a vida de um modo que seja confortável para o resto de nós. Se você não pode ajudá-la, e se ela precisar de nós, então ela me deixará saber e eu direi a Reno".

Ela podia sentir a fúria de Clint vir através da linha telefônica agora.

"Ela vai ser morta, Raven. Algum bastardo quase a pegou no seja lá o quê que ela está envolvida".

O coração de Raven bateu forte no peito. "Ela está bem?".

"Você se importa?".

"Não venha com essa, Clinton McIntyre", ela silvou. "Quantas vezes que você levou tiro que eu não sei? Quantas vezes Reno foi machucado e eu e Morganna nunca fomos informadas? Não tente me faz sentir culpada; apenas me diga se ela está bem".

"Ela está bem", ele ralhou. "Agora ponha Reno no telefone".

"Não".

"Não?", a afronta encheu a voz dele. "Raven, não me faça voar até aí".

"Se você voar até aqui, quem vai cuidar da Morganna?", ela assinalou. "Se você acha que ela precisa de proteção, então a proteja. Pare de se lamentar com Reno por tudo. Você só faz isto para poder evitá-la, o que realmente não faz sentido. Se você não se importa nada com ela, então por que diabo se importa com o que ela está fazendo?".





Raven estava cansada de ver a amiga ter o coração arrasado pelo estúpido orgulho masculino de Clint. Morganna amava Clint como nada ou ninguém mais faria, e apesar de Clint parecer descuidado, ele se importava. Se ele não o fizesse, não teria tal prazer em deixar Reno louco todas as vezes que ele pensava que ela estava fazendo algo de errado.

"Raven, isto não é um jogo". A voz encrespou com sua raiva. "Ela vai ser morta".

"E você não pode ajudá-la?", ela estava errada sobre ele? "Você realmente tem que preocupar Reno ao ponto de eu ter que cancelar a minha lua de mel porque você não pode fazer o que Reno faria? Reno teria me protegido. Ele não teria ligado para a sua casa, Clint".

"Reno ama você, Raven". Ele suspirou. "Ele sempre amou. Existe uma diferença".

"E você não ama Morganna? Nem mesmo um pouco, Clint? Nem o suficiente para dar a ela um pouco do que você daria a um total estranho se estivesse em uma missão? O que aconteceu com você, Clint, por que a odeia tanto?"

"Eu não a odeio". Ele grunhiu as palavras pela linha telefônica.

Não, ele não odiava Morganna, e Raven sabia disto. Da mesma maneira que ela tinha feito uma vez, ele estava lutando contra tudo o que sentia, tudo o que procurava. Reno tinha ganhado a luta, porém, o que a tinha feito perceber o quanto tinha perdido ao negá-lo. Ela agradecia a Deus todos os dias por ele ter ganhado.

"Reno vai mantê-la em uma casa segura, e ficará de guarda sobre ela como o irmão apavorante que é", ela murmurou.

"Inferno, sim", Clint ralhou. "Por que você acha que estou ligando?"

"E ao fazer isso, ele irá alienar a irmã para sempre, tirando o último laço que ela tem com uma família. Ela nunca o perdoará, Clint. E ela nunca te perdoará se você fizer isto, também. Por favor, não a machuque assim. Não roube o sonho dela, Clint".

"Garotas festeiras não devem participar de jogos de adultos", ele grunhiu. "Ela não tem experiência suficiente para isso".

"E você conhece Morganna agora tanto quanto a conhecia quando ela era uma adolescente", Raven disse tristemente. "Por que não tenta olhar através da maquiagem e das roupas bonitas, meu irmão? Você poderá ficar surpreso com o que vai achar".

Enquanto o chuveiro parava, ela desconectou o telefone e o colocou de volta na bolsa, então deu uma respirada dura e desesperada. Deus, se qualquer coisa acontecesse a Morganna, Reno nunca, jamais a perdoaria. Morganna era a última família que ele ainda tinha, e ele adorava a irmã. Brigava com ela às vezes, raramente a entendida, mas a amava, como apenas um irmão mais velho poderia.

E Raven sabia que nunca se perdoaria, também. Morganna era a coisa mais





próxima de uma irmã que já havia conhecido. Se qualquer coisa acontecesse a Morganna, Raven sempre saberia que se tivesse dito ao marido a verdade poderia tê-la salvado.

"Raven?", ela estremeceu com a voz suave de Reno, inquirindo, por detrás dela.

Ela girou para ele, pasma novamente com o homem que era agora seu marido. Ela jurou que nunca se casaria com um SEAL, que nunca confiaria seu coração a um homem com uma profissão tão perigosa. Ele a tinha feito mudar de ideia. Ele tinha mostrado a ela o quanto ela verdadeiramente precisava dele. Pelo tempo que ela pudesse mantê-lo.

"Isso foi rápido". Ela apertou o cinto do robe e caminhou para os braços dele, sentindo a força e dureza deles envolvendo-a.

"Eu senti a sua falta lá comigo. O que era tão importante aqui fora?"

"Averiguando o meu irmão". Ela escondeu o rosto contra o tórax dele. "Tendo a certeza de que ele não estava causando nenhum problema".

"E ele está?", a voz era gentil e curiosa. Com suspeita.

"O normal". Os braços dela se enroscaram ao redor do pescoço dele enquanto seus lábios se apertavam contra o tórax dele. "É a minha lua de mel. Ele não tem permissão para arruiná-la".

"Ninguém tem permissão para atrapalhar a sua lua de mel". Ele beijou a cabeça dela suavemente. "Mas sabe, Raven, às vezes seu marido não é tão cabeça dura quanto você pensa que ele é".

Ela congelou nos braços dele.

"Eu sei sobre Morganna desde que ela se juntou à Academia", ele sussurrou na orelha de Raven. "E para o conhecimento das duas, eu fui à graduação e a vi pegar aquele diploma com orgulho. E, minha doce esposa, estou recebendo atualizações regulares no progresso dela".

Ela o empurrou para trás, estreitando os olhos antes de bater no braço nu dele e mostrar os dentes para ele furiosamente.

Ele riu, preocupação espreitando atrás da diversão em seu olhar.

"Não se preocupe". Ele piscou. "Eu te prometo que não deixarei Clint me pegar durante algum tempo. Certo?"

"Isto é tão mau". Ela fez beicinho. "Eu não posso acreditar que você escondeu isso de mim".

"Você escondeu de mim", ele assinalou. "Eu estou apenas cansado de te ver se preocupar com ela na nossa lua de mel". Então ele ficou sério, os olhos escurecendo com preocupação. "Eu sei que ela cresceu, Raven, e eu sei que ela tem que fazer uma vida para si mesma. Eu irei para casa se ela precisar de mim, mas contanto que Clint esteja lá, ela estará segura".

Agora Raven estava rezando para Clint não partir o coração da amiga e que ele





percebesse como seria fácil fazer isto.

Reno a puxou de volta para seus braços, controlando seus impulsos enquanto sua ereção apertava a barriga dela, enchendo-a de excitação.

"Agora venha aqui, minha esposa. Vamos apreciar a nossa lua de mel".

Capítulo 5

Ela estava em casa sã e salva, nenhuma perseguição, nenhum problema. Então por que a nuca estava formigando? Nunca era um bom sinal.

Joe Merino colocou o furgão preto de vigilância em um estacionamento com raio de visão para a casa da Morganna e encarou pensativamente a janela vagamente iluminada do andar superior.

Ao lado dele estava sentado o seu verdadeiro amigo o qual ele já tinha dito que era o único homem em quem confiava nessa vida.

Grant Samuels estava curvado no banco, a caneca emitindo fumaça do café e com os olhos turvos. Seu sempre presente boné de beisebol da universidade da Carolina do Sul estava sobre os olhos e sua camiseta escura e manchada com algum projeto de pintura que a esposa tinha feito há alguns meses. E ele estava fazendo uma careta. Essa era sua terceira noite longe da cama confortável de casado, e estava começando a ficar todo torto.

Um Grant todo torto não era a ideia que ninguém tivesse de diversão, também. Mesmo os melhores amigos dele.

"Acha que ele vai fazer?", Grant finalmente murmurou enquanto erguia a xícara de café para os lábios novamente.

Grant era tão viciado em café quanto era pela esposa.

"Ele fará".

"O que te faz achar isso?", Grant bocejou com a pergunta.

Joe encarou de novo a casa, vendo a sombra esbelta que passava pelas cortinas na sala de estar antes que as luzes apagassem. Ele teria que mencionar janelas e sombras antes que algum filho da puta colocasse uma mira pela janela.

"Ela é a fraqueza dele". Ele movimentou a cabeça na direção da casa. "Todas as mulheres que ele teve nos últimos cinco anos se assemelham a ela. Ela não vai obedecê-lo como uma boa garotinha, não importa o quanto ele deseje. Ela irá desafiá-lo, e então ele não terá escolha".

Joe entendia desse tipo de fraqueza; ele podia até respeitar com um pouco de compaixão. Quando um homem amava uma mulher assim, a traição, se e quando viesse, rasgaria sua alma em duas.





"Ele tem um modo estranho de mostrar isto", Grant murmurou. "E ele não é o garoto ole⁹ mais esperto que eu já conheci, Joe. Não se enfurece uma mulher assim; ela cortará as bolas dele por isto. E ela é louca por ele. Juro que ouvi o coração dela partir quando ele falou em trabalhar com outra mulher".

Sim, Grant, pobre tolo como era, manteve os olhos abaixados, a expressão cheia com condolência, enquanto Clint dispensava a menina. Grant quase realmente murmurou um "amém" quando ela saiu do apartamento.

"Ela me lembrou Maggie", Grant suspirou. "Cheia de energia".

Joe grunhiu distraidamente, assistindo a casa. Clint McIntyre seguia as regras ao pé da letra e fazia todos a seguirem também. Era um dos regulares nas escalas superiores dos clubes de escravidão e conhecido pelos seus gostos extremos em sexo. Surras, brinquedos, foder traseiros. Ele era bom para as mulheres, mas ele sempre ia além, tanto dos limites de suas sexualidades quanto suas resistências.

Algumas das mulheres que ele tivera nos últimos anos disseram que ele podia foder por horas sem perder o ritmo e então começar novamente com apenas um cochilo leve. Inferno, Joe não fazia isso desde que tinha dezoito anos. Testosterona do nível de McIntyre deveria ser fora da maldita realidade. Isso ou ele estava tentando matar uma fome do corpo que não morria. Joe entendia isso. Entendia muito bem.

"Então por que nós estamos aqui?", Grant se moveu não banco, tentando ficar mais confortável. "Clint está atrás assistindo a casa, e eu não posso ver onde somos necessários".

"Aquele atentado me aborreceu, cara", Joe finalmente admitiu. "A cobertura não poderia ter falhado. De jeito nenhum".

"Não existe isso de 'de jeito nenhum'", Grant assinalou exausto. "Qualquer coisa é possível".

Sim, não merda. Não era algo que Joe deveria ter esquecido. Inferno, ele não se esquecia; era por isso que Grant estava aqui sem sua esposa e de saco cheio por causa disto. Joe não tinha a mesma confiança nos outros.

Joe agitou a cabeça. "Eu tenho um pressentimento ruim sobre isso aqui, irmão. Uma sensação muito ruim mesmo".

"Nada bom", Grant murmurou.

Não, não era bom. Joe havia vivido a vida toda pelo seu intestino; ele sempre tinha. Era uma das razões pela quais havia deixado os SEALs, uma das razões pela quais ele tinha tomado o comando desta força tarefa.

⁹ Ole – termo usado para indicar um sulista branco com uma maneira modesta e atitudes conservadoras ou intolerantes e com sentido forte de coleguismo e lealdade a outros membros de seu grupo.





"Então por que nós estamos aqui?", Grant perguntou novamente. "Eu podia estar enrolado ao redor da minha Maggie, dormindo pacificamente, Joe. McIntyre não é estúpido. Ele a assistirá hoje à noite".

Essa era a intenção de Joe. Clint precisava de tempo para avaliar a situação, pensar sobre coisas por algum tempo sem interferência. Se aqueles tiros tinham sido contra Morganna e outros viessem logo, então ele a tiraria da tarefa e a colocaria em um carro, amordaçaria e amarraria. Joe não podia se dispor disto. Ele precisava dele nesta tarefa, e rápido.

"Nós o ajudaremos a observá-la por algum tempo", Joe murmurou. "Você pode dormir amanhã".

"Cara, Maggie não está na cama durante o dia. Você é foda, Joe", Grant o atacou.

Sim, sim, sim. Grant estava perdendo uma noite com a esposa. E daí? Joe tinha perdido todas as noites com a dele.

"Se eu fosse aquele SEAL cabeça dura, colocaria Morganna em um carro e levaria para longe o mais rápido possível e daria uma banana para você", Grant continuou. "O que te faz pensar que ele não fará isso?".

"Ela não deixará". Os lábios de Joe se apertaram em um sorriso curvo. "Ela gosta de adrenalina, Grant. Gosta de perigo. Gosta muito. De verdade. E ela é muito boa no trabalho".

Ele conhecia os sinais, conhecia o fogo que queimava nos olhos e na alma. Isso a deixava cuidadosa, mas a empurrava, deixava-a ávida para o trabalho. Com mais alguns anos, um pouco de equilíbrio e experiência, ela seria uma agente incrivelmente boa.

"Você é um bastardo, Joe", Grant acusou, a voz baixa e triste. "Você realmente se arruinou, cara. Você sabia o que estava fazendo quando a deixou entrar, não é?".

"Se eu sabia que McIntyre a seguiria?", ele perguntou conscientemente. "Sim, sabia. Assim como eu tinha a certeza de que ela estaria no lugar certo e na hora certa quando eu precisasse. Eu sou bom assim". Mas fazer as manobras tinha sido uma droga.

"Você é um diabo assim". Não era um elogio. "Ele te matará se descobrir".

"E?", se McIntyre descobrisse, então isso queria dizer que a operação tinha sido um completo sucesso. Isso era tudo o que importava. Nada mais importava além da missão.

"Você me assusta às vezes, amigo", Grant sussurrou. "Às vezes você realmente, realmente me assusta".

"Eu vou cuidar das suas costas". Isso era uma promessa. Sempre.

"Eu cuidarei da sua", Grant prometeu. "Mas, irmão, um dia, o retorno será um inferno".

Joe já estava pagando.





Morganna viu um vislumbre de cor sob o toldo do abrigo pequeno atrás da casa e soube que Clint estava estacionado lá. Ele a estava vigiando. Um sorriso triste refletia na janela enquanto Morganna se sentava sobre a armação larga, sabendo que ele não podia vê-la, que ele estava desavisado de que ela o estava observando mesmo quando ele estava olhando a casa dela. E ela apostava que ele nem sabia o porquê de estar sentado lá.

Clint poderia dar uma desculpa, como sempre fazia, mas nos olhos dele ela veria a verdade. Ele era tão impotente contra o que sentia por ela quanto ela era contra as emoções que sentia por ele.

Talvez de um modo ela pudesse quase entender a determinação dele de mantê-la fora da linha de fogo, longe do perigo. Se ela pudesse mantê-lo em casa e seguro, então ela teria feito isto anos atrás. Mas uma coisa que ela entendia sobre Clint era o fato de ele ser um guerreiro. Ele acreditava no que fazia; até o fundo da alma. Da mesma maneira que ela acreditava no que estava fazendo.

Clint pode ter se certificado de que ela não fizesse mais parte desse caso. Morganna não tinha nenhuma dúvida de que o chefe O'Reilly preferiria um SEAL treinado, familiar com o papel que interpretaria, trabalhando nisto. E ele colocaria Morganna em outro lugar.

Talvez fosse a hora de solicitar uma tarefa fora de Atlanta, ela meditou tristemente. Ela podia dizer a Reno o que estava fazendo agora; era muito tarde para ele pará-la. Ele não gostaria, isso o machucaria, mas ele aceitaria.

E se ela deixasse Atlanta, então as chances de ver Clint novamente seriam quase zero. Pelo menos magras o suficiente para que achasse uma vida fora da constante espera que ela conseguia manter viva no coração.

Ela o amava. Ela há muito tempo tinha crescido acostumada ao fato de que sempre o adoraria.

E ela estava terrivelmente com medo de que Clint nunca mudasse. Que ele sempre lutaria pelo que podia sentir por ela. E ele sempre insistiria em tentar salvá-la de si mesma. Como se ela fosse uma criança em vez da mulher que doía de desejo por ele pelas noites.

Ela tocou a mão na janela, o olhar nunca deixando o vislumbre de cor embaixo do toldo. Ele tinha mostrado mais de si mesmo hoje à noite do que ela já tinha visto antes. Ela tinha sentido seu beijo, seu toque, sua paixão, e a necessidade de mais queimando dentro de si com uma ferocidade que não podia lutar.

Porém, ela tinha lutado por muito tempo para permitir que Clint tomasse isso dela. Isto era diferente das festas que ele a arrancava e dos namorados que ele assustava. Essa era a vida dela, e se ele não quisesse compartilhá-la com ela, então





ele podia sair e deixá-la vivê-la em paz.

Ainda que isso quisesse dizer que ela teria que eventualmente deixar Atlanta.

"Boa noite, Clint", ela finalmente sussurrou, pressionando os lábios contra os dedos antes de colocá-los contra a janela de novo.

Então com um pequeno gesto zombeteiro para si mesma, ela se moveu da janela, tirando o robe que tinha colocado e deitou na sua cama vazia, só.

Capítulo 6

"Por que eu não fico muito surpresa por ver você aqui?", Morganna murmurou enquanto seguia o odor de terra fresca e café recém preparado no quarto vindo da cozinha.

Havia poucas pessoas capazes de fazer um café decente. Clint era um dos melhores.

Ele estava sentado na mesa da cozinha dela lendo o jornal. Vestido para matar em uma calça jeans bem gasta e uma camisa branca que implorava que ela a desabotoasse e arrancasse pelos ombros largos dele. Se ela não estivesse tão irritada com ele, então talvez tivesse tentado.

A única concessão dela a modéstia era uma calça de pijama de algodão leve e solta com a frase 'beije aqui' através do traseiro e um top rosa que deixava um pouco de pele nua cremosa no umbigo logo acima do umbigo até a beira do pijama que estava abaixo dos quadris.

"Eu trouxe donuts. Eles provavelmente ainda estão mornos". A voz dele era suave, quase conciliatória, enquanto colocava o jornal de lado e pegava sua própria xícara de café saindo fumaça.

"Com creme?".

"Eu teria que trazer outra coisa?", a diversão estava presente na voz dele.

Certo, então o hábito dela era bastante conhecido. Krispy Kreme¹⁰ cheia com creme e polvilhado de açúcar. Ela abriu a caixa e inalou enquanto um calafrio de prazer a lavava. Esqueça o sexo com o resmungão. Ela se afogaria na nata fofa e se encheria com a perfeição que derreteria em sua boca.

"Por que você está aqui?", ela foi até a cafeteira e pegou uma xícara que a esperava.

Ela ouviu um suspiro atrás. Ela não confiava quando Clint estava sendo legal. O que dizia bastante sobre a não relação deles.

Era uma droga.

¹⁰ Krispy Kreme Doughnuts – marca de fabricante de Donuts (um tipo de rosquinha recheada).





"Eu prometi a Reno que cuidaria de você enquanto ele não estivesse". Clint limpou a garganta com um nervosismo não característico dele.

Ela conteve o desejo de jogar a xícara de café nele.

"Eu vou mentir para ele e dizer que você fez um ótimo trabalho quando ele chegar em casa". E enquanto isso ela compreenderia um modo de curar as dilacerações que ele estava infligindo no coração dela.

"Morganna..."

Ela girou, observando enquanto ele deslizava a mão pelo rosto, a expressão sombria enquanto erguia os olhos para ela. Não apenas sombria, os olhos azuis estavam escuros com emoção, com uma ternura rara que nunca falhava em apertar o coração dela.

Deus, ela o amava. E às vezes parecia tão inútil.

"Olhe, eu só quero conversar sensatamente. Nós podemos fazer isto? Apenas uma vez?", ele perguntou.

"Eu sempre converso sensatamente, Clint. Você apenas não consegue entender quando eu estou fazendo isso, eu estou tentando", ela assinalou tristemente. "Não é minha culpa".

Ele abaixou a cabeça, roçando ferozmente entre os olhos à medida que fazia uma careta.

"Eu estou aqui tentando, Morganna. Não estou?", a irritação enfraqueceu de sua expressão enquanto a encarava sinceramente. "Apenas por alguns minutos?".

"Você mudou de ideia sobre trabalhar comigo?", essa traição tinha sido a pior que ela já tivera que enfrentar.

"Não posso fazer isto". Remorso enchia a voz dele.

Ela respirou asperamente, lutando para passar a dor que aumentava em seu peito, que fechava sua garganta.

"Então nós não temos nada para conversar", ela disse a ele de maneira uniforme. "Você desperdiçou seu tempo esta manhã, Clint. Os donuts foram uma boa tentativa, porém".

Ela se moveu para a caixa de donuts, abrindo a tampa e pegando um enquanto olhava de volta para ele. Ela a estava observando silenciosa e calculistamente.

Maldito, ele sabia o quanto ela sentia, sabia como ela fraca em relação a ele. Com certeza ele não tentaria usar isso contra ela agora, tentaria?

Ela conhecia Clint, de dentro para fora, até a alma. O que ele não podia conseguir gritando com ela, ele tentava fazer com um pouco de "razão". Tristemente, as razões masculinas dele eram ruins, o que significava que ela não tinha nenhum perigo de concordar com ele. Ele não tinha tentado coerção sexual. Ainda.

Recuando para o café, ela se debruçou contra o contador, cruzados os tornozelos, e mordeu o delicioso confeito, quase orgástico. Os olhos dele seguiram





todos os movimentos.

"Você nem mesmo tenta entender, não é?", ele perguntou tranquilamente.

"Que você não está sendo razoável?", ela lambeu o creme espesso e fofo com um movimento rápido da língua. "Eu entendo completamente, Clint. E realmente espero isto de você".

Uma carranca arruinou a sobrancelha dele. "Que diabo isso quer dizer?".

"Isso quer dizer que desde o momento em que você me pegou usando maquilagem e vestindo roupa de menina em vez de um garoto, você se ressentiu de mim. Você me vê como uma garota bonita e festeira, desprezível sem ter um cérebro em sua pequena cabeça. Infelizmente, eu não estou disposta a manter a imagem que você tem de mim para sempre. Eu realmente fiquei bastante cansada disto".

Morganna ergueu o café, bebericando a bebida fermentada quente enquanto observava a expressão dele atentamente.

"Isto não é verdade".

"Claro que é". Ela sorriu suavemente, inalando uma respiração rota. "Você pensa que eu sou como a sua mãe. Incapaz de cuidar das crianças enquanto o marido está fora lutando em guerras".

Pronto. As frases ficaram no ar. Morganna se preparou contra a expressão dura que veio ao rosto dele, o gelo em seus olhos. Deus, ela odiava quando ele a olhava assim.

"Isso não tem nada a ver com ela".

"Claro que tem. Sempre teve". Ela encolheu os ombros, lutando contra as lágrimas, a dor. "Você acha que eu não percebi o problema desde o princípio, Clint? Você acha que eu vou estragar tudo quando você se for, simplesmente porque eu uso maquilagem e gosto de dançar. Porque ela fazia isso. Até onde você se importa, eu não tenho mais honra do que ela tinha".

"Você está se superando, Morganna". Ele agitou a cabeça.

"Estou?", o sorriso era forçado, assim como o tom tranquilo na voz. "Eu não sei, Clint. A evidência é muito clara de onde eu vejo. Nós nos dávamos muito bem quando eu era mais como um garotinho do que tudo e perseguia você. Uma vez que eu comecei a usar maquilagem e ter uma vida na rua, você me odiou".

"Eu não odeio você".

"Você não consegue manter as suas mãos longe de mim e me odeia e se odeia por isto".

O coração dela estava correndo quando as sobrancelhas dele se abaixaram agourentamente, a expressão ficando mais escura. "Morganna. Isso não tem nada a ver com esta operação-"

"Claro que tem". Ela ergueu o queixo desafiadoramente. Ela não iria chorar por causa dele novamente. Ela tinha ficado semanas chorando um ano antes quando





tinha cometido o engano de ir ao apartamento dele para confortá-lo pela morte de um amigo. "Tem tudo a ver com isto. Como pode uma garota festeira, um passo acima de uma vagabunda, possivelmente contribuir com qualquer coisa para uma causa tão importante? Eu sou um perigo para a operação inteira, não sou, Clint? Não importa que eu tenha treinado por anos. Que eu tenha lutado por esta tarefa e que isso signifique algo para mim. Tudo o que importe para você é que você não pode lidar com isto".

"Porque você não tem experiência e isso vai acabar te matando". A mandíbula dele cerrou quase que violentamente. "Você não serve para esse tipo de vida".

Ela o encarou de volta, silenciosa por longos momentos. Ela não tinha lutado com a dor que ele poderia causar a ela. Que subiria e vazaria como a maré. O que rasgava seu coração agora seria apenas uma dorzinha chata em algumas semanas.

"Me tirar desta tarefa não vai fazer nenhuma diferença", ela disse finalmente. "Quando eu retornar à agência, o chefe me colocará em qualquer outra coisa. Talvez não algo que signifique tanto para mim, mas algo no qual eu acredite. O que você fará então, Clint?".

Ele não a respondeu. Em vez disso, Clint se ergueu devagar da cadeira, a expressão em branco, mas seus olhos se agitavam com emoção enquanto a observava.

"Não cometa o engano de voltar a um daqueles clubes hoje à noite", ele anunciou, a voz dura.

Ela lançou o donuts no topo da caixa enquanto se enrijecia desafiadoramente. "Não ordene coisas que você não pode obrigar a cumprirem, Clint. Está em um país livre, sabe".

"Não me menospreze, Morganna". Ele se curvou sobre ela, fazendo uma carranca para ela abaixo com toda sua altura cheia com confiança arrogante. "Eu vou parar com isso".

"Por quê?", os punhos dela cerraram enquanto a raiva a envolvia. "Por que você se importa, Clint?".

"Porque não é mais do que eu esperaria de Reno se Raven estivesse agindo tão tolamente", ele grunhiu. "Eu não deixarei você arriscar a sua vida, Morganna".

"E você não se arrisca? Raven ou eu já exigimos que você deixasse o exército e arrumasse um trabalho seguro mexendo com papelada? Seus padrões tão diferentes são uma droga, Clint".

"Sim, são", ele replicou, a voz severa. "Droga, Morganna, você está pedindo demais de mim".

"E você é um mentiroso", ela devolveu com fúria e sem pensar. "Isto não é sobre Reno, amizade ou qualquer outra coisa. O fato é que você não consegue admitir o quanto se importa comigo, então você vai me arrancar de algo que eu suei duro para conseguir. Seu egoísmo me espanta, Clint".





"Besteira!".

"Uma ova que é". Ela estava colada no rosto dele e nem sabia como tinha chegado lá. O dedo dela afundou no tórax dele enquanto ela o encarava desafiadoramente. "Você não vai trabalhar comigo porque sabe que se o fizer, não poderá manter as mãos longe de mim ou seu coração frio como gelo seguro. Isto é problema seu. Vá embora como sempre faz. Mas não, você tem que destruir os meus sonhos enquanto está por aqui".

"O meu problema são garotinhas mimadas que acham que são à prova de balas", ele grunhiu, pegando no pulso dela e segurando na algema que eram seus dedos. "Meu problema é a sua maldita teimosia. Eu não posso nem conversar com você".

"Porque você nunca vê qualquer coisa além das suas próprias necessidades", ela gritou grosseiramente. "Você acha que pode ditar leis e que eu te obedecerei como fazia quando era criança. Eu não sou mais uma criança".

"Isto fica mais do que óbvio todas as vezes que você desfila por aí meio vestida em um desses malditos clubes", ele sibilou. "Você é um sinal ambulante para sexo e sabe disto".

"E você odeia isto porque não pode me ignorar. Porque isso só te faz mais faminto. Você não pode aguentar isso, Clint, porque você me quer tanto quanto eu te quero. Ao ponto de chegar a ser uma doença que você não pode se livrar".

"Droga", ele grunhiu. "Que merda, Morganna".

Ele a trouxe para os braços, os lábios batendo nos dela, firmes contra ela enquanto a respiração dela rasgava o peito. O desespero enchia o beijo, desespero e fúria. Ela podia entender isto. Ela já teve o suficiente disso.

Em vez de lutar, os braços dela foram ao redor dos ombros dele enquanto ela arqueava para ele, certa de que poderia se derreter contra ele se ele continuasse a consumir os lábios dela como estava fazendo.

Ela gemeu com necessidade dolorida enquanto um grunhido de fome rasgou o peito dele. As mãos dele estavam nos quadris dela, erguendo-a para ele enquanto as costas dela se encontravam com a parede e o pau dele, muito quente, estava entre as coxas dela.

O jeans áspero da calça e o tecido frágil do pijama dela não faziam nada para protegê-la do membro duro dele apertando contra ela. Ela podia sentir a umidade fluindo dentro de si, o aperto de seus músculos vaginais, e a necessidade inflamada que a tomava.

Morganna colocou os braços ao redor do pescoço dele, as mãos entrando no cabelo dele para segurá-lo mais perto dela, apreciar cada centímetro do corpo duro e apertado contra o dela e as palmas calejadas que apertavam seu traseiro.

"Abra", ele grunhiu contra os lábios dela enquanto ela os mantinha fechados. "Agora".





A língua dele apertou contra a junção dos lábios dela antes que uma mão deixasse o traseiro dela, e os dedos apertassem a mandíbula dela e mostrando pressão apenas a suficiente para forçar os dentes dela a se abrirem.

Um calafrio de excitação debilitante passou por ela com a força dominante dele. Ela estremeceu no aperto dele enquanto a língua passava pelos lábios e enviava fogo rapidamente pelo corpo dela. O calor de seu toque, seu beijo, a queimava, rasgava por seus sentidos, e a envolvia em uma necessidade tão intensa que ela não sabia se sobreviveria.

Ela embrulhou as pernas ao redor dos quadris estreitos dele enquanto eles se moviam contra ela, movendo seu corpo em contraponto para seu, a fricção contra seu clitóris enviando impulsos de prazer tão intensos ao longo de seu corpo que ela soube que o clímax estava a apenas alguns segundos longe.

Os lábios dele devoravam os dela, inclinando-os contra os delas enquanto a língua se alimentava dela. Morganna encontrou o beijo com uma demanda maior que a dela. Anos de excitação dolorida e insatisfeita e era como se houvesse um animal arranhando seu útero. Ela precisava dele, desamparada e desesperadamente.

"Você me deixa louco", ele gemeu enquanto os lábios a rasgavam, as mãos se moveram contra ela enquanto o corpo dele a mantinha firme no lugar contra a parede.

As mãos foram para a blusa de dormir dela, erguendo-a enquanto as palmas cobriam os seios dela, trazendo um grito incoerente aos lábios dela enquanto ela se contorcia contra ele, determinada a achar a liberação antes que ele mudasse de ideia. De novo.

"Eu amo os seus seios. Eles ficam tão apertados e duros com o meu toque, os mamilos corando como um lindo rubi". A cabeça dele se abaixou enquanto o pulsar feroz de luxúria na voz dele enviava calafrios por ela.

Quando os lábios dele cercaram um mamilo, Morganna viu estrelas. Ele não era gentil, mas ela não queria gentileza. Ela não precisava de gentileza. Ela precisava disto, dos dentes dele prendendo o ponto duro, beliscando eroticamente antes que os lábios o cercassem, as bochechas dele sugando com uma fricção que fazia pontos de prazer pulsarem pela vagina dela. Ela precisava gozar. Ela precisava de apenas um momento de liberação, apenas um orgasmo louco pelo toque dele, e ela poderia seguir, porque ela era esperta o suficiente, intuitiva o suficiente, para saber que Clint nunca cederia facilmente.

Ele estava se afogando nela. O que havia em Morganna que destruía o autocontrole dele, que acabava com sua determinação de ser paciente e tranquilo





com ela? O que a fazia ser tão diferente de qualquer outra mulher?

O que quer que fosse, chegava à mente dele mais rápido do que qualquer bebida alcoólica. Fazia com que ele desejasse saber o gosto dela, senti-la. As mãos dela seguravam o colarinho de sua camisa para que seus pequenos dentes muito afiados pudesse dar pequenas mordidas no pescoço dele, as mãos quentes puxando o tecido da camisa para que tivessem melhor acesso.

Levando luxúria na direção de suas bolas enquanto seu pau surgia com uma fome tão aguda, tão violenta, que enviava choques por sua mente, fazendo o controle dele ser corroído.

Ele soltou a ponta inchada do seio dela e foi para trás, mantendo-a no lugar com os quadris enquanto ele arrancava a camisa da calça, as mãos dela se movendo para os botões.

"Apenas mais alguns minutos", ela sussurrou desesperadamente, ansiando por ar enquanto os olhos tempestuosos encontravam os dele. "Apenas mais alguns minutos, Clint. Por favor. Por favor, não pare ainda".

A necessidade que ele viu nela o destruiu. Alguma mulher já o tinha olhado com tal fome, com tal desespero? O rosto dela estava corado, os lábios inchados, a expressão apertada com sua corrida para o orgasmo enquanto ela movia o montículo quente de seu sexo contra o cume do pau dele. Ele devia parar agora. Ele sabia que devia parar agora. Enquanto as mãos dela rasgavam os botões da camisa dele, alguns abrindo, alguns caindo, e as extremidades se abriam para as pequenas mãos inquisitivas dela, ele sabia que devia parar.

Em vez disso, os lábios dele desceram para os dela, pegando-os com força enquanto as unhas dela cravavam nos músculos dele, passando por eles com um calor ígneo.

Ele não podia deixá-la cheia de desejo, mas ele não podia tomá-la. As mãos dele apertaram os quadris dela enquanto os lábios e a língua a saboreavam, e ele caiu mais fundo nas sensações intoxicantes que achava apenas com ela.

Ele se colocou mais apertado entre as coxas dela, sentindo o calor úmido que circundava sua ereção. Deus, ele precisava dela. Ele precisava estar dentro dela, indo firme e fundo na profundidade molhada e quente de sua buceta. Uma vez apenas, a luxúria animal uivava dentro dele. Apenas uma vez. Mas ele sabia que uma vez nunca seria o suficiente.

"Venha aqui". Ele soltou os lábios dos dela, rosnando com a demanda que podia sentir aumentando entre eles.

Ele soltou as coxas dela, forçando-a a abaixar as pernas para o chão apesar de seu gemido, e ficou de joelho diante dela.

Ele estava de frente para a visão daquela pele nua sedosa entre o top do pijama e a parte inferior. O umbigo liso, brilhando com o ouro do anel na barriga. Ele apertou a bochecha contra a carne aquecida, então girou a cabeça até que seus





lábios estavam se abrindo. Suave, doce Morganna. Ele a lambeu, respirando sobre a carne úmida enquanto ela estremecia nos braços dele.

A língua lavou a pele suave; as mãos se apertaram na faixa elástica da parte inferior e lentamente a puxou pelas coxas. Ele tinha que saboreá-la. Quantas vezes ele já tinha sonhado com isto? Sonhado em sentir o líquido quente de seu desejo contra a língua enquanto ela estremecia nos braços dele?

O montículo nu brilhava com os fluidos enquanto ele separava as pernas dela, os dedos abrindo as dobras suaves para sua boca.

"Eu tenho uma cama", ela clamou, mesmo enquanto os quadris se curvavam para ele. "Oh Deus, Clint, eu não conseguirei ficar de pé".

"Eu vou te segurar", ele murmurou, movendo uma mão entre as coxas dela enquanto sua língua seguia para a carne pronta o aguardando.

O grito lamentoso dela encheu os sentidos dele enquanto o gosto suave e doce dela explodia contra a sua língua e o aperto do sexo quente aumentava contra os dedos exploradores dele. Ela era um vício molhado e sedoso em torno dos dois dedos dele e ele começou a trabalhar dentro dela, encharcando-os com o deslizamento aquecido dos fluidos dela. Sob a língua ele disse "goze por mim, neném", ele sussurrou, morrendo de vontade de senti-la se convulsionar ao redor dos seus dedos, saborear o prazer que podia ouvir ecoando nos gritos dela. "Eu quero te sentir gozando para mim".

Os lábios dele se moveram sobre o clitóris, sugando gentilmente enquanto a língua começava a chamejar sobre ele. Os dedos se moviam dentro dela, estirando-a, enchendo-a completamente, antes de se curvarem e acharem o lugar sensível do lado de dentro, logo atrás do clitóris.

Os dedos dele esfregavam suavemente enquanto ele aumentava a fricção no clitóris. Ela estava perto. Então ela fechou as mãos no cabelo dele, puxando-o enquanto o corpo dela começava a se contrair.

Ela iria gozar. Morganna lutou para respirar enquanto o prazer a subjugava, roubava a sua sensação de próprio corpo, e a fundia a Clint. O que quer que ele estivesse fazendo com os dedos, estava a destruindo. Eles apenas não a estiravam, não apenas a enchiam com pulsações de sensação ígnea. Ele estava roçando contra algo, fazendo o clitóris dela pulsar em advertência, inchação, e exigência de alívio.

Ela lutou contra o aperto dele, desesperada para sentir os dedos dele bombeando dentro dela, mas o braço dele ao redor dos quadris dela mantinha-na cuidadosamente no lugar. Ela não estava se movendo, mas estava se preparando para voar. Ela podia sentir crescer, apertando em seu útero, no extático pulsar no clitóris.

Ela se arqueou mais para ele, sentindo a pressão aumentar em sua boca, sentindo o chiar iminente do orgasmo se apressar junto à espinha. Tão perto. Os dedos cravaram no cabelo dele enquanto ele sugava em seu clitóris, mais duro, mais





rápido, a língua massageando-a com golpes rápidos, rápidos até que ela se desfragmentou.

Os próprios gritos dela ecoaram em sua cabeça enquanto o orgasmo a atingia, balançando seu corpo, levando-a a espasmos duros, brutais enquanto seu sexo convulsionava ao redor dos dedos dele e se apertou quase dolorosamente antes de se soltar novamente, com uma força que deixou as pernas dela impotentes nos braços dele.

Estrelas explodiram por sua cabeça enquanto o espaço e o tempo se curvavam ao redor dela. Clint estava tirando a última gota de prazer de seu corpo impotente e roubando sua respiração e sua realidade com seu toque.

Quando ela finalmente afundou contra a parede, ele começou a soltá-la. Lentamente. A cabeça se ergueu da carne super sensível enquanto os dedos saíam lentamente de sua vagina, puxando de volta enquanto os músculos protestavam com um último espasmo violento que enviou tremores pelo corpo dela.

As mãos dele eram gentis enquanto ele puxava o pijama dela e o colocava no lugar, sentava-a na cadeira que ele havia desocupado antes, e puxava o top sobre os seios nu.

Estava terminado. Ela podia ver nas linhas apertadas do rosto furioso dele, na luxúria não extinta nos olhos. Ele não iria além, apesar de sua própria necessidade. E a necessidade dele era violenta. Ela podia ver. Sentir.

"Isso não vai embora", ela suspirou chorosa enquanto ele se agachava na frente dela. "Vai apenas piorar agora, Clint".

As pontas dos dedos dele tocaram a bochecha dela enquanto uma carranca contorcia seu rosto.

"Fique fora dos clubes", ele ordenou rouco. "Fique longe de mim, Morganna. Pelo nosso bem".

Ele se debruçou adiante, beijado os lábios dela com tal ternura que ela sentiu a primeira lágrima cair dos olhos enquanto ele ficava de pé.

"Não me force a fazer algo que nós dois lamentaremos. Se você não fizer mais nada para se salvar, neném, faça apenas isto".

Morganna abaixou a cabeça, escondeu as lágrimas, e lutou contra a raiva que se formava quente e fundo dentro dela. Ela cerrou os punhos contra a necessidade de gritar, de reclamar, implorar. E jurou que nunca faria isto. Ela era uma lutadora, mas ela não lutaria por piedade.

Ela ficou muda até que a porta se fechou atrás dele, até que ouviu a caminhonete ligar na calçada dos fundos com uma vibração poderosa.

Então as lágrimas caíram. E ela jurou que nunca mais choraria por ele novamente. Da mesma maneira que tinha jurado da última vez.

Capítulo 7





Ele estava mal, mas não havia sido abatida. Morganna se vestiu cuidadosamente para a noite, começando no final da tarde para fazer a própria aparição. Ela não podia ter Clint e sabia disso agora, mas morreria e iria para o inferno antes de obedecê-lo. Ela tinha um trabalho a fazer, e ela estava determinada a terminá-lo.

Ela não estaria oficialmente fora da tarefa até que seu chefe desse a ordem. Ela tinha começado a trabalhar no time de Joe Merino como uma observadora. Isso era algo que Morganna sempre tinha sido boa. Ela sabia como observar, como prestar atenção à linguagem do corpo e definir se as mulheres estavam agindo fora de seu comportamento natural.

Ela era conhecida na cena de clube, então não era uma agente suspeita. Apesar da prisão na semana anterior, sua cobertura ainda era sólida. Ninguém sabia quem tinha testemunhou contra os três homens que tinham drogado aquela mulher. E apesar do atentado da noite anterior, Morganna não estava convencida de que sua cobertura tinha acabado. E se tivesse, então isso poderia funcionar mais a favor do time do que contra.

Até que fosse informada do contrário, ela ainda era uma agente, e o trabalho dela ainda era aparecer e ver o rumo dos acontecimentos a sua frente.

Drogas agiam diferentemente de pessoa para pessoa, assim como o álcool. Ela tinha sido uma parte da cena de clube desde que tinha vinte e um anos, cinco anos atrás. Tédio e desinteresse em ter uma relação permanente com ninguém exceto Clint, e sua própria curiosidade sobre as pessoas em geral a haviam levado para a atmosfera de pseudo-escravidão que achava nestes clubes particulares.

Eles não eram clubes de escravidão de verdade. Pelo menos não na parte de cima. Ela nunca tinha sido convidada para os quartos de baixo.

Ela se lembrou do alarde, porém, quando Drage Masters tinha aberto seu primeiro clube sete anos atrás.

Tinha sido invadido mensalmente quando tinha sido aberto, o dono tinha sido preso frequentemente, mas o clube nunca tinha perdido sua licença.

O Roundtable supria os estilos de vida alternativos e era longe do estilo inferninho dos bares em que qualquer um podia entrar. Atraía os góticos, os tecnos, e os sensualistas extremos.

E essa era a razão pela qual a droga estava sendo testada aqui, o DEA acreditava. Aqui a camaradagem e familiaridade fáceis dos inferninhos não estavam presentes. A multidão podia mudar de noite para noite, de clube para clube, com apenas alguns do regulares permanecendo em qualquer hora determinada.

Morganna encarava o interior do Roundtable agora, e ela sabia por que os clubes de Masters sobreviveram ao clamor. O filho do governador era um frequentador de lá, assim como vários oficiais de estado da cidade. Os quartos





privados atrás dispunham de certo anonimato em seus excessos sexuais. Se a área do bar era invadida, por alguma razão, a polícia nunca se aborrecia em ir para os quartos da parte de trás. E nunca, nenhuma hora, o porão do clube tinha sido invadido.

Não que aqueles clubes tivessem sido invadidos em anos. A afluência de diferentes estilos de vida e culturas em Atlanta e a atmosfera de metrópole aliviava a controvérsia sobre eles. Havia mais clubes de escravidão extremos na área, mas a habilidade do Drage de fornecer um clube com os mais extremos assim como também aqueles que queriam brincar ao longo da periferia tinham atraído todos os tipos.

Agora os três clubes: Diva, Roundtable e Merlin podiam ser alguns dos clubes mais populares do estado.

Ela se moveu pelo aglomerado de sábado à noite devagar, sentindo a pulsação firme da música batendo ao redor dela enquanto seu olhar sondava a multidão.

A batida lenta e sensual de Gavin Froome¹¹ "Plane Jane" se reuniu a ela, mas Morganna sabia que a mistura da casa podia mudar rápido para The Cure¹², Depeche Mode¹³, ou qualquer ritmo gótico, tecno ou batidas tribais.

lá do atual para o clássico sem pensar duas vezes e enchia o sangue dela com a necessidade de dançar. Ela amava dançar, se mexer, sentir o corpo ganhar vida com o ritmo da música. Como fazia a maior parte das outras mulheres e alguns homens que se moviam entre os três clubes como uma onda, as faces mudando pela noite enquanto a excitação do clube assumia o comando sobre eles, mas havia regulares à noite toda para cada clube.

E havia novos rostos noturnos. Vários deles. Mulheres se dando ao luxo de mergulhar na sexualidade oferecida a elas. Homens fazendo seus papéis de Dons, achando uma excitação escancarada nas mulheres que lá achavam.

O álcool fluía como água, e as drogas estavam sob os panos. Não havia nenhuma evidência de que o dono fornecia as drogas ou as tolerasse. Os seguranças tinham o hábito de expulsar os negociantes menos reservados e os usuários, mas na maior parte das vezes, as drogas eram fáceis de conseguir.

¹¹ Gavin Froome - produtor de música house.

¹² The Cure foi formado em 1976, na Inglaterra, pelo cantor Robert Smith. A partir dos anos 80, foi aclamado como um dos ícones do chamado rock gótico ou dark, com canções melancólicas e ao mesmo tempo pop. Entre os diversos sucessos: "Boys Don't Cry", "The Lovecats", "Just like Heaven", "Lullaby", "Never Enough" e "Friday I'm in Love".

¹³ Depeche Mode é uma banda inglesa de synthpop (estilo de música em que os teclados e sintetizadores são os instrumentos musicais dominantes) formada em 1980 em Essex, Inglaterra. É um dos maiores e mais importantes representantes da música eletrônica.





Usando agora calças de couro preto apertadas e um espartilho de meia taça com tiras de couro pretas finas que cobriam os seios, e botas pretas de couro de cano alto, Morganna balançou sensualmente para a música.

Nos quadris, bem baixo, quase nas coxas, estava seu cinto de couro favorito, preto e largo. Ela enganchou os dedos polegares nele enquanto fazia seu caminho até o bar para a sua primeira bebida da noite antes de deixar o corpo relaxar, o olhar se concentrado na multidão.

Ela tinha aperfeiçoado a habilidade de dançar, deixando a pulsação da música correr pelo corpo, enquanto assistia a multidão e olhava prováveis vítimas da droga que ela e seu time estavam procurando.

"Morganna, querida. Que roupa magnífica". Um dos mais jovens regulares a parou enquanto ela fazia seu caminho para o bar. Cletus Tomas era um quarterback¹⁴ da universidade. Um gentil gigante com um gosto para fêmeas Dommes.

"Obrigada, Clete". Ela esticou o braço e bateu levemente na bochecha dele, jogando um beijo em sua direção para aumentar a confiança dele.

"Você vai dançar comigo, neném?", o rosto largo dele se dividiu em um sorriso, os olhos pretos dançando com bom humor enquanto ele a encarava de sua altura próxima a dois metros e treze com uma reverência que nunca falhava em fazê-la rir.

"Talvez mais tarde, doçura", ela gritou acima da música. "Eu preciso de uma bebida e uma chance de me adaptar primeiro".

Ele piscou enquanto seu olhar examinava cuidadosamente as calças de couro preto e o espartilho. No lado do cinto ela tinha um par de algemas prateadas e a pequena bolsa de couro que levava as suas iniciais.

"Guarde uma dança para mim então, linda". Ele piscou para ela lentamente. "Eu poderia te deixar aprender a como usar essas algemas se você quiser. Apenas diga".

"Eles não se ajustariam a você", ela riu de volta para ele. "Vá se divertir, Clete. Eu te alcançarei mais tarde".

Ele jogou a mão para o alto em uma despedida enquanto se movia pela multidão, o corpo largo abrindo o oceano de pessoas como uma rocha não erosiva.

Ela agitou a cabeça antes de se mover para o bar, indo depressa enquanto ele estava desocupado antes de sorrir em triunfo para a fila esperando para fazer a mesma coisa.

"Lawry, eu preciso de uma bebida", ela disse para o garçom do bar. "Algo do bom".

¹⁴ Quarterback é uma posição do futebol americano. São membros da equipe ofensiva do time (do qual são líderes) e alinham-se solo atrás da linha central, no meio da linha ofensiva.





Uísque de Kentucky. Algo para aclamar a pulsação furiosa de seu sangue enquanto ela sentia a ausência do comunicador que Joe não tinha substituído.

O fato de Craig não ter parado na casa ou ter ficado esperando no estacionamento para verificá-la, dizia algo. O furgão preto do time estava no lugar, porém, o que significava que eles estavam observando algo.

Ela tomou um gole do copo que Lawry tinha dado a ela, então respirou fundo contra o fogo que queimava seu estômago. Tão fácil, ela tinha sido chutada. Por causa de Clint.

Ela virou o tamborete, segurando o copo em uma mão enquanto se debruçava de volta contra o bar de madeira atrás dela e olhava através das cabeças da multidão no salão cavernoso. O piso alto do bar permitia que as pessoas lá pudessem ver a maior parte do salão.

Ela achou Craig primeiro, olhando fixamente para ela ao lado de uma das grandes colunas colocadas estrategicamente para aguentar o peso do telhado em uma área tão grande. Ela seguiu o olhar dele então para uma mesa próxima a pista de dança mas não muito nas sombras.

Era impossível que Clint não estivesse. Uma mulher ruiva estava sentada sobre seus joelhos enquanto ele socializava com vários Dons explícitos que faziam parte dos clubes. Homens e mulheres que Morganna apenas conhecia de vista, nunca tinha falado. Clint obviamente os conhecia bem.

Ela ignorou a onda de ciúme que a trespassou ao ver a mulher. Maldito, para o inferno. Morganna não podia aguentar o pensamento de outro homem a tocando agora e lá estava ele com uma ruiva tonta empoleirada em seu joelho como um pássaro bem treinado.

Morganna tomou outro gole fortalecedor do uísque enquanto tirava os olhos dele. Ela não estava aqui para observar Clint.

"Amiga, você está aí". Jenna Lancaster pulou sobre o tamborete ao lado dela, os seios pesados saltando sob a seda da camisa que usava enquanto seus olhos fortemente escurecidos olhavam fixamente para Morganna com curiosidade raivosa. "Cara, o que te deu ontem à noite? Aquele grande e mau Dom que nós estávamos correndo atrás que te empurrou para os quartos dos fundos apareceu como um noviço esta noite".

Morganna respirou cuidadosamente. "Aquele Dom desordeiro do qual você está falando é um babaca", ela bufou. "Sinta-se à vontade com ele".

Jenna riu com descrição. "Esses são o melhor tipo, querida. Você com certeza não tem aquelas propensões para ser Domme que o Cletus continua jurando que você tem, não é?".

Morganna revirou os olhos. "Eu apenas gosto das roupas", ela replicou.

"Dizem que ele gosta de mulheres totalmente submissas, garota". Jenna agitou a cabeça. "Eu acho que se fosse você, podia fingir por uma noite com um homem





assim. Eu já o ouvir foder por horas. Você já foi fodida por horas?"

Apenas com o vibrador. E o que Clint tinha feito com os lábios e a língua em apenas cinco minutos tinha mandado tudo de volta para o inferno.

"Ela gostou dele". Morganna ergue o copo até os lábios. O olhar preso em Clint quando ele pegou a ruiva e a colocou no lugar enquanto ela começava a se mover.

A mulher estava no colo dele, os olhos de fechando com prazer óbvio. O ciúme atingiu Morganna em uma onda quente e branca, rasgando seu tórax e partindo seu coração mais rápido do que a lâmina mais afiada.

Ela tirou o olhar deles, procurando pelos suspeitos que Joe tinha em sua lista, assim como as mulheres que estavam com eles. Ela tinha um trabalho para terminar; se a única parte que coubesse a ela fosse ajudar a achar o distribuidor das drogas, então assim fosse. Pelo menos ele estaria fora das ruas.

"Pelo menos Craig ainda parece interessado", Jenna assinalou, olhando rapidamente para ele.

É, Craig ainda estava observando Morganna, mas o bastardo não tinha devolvido seu comunicador. Com isto, ela podia ter ouvido qualquer coisa que Clint estivesse dizendo para a pequena sub passiva que tinha com ele.

Deus, ela os odiava.

Ela girou para olhar Craig, deliberadamente desprezando o olhar interrogativo que ele estava dando a ela.

"Oh, querida, fique fria". Jenna riu, a expressão calculista enquanto observava o movimento. "Eu estou te dizendo, Cleste está certo. Você faria uma Domme muito melhor do que faz uma sub".

"Jenna, há algum sentido nesta discussão?", Morganna finalmente perguntou, girando para a outra garota enquanto erguia a sobrancelha friamente.

Jenna deu uma risadinha, os olhos marrons cintilando com diversão. "Oh, querida, venha me sorrir. Esse olhar é tão frio".

Morganna suspirou fortemente antes de terminar o uísque e voltar a gesticular para Lawry para outra bebida. Obviamente seria uma noite difícil.

Jenna deu um suspiro profundo enquanto Morganna se virava. "Eu queria saber se o Sr. Problema pode realmente fazer por horas. As subs dele não conversam".

"Eu não tenho nenhuma ideia", Morganna revelou sonolenta. "Craig não ficou muito contente em descobrir onde eu estava. Ele me arrancou de lá".

"Diretamente para um tiroteio, também!", Jenna exclamou de repente. "Eu quase tinha me esquecido disto".

Havia algo de errado no mundo quando a questão da histamina de um homem era mais importante do que um suposto quase assassinato da amiga.

Quando esta operação estiver terminada, seria bom achar um novo lugar para frequentar. Estes clubes estavam irritando os nervos de Morganna. Inferno, eles já





estavam fazendo isso antes de Cindy ser morta. Morganna amava dançar, mas odiava a sensação de ser caçada, um pedaço de carne na mesa da sensualidade. Ela suspirou com o pensamento.

"É bom saber que o meu quase falecimento atingiu o seu radar, Jenna", ela riu. "Por que você não vai dançar? Eu preciso me aclamar um pouco. Tem sido uma semana de matar".

Enquanto Morganna assistia a multidão, estava ciente do olhar sondador de Jenna.

"Você está procurando por um novo Dom", Jenna disse. "Você desistiu de Craig então?".

"Craig nunca me teve; ele estava apenas correndo atrás de mim. Isto é tudo".

"Quem mais estava correndo atrás de você?".

Morganna se voltou para ela, ciente de que o título de "boca do Sul¹⁵" para Jenna não tinha sido sem razão. Os lábios dela se contraíram. "No momento, ninguém. Vá se divertir, querida, e deixe-me terminar minha bebida".

Jenna deu uma risadinha, um som que realmente não se adaptava à secretária jurídica de trinta e poucos anos. Ela pulou do tamborete do bar, e com um pequeno meneio dos quadris ela se envolveu na multidão.

O olhar de Morganna deslizou de volta para Clint e sua pequena sub ruiva. Ele estava atualmente acariciando o braço dela distraidamente, correndo os dedos de cima a baixo pelo membro esbelto enquanto ela claramente mostrava sua excitação, sua prontidão de foder.

A perfeita pequena sub. Não havia nenhuma chance de que ela convenceria um negociante que tinha que ser drogada para aceitar Clint.

Morganna suspirou. Não havia nenhum modo que ela pudesse ficar lá sentada tão passivamente sob o toque dele. Ela assistia a linguagem corporal da garota, a sensação óbvia de espera, de antecipação. Era o completo oposto de Clint. Ele parecia quase chateado enquanto seus olhos vagavam ao redor.

O olhar dele perambulou para a pista de dança, a multidão, então se ergueu para o bar. Morganna soube o exato momento em que ele a viu. A mão parou no outro braço da mulher, os olhos se estreitando enquanto a mandíbula cerrava.

Morganna ergueu a bebida zombeteiramente em reconhecimento a observação dele e balançou a cabeça em cumprimento antes de dar as costas para ele novamente. Por sorte, o olhar dela foi para um casal em um canto obscuro.

O sujeito era grande, alto, e largo; a companheira, o que podia ser visto, era pequena, de corpo cheio. A cabeça estava jogada para trás com prazer enquanto o

¹⁵ Gary J. Claxton, conhecido como a Boca do Sul (The Mouth of the South), é um comediante que foi criado em uma comunidade rural. Ficou famoso nacionalmente ao viajar contando sua trajetória de caipira com bom humor.





homem se curvava para os seios dela. Morganna podia ver muito pouco, mas viu o suficiente para saber o que estava acontecendo.

Ela rodou a bebida alcoólica no copo enquanto assistia com franca curiosidade. Ela podia fazer isto? Era muito excitante assistir, ver o decorrer do ato sexual, o modo como o macho erguia a mulher, alinhando os quadris com os dela, e se movendo.

A saia longa do vestido da mulher escondia toda a visão, mas era mais do que óbvio o que ele estava fazendo. Por um momento, apenas um momento, Morganna sentiu o toque de Clint novamente, os lábios em seu mamilo, a língua o chicoteando. Os quadris entre os dela, o comprimento espesso de sua ereção contra ela. A imagem foi quebrada quando alguém se moveu para a frente dela, e então parou.

Ela ergueu os olhos lentamente, curiosidade divertida a enchendo enquanto encontrava o olhar franzido e desaprovador do dono do clube.

Ele era quase tão alto quanto Reno, classicamente magro, mas havia músculos sob aquela camisa de seda branca e a calça comprida europeia preta. O cabelo preto estava puxado para trás em um rosto aristocrático, amarrado na nuca, e passando das omoplatas. Olhos verdes, tão escuros quanto musgo, frios e cínicos, enquanto a assistiam.

Ele raramente saía. Ela tinha esperado ouvir sobre ele hoje à noite, mas não pessoalmente, não gostava disto. Ele estava fazendo uma declaração; ela tinha acabado de desejar saber que declaração era aquela.

"Sra. Chavez. Nós podíamos conversar? Reservadamente". O sotaque de Louisiana espesso de sua voz era mais sombrio do que sensual, quase mortal.

Ela quase estremeceu em trepidação, ciente do olhar firme no dela. Engolindo com dificuldade, ela deslizou do tamborete do bar, o olhar procurando Craig enquanto seguia Masters através da multidão que se abria automaticamente para ele.

Os olhos de Craig os localizaram, obviamente preocupados. Ela não ousou procurar por Clint.

"Por aqui, por favor". Masters parou na entrada para o corredor privado antes de se afastar para o lado e estender a mão diante do corpo. "Meu escritório é seguindo o corredor".

Que diabo ela tinha feito? Morganna tentava freneticamente achar uma razão ao anúncio súbito dele. Inferno, ela era um dos membros mais baixos do clube. Ela vinha para dançar, beber um pouco, e encontrar os amigos, supostamente. Drage apenas embarreirava os desordeiros dos clubes, não pequenos nada como ela. A menos que ele quisesse alguma outra coisa.





"Aqui estamos, cher¹⁶". Ele destrancou a porta com o cartão eletrônico antes de conduzi-la. "Eu fiquei surpreso em vê-la aqui hoje à noite. Eu estava fazendo planos de ir até a residência quando o meu porteiro me informou que você tinha chegado".

"Você estava?", isso era chocante.

Isso foi tudo o que ela pôde fazer para conter seu nervosismo enquanto andava vagamente pelo escritório iluminado e surpreendentemente antiquado.

"É claro. Fui informado de que você quase foi assassinada no meu estacionamento. Eu queria me certificar de que você estava bem".

Ela saiu do caminho enquanto ele se movia ao redor dela e se dirigia à escrivaninha. Vários monitores estavam ligados ao lado desta, exibindo mais do que uma dúzia de imagens do clube. Um monitor abaixo deles estava desligado.

"Por favor, sente-se". Ele gesticulou para as cadeiras de couro confortável na frente da escrivaninha larga de escritório de cerejeira escura enquanto se sentava e a encarava com aqueles olhos verdes profundos.

Morganna se sentou, debruçando-se para trás com falsa confiança enquanto cruzava a perna sobre um joelho e permitia ao pé ziguezaguear de um lado para o outro enquanto ela o encarava de volta.

"Muito bom", ele comentou com um rápido movimento dos lábios cheios e sensuais. "Você age como se ser convidada para o meu escritório fosse algo comum. A maioria das mulheres ficaria pelo menos um pouco curiosas".

"Eu sou muito curiosa". Ela encolheu os ombros, muito ciente agora da brevidade do espartilho e o modo como o bustiê marcava os seios. "Mas eu não fiz nada de errado, então eu não posso estar em apuros".

Ele se debruçou de volta na cadeira, juntando as mãos diante do corpo. "Pediram que eu revogasse a sua sociedade por um tempo". O anúncio foi entregue com extrema diversão enquanto ela enrijecia em resposta. "Eu estava curioso do porquê".

Os lábios dela se abriram enquanto respirava roucamente, então lambeu os lábios secos enquanto lutava para manter o temperamento sob controle.

"McIntyre?", ela finalmente perguntou, cerrando os dentes com o nome.

As sobrancelhas de Drage se curvaram. "Realmente. Ele veio até mim hoje à noite antes do clube ser aberto. Eu achei muito estranho ele fazer tal pedido, mas eu raramente faço perguntas a membros da estatura dele. Até agora".

Morganna apertou os lábios bem juntos, encarando-o furiosa. "Eu estou banida, então?", a raiva estava queimando mais.

¹⁶ Cher – querido em francês.





"Não estou completamente certo", ele respondeu, a diversão óbvia. "Eu ainda estou tentando compreender por que um dos meus melhores membros pagante solicitaria o embarreamento de um dos meus membros favoritos".

Agora isso a tinha deixado surpresa.

"Um de seus favoritos?", ela questionou. "Desde quando?"

Ele olhou de relance para os monitores pensativamente. "Eu passo bastante tempo aqui sozinho. Você é uma deliciosa adição para qualquer noite. Você nunca tinha causado nenhuma dificuldade, até ontem à noite-

"Eu não fiz nada ontem à noite", ela replicou. "Ele fez".

"Você foi para o quarto privado com ele, enfurecendo seu Dom-"

"Se você assiste como diz que faz, então sabe que Craig não é meu Dom; ele apenas gosta de pensar que é".

O olhar de Drage foi de volta para ela. "O que diabo você quer no meu clube, Morganna?"

Ela piscou de volta em surpresa, os olhos se alargando com o tom perigoso e áspero de sua voz.

"Sr. Masters". Ela manteve a voz cuidadosamente apologética. Esse não era um homem que ela queria pisar nos calos. "O que quer que seja que Clint esteja puto, é pessoal. Eu sinto muito se ele não quer conduzir as façanhas sexuais comigo por aí, mas isso é tudo".

"A irmã dele se casou com o seu irmão; ela está ciente de sua sociedade aqui?"

"Não importa", Morganna friccionou os dentes. "Nem ele sabia disso até ontem à noite. Eu te asseguro, de qualquer maneira, vida sexual da esposa do meu irmão não é algo para nós discutimos. Além disso, isso não é exatamente um crime e já está bastante tarde para esconder as informações de mim. Me banir não vai mudar".

"Então me diga por que ele quer que eu te proíba aqui", Drage exigiu suavemente. "Caso contrário, a partir deste momento você partirá do meu estabelecimento hoje à noite, e será mal recebida em todos os três clubes".

Maldito Clint e sua arrogância arbitrária.

Ela ficou de pé furiosamente. "Faça o que tem que fazer, Masters, mas Clint está te usando para fazer o trabalho sujo dele. Ele não me aprova aqui. É tão simples. Mas já que o dinheiro dele é melhor do que o meu..."

"Ele paga mais", Drage murmurou, os olhos considerando. "A reserva anual dele de quarto privado é bastante alta".

"Quanto?", ela escorou as mãos nos quadris, encarando-o.

O olhar dele desceu para o abdome nu dela. Pelo menos eles tinham ido mais distante do que os seios dela. Finalmente, aqueles olhos de floresta se ergueram e se estreitaram.

"Vinte mil para a reserva anual do quarto. Vinte e cinco para o andar de baixo.





Quarenta mil por ano para tudo se você for aceita”.

Bom Deus, isso era muito dinheiro. Como diabo Clint dispunha disto?

Ela se sentou em choque. "O que há no andar de baixo?", ela apenas tinha ouvido rumores do clube privado que existia lá; ela ainda teria que ser financiada por qualquer um dos membros do clube.

"Um clube muito especial". Ele a estava observando muito atentamente. "Um clube de Dominantes, muito privado”.

"Eu não sou uma Domme”, ela assinalou.

Masters encolheu os ombros. "Vamos dizer apenas que eu gosto de você. Quarenta mil pela sociedade completa, quinze de entrada. Se eu perder um membro por causa de outro, eu deveria pelo menos substituir a renda”.

"E se ele aumentar a quantia?", ela ralhou, mantendo a cobertura que tinha desde que a tarefa havia começado. "Eu sou uma secretária legal, pelo amor de Deus. Não tenho esse tipo de dinheiro”.

"Hmm. Isto é muito ruim”, ele comentou. "Seu dinheiro não é melhor do que o dele, mas é um pouco mais do que a taxa de entrada por ano, querida”

"Sem brincadeira”, ela respirou, furiosa. Maldito Clint.

"Claro, você podia ser patrocinada”. A oferta sutil a fez olhar fixamente para ele silenciosamente. "Há vários Dominantes e Dominatrix com sociedade completa dispostos a te patrocinar por um período de tempo sob suas tutelas. Você podia treinar para ser uma Dominatrix ou uma sub, escolha é a sua”.

"Isto quer dizer?”.

Ele se debruçou adiante lentamente, apoiando os cotovelos na escrivaninha enquanto o olhar se aguçava. "Quer dizer, para um período contratado, cher, você se tornaria a amante de um deles. Você rescindiria os direitos pela sua dependência sexual, e em vez disso, deixaria a escolha de sua sexualidade para o Dom que a patrocinasse. Um acordo de negócios muito simples. A pergunta é, o seu carinho pelo clube é sério ou mera diversão? Diversão pode ser achada em qualquer lugar”.

Morganna o encarou tranquilamente. Isto podia ser a chance que o time estava esperado. Se ela levasse a oferta para o chefe, isso poderia assegurar que ela permanecesse no time.

"Eu notei que nos últimos dois anos você não solicitou um quarto privado, e pelas aparências, as suas visitas ao Sr. Tyler não têm sido produtivas”, Masters assinalou. "Você é uma mulher primorosa, Morganna. Tem fogo e paixão. A aluna perfeita para qualquer nível que o seu Dom te colocar. Qualquer que seja, você aprenderia exatamente o que precisa para se superar dentro dele”.

Que diabo era isto? Escola para perversão?

"A escolha é sua”. Ele encolheu os ombros negligentemente enquanto se debruçava de volta na cadeira e a observava atentamente.

"Eu escolho o meu Dom?”, ela perguntou.





"Sim, escolha". Ele movimentou a cabeça. "Mas se a relação não funcionar por qualquer motivo, então ele poderá colocar o seu contrato em licitação se você não puder comprá-lo pagando uma quantia em um tempo especificado. Em outras palavras, minha querida, você será leiloada".

"Isto é ilegal. Não há nenhum modo de me obrigar a isto".

"Você não viu os meus contratos. Nem viu os homens que irão apoiá-los se você decidir me processar. Não tenha dúvidas, cher, eu me protegi bem".

"Clint sabe sobre isso?", o conhecimento dele definitivamente causaria uma explosão.

"Claro, ele tem a sociedade completa".

Ela agitou a cabeça e sorriu cinicamente. "Você não conhece Clint; ele nunca permitiria isto. E ainda que o fizesse, ele falaria para o meu irmão e traria o inferno a mim".

"Seu contrato proibiria isto. Confie em mim, McIntyre não vai querer perder a sociedade dele fazendo tal coisa. Eu não cobri apenas o meu traseiro, Morganna, mas também o seu".

Morganna o encarou de volta com surpresa. "O que quer dizer?".

"Eu não seria contra te patrocinar eu mesmo". O olhar foi sobre ela novamente, a cor de musgo escurecendo com consciência sexual. "Mas a escolha é sua".

Interessante. Morganna se sentou de volta na cadeira, forçando a esconder o nervosismo que se movia dentro dela. Havia tanto dentro dela que seria capaz de iluminar uma cidade se isto fosse elétrico.

Se Clint era considerado uma ótima captura pelas mulheres nos clubes, então Drage Masters era considerado a última meta. Tão última que quase não pensavam nele já que ele simplesmente nunca parecia interessado.

E os níveis mais baixos do clube estavam apenas refletidos acima. Até Joe não estava certo do que acontecia lá, Porque até agora, ninguém tinha ao menos admitido que eles fossem lá. Eles eram como uma lenda urbana.

"Então eu posso financiar a minha própria -"

"Você pode financiar a sua aplicação", ele emendou. "Apesar de que, honestamente, ninguém é admitido sem patrocínio de algum tipo. E para você, exigiria patrocínio sexual".

"Porque eu sou uma mulher?".

Ele inclinou a cabeça de acordo. "Não é politicamente correto, estou ciente, mas...", um sorriso sensual e carnal curvou seus lábios. "Um fato, todavia".

"Machista", ela murmurou e amaldiçoou a própria língua.

A resposta dela encontrou uma risada. "Mover toda essa energia seria um prazer, Morganna", ele disse momentos mais tarde. "Aprender como botar arreios nessa energia sexual pode ser bom para você. Te ajudará a equilibrar o resto de sua





vida, te ajudar a se focar”.

Oh, ela apostava que faria.

Isto era uma droga. Ela não sabia nada sobre Drage Masters, não tinha nada para se apoiar exceto a reputação dele e os detalhes escassos que Joe tinha conseguido surrupiar. Não era o suficiente para dar confiança.

"Deduzo que não há opção para aqueles que não têm nenhum patrocínio, não é?", ela ergueu uma sobrancelha em questionamento.

"Tristemente, não". Os lábios dele se apertaram. "E as restrições de tempo são bastante rígidas também. Eu precisarei saber antes que você deixe a minha sala para que assim eu possa informar o meu pessoal da segurança de sua condição”.

Oh, grande. Os olhos dela desviaram para os monitores, pegando um vislumbre de Clint para que assim ela pudesse dar uma olhada feia para ele.

Os olhos dela se abriram enquanto o via, mas agora mais com apreensão do que com raiva. Ele estava vindo na direção do hall, as sobrancelhas franzidas, fúria brilhando nos olhos.

"Sim, eu esperava que ele aparecesse", Drage murmurou.

"Babaca", ela murmurou enquanto um punho pesado batia na porta.

"Sua escolha?", Drage perguntou a ela. "Tenho medo, cher, de que estamos sem tempo”.

"Ele pode rescindir o pedido que fez antes?", tinha que haver uma saída disso.

"Ele pode". Os lábios de Drage se contraíram. "Mas eu ficaria surpreso se ele fizesse. Clint raramente muda de ideia”.

"Sim, isso é novidade". Ela vacilou quando a próxima batida foi bem sucedida, alta o suficiente para trazer uma carranca para as feições escuras de Drage. Ele se debruçou adiante, apertando um botão no painel do controle pequeno, então olhou fixamente para a porta com expectativa enquanto ela se abria devagar.

Morganna sentiu um calafrio quando Clint entrou. A aura de perigo que surgiu no local era quase física. Os olhos azuis profundos dele estavam quase pretos, o corpo alto estava tenso, preparado. Para uma briga.

"Noite, Clint", Drage disse lentamente. "Eu assumi que nós tínhamos concluído nossos negócios mais cedo”.

"Por que ela ainda está aqui?", gelo pingava de sua voz.

Drage se debruçou de volta na cadeira enquanto girava o olhar para Morganna. "Eu estava a informando de seu pedido enquanto também falava das escolhas possíveis”.

"Não existe nenhuma escolha". Clint andou pelo cômodo, o olhar cortante para Drage. "Eu fiz um pedido”.

"Seu pedido foi que ela fosse imediatamente excluída dos clubes, e eu decidi que isso exigia que eu desse a ela a oportunidade de uma contra proposta. Nós estávamos discutindo os detalhes”.





"A contra proposta é?".

Morganna prendeu a respiração com a voz tranquila e incrivelmente gentil de Clint. A situação estava chegando a um ponto explosivo, e ela sabia disto.

"Patrocínio, claro". Drage ergueu a sobrancelha como um arco. "Ela estava justamente tomando a decisão. Não estava, Morganna?".

Ela estreitou os olhos para Drage. Ela podia fazer isto? Era o que ela queria o suficiente para permitir a outro homem que a tocasse, a abraçasse?

Ela examinou Clint. Duro. Frio. Ela tinha esperado por ele por dez anos, e o melhor que ele podia fazer era arrancá-la de uma operação que ela tinha dado muito duro para conseguir. Ele não a queria o suficiente para arriscar aquele pedaço de gelo que ele chamava de coração. E tudo isso depois de acabar com a mente dela depois de um orgasmo que ela ainda não tinha se recuperado.

Ela cerrou os dentes. Ela não era uma virgem. Outros homens podiam excitá-la. Ela já tivera outros amantes antes; poderia fazer isso novamente.

"Eu precisarei de um período de ensaio. Três noites", ela pechinhou. "Para estar certa de que nós nos adaptaremos".

Ela podia sentir o estômago se apertar com medo ao pensar em outro homem a tocando, mesmo um tão bonito e obviamente sensual quanto Drage Masters.

Ela se preparou ao pensar nas mulheres morrendo por causa daquela droga. Os retratos, os vídeos, as vidas que isso estava destruindo.

Ele inclinou a cabeça de acordo. "Uma dama cautelosa. Eu posso fazer isto".

"Então eu concordo".

"Nem fudendo".

Capítulo 8

Antes que Morganna pudesse lutar, ela estava sobre o ombro de Clint. "Maldição, Clint McIntyre", ela gritou com ira enquanto ele partia do escritório.

Ela chutou contra o aperto dele, batendo os punhos nas costas dele até uma mão dura dele bater no traseiro dela.

"Isto está ficando tão chato". Ela resistiu, tentando se soltar novamente, apenas para gritar em afronta quando a mão dele aterrissou na bunda dela novamente.

Ela segurou as mãos nas costas dele para tentar ter uma visão do salão. Onde diabo estava Clete quando se precisava dele?

Clint moveu os ombros, acabando com a pose dela enquanto ela saltava no aperto dele, gritando em afronta.

Ela bateu no traseiro dele com ambas as mãos. Ele não fez nada além de vacilar, mas ela o fez. A mão que caiu sobre o traseiro dela deixou-a queimando. Direto até a buceta.





Morganna deu um grito de frustração e raiva pura quando o ar fresco encontrou o final das costas dela e as portas se fecharam atrás deles.

Ele se movia em um passo duro e largo, comendo o chão, obviamente a ignorando enquanto ele se dirigia ao estacionamento. Dentro de segundos eles estavam na caminhonete dele e ela estava caindo no banco.

Enquanto ela se movia para sair, as mãos dele agarraram os ombros dela, batendo as costas dela no banco.

Ela o encarou chocada. Não a havia machucado, mas a fúria contida no movimento fez o coração dela correr, os olhos se alargarem, enquanto ela o encarava de volta. "Se você se mover, será fodida. Aqui mesmo. Agora mesmo. Na frente de Deus e todo mundo. Você está me entendendo?", a voz dele pulsava com poder; os olhos queimavam com raiva.

Morganna tragou firmemente antes de anuir com a cabeça. Havia casos em que não se podia desafiar Clint. Essa era o último desses casos.

O veículo saiu do estacionamento, deixando marca de pneu no chão enquanto Morganna lutava para afivelar o cinto de segurança e esperava pela explosão próxima. Não havia nenhuma dúvida de que ele iria gritar. Clint estava sempre gritando quando ficava puto.

Quando ele não disse uma palavra, nem uma sequer, em cinco enervantes minutos, ela arriscou um olhar na direção dele. Ele tinha prendido a atenção no volante com ambas as mãos, os olhos fixamente voltados para frente, a expressão proibitiva.

Então por que ele não estava gritando?

"Me expulsar não muda nada".

"Abra a sua boca novamente e eu juro por Deus que colocarei uma mordança de bola na sua boca".

Morganna vacilou. Deus, ela nunca tinha ouvido a voz dele assim. Baixa, brutal. Não deixando absolutamente nenhuma recusa.

"Me amordaçar não mudará nada", ela assinalou razoavelmente. "Eu não sou uma criança que você pode ficar mandando, Clint".

Ele não falou. As mãos se apertaram no volante até que ela se perguntou se o volante acabaria arrebitando com a pressão.

"Eu tenho vinte e seis anos de idade", ela continuou suavemente. "Você não tem o direito de fazer isto. Nenhum. Você devia ter trabalhado comigo-"

Ela respirou roucamente enquanto a caminhonete fazia uma curva dura, entrando em um estacionamento onde ela jurava havia duas rodas.

Clint não falou. Ela não teve nenhuma advertência antes que o cinto de segurança dele fosse solto, e o dela. O primeiro sinal de que ele finalmente tinha perdido o controle tinha vindo quando ele colocou a mão no cabelo dela, puxou-a para ele, e inclinou os lábios sobre os dela.





Morganna lutou, lutou contra o beijo, por um segundo completo. Talvez. Os lábios dele eram duros e queimavam, a língua pressionando entre os lábios dela, lambendo-a antes que os dentes mordessem fazendo demandas e ele gemesse. Um gemido vindo do fundo da garganta, um som carnal de desejo.

Os lábios de Morganna se abriram para ele, afundado as mãos no cabelo dele enquanto ele a puxava para mais perto, então a abaixaram até que as costas dela se encontraram com o banco.

Bancos de carros. Você tem que amá-los.

Então qualquer outra coisa que ela pudesse pensar sumiu. O beijo de Clint mudou; despiu sua mente, encheu seus sentidos, e roubou sua razão. Ele devorava os lábios dela, sugava-os, afundava neles, a língua passava por eles, entrelaçando com a dela enquanto ela gemia com o beijo.

O prazer passou por ela enquanto o calor envolvia seus sentidos. Os lábios dele eram aveludados, ásperos e exigentes, a língua era carnal, saboreava-a enquanto os lábios dele comiam os dela.

Ela estava sendo consumida por ele. Cada nervo de seu corpo sentia a possessão e se divertia com isto. Prendendo as mãos no cabelo dele, ela arqueou para mais perto, apertando o couro dos seios no peito dele, gemendo com a necessidade de sentir a carne contra a dele. Os mamilos ásperos contra o pelo grosso do tórax dele.

"Eu te disse para se calar", ele murmurou, arrastando os lábios dos dela, os dentes ásperos se juntando no pescoço enquanto ele descia por ele.

A mão livre dele se moveu entre eles, soltando o cinto, tirando-o antes de ir para o fecho da calça de couro. Uma vez que a roupa estava aberta, a mão dele se moveu mais para cima no corpo dela.

Uma mão a mantinha contra o banco; a outra agarrava a extremidade finas e elásticas do couro sobre o colete e as puxou. Elas se juntaram sobre os mamilos, enviando ondas ofuscantes de prazer que deslizavam pelos pontos duros e dourados.

Ela estava usando as correntes finas de ouro que tinha comprado para usar no piercing, deixando-as oscilar entre os mamilos eroticamente em vez de fechar a junção entre as duas argolas que balançavam abaixo dos montes duros.

"Deus. Essa tem que ser a visão mais sensual no mundo".

A mão dele circulou o montículo, erguendo-o enquanto a encarava, os olhos dele reluzindo sob a luz escura do estacionamento.

Os lábios dele estavam inchados, separados, enquanto respirava asperamente. Os olhos estavam estreitados, as maçãs do rosto ásperas enfatizavam a tensão em sua expressão.

Ela se arqueou para ele, precisando dos lábios dele nela, a língua dele, sentir as bochechas dele sugando a carne sensível.





Em vez disso, os dedos polegar e indicador agarraram o ponto, apertaram, fazendo os sentidos acordados dela explodirem com calor e prazer.

Morganna clamou, contorcendo embaixo dele enquanto o tiro de dor e prazer a percorria. Isto era prazer. A extremidade sombria da ferocidade, uma fome que não podia ser controlada. Crescia dentro dela como um demônio, revolvendo seu útero com dedos impiedosos, convulsionando sua vagina com os tremores de advertência do orgasmo se aproximando.

"Eu gosto dos anéis dos seus mamilos, Morganna", ele sussurrou enquanto ela o encarava cegamente. Os dedos dele se moveram dos mamilos dela, agarraram as correias de ouro, e se arrastando sobre elas suavemente.

A cabeça dela se moveu no banco áspero da caminhonete, um gemido passando por ela.

"Tão quente e pronta", ele sussurrou. "Você ficaria quente assim com Drage, Morganna? Um toque dele faria seu corpo se contorcer em necessidade?"

"Não. Oh, Deus, Clint. Você. Eu preciso de você". Ela já tinha passado da hora das mentiras. Ela sabia que lamentaria, sabia que Clint iria destruí-la com o próprio corpo dela, mas neste momento nada mais importava além do toque dele.

"Maldição. Maldita seja você por fazer isso comigo". Ele podia condená-la, mas sua cabeça se abaixou, os lábios cobriram o ponto firme e queimaram-na com a sensação.

"Oh, Deus. Sim". O chicote de calor passou pelo corpo dela e a deixou ofegando.

O calor da boca úmida dele sugando, a língua passando pela corrente de ouro nos mamilos, era quase insuportável. Ela se contorceu contra ele, não sabendo se precisava se aproximar ou se afastar dos impulsos elétricos de prazer que atingiam severamente seu útero enquanto a outra mão dele deslizava para suas calças.

Os dedos dela se apertaram no cabelo dele enquanto ela sentia os dedos dele sobre o broto inchado de seu clitóris. Ela estava molhada. Tão incrivelmente molhada que os dedos dele afundaram em seus fluidos enquanto deslizavam pela racha estreita que os aguardava.

Ele brincou com ela. Brincou com sua excitação. Ele circulou a abertura pulsante de sua vagina com movimentos firmes com as pontas dos dedos. Os quadris se contorcendo, os gemidos dela ecoando na própria cabeça, Morganna lutava pela penetração. Oh, Deus, ela precisava da penetração.

"Por favor, Clint". Com certeza ele não seria tão cruel ao ponto de negar. Deixá-la tão perto e depois dar para trás.

"Tão doce e quente", ele murmurou contra o seio dela.

"Pelo amor de Deus, Clint, por favor...", um grito estrangulado saiu da garganta dela. Ele não a tinha penetrado com apenas um dedo. Ele tinha usado dois. Lentos. Fáceis. Estirando-a, queimando-a. Ela sentiu sua buceta convulsionando ao redor





dos dedos dele, sentido o orgasmo perto, tão perto.

"Você precisa de mim, neném?", a voz dele era áspera, espessa, cortante e com a mesma fome que a consumia. "Diga para mim o que você precisa, Morganna".

"Você".

"Qual parte de mim?".

"Tudo de você, Clint", ela clamou enquanto os dedos dele se dobravam dentro dela, correndo mais fundo antes de se retirarem. "Por favor. Tudo..."

Ele foi para dentro dela, uma dura e longa empalada que fez os quadris dela se erguerem, o corpo dela alcançando o orgasmo. Ela podia senti-lo chicoteando nos seus nervos, viajando pelo seu sangue e batendo em sua cabeça.

"Filho da puta". Antes que ela pudesse entender a deserção súbita, Clint estava saindo de dentro dela. Os dedos vieram das profundidades que se contorciam de sua buceta enquanto ele empurrava o couro de volta sobre os seios dela e erguia os olhos. A expressão estava apertada enquanto ele encarava além da janela.

"Clint, aqui é o Oficial Zane Roland. Tudo certo aí?", havia um tom de suspeita, de diversão, na voz além da porta.

"Vamos". Clint se ergueu dela, depressa a ajudando a se sentar antes da batida na Janela fazer sentido para ela.

Ele abaixou a janela o suficiente para ter um vislumbre do oficial de polícia de pé do lado de fora antes de abaixar pela metade.

"Pensei que fosse você, Clint". Surpresa, surpresa, ele conhecia a polícia, também.

A expressão estoica do oficial se abriu em um sorriso apologético por um momento.

"Nós estamos indo, Zack", Clint respirou roucamente, passando os dedos pelo cabelo enquanto dava ao oficial um sorriso torto. "Desculpe pelo transtorno".

"É compreensível". Zack concordou com a cabeça, dando uma olhada para Morganna enquanto ela retribuía o aceno. "Apenas achei que deveria checar para ver se estava tudo certo".

Clint anuiu com a cabeça abruptamente. "Você está certo; isto foi realmente tolo". Ele olhou de relance para Morganna, mas seu olhar não estava bravo agora; estava... perplexo talvez. "Ela vira a cabeça de um homem".

"Percebi", Zane riu. "Te vejo por aí, Clint, cuide-se".

"Sim. Eu farei isto", Clint murmurou enquanto apertava o botão do vidro elétrico.

Morganna estava ainda lutando para respirar, tentava reunir as emoções e os sentidos, quando Clint colocou a caminhonete na rua ao sair do estacionamento, voltando para o tráfego, ela se moveu para arrumar as calças.

Ele não tinha que adverti-la para que mantivesse a boca fechada agora; ela não achava que pudesse formar um pensamento coerente, ou muito menos falar.





O que ela iria fazer com Clint? O corpo dela acordava para ele com nada além de um olhar, e o que os beijos dele faziam com ela deveria ser ilegal. Provavelmente era ilegal.

Ela olhou através do pára-brisa até que virou para entrar na casa dela, em vez do apartamento dele. Ela respirou lentamente, tentando se recompor, tentando ignorar a dor que podia sentir agora.

Ela tinha a sensação de que ele não tinha nenhuma intenção de se juntar a ela na cama. Era como uma repetição daquela manhã, com exceção do orgasmo. Ela definitivamente ficaria cheia de desejo hoje à noite.

"Nós precisamos conversar". A raiva não estava lá, apenas a dor, a tristeza que às vezes percebia nele.

"Nós tentamos esta manhã. Não deu certo". Envolver o próprio braço com o corpo não ajudava em nada a acalmar a dor vazia dentro de si. "Além disso, Clint, você não conversa; você ordena, exige ou comanda. Quando isso não dá certo, você faz fofoca. Por que nós devemos parar com o hábito agora?"

"Deus, Morganna, você não tem nenhuma ideia de com o que está se misturado". Ele suspirou, o cansaço na voz acertando a consciência dela. Ela sabia que ele tinha dormido na caminhonete a noite anterior e que não podia ter sido tranquilo.

"Eu não posso me sentar em uma estante e ficar esperar por você ou Reno decidirem me tirar para uma visita", ela sussurrou, engolindo em seco. O vazio se mostrou diante dela, anos sozinha, se ela não fizesse algo para mudar isto. E Deus sabia que ela estava tão cansada de estar sempre só.

"O que acontece com casamentos? Crianças?", ele disse com a voz rouca. "O que você está fazendo vai acabar te matando".

"Você está me pedindo em casamento?", ela perguntou enquanto ele parava na frente da casa.

"Isto não é uma piada". Ele virou a cabeça, olhando fixamente para ela enquanto estacionava a caminhonete.

"Não, não é". Ela agitou a cabeça sombriamente. "Porque não me importaria se você estivesse me propondo, Clint. Eu descobri o que quero fazer". Ela o encarou de volta. "Eu descobri uma coisa em que acredito. Algo que me dá um propósito. E não desistirei disso por você. Não daria certo se eu fizesse. Porque, honestamente, você não me quer, para falar a verdade não. Não importaria se você fodesse a mim ou aquele ruiva hoje à noite. Nós duas seríamos a mesma coisa aos seus olhos. E eu preciso mais de um amante do que isto".

"E você acha que Drage Masters vai te dar mais do que isso?", Clint perguntou surpreso. "Você acha que pode vender a alma ao diabo e depois sair andando como se nada tivesse acontecido, Morganna?"

"Então rescinda o seu pedido que eu seja expulsa dos clubes", ela disse





suavemente. Ela não estava mais brava. Estava cansada. Cansada de amar um homem que não precisava dela. Que não a queria verdadeiramente. "Não tire isso de mim, Clint. Eu trabalhei muito duro e por muito tempo. Não me force a escolher desse jeito".

"Você brincaria de prostituta para ele?", ele fez uma carranca para ela, a expressão pesada, fixa.

"Eu tenho que achar uma vida, Clint. Um amante. Alguém que veja algo em mim diferente de a irmã do melhor amigo ou uma responsabilidade da qual ele não pode fugir desta vez", ela assinalou, sentindo dor por dentro. "Eu amo você. Sempre amei. Desde que posso me lembrar. Mas eu não posso continuar esperando por um homem que não me respeita nem o suficiente para trabalhar comigo. Um homem disposto a roubar anos da minha vida por seu próprio egoísmo. Eu trabalhei para esta tarefa. Eu treinei para ela. E você me tirou dela como se o que eu quisesse, o que eu precisasse, nem ao menos importasse".

Ele não disse nada em defesa própria, nenhuma explicação, nenhuma negação. A dor comeu o coração dela assim como os anos que ela tinha desperdiçado.

"Adeus, Clint", ela sussurrou. "Apenas dizendo adeus. Eu não preciso de uma babá; eu preciso de um amante que está disposto a se importar comigo. Drape pode não me amar, mas está disposto a colocar um esforço em alguma pequena parte de mim. Isto é mais do que você já fez".

Ela pegou a maçaneta para abrir a porta quando Clint pegou seu braço. Dando uma respiração funda, ela olhou de volta para ele.

Os olhos dele queimavam no rosto, a expressão em pedaços e, pela primeira vez, refletindo as emoções contraditórias que ela sempre tinha sentido que o corroíam por dentro. As emoções que ela teria saltado de alegria se tivesse visto nos anos passados. Agora era apenas tarde demais. Clint não podia mudar quem era; de alguma maneira ela sempre tinha sabido disto, sempre tinha sentido. Ela sempre tinha mantido as confrontações leves, se impedindo de forçar muito, por causa desse conhecimento instintivo.

Ela não podia lutar mais. Ela não podia mais lutar com ele.

"Eu me importo...", as palavras pareciam rasgá-los. Elas partiam o tórax dele, e fatiavam seu coração com golpes agonizantes.

Erguendo a mão, ela tocou na bochecha dele. A barba crescendo era sensualmente áspera sob as pontas do dedo, enviando uma fome dolorida pulsando por todas as partes do corpo dela.

"Não é o suficiente", ela sussurrou chorosa. "Não é o suficiente para nenhum de nós, Clint".

Ela se soltou dele antes de saltar da caminhonete e subir os degraus de cimento para o jardim. Agora era uma hora tão boa quanto qualquer outra para dizer adeus.





Capítulo 9

Clint pendeu a cabeça, a mandíbula cerrou, a cabeça latejando com uma necessidade que arruinava seu corpo. E ele estava sentado aqui nesta maldita caminhonete deixando-a ir embora, deixando-a desistir dele. Inferno, ele nunca a tinha deixado desistir, ele percebeu. Ele a tinha empurrado com uma mão e puxado nas costas com a outra, e torturado a ambos com a excitação que ela causava no sangue dele.

Ninguém podia afeta-lo como Morganna, e ela o apavorava por causa disto. Apavorava porque ele sempre soube que algo batia selvagem e livre dentro dela. Ela precisava de um homem que pudesse fazer frente ao lado dela. Ela precisava de um homem ao lado dela e não um que ficasse na sua frente.

E Clint precisava ficar na frente dela. Ele precisava protegê-la, ser como um escudo para ela. O pensamento de perdê-la para sempre... Deus, isso o estava matando.

Ele gemeu, um som baixo e partido, que o chocou. Ela estava desistindo dele. Ele percebeu na voz, e isso o afetava mais do que ele já poderia ter imaginado. Afetava-o sim, inferno. Ele não podia aguentar.

Clint abriu a porta abruptamente e saiu da caminhonete, andando a passos largos depressa para os degraus de cimento da casa. Ele estava para cometer o maior engano de sua vida. Ele iria arriscar a chance de destruí-los, e sabia disto.

A porta da frente estava aberta, mas nenhuma luz estava acesa. Enquanto Clint se aproximava da varanda, todos os instintos que ele tinha ganhado como um SEALs estavam totalmente em alerta.

Ele ouviu o grito rápido de Morganna, o som de algo se partindo, e o medo o rasgou. Ele foi apressado para casa, o olhar depressa a achando. Por um momento, um segundo ofuscante, Clint soube que a tinha perdido para sempre.

A luz escura parecia brilhar em torno das duas figuras. Uma forma alta e mascarada atrás dela. Um punho de couro estava cerrado no cabelo dela, jogando a cabeça dela para trás enquanto a outra mão se erguia, a lâmina de uma faca cintilando na escuridão enquanto Clint se apressava para eles.

A mente dele trabalhava enquanto ele ia apressado até ela. A determinação no rosto dela, a falta de medo dela enquanto seus braços surgiam, curvados, o cotovelo dela batendo na boca do estômago de seu atacante enquanto ela agarrava o pulso dele e o curvava com ambas as mãos.

Clint conseguiu agarrar o braço dela, empurrando-a para as costas dele e se jogando sobre o atacante. O som de uma faca caindo no foi seguido por uma maldição pesada enquanto Clint se apressava.

A ira se transformou em fúria e medo; a visão de Morganna a milímetros da





morte enviou uma luz vermelha na frente das vistas de Clint.

Antes que ele pudesse bater no corpo do atacante, antes que seus punhos pudessem acertar ou que a ira por sangue pudesse achar uma saída, a forma na escuridão se jogou pela janela atrás dele.

O quebrar do vidro e o gemido do sistema de segurança da casa gritavam na cabeça de Clint enquanto ele pulava pela janela, jogando-se no chão quando um som de tiro soou perto dele.

"Seu filho da puta", ele grunhiu enquanto se jogava para o lado, ficando abaixado e se apressando para a frente da casa.

"Arma". Morganna estava esperando na entrada, com uma calibre .45 nas mãos.

"Vamos".

Ele tinha que tira-la de lá. Se o intruso era um assassino, definitivamente teria algum auxílio. Clint agarrou o braço dela enquanto ele colocava a arma na mão e a puxava da casa.

"Fique abaixada". Clint puxou Morganna para seu lado enquanto ele se movia em uma corrida para a caminhonete, se apressando para tirá-la da linha de fogo.

As luzes estavam enchendo as casas ao redor da casa de Morganna agora, e ele sabia que a polícia estaria a caminho Logo. Abrindo a porta do motorista, ele a colocou para dentro antes de fazer o mesmo.

"Desça". Ele a empurrou para baixo no banco enquanto virava a chave na ignição e pisava fundo no acelerador.

A caminhonete saiu do estacionamento, seguido o som de balas contra o lado dela.

"Eu vou arrancar as tripas dele se o achar", Clint grunhiu por causa do dano em sua caminhonete. "Bastardo maldito. É uma caminhonete nova".

Ele virou o volante enquanto contornava a esquina, descendo a rua e acelerando rumo à interestadual.

Morganna não disse uma palavra.

Clint olhou de relance para ela, vendo seus olhos largos, o rosto pálido, enquanto ela se enrolava na cadeira, a cabeça deitando próxima a coxa.

"Você está bem, neném?", uma mão saiu do valente, descendo pelo braço dela, a barriga, o quadril. "Ele te cortou em algum lugar?".

Clint se debruçou sobre ela, verificando se ela tinha algum ferimento enquanto corria para longe das ruas residenciais. O medo de pensar nela ferida, sangrando, fez as entranhas dele se revirarem em horror.

"Eu estou bem". Ela estava estremecendo, tremendo com o choque. "Nenhum corte. Alguns arranhões. Estou bem".

Ele se endireitou, pegou o celular no quadril, e apertou o botão de discagem rápida para Joe Merino.





"Aqui é Merino. Nós recebemos um relatório de um distúrbio-", a voz de Merino era frenética.

"Eu tenho Morganna", Clint ralhou. "Ela foi atacada quando estava entrando em casa. Maldito novato. Ele não esperava que ela lutasse".

"Há algum corpo?"

"Negativo. Nós estamos tentando disfarçar. Nós te contataremos as zero oitocentas horas¹⁷ da manhã".

"Merda", Joe grunhiu. "Eu contatarei você se eles acharem qualquer coisa na casa, e notifique o oficial em serviço que o dono da casa está seguro. E, Clint?"

"Sim?"

"Nós tivemos outra menina drogada hoje à noite. Ela estava sendo levada pela porta da parte de trás quando um dos seguranças de Masters viu e foi investigar. O bastardo caiu fora".

"E a menina?"

"Situação crítica. Ela está no hospital agora, é bem pequena e a dose foi boa. Ela pode não aguentar".

Clint tomou a saída para a interestadual, os olhos estreitados enquanto verificava o espelho retrovisor. Seria impossível dizer se eles estavam sendo seguidos até que conseguissem ficar mais distante da cidade.

"Eles estão procurando pelo próximo alvo agora". A mandíbula de Clint cerrou com o pensamento.

"Meu intestino está revirando aqui, e eu sei que o seu também está. Nós não temos muito tempo aqui. O que você descobriu hoje à noite?"

"Nada demais". Apenas soube que cada maldito Dom naquele clube colocaria seu nome no sorteio no caso de Morganna pedir patrocínio, mas isso não tinha nada a ver com as drogas ou com o alvo.

"Morganna está bem?", Joe respirou asperamente através da linha, obviamente ciente de que essa não era uma discussão Clint que estava pronto para ter.

"Ela está bem". Enrolada ao lado dele como um gatinho. "Descubra o que puder; nós conversaremos mais tarde".

Ele desconectou o telefone antes de colocá-lo de volta no cinto e afrouxou o pé no acelerador. Ele manteve um olho no espelho retrovisor enquanto o tráfego começava a diminuir e eles se aproximavam da saída seguinte que ele estava procurando.

"Vou achar um hotel pela noite". Ele afundou a mão no cabelo dela, acariciando seu couro cabeludo. Ele precisava tocá-la, saber que ela estava viva.

Ele a sentiu concordar com a cabeça.

¹⁷ Oitocentas horas - oito horas na gíria militar.





"Nós acharemos algum lugar com serviço de quarto. Você precisa comer, descansar. Nós vamos pensar sobre tudo amanhã".

"Alguém sabe", ela sussurrou. "Eu sei que eu não dei na pinta, Clint. Eu sei que eu não pisei em falso. Nós não estamos nem perto de descobrir quem está distribuindo aquela droga. Tudo o que nós pegamos foram três negociantes, e eles não tinham nenhuma ideia de que eu estava envolvida".

Clint tragou firmemente. Ele concordava. Não havia nenhuma razão para um atentado contra ela, não agora, não ainda. A menos que os distribuidores estivessem cientes de que ela estava por detrás das prisões dos negociantes. E se alguém da família Fuentes estivessem ainda por detrás da operação da droga, então seria uma questão de satisfação pessoal tirar Morganna da jogada.

"Nós pensaremos nisto". Ele não podia parar de tocá-la. Mesmo quando ela tinha se movido para se sentar reta, ele tinha empurrado as costas dela.

"Fique abaixada por um pouco mais de tempo", ele sussurrou. "Se eles estiverem procurando por nós, estarão procurando por um homem e uma mulher juntos, não um homem sozinho. Nós estaremos no hotel logo".

A mão dela estava sobre o joelho dele enquanto a cabeça dela descansava sobre a coxa dele.

"Eu estava assustada", ela sussurrou. "Fico feliz por você ter voltado".

Ela não parecera assustada. Determinada. Desafiante. Mas não parecera assustada.

"Eu nunca parti". Ele manteve os olhos entre o pára-brisa e os espelhos, o corpo tenso enquanto assistia o tráfego que vinha até eles.

Ele não podia pensar sobre isso agora. Não podia pensar como aquela faca tinha ficado perto da garganta dela, como ela facilmente podia ter morrido diante de seus olhos. Ele não podia admitir a si mesmo, não ainda, que quase tinha falhado com ela.

Ele diminuiu a velocidade e os carros atrás deles passaram. Ele acelerou e eles ficaram para trás. Não havia nenhum sinal de que eles estavam sendo seguidos, que alguém se importava de uma forma ou de outra com a picafe cinza de cabine estendida rumo à próxima rampa de saída.

O ataque na casa de Morganna tinha sido malfeito, mas isso não significava que ele não pudesse localizar a ela e a Clint. A única coisa que tinha salvado Morganna era que o atacante não esperava uma briga. Ele esperava uma vítima. E ele não esperava Clint. A vantagem da surpresa tinha estado do lado deles. Desta vez.

"Se eu te perdesse...", ele tragou firmemente, a garganta apertando com o pensamento enquanto a mão dela apertava seu joelho.

"Eu estou bem". Mas ainda estava tremendo; a voz dele estremeceu. "Um milagre". Ele continuou dirigindo. Ele sabia aonde estava indo, mas estava determinado a aproveitar o tempo até chegar lá.





"Bem, eu tenho que admitir, não foi nada bom por um minuto". A risada dela era trêmula enquanto esfregava a bochecha contra a coxa dele.

Os dentes dele cerraram com a vibração de prazer que ecoou em seu pau rapidamente desperto. Deus, ele não conseguia mantê-la a cabeça fora das calças por tempo suficiente para deixá-la em segurança.

Esse era um dos maiores pesadelos dele, essa necessidade por ela, a fome, podia afetar seu melhor julgamento, seu treinamento. No momento, tudo o que ele podia pensar era em levá-la para um hotel, fechar a porta para o mundo atrás deles, e afundar no calor suave e devastador entre as coxas dela. Ele tinha que se assegurar de que ela estava viva, respirando, inteira.

Ele a queria ouvir gritar para ele. Ele queria saborear a doçura suave que corria daquela buceta apertada e ficar bêbado com o gosto dela.

Ele lambeu os lábios, apertou a mão no volante, e fez outra curva. O olhar dele nunca ficava quieto; o olhar avaliava cada veículo que ultrapassava, casa flash de faróis em seu espelho retrovisor. Os sentidos dele estavam tão alerta quanto ficavam em modo de combate, apesar da excitação. Pelo menos até agora.

"Por que você entrou na casa? Eu pensei que você estivesse partindo". Ela de repente fez a pergunta que ele estava desejando que ela não fizesse.

Clint inalou asperamente. Ele podia sentir as faixas invisíveis de aço apertando ao seu redor com o conhecimento de que não importava o que ele se dissesse ao longo dos anos. Ele não podia sair de perto dela.

"É uma boa coisa eu não ter feito", ele grunhiu, os dedos abundantes na massa espessa de cachos dela. "Você estava se segurando bem, neném, muito bem. Mas ele era melhor do que você".

"Não brinca", ela suspirou. "Mas você não respondeu a minha pergunta".

Silêncio encheu a caminhonete. Ele fez uma nova curva enquanto voltava para a interestadual.

"Eu não podia ir embora", ele finalmente respirou roucamente. "Eu não podia".

"Por quê?".

Ele sabia o que ela precisava ouvir, sabia o que ela queria. Ele olhou ferozmente para as placas ao longo da rodovia que mostravam a ele seu destino.

"Isso eu não posso responder, Morganna", ele exalou roucamente. "Você estava certa mais cedo, acho. Você merece algo melhor. Mas talvez, nós dois mereçamos saber aonde isso pode ir, também".

Ela endureceu por um segundo antes de ele a sentir inalar profundamente. Os tremores ainda corriam pelo corpo dela, mas não eram mais calafrios; ela não estava mais lutando para respirar contra o terror.

"E a operação?".

Ele grunhiu silenciosamente. "Nós trabalharemos junto. Você estava certa sobre isto, também; não era justo tirar isto de você. Mas você seguirá as minhas





regras, minhas indicações. Ponto final”.

"Está falando sério?", a vulnerabilidade na voz dela partiu o coração dele. Deus, como ele tinha sido cruel para ela. Ele a tinha machucado de tantos modos diferentes que a voz dela ecoava com desconfiança.

"Estou falando sério, neném". Ele agitou a cabeça enquanto entrava na garagem do estacionamento ao lado do hotel Sheraton. "Vamos. Vamos reservar um quarto e ver se podemos compreender o que diabo está acontecendo aqui”.

Ele colocou a caminhonete em um dos estacionamentos do nível superior, um canto obscuro entre o elevador e os degraus da entrada protegendo-os de veículos que estivessem chegando.

"Espere um minuto". Ele desceu e esticou a mão para pegar a bolsa de acampamento de emergência que mantinha lá.

Ele tirou a carteira do bolso das costas e a trocou por outra da sacola, então pegou uma placa extra de dentro e se moveu para a traseira da caminhonete. Com um movimento rápido ele estava de volta à cabine e colocando a placa antiga sob o banco do motorista.

"Interessante". Ela estava encarando-o com olhos largos, tempestuosos.

"Deve ser efetivo". Ele encolheu os ombros. "Eles estão procurando por uma placa do município de Fulton, e não de Cobb. Certo?”.

Ele passou o olhar sobre ela atentamente. Não havia sangue, alguns arranhões, e um dos corpos mais magníficos que ele já tinha visto vestido de couro.

Uma pele lisa beijada pelo sol que ele sabia que não precisava dele para escurecer. Longos e soltos cachos descendo pelas costas, caindo ao redor dos ombros. E os seios envoltos por couro e seguro pelas tiras finas eram o suficiente para fazer a pressão sanguínea dele correr. A subida suave da carne sob o tomara que caia o tentava, atraía-o até que a cabeça dele abaixou e ele ouviu a arfada enquanto dava um beijo sobre o seio mais próximo.

Ela era morna e doce, uma generosidade de paixão e necessidade que ele sabia que não poderia negar mais a si mesmo.

Levantando a cabeça, ele a encarou, percebendo que as mãos dele estavam segurando os quadris suaves dela, mantendo-a no lugar enquanto ela se sentava lateralmente no banco.

"Pronta?", ele deu um passo para trás, estendendo a mão para ela.

"Estou pronta". Ela deslizou da cadeira, equilibrando o peso enquanto ela retraía uma respiração funda, a mão segurando a dela firmemente por um momento. "Um pouco trêmula, mas bem". O sorriso foi rápido, nervoso. Mas os olhos estavam ainda grandes para o rosto pálido.

"Vamos então". Ele agarrou o braço dela enquanto a puxava para ele antes de bater a porta da caminhonete. Ele acionou controle remoto do alarme, então se dirigiu aos elevadores. "Há um banheiro à direita assim que sairmos do elevador na





área da recepção. Esconda-se lá. Não há nenhum modo de esconder todo esse couro e esse pequeno corpo cheio de curvas. Arrumarei o quarto e voltarei para você”.

Ela bufou. "E você pensa que é mais fácil de esquecer?".

"Há vários homens de cabelo escuro usando couro por aí", ele a informou. "Especialmente nesta área. Eu tenho o que preciso para pegar o quarto com outro nome e nos esconder por uma noite ou duas até que eu possa compreender tudo. Você, por outro lado... todos os homens respirando notariam essa roupa. É chamativa”.

"Que seja". Ela agitou a cabeça enquanto ele a escoltava para o elevador e apertava o botão da entrada do salão. "Apenas se apresse, Clint, porque acho que já aturei o que podia essa noite”.

Ela já tinha sido forçada além do limite; ele podia sentir. Ela precisava comer, se acalmar e dormir aliviada. Que Deus o ajudasse, ele rezava que poder acalmá-la, mas ele estava com muito medo que assim que a tocasse, todas as apostas acabassem. Ele iria adorá-la em vez disso.

Capítulo 10

Ela se sentia péssima. Morganna colocou um pano suave embaixo da água corrente e lavou a maquilagem manchada do rosto antes de fazer uma careta para o reflexo pálido. Havia um arranhão no pescoço que ela não tinha nenhuma ideia de onde tinha vindo, algumas contusões com marcas de dedos nos braços nus - e apenas Deus sabia se elas tinham vindo de Clint quando ele a empurrou para longe do atacante ou se tinham sido do próprio atacante.

Ela respirou profundamente. Não houvera tempo para ficar apavorada durante o ataque, mas no momento em que Clint havia empurrado-a tirando-a de perto da faca rumo à garganta, ela tinha ficado.

O ataque não fazia sentido.

Ela apoiou as mãos na pia enquanto abaixava a cabeça e lutava contra o cansaço que a lavava. Por todo corpo. Nada nesta operação estava fazendo sentido agora. Por que ela seria almejada agora? E como alguém tinha descoberto que ela estava trabalhando no caso? Apenas o chefe dela, o time de Joe, e agora Clint, sabiam que ela era mais do que uma secretária.

O trabalho na firma judiciária local a tinha levado até a Academia de Execução de Lei, nada mais. Ninguém sabia o que ela estava fazendo. Nem mesmo Raven soube até depois da graduação.

Mas aparentemente outra pessoa sabia que Morganna estava trabalhando no caso.

E o que o atacante tinha dito logo antes de Clint entrar na sala? Algo sobre





retribuição divina? Que diabo era retribuição divina?

Agitando a cabeça, ela soltou o pano na cesta sob a pia antes de lavar as mãos e afastar as sensações dos nervos destroçados através da mente.

Adrenalina. Ela reconhecia, porém era mais forte agora do que já havia sido antes. Sair dela era horrível.

Ela estava tremendo da cabeça até o dedão do pé, pequenas tremedeiras, a consciência exaltada, assim como uma excitação exaltada. Esse agora era diferente. A excitação queimava dentro dela, uma dor inflamada no centro de seu sexo que se recusava a ser ignorada.

"Você perdeu, Chavez", ela disse para si mesma enquanto erguia a cabeça, encarando o próprio reflexo. "Você não consegue aprender a lição, não é?".

Ela sabia que não devia confiar em Clint. Quantas vezes no passado ele a tinha permitido ter esperança, sonhar, E apenas para dar para trás depois?

Mas ele nunca tinha prometido nada a ela antes.

Clint sempre mantinha suas promessas. Ele nunca voltava atrás com a palavra. Pelo menos ele não tomaria esta operação dela. A sensação de realização que a enchia era esmagadora.

"Morganna, você está bem?", a voz de Clint era robusta e ainda assim suave, do outro lado da porta.

"Eu estou bem". Ela retraiu uma respiração funda antes de abrir a porta e dar de cara com ele.

A expressão dele estava preocupada, os olhos escuros no rosto bronzeado, o corpo grande tenso enquanto ele a encobria.

"Eu tenho que tirar este couro". Ela passou por ele e foi para a sala de estar do apartamento que ele tinha escolhido.

"Espero que você tenha algo que eu possa vestir naquela sua bolsa de truques que carrega com você".

"Eu coloquei na cama", ele disse lentamente atrás dela. "Pedi serviço de quarto. Nós teremos algo logo para comer e então você poderá tomar banho".

Morganna se sentou no sofá, soltando uma respiração exausta enquanto abria o zíper das botas altas e as tirava. O prazer passou por ela enquanto o ar fresco envolveu os pés cansados, os músculos com espasmos de relaxamento enquanto ela apertava as palmas dos pés no chão.

"Ah, isso é bom". Ela colocou as botas de lado enquanto lutava para ignorar o fato de que ele estava sem camisa. Que aquele tórax músculo e poderoso estava em exibição e era quase impossível de não olhar.

Além disso, ela não estava aqui para fazer sexo, ela se lembrou; estava aqui porque alguém tinha decidido que a queria morta.

"Acho que o incidente de hoje à noite clareou o fato de que o ataque da outra noite foi apontado para mim". Ela olhou para o chão, determinada a não erguer o





olhar. A não comê-lo com os olhos.

"Alguém sabe o que você está fazendo". Ele entrou no campo de visão dela, as pernas longas encaixadas em um couro apertado. "Mas isto não é suficiente para fazerem um atentado contra você. Craig talvez. Joe definitivamente. Mas não você. Você é apenas uma observadora, e muito fácil de evitar se eles souberem quem você é".

Isso era o que ela pensava.

"Então o que está acontecendo?", ela ergueu os olhos, exausta, sentindo os efeitos das noites anteriores, a excitação, as emoções furiosas com as quais tinha lidado nos últimos dois dias a alcançando. "Por que se arriscar a ser pego? Se eles sabem de mim, então sabem do time. Por que apenas não se mover para outro clube?".

"Arrogância". Ele encolheu os ombros enquanto se debruçava em frente a ela contra a armação da entrada. "Para te tornar um exemplo. Pode haver várias razões e todas podem se aplicar. Ou nenhuma delas". A expressão dele era pensativa, sombria. "Eles tentaram pegar outra menina hoje à noite. Um dos homens de Drage a pegou antes que eles conseguissem leva-la pela entrada dos fundos. Ela foi drogada, e muito".

Os olhos de Morganna ficaram largos com as informações enquanto ela o encarava com choque. "Eles se moveram rápido. Nós acabamos de prender os três suspeitos tentando drogar aquela menina na semana passada".

"Eles têm um horário então", ele meditou. "O golpe me aborrece mais, e o fato de que eles esperaram até que você tivesse partido para drogar a menina".

"Nós nos movemos entre vários clubes em uma noite, o time de Joe não é o único trabalhando nisto. Nós temos três times na força tarefa aqui em Atlanta. O DEA está determinado a acabar com isto agora, antes que a droga vá além. Nós suspeitamos que a venda dos vídeos esteja sendo usada para financiar atividades terroristas, apesar de que não há nenhuma confirmação sobre isto".

"Quantos agentes?".

Ela o encarou com desânimo. "Há quinze agentes no total trabalhando no caso. Mas apenas os times individuais e o chefe conhecem os 'observadores' como eu".

"Observador, uma ova. Você é uma isca. Mas isso não explica o porquê de você ter sido atacada com uma faca em vez da droga".

"Retribuição Divina", ela murmurou, olhando fixamente para ele. "Foi isso o que ele disse logo antes de você entrar na casa. Retribuição Divina".

"Nada mais?", Clint perguntou com brilho nos olhos.

Morganna agitou a cabeça enquanto ficava de pé, incapaz de ficar sentada quieta. Roçando os dedos acima da sobrancelha, ela compassou até a escrivaninha do pequeno escritório no outro lado do quarto antes de parar e deslizar suavemente os dedos contra ela.





"Foi pessoal", ela disse finalmente. "Era possível ouvir isto na voz. Havia um sotaque...", ela fez uma carranca, tentando se lembrar do som da voz do seu atacante. "Eu não consigo imitar".

Deus, ela queria se enrolar nos braços de Clint. O tórax largo parecia amplo o suficiente para abrigá-la, os braços fortes o suficiente para segurá-la. E ela precisava que ele a abraçasse. Ela precisava disso há tanto tempo, e se perguntava por que se ficaria mais acostumada à fome do que ao alívio dela.

"Nós descansaremos neste fim de semana". Ele se endireitou contra a armação da porta, os braços entrando nos bolsos da calça enquanto a encarava. "Você terá que ligar para o escritório que está trabalhando, tirar a semana que vem de folga enquanto trabalhamos nisso. Joe teve uma boa ideia te colocando em clubes assim. Mas a comunidade que ele está lidando é muito mais extensa do que ele pode imaginar a menos que seja parte dela. Segunda-feira nós começaremos a fazermos alguns telefonemas".

"Então você está sério sobre trabalhar nisso junto comigo?".

Os lábios dele franziram. "Enquanto eu precisar te manter longe disso para a minha própria paz de espírito. Quem quer que esteja por trás disso tem a intenção de te arrastar para a confusão. O único jeito de te manter segura é neutralizar a ameaça. Liguei para Drage enquanto você estava no banheiro e o fiz rescindir o pedido de te proibir dos clubes. Você está agora sob patrocínio. Nós sabemos que eles estão atrás de você; nós apenas temos que usar esse fato para fazer armadilhas para os distribuidores". Era mais do que óbvio que ele não estava contente com a situação.

"Você ou Craig serão colocados como compradores?".

"Eu". A voz dele foi um estrondo firme. "Você não fará um papel. Será você mesma. Agora todo mundo já compreendeu que eu estou tão louco por você que quase nem consigo respirar sem você". E ele não parecia contente por isto. "Não quero que você faça o papel de submissa. Lute comigo como iria a qualquer outra hora".

Uma batida na porta o fez girar enquanto puxava a pistola .45 das costas e se movia em completo silêncio para a porta do apartamento.

"Serviço de quarto", uma voz alegre anunciou. Quarto. Clint girou e moveu a boca para dizer silenciosamente a palavra para ela enquanto se aproximava da porta.

Morganna pegou as botas e se moveu às pressas através da sala e imergiu no quarto, com cuidado para se esconder num canto. Clint tinha sido inflexível que ninguém, inclusive o pessoal do hotel, soubessem que ela estava lá com ele. "Boa noite, Sr. Sizemore". A voz do garçom deslizava pela sala de estar. "Trouxe o seu jantar, senhor".

Som de passos, então o som de uma bandeja pesada sendo colocada na mesa





larga de café no outro cômodo pôde ser ouvido. "Há algo mais que eu possa trazer para o senhor?".

"Isso é tudo". A voz de Clint era cortante, profissional. "Obrigado por ter sido tão rápido".

"Sim, senhor!", a exclamação do garçom fez os olhos dela revirarem. Um desses caras prestativos demais. "Se precisar de qualquer coisa, senhor, apenas me chame imediatamente. Nós faremos tudo".

"Certo", Clint respondeu enquanto os passos recuavam para a porta do apartamento.

Segundos mais tarde o som da porta fechando e a virada da chave na fechadura fez Morganna se mover depressa no quarto. O cheiro da comida fez o estômago dela roncar. Ela estava faminta e sabia que ele tinha ordenado comida suficiente para alimentar um exército.

Ele estava esperando por ela quando ela entrou no cômodo, o olhar francamente sexual enquanto ela se movia para a bandeja de comida. Ela não tinha comido desde o almoço e o estômago estava vorazmente lembrando-a do fato de que esta refeição tinha sido incrivelmente pequena.

Ela puxou a coberta de metal sobre o cheeseburger e fritas que ele tinha ordenado. Ser atacada e quase ter a garganta cortada pedia calorias para celebrar a vida. Muitas calorias.

Clint puxou a cadeira mais próxima para ela e outra para ele enquanto ela pegava um copo de chá do bar e começava a se empanturrar.

Ela tentou ignorar Clint sentado a sua frente, assim como as implicações do que ele tinha dito antes do garçom bater à porta. Se Clint tinha a intenção de levá-la para sua cama, ela não poderia recusar. Da mesma maneira que ela não poderia proteger o próprio coração. Ele era a fraqueza dela; tinha sido sua fraqueza na maior parte da vida.

"A menina que foi drogada, Cathie Fitzhugh, trabalha no mesmo complexo de escritório que você". Clint declarou enquanto colocava maionese sobre o próprio hambúrguer, olhando rapidamente para ela com propósito nos olhos de aço à medida que falava.

Morganna movimentou a cabeça. "Mas ela trabalha em outro departamento. Isso dá um total de três mulheres que trabalham lá que foram drogadas por estes bastardos".

"Pode haver um vínculo lá". Ele movimentou a cabeça. "Joe está verificando. Sua cobertura não vale mais, Morganna. Eles sabem quem você é".

"E nós devemos estar mais perto dos distribuidores do que eu tinha pensado". Ela agitou a cabeça em confusão. "Nós temos um suspeito, mas nada concreto. E faria mais sentido tentar me drogar do que me atacar em casa".

Clint agitou a cabeça. "A droga pode demorar até uma hora para atacar





completamente o sistema e deixar a vítima confusa o suficiente para não se lembrar de quem a tinha levado para fora do clube se sobrevivesse ao resto da noite. Quem está te observando está ciente de que você está sendo observada também. Eles não se arriscariam assim”.

"A maldita tarefa inteira foi comprometida". A realidade era uma droga.

"Não necessariamente. Eles obviamente não estão dispostos a mover a operação, por alguma razão. Esse tipo de arrogância pode debilitar qualquer plano. Nós faremos nossos próprios círculos, indo mais fundo nas áreas mais baixas do clube, e ver o que podemos descobrir. A maioria das mulheres está sendo visada nos clubes do Masters, então nós nos concentraremos lá. Vamos ver o quão estúpidos eles podem ser”.

O sorriso frio que cruzou os lábios de Clint fez um tiro frio correr pela espinha de Morganna. Ela não tinha percebido até agora o quão furioso ele estava.

"Joe limpou Drage Masters de qualquer envolvimento com as drogas. Eles já estavam atrás dos clubes dele há meses antes que eu entrasse no time. Eles também tinham batido em alguns outros clubes mais extremos. Eles estão evitando os bares e inferninhos”.

"As multidões são maiores em clubes como o do Drage e mais impessoais. É mais fácil atacar lá”. Clint movimentou a cabeça.

"Se minha cobertura foi descoberta, então sou uma obrigação no caso”, ela disse. "Eles não se moverão contra mim”.

"Errado”. O sorriso dele estava frio, desumano, mas seus olhos estavam sombreados. "Eles provaram isto ontem à noite, Morganna”.

Morganna o assistiu cuidadosamente. "Você está bravo comigo”.

Ela conhecia esse olhar, quando ele controlava a linha dos lábios e o brilho no olhar.

A mandíbula dele fechou. "Eu lutei por oito anos”, ele disse finalmente. "Pensando que você estava segura. Que o que eu estava fazendo mantinha você e Raven seguras. E eu serei um filho de uma puta se apenas te deixar botar o traseiro em perigo”.

É, ele estava muito furioso. Mas ela não esperava nada menos.

Um sorriso tremeu nos lábios dele enquanto ela o encarava, encontrando o olhar direto dele.

"Eu faço uma diferença”, ela sussurrou finalmente, lembrando-se das palavras que ele tinha sussurrado no dia em que tinha partido para o seu treinamento SEAL.

Ela chorou porque ele estava partido novamente. Ele a puxou nos braços como se não pudesse evitar. Ela era tão jovem, e ele era um guerreiro. E ainda é.

"Você vai acabar me matando”, ele finalmente disse, a voz baixa, áspera. "Porque se qualquer coisa acontecesse a você, Morganna, juro pro Deus, não sei o que eu faria”.





Drage assistia ao vídeo, seguindo a menina de trás para frente, desejando ver onde ela tinha sido drogada e por quem.

A fúria corroeu Drage, enquanto a figura masculina tentava levá-la do clube, ele parecia ciente da posição das câmeras de vídeo. O rosto estava cuidadosamente escondido de todos os olhos espalhados pelo teto e em torno das paredes do clube. Havia pouquíssimos modos de se evita-los, mas estes bastardos tinham descoberto isto.

A corrida ao contrário do vídeo seguia a menina de volta para sua mesa, onde ela tinha se sentado com vários amigos de Morganna Chavez. Jenna Lancaster estava lá, assim como Sandy Mitchell e Craig Tyler. As garçonetes iam e vinham, e uma vez mais o corpo masculino obscuro apareceu.

Drage assistiu enquanto o homem se sentava ao lado de Cathie Fitzhugh. A menina se assemelhava a Morganna Chavez um pouco. Mesmo estilo de roupa, mesmo cabelo. A bebida que ele segurava foi discretamente para o lugar onde a bebida que a garçonete tinha acabado de trazer para a senhorita Fitzhugh. Sem olhar, sem verificar, ela pegou a bebida errada e começou a consumi-la.

Craig Tyler se virou da mesa no mesmo momento, olhando através da multidão. Sandy Mitchell estava flertando com Jenna Lancaster. E foi quando a figura sombria sentada entre eles não foi notado por ninguém nem pela câmera. E mesmo assim nunca em um ângulo que a câmera pudesse pegar totalmente seu perfil ou a expressão completa.

"Ele faz parecer que é muito fácil, não é, Jayne?", ele murmurou para a chefe da segurança, que atualmente estava compassando pelo cômodo.

Jayne Smith - ele quase bufou com o nome - era o melhor que o dinheiro podia comprar no ramo da segurança, mas mesmo isso tinha sido incapaz de pegar as mulheres sendo drogadas.

"É a segunda tentativa, mas há diferenças leves no corpo e nos maneirismos entre os dois homens colocando a droga nas bebidas", Smith retrucou, os olhos dela azuis glaciais olhando fixamente para as telas atentamente. "Nós conseguimos evitar um na semana passada. Sandy fingiu que acidentalmente derramou a bebida quando notou que tinha sido trocada. Mas ele não viu quem a trocou. O bastardo...", ela apontou para a sombra vestida de couro que lentamente recuava pela mesa enquanto o movimento lento e invertido continuava. "É muito bem feito. Ele sabe onde estão as nossas câmeras, seus seguranças, e os homens que estão tomando conta da situação. Se não tivesse sido pelo garçom fazer uma ida rápida e inesperada ao banheiro masculino, outra menina teria desaparecido na semana passada".





"Reno não vai ficar contente com este relatório", Drage murmurou enquanto mantinha os olhos no vídeo. "Você conseguiu descobrir onde o McIntyre escondeu a Morganna?".

"Não ainda". Ela agitou a cabeça, as mechas pequenas e sedosas de cabelo loiro escuro como plumas ao redor do rosto. "Mas estamos trabalhando nisto. Aquela tentativa na casa dela o espantará. Talvez nós tenhamos sorte e ele a tire da jogada".

Drage agitou a cabeça lentamente. "Não acontecerá. Ela está engajada nisso. Nós esperamos até que o clube esvazie e os empregados tenham ido embora antes de mudarmos algumas das câmeras. Sem deixar ninguém saber o que estamos fazendo. Faremos isto nós mesmos. Quero saber como esses bastardos sabem que as minhas câmeras angulam o suficiente para manterem o rosto deles escondidos".

"Você e eu". Assassinato rondava na cadência sombria da voz de Smith. "Eu não sei sobre você, mas estou começando a suspeitar que Merino tem um agente falso no grupo. Eles sabem onde nossas câmeras estão depois de terem visto as fitas de segurança no mês passado depois de uma mulher ter sido encontrada morta".

"Concordo", Drage murmurou enquanto continuava a assistir o movimento da figura pelo clube até que ele saiu. As câmeras de fora o mostraram de lá.

Duas dúzias de câmera e nada, nem mesmo um perfil ou um sombreado de forma a dar uma dica da identidade do homem. Sem placas no sedan que ele entrou, nada para identificar.

"Joe definitivamente tem um traidor". Drage finalmente admitiu a suspeita que tentava negar. "Contate McIntyre quando o achar. Ele ligou mais cedo, mas seu número estava bloqueado. Quero falar com ele antes que ele a traga de volta".

"Ele rescindiu o pedido?", Smith deu um palpite.

Drage sorriu um pouco. "Como eu esperava que faria. Porém, não esperava esse ataque tão rápido. Ia apenas levantar suspeita. O próprio Merino suspeita agora que tem um informante".

Smith agitou a cabeça enquanto Drage olhava de relance de volta para ela. Ela parecia com uma meiga e pequena amante, e não a melhor lutadora de sarjeta que ele já tinha encontrado.

"Ele não vai acreditar", ela disse friamente. "Ele assinalou que o objetivo era dar foco a ela no primeiro lugar. Ele não aceitará que um de seus homens mudou de lado".

"Nós já temos alguns relatórios de quem pode estar por detrás disso?", Drage perguntou.

As narinas de Smith chamejaram enquanto o olhar dela encontrou o dele. "Alguns poucos rumores, mas nada substancial. Nós temos o nome de um cartel falido aparecendo algumas vezes, mas eles acabaram há um anos ou dois, a família inteira foi neutralizada. Temos uma possível conexão russa, mas não combina





direito. Ainda estou verificando”.

Drage anuiu com a cabeça em resposta antes de suspirar profundamente. "Tire os seguranças dos postos marcados. Faça os se moverem livremente pelo clube em vez da formação que os mantemos. Não quero perder mais mulheres nos meus clubes, Smith. Isto está me deixando puto”.

"Você não está sozinho”, ela bufou. "O que eu não entendo é por que atacar tão rápido depois de termo prendido três na semana passada”.

"Estes vídeos estão rendendo uma grana”. O punho cerrou enquanto ele encarava o vídeo uma vez mais. "E eles estão usando os meus malditos clubes para fazer isto”.

"Duas outras mulheres foram pegas no último mês em outros clubes”, ela assinalou. "O Diva, Merlin e o Roundtable apenas tinham a multidão que eles estavam procurando. Quanto ao que eles estão ganhando, posso apostar os malditos bolsos deles, chefe”.

Ele ouviu a fúria estrangulada na voz dela e soube que ela estava tão determinada a achar os bastardos quanto ele. Jayne parecia suave, doce, como um gatinho sexy esperando para brincar. Mas em vez disso, ela era um tigre esperando para devorar. O dano que poderia fazer a um homem quando quisesse fez Drage estremecer com o pensamento. Ela tinha nervos de aço e água gelada corria no corpo em vez de sangue.

Ela estava muda. Drage podia senti-la de pé atrás dele, observando-o. E ele se lembrou de semanas antes, quando quase a tinha perdido para aqueles bastardos. Jayne drogada com o Pó das Prostitutas não era uma visão que ele quisesse experimentar novamente.

"Lembre-se de se alimentar”, ela disse com a voz fria enquanto se dirigia à porta, obviamente ofendida pela maneira abrupta dele. "Não me faça ter que trazer comida aqui para você. Não sou sua empregada”.

Antes que ele pudesse dar uma resposta final, a porta estava fechando atrás dela e ele percebeu que uma vez mais ela tinha conseguido dar a última palavra. Maldita.

Capítulo 11

Clint compassava pelo apartamento enquanto escutava a água do chuveiro caindo. Os pratos tinham sido retirados e colocados do lado de fora, a porta cuidadosamente trancada. Ele estava fechado com ela, o odor dela enchendo seus sentidos enquanto ele rondava o cômodo, esperando.

Se ele pudesse manter o mundo a distância por apenas algumas horas, então ele poderia se convencer, até os ossos, de que ela estava certa. Ele passou os dedos pelo cabelo antes de apertar a nuca com o esforço para massagear e tirar a tensão





de lá.

Ele não conseguia apagar a imagem daquela faca se movendo pelo pescoço frágil dela. Se ela mesma não tivesse se salvado, estaria morta. Não havia nenhum modo de que ele pudesse ter chegado a tempo. Ele tentava dizer a si mesmo que teria, mas sabia que não era bem assim. Todo o treinamento no mundo não poderia transformá-lo no Super-homem¹⁸.

E ele ainda se lembrava da expressão dela. Determinada a viver, os olhos brilhantes com raiva, o rosto contorcido em uma máscara de determinação. Ela não iria deixar seu atacante assassiná-la, não facilmente. Ela tinha dado a Clint aqueles poucos segundos extras que ele precisava para tirá-la dos braços de seu algoz e fora do caminho da arma. Daquela vez.

O pensamento já era o suficiente para fazê-lo desejar um quarto vazio e dez minutos apenas com os bastardos que a perseguiam. Ele mostraria a eles o que é dor. Ele mostraria aos desgraçados como era ser ferido, morrer em uma agonia tão intensa que a morte fosse um alívio. Ninguém, mas ninguém mesmo, tinha a permissão de machucar Morganna.

Ele tinha tomado essa decisão anos antes, e agora era lei. Os meninos que saíam com ela sabiam que se ela derramasse uma única lágrima por eles, então ele e Reno iriam atrás deles. Era de partir o coração quando ela chorava. Era algo Clint não podia lidar, nem por um segundo.

Os olhos dela ficavam mais largos, os pequenos lábios ao mostrar desapontamento diminuía, e lágrimas mudas lavavam sua expressão de coração partido. As mãos dele se agitavam apenas com o pensamento de lidar com aquelas lágrimas, porque ele queria apagá-las com beijos. Então beijar os lábios trêmulos dela, e então... não haveria como evitar a queda.

Da mesma maneira que não existia forma de parar agora. Ele sabia que assim que ela saísse daquele chuveiro, dentro de segundos ele iria acabar jogando-a naquela cama. E Deus a ajudasse. Ele não ficava assim tão excitado por uma mulher há anos; poderiam ser dias antes que Morganna visse a luz do sol novamente.

O que apenas aumentava a frustração dele. Para mantê-la, ele teria que salvá-la primeiro. Ele parou no meio do quarto com esse pensamento e ergueu os olhos para o teto, procurando por respostas quando estava certo de que não havia nenhuma.

¹⁸ Super-Homem (ou Superman) é um personagem de quadrinhos publicadas pela editora estadunidense DC Comics, empresa subsidiária do grupo Time Warner. É um super-herói criado pela dupla Joe Shuster e Jerry Siegel. Sua primeira aparição foi na revista Action Comics #1 em 1938. Habilidades: força sobre-humana, velocidade, resistência, invulnerabilidade, sopro congelante, super audição, poderes extra-sensoriais e visuais, longevidade, voo e regeneração.





Salvá-la? O minuto em que ele conseguisse tirar o traseiro dela da linha de fogo, chamava a lambeirinha vindas de outro lugar. Ela era problema. Não precisava nem esperar; ela era problema já em andamento.

E ele iria trabalhar com ela?

Ele friccionou os dentes com o pensamento. Era mais tentar trabalhar apenas para acompanhá-la. Ele sabia que a experiência de acompanhar Morganna era próxima ao impossível.

Maldição. Ele estava em apuros e sabia disto.

Porque de algumas maneiras, ela estava certa pela manhã. A relação dos pais dele tinha manchado a crença dele em amor, nas mulheres. Morganna era a coisa mais bonita que ele já tinha colocado os olhos e tão cheia de vida que ele sabia que não tinha nenhuma esperança de mantê-la para ele.

Ele não podia deixá-la trancada e esperar que ela fosse feliz. Ela sempre precisaria de uma aventura, e como ela estava provando agora, essa aventura nunca a deixaria segura.

E os homens. Deus, eles ficavam ao redor dela como abelhas atrás do mel, cheios de desejos de tocá-la, de possuí-la. Como se a vida que queimasse nos olhos dela fosse como a chama que atrai as traças.

Uma vez que ele a tivesse, qualquer homem que a tocasse, estaria tomando a própria vida dele nas próprias mãos. Diferentemente do pai, Clint nunca poderia conter a fúria se chegasse em casa e achasse a mulher na cama com outro homem.

A mandíbula de Clint cerrou enquanto a raiva quase o subjugava. Ele sabia que Morganna conhecera outros amantes; inferno, ele até sabia quem eles eram. Ele podia dizer, no momento em que os havia encontrado, que eles tinham tocado em seu corpo bonito, estado com ela, acariciando-a, amando-a. E ele queria matá-los. Inferno, ele ainda queria matá-los.

Aquela fúria o apavorou. Se ele se sentia desse modo quando ela nem pertencia a ele, o que ele faria se a solidão que ela vivesse como esposa dele ficasse demais? Se a tentação fosse muito próxima, o medo e a preocupação muito fortes, permitindo-a a ceder para outro homem?

"Você pensa demais".

Ele se virou, a tensão comprimindo o corpo ao vê-la se inclinando contra a parede que levava ao banheiro. Ele tinha ouvido o chuveiro desligar; mas não esperava que ela deixasse o banheiro tão depressa.

A camisa dele que tinha dado a ela era a mais feia que tinha. Uma camisa de combate verde que tinha sido lavada muitas vezes. Ia até os joelhos, mas primeiro se curvava sobre os seios dela, esboçando aqueles malditos anéis de ouro no centro dos mamilos.

A luxúria chiava na virilha dele, torturando sua ereção, apertando-a ainda mais. Ele jurou que estava mais duro do que jamais tinha ficado em toda a vida. "Você não





precisava da camiseta”.

"Sim, eu precisava". Ela se endireitou contra a parede, observando-o cautelosamente. "Você com certeza não acha que eu vou apenas te deixar me deitar na cama e depois me pisotear de novo, não é, Clint”.

Ele se perguntou quanto tempo levaria para que ela ficasse louca. E ela estava bastante louca agora. O choque do ataque estava se dissipando, mas a adrenalina ainda estava muito alta dentro dela.

"Você está lutado por isso há oito anos, Morganna". Ele disse por entre os dentes trincados em frustração, certo de que ela acabaria deixando-o louco.

"Eu parei de lutar hoje à noite, lembra?", ela assinalou, os olhos tempestuosos voltados para ele, desafiando-o, provocando-o. "Eu desisti”.

"Você?", ele disse, sorrindo, agitando a cabeça. "Você não desiste, neném”.

"Neste caso, estou reavaliando as minhas opções”. Os ombros esbeltos se encolheram negligentemente enquanto os braços cruzavam sobre os seios, os dedos esbeltos se fechando em punhos enquanto ela os tirava das vistas. "Eu não quero alguém que tão claramente odeia me desejar, Clint. Ache outra pessoa”.

Achar outra pessoa?

"Acho que não”. Não existia nenhuma outra opção. "Nenhum de nós pode fugir disso agora, Morganna. Acho que você sabe disto”.

Os olhos dela se estreitaram, o cinza inconstante girando com emoção enquanto eles deslizavam pelo corpo dele. Era quase uma carícia, tingida com raiva, com uma determinação forte para retaliá-lo.

Ele a tinha machucado. Sabia que tinha. A própria determinação dele de protegê-la tinha-a despido até a origem de quem e o quê ela era. Teimoso, com intento. O choque tinha se dissipado e agora a mulher estava emergindo, puta da vida, cautelosa, e pronta para lutar.

"Você ficou fugindo por oito anos, Clint. Eu posso trabalhar com você se você conseguir lidar com isto. Você não tem que me foder para me manter viva”. Ela se endireitou da parede, os braços caindo para os lados do corpo enquanto ele começava a compassar para mais perto dela.

"Não. Eu tenho que ter você para manter a minha própria sanidade”, ele disse suavemente. "Eu tenho que te tocar, sentir o seu gosto, possuir todo o calor e fogo antes que eu morra de frio por dentro, Morganna”.

Ela o esquentava e ele nem mesmo percebia isto. Quando ele estava com ela, as emoções, as fomes, e todas as necessidades desesperadas que ela inspirava nele subiam à tona. Havia algo em Morganna que o fazia sentir. E ele tinha jurado há muito tempo que nunca deixaria que isso acontecesse.

"Você nunca se importou de como era frio antes. Por que começar agora?", a voz era áspera com as lágrimas bravas que ele podia ver que ela estava contendo.

Ele estava quase cauteloso. Tinha aprendido a como lidar com Morganna em





todos os humores menos esse. Este o intrigava mais, porém. Ela estava lutando em vez de provocá-lo. Desafiando-o em vez de ceder. O completo oposto do tipo de mulher que ele sempre tinha acreditado que se adaptaria a ele.

Antecipação lambia sua carne, enviando vibrações de consciência ondulando pelo membro. Primeiro ele a deitaria através daquela maldita cama e iria surrar o traseiro dela por tê-lo deixado louco. Então ele iria mostrar a ela exatamente como um verdadeiro Dom amansava pequenas gatas selvagens como ela.

Ela olhou de volta para ele desafiadoramente enquanto ele parava a poucos centímetros dela, observando-a com olhos estreitados, sentindo as ondas de raiva e desejo que chicoteavam ao redor dele.

"Você é minha". Ele manteve a voz baixa enquanto assistia os lábios dela se apertarem com raiva.

"E foi necessário uma faca no meu pescoço para te convencer disto?", ela bufou zombeteiramente. "Oh realmente, Clint. Você é apenas muito tarado. A ruiva não te excitou um pouco demais? Não posso acreditar que você ousaria tentar me tocar depois de ter aquela tonta no seu colo".

Agora brilhantes pontos de luz brilhavam no olhar tempestuoso dele, o fenômeno mesmerizando-a por longos minutos. Ele acreditava que ela estava apenas mais puta do que ele originalmente tinha pensado.

"Ela é uma agente, Morganna", ele a lembrou. "Esse era o papel. Lembra?".

"Como se ela convencesse alguém de que precisava ser drogada para foder", Morganna zombou. "Ela estava tão pronta para fazer que era patético. E você a estava encorajando". Ela jogou sobre ele como se o pecado tivesse proporções de blasfêmias.

Ela estava com ciúme. Furiosamente ciumenta. E ver isso não fazia nada para acalmar a luxúria e a necessidade que ele teria com qualquer outra mulher. Em vez disso, se possível, seu pau tinha ficado mais duro, a ânsia por ela aumentado.

"Eu irei te encorajar mais", ele ofereceu. "Venha e se sente no meu joelho, Morganna. Deixe-me te mostrar como isso deve ser feito".

"Seu bastardo!".

Ele viu o braço dela se mover, o pequeno punho apertado ascendendo, e se segurou. Ele podia ter pegado o punho dela, podia ter parado o impacto antes que ele se chocasse com o lábio dela.

Mas ele não o fez. O ardor afiado o fez vacilar, mas ele não quebrou o contato visual com ela. Os dedos dele seguraram ao redor do pulso dela enquanto ela recuava, e ele assistia o choque arredondar os olhos dela, fugindo a cor do rosto.

Segurando o olhar dela, ele ergueu a mão livre e enxugou a trilha fina de sangue que corria do canto da boca. Ele olhou de relance para os dedos, vendo o líquido escuro neles antes de olhar de volta para ela.

Ela ofegou quando o mesmo dedo tocou os lábios dela, apertando-os dentro de





sua boca. A língua dela enrolando ao redor dele, um estremecimento passando pelo corpo dela enquanto um gemido escapava dos lábios. Ele levou o punho para os lábios e então lavou o sangue que sujava os punhos frágeis dela.

"Beije e faça ficar melhor agora", ele grunhiu, puxando-a para ele, sentindo o demônio da luxúria que uivava de fome enquanto o corpo dela se esquentava junto ao dele. "Nós dois ficaremos melhor".

Morganna encontrou os lábios de Clint no meio do caminho, um grito de fome e desespero deixando sua garganta à medida que eles se uniam. Não era um beijo leve. Não era um beijo gentil. Como se o medo de perdê-lo e a perda dolorida que ela tinha lidado quando tinha deixado a caminhonete dele horas antes tivessem se fundido em uma conflagração louca que queimava e tomava a mente dela.

Uma névoa vermelha cobria a vista dela, embora seus olhos estivessem fechados. Brilhantes alfinetadas de cor explodiam atrás das pálpebras fechadas enquanto sensações atordoantes rasgavam sua mente.

"Eu não posso ficar perto de você sem sentir o seu gosto", ele murmurou contra os lábios dela. "Morrendo por te sentir... Deus, Morganna, você me deixa louco".

A voz dele era sombria e pesada com emoção. Atormentada. Cheia com necessidade e fome. Uma necessidade e fome que aumentava dentro dela, se igualando ao desespero e intensidade dos lábios que cobriam os dela uma vez mais.

O beijo era uma intenção de saque e submissão, e submissão nunca tinha sido um ponto forte de Morganna. Especialmente com Clint.

Enquanto os lábios dele controlavam os dela, ela estava bem ciente de que eles a estavam controlando, a língua dele se movendo pelos dela em punhaladas bem ritmadas que imitavam um prazer no corpo dela que estava se rebelando.

As pontas dos dedos dele tocavam a mandíbula dela enquanto ele gemia contra os lábios dela. Tocando-a com uma carícia gentil, hesitante, reforçando o domínio do beijo.

Ela beliscou a língua dele, apenas para ter as mãos dele sob o queixo dela, os dedos dele prendendo a mandíbula dela e mantendo-a aberta. Oh, ela amava isto. A dominação que tomava sua mente.

Ele grunhiu com o beijo, o som animalesco, primitivo, enviando calafrios pelas costas dela enquanto suas unhas desciam pelos ombros dele enquanto ela se contorcia contra ele, resistindo nos braços dele em uma tentativa de se manter livre dele. Ela queria tocá-lo, devora-lo. Não se mexer em uma névoa de prazer sob o beijo dele era muito bom e muito bem, mas ela tinha esperado anos por isso. Fantasiado com isto. Desejado isso. Ela queria mais do que a própria submissão.

"Fique quieta. Deus. Com calma, neném...", ele arquejou enquanto os quadris dele apertavam-na contra a parede, e se debruçava para agarrar os pulsos dela e prendê-los sobre a cabeça. "Deixe-me ter um pouco de autocontrole aqui".





"Até parece". Ela beliscou os lábios dele à medida que eles abaixavam, a sensualidade inchada deles fazendo-a querer devorá-los. Ele tinha despido-a do autocontrole; por que ela deveria deixá-lo ter algum?

"Eu vou bater no seu traseiro se você continuar com isso". Os olhos estavam reluzindo com luxúria, a voz espessa enquanto ele a encarava embaixo.

As mãos eram como algemas nos pulsos dela enquanto ela olhava ferozmente de volta para ele, ou tentava dar uma olhada feia para ele. Era difícil fazer isso quando ela podia sentir seus fluidos literalmente gotejando entre as coxas e o amor que ela sentia por ele debilitando seus joelhos. Deus, ela o amava. Amava-o até se sentir queimar com a emoção.

"Você é qual exército?", ela zombou com um sorriso satisfeito consigo mesma. "Não faça ameaças que você não pode sustentar, garotão".

Ela esteve morrendo para sentir a mão dele no traseiro. Ele estava ameaçando espancá-la desde que ela tinha dezoito anos, e ela tinha fantasiado com isso por tanto tempo.

Os olhos dele se estreitaram para ela enquanto o tórax se movia com a respiração severa. Ela estava arquejando. E estava certa de que alguém havia limitado a quantia de oxigênio no quarto.

"Eu devia ter colocado uma mordaca naquela maldita sacola que eu trouxe, em vez do plug anal". Um sorriso sensual se arrastou pelos lábios logo antes da língua lamber sobre os lábios dela. "Isso deve te calar".

A vagina dela se convulsionava fortemente, estava certa de que estava indo para um orgasmo agora mesmo, naquele exato lugar.

"Trouxe um brinquedo para fazer o trabalho do homem, não é?", ela resistiu nos braços dele novamente.

A risada áspera dele era maldosamente sensual e deixou a alma dela queimando. Era assim que ela tinha sonhado com ele.

Sexualmente dominante, permitindo-a desafiá-lo, provocá-lo, e gostando do jogo.

"Preparação é tudo, neném". Ele sussurrou, "E acredite em mim, hoje à noite, você descobrirá exatamente por que diabo eu não aceitei a sua oferta tão encantadora quando você tinha dezoito anos". Não havia tempo para retornar. Antes que ela pudesse fazer mais do que gritar em surpresa, ele a tinha erguido contra o tórax, andado a passos largos no quarto, e a jogado sobre o colchão.

"Tire a camisa", ele ordenou roucamente enquanto puxava a sacola de acampamento para a extremidade da cama e abria o zíper dela, removendo vários artigos que a fez corar com excitação embaraçada. O brinquedo sexual e o tubo de lubrificação fizeram a pressão sanguínea dela decolarem assim como um pequeno jorro de preocupação. Não era possível que ela pudesse aguentar aquela coisa onde nenhum brinquedo tinha estado antes.





"Nos seus sonhos". Ela se curvou na cama, olhando fixamente de volta para ele enquanto empurrava para trás os longos cachos que tinham caído no rosto.

Ela se sentia poderosa. Totalmente sensual. Encarando Clint, vendo a fome e a intensidade das emoções furiosas em seus olhos, Morganna soube que todas as suas batalhas tinham sido apenas um ensaio para isso.

Ele sorriu enquanto se movia para provar. Antes que Morganna pudesse evadir, Clint agarrou a bainha da camiseta, lutando para tirar dela enquanto ela gritava em afronta.

"Seu arrogante", ela o acusou enquanto ele recuava, tirando as calças depressa da mesma maneira.

Dentro de segundos ele estava todo nu, pele bronzeada ondulando e músculos poderosos enquanto a mão se abaixava até o talo de sua ereção, os dedos acariciando lentamente enquanto ele a encarava embaixo.

"Isto não é nada direito", ela arquejou com os olhos arregalando ao ver o anel de ouro que havia sido perfurado no lado inferior de seu pau, apenas embaixo da cabeça densamente vermelha.

Deus, ele tinha um piercing no pau. Isso era tão devasso.

A boca encheu de água para saborear enquanto os dedos dele agarravam o pequeno anel, arrastando em uma provocação enquanto a cabeça de sua ereção pulsava e escurecia com excitação. Uma pequena gota brilhava na ponta, tentando-a enquanto ela lambia os lábios com fome.

Olhando para a carne vermelha e fortemente venosa, Morganna ficou distraída apenas o suficiente, e em poucos segundos preciosos, Clint conseguiu pegá-la com a guarda baixa. Antes que ela pudesse fazer nada mais do que arfar em afronta, ele se moveu, pegou-a pela cintura e a colocou de barriga para baixo um segundo antes de sua mão cair sobre o traseiro dela.

"Maldito!", isso era tão bom. Ela não gostava dessa coisa de apanhar de forma submissa, se assegurou, mas a pancada firme na nádega enviava pulsações de calor e prazer pelo corpo dela.

"Fique quieta". A voz de Clint era severa, rouca. "Deus me ajude, Morganna, eu não sei se posso esperar".

Ele colocou os quadris dela para cima, para trás, e ela se segurou no colchão e tentou rastejar para longe dele. Ela não faria as coisas fáceis para ele.

"Chega!", uma mão larga agarrou o quadril dela, mantendo-a no lugar enquanto os joelhos dele fechavam ao redor dela.

Ele a algemou no lugar. Algo assim. Ela sabia que deveria lutar mais firme, mas sentir os dedos lubrificados dele se moverem fortemente pela rachadura do traseiro dela fazia-a se silenciar em choque.

"Que diabo você está fazendo?".

"Preparando". Ela sentiu os dedos dele sondando a entrada proibida e





empurrou em reflexo. Ela podia sentir o coração batendo forte entre os seios em excitação, roubando sua respiração.

"Clint...", ela podia sentir a carne se apertando e estirando em torno da largura do dedo dele.

"Fique quieta. Apenas um minuto...", a súbita empalação era chocantemente aquecida, malvada. Carnal.

Liso, frio, o dedo deslizou de volta, apenas para ser substituído em um segundo. A luxúria chocada a queimava, enquanto o pequeno arder de prazer em chamas era como um narcótico.

Os punhos dela se fecharam sobre as cobertas enquanto ela tentava se mover resistindo contra o aperto dele, a respiração estrangulada no peito enquanto ele a mantinha no lugar, lentamente trabalhando os dedos dentro dela. Estirando-a, queimando.

Ela devia dizer não. Devia protestar. Sabia que devia. Ela lutou nos braços dele, mas a mão apertava no quadril enquanto os joelhos mantinham as pernas dela no lugar. A dominação forte era mais excitante do que ela podia ter imaginado.

"Isto é depravado". Ela empurrou contra ele, clamando com o prazer ígneo enquanto a empalação aumentava. Ela resistiu contra ele, lutando para se livrar, sabendo que tudo que ela tinha que fazer era dizer não, mas era incapaz de fazer a palavra passar pelos lábios.

Ela queria lutar, percebeu. Ela queria o desafio, a provocação, a perda de controle que sabia que ele estava experimentando.

"Deus, o modo que você estira ao redor dos meus dedos", ele gemeu, saindo do traseiro, apenas para retornar, estirando-a mais enquanto a lubrificação fria aliviava o caminho. "Eu vou te tomar aqui, Morganna. Eventualmente. Quando você estiver pronta. Quando eu tiver controle suficiente. Até lá, você terá isto".

Ela tentou respirar enquanto os dedos dele retrocediam, esperando para sentir uma carícia mais normal, um toque no sexo dolorido, saturado, uma punhalada pesada em sua vagina dolorida. Em vez disso, o que ela sentiu foi a ponta fria do brinquedo que ele tinha tirado do pacote antes.

"Clint, isto é tão pervertido", ela arquejou enquanto torcia no aperto dele, clamando com a extremidade das sensações que passavam por ela.

Ele não parou. Ele não fez nenhuma concessão à condição intata da entrada minúscula; apertou o brinquedo dentro dela firmemente, estirando-a com ele, enviando chamas de prazer tão intensas que se aproximavam da dor, chamejando pelo corpo dela.

Não devia ser tão bom. Não devia queimar dentro dela com a força de um fogo fátuo correndo pelas terminações nervosas. Roubando cada vestígio de controle que ela possuía.

"Tome isto, neném", ele grunhiu, trabalhando o instrumento com golpes





cuidadosos apesar da luta dela. "Deus, sim, abra-se para mim, Morganna, da mesma maneira que eu sonhei".

Ela gritou enquanto a parte inferior densamente chamejava dentro de seu ânus, a porção mais estreita da base presa dentro dela. A parte superior do corpo desmoronou na cama enquanto ela lutava para se acostumar com a invasão forte um segundo antes de uma vibração funda começar a ondular.

Estava vibrando, massageando a delicada cavidade atormentada de prazer enquanto ela se contorcia com um prazer tão intenso que estava lutando sério para fugir dele agora, gemendo com as sensações que a consumiam, passando por seus sentidos enquanto a dor e prazer destrutivos acabavam com quaisquer conceitos prévios de paixão que ela já conhecesse.

"Fácil, neném". Clint girou-a de costas, abrindo as coxas dela enquanto ele se deitava entre elas, segurando-a com muita habilidade enquanto a encarava.

Ela clamou, mesmo quando suas mãos prenderam no cabelo dele, mantendo-o no lugar. "Eu não posso aguentar, Clint".

As mãos dele eram desumanas, mantendo as coxas dela abertas, apertando-a contra a cama, recusando a necessidade dela de ir para longe dele, a se acostumar com o prazer escuro que a envolvia.

Ela nunca tinha sido invadida analmente antes. Não sabia que prazer e dor poderiam andar tão juntos.

Ele não respondeu ao apelo dela. Em vez disso, a cabeça abaixou, a língua batendo no centro encharcado do corpo dela antes de lambê-la como um homem faminto. Acima de seus clitoris, ao redor dele, atormentando a entrada já torturada de sua buceta enquanto ela o puxava pelo cabelo. A vibração no traseiro dela enviava firmes pulsações elétricas pela espinha, a seu sexo. Ela estava estirada em uma gama de sensação tão intensa que não estava certa de que poderia sobreviver.

Esse era Clint. Tocando-a. Tomando-a em lugares que ela nunca tinha imaginado com uma extremidade que cancelava a realidade.

"Deus, você tem gosto bom". A voz dele era selvagem, com intento, enquanto de repente se moveu para longe dela.

"Não pare!", os olhos dela se abriram, o desespero apertando os dedos no cabelo dele enquanto eles tentavam forçá-lo a voltar para a carne úmida que queimava pelo toque dele. Clint puxou as mãos dela. Em vez disso, foi sobre ela, esticando os braços dela para cima enquanto os dedos formavam garras, os quadris balançando sob ele até que ela sentiu o pau quente e feroz, apertado contra ela.

Certo. Talvez isto fosse melhor.

Então, enquanto ela sentia a entrada lutando contra sua invasão, a respiração dela prendeu. Talvez não fosse.

"Não vai caber". Ela não podia respirar. As punhaladas pesadas e curtas que forçaram a ereção espessa dentro dela fazia ondas de prazer passarem por sua





vagina.

Prazer. O prazer era como um demônio, devorando sua mente, misturando com a dor, levando ambos mais alto até que ela estava certa de que não poderia aguentar mais. E ainda assim ele dava mais a ela. Lançando-a mais alto enquanto sua vagina se apertava convulsivamente ao redor de seu membro invasor.

"Vai, sim. Olhe para mim, Morganna. Maldição, olhe para mim".

A voz dele era mais sombria, mais dominante, do que ela já havia pensado que poderia ser. Ela se forçou a olhar para ele, olhando-o com um êxtase confuso enquanto ela o sentia empurrando dentro dela.

A expressão dele era selvagem. Os olhos azuis escuros reluzindo com luxúria e fome; as feições eram tensas, e a carne se estirava bem apertada sobre as maçãs do rosto enquanto um grito ofegante deixava seus lábios e ele entrou nela completamente.

Ela sentiu os tecidos e músculos tenros se estirando para ele, para acomodá-lo, revelando aos nervos dela um prazer que o vibrador nunca tinha chegado perto. O anel deslizava pela carne dela, acariciando os músculos internos como uma pequena lixa malvada. Ele era enorme dentro dela; as veias pulsavam junto com sua ereção, acrescentando pulsar ao pesado movimento do brinquedo no traseiro dela.

"Isso, foda!", os músculos se distinguiram no pescoço dele enquanto sua cabeça se curvava para trás, o olhar nunca deixando o dela. "Você é apertada demais, estou morrendo... Deus, isso, sugue meu pau. Assim mesmo".

A vagina tinha espasmos com o esforço de acomodá-lo enquanto a vibração pesada no traseiro dela enviava garras afiadas de impulsos elétricos para atacarem seu clitóris, seu útero.

"Eu não posso aguentar". Ela não podia respirar com as sensações. Cada músculo, cada célula em seu corpo estava estirada, alcançando, torturada com uma necessidade que ela não conseguia entender muito bem.

"Tudo bem, neném". O suor dele estava claro no rosto magro, nos ombros, enquanto ele agitava a cabeça, a ereção ainda pulsando dentro dela. "Tudo bem. Estamos quase lá. Quase lá". E ele começou a se mover.

Uma mão segurou os pulsos dela no lugar enquanto a outra se abaixava para elevar a perna dela, puxando-a para os quadris à medida que ele recuava, e então voltou, firme, rápido.

"Clint...", os olhos confusos, a respiração estrangulada na garganta enquanto ela começava a lutar contra os impulsos brancos e quentes nascentes que sentia explodindo por ela. Era prazer? Era dor?

"Deus, sim, neném. Deixe-me ter você. Toda você. Toda, Morganna". Ele gemeu enquanto se movia sobre ela, os quadris bombeando enquanto o suor cobria sua carne, o calor construindo, subindo até o ponto em que ela estava lutando por isto, lutando com ele, lutando contra o grito da besta de luxúria que arranhava seu





útero, apertando-o com uma ferocidade que a apavorou.

Ela podia sentir cada veia espessa da ereção dele em sua vagina muito esticada, o liso arrastar do anel dourado com a bola no centro, a pressão da cabeça enquanto ele a puxava para trás, deslizando no ponto violentamente sensível exatamente abaixo do clitóris dela.

"Minha doce querida". O sotaque dele ficou forte. "Leve-me, neném. Isso mesmo. Eu te sinto, querida, se apertando ao meu redor. Isso mesmo. Exatamente assim, amor".

Tudo dentro dela estava apertando, queimando, construindo.

"Agora sim, neném". A voz dele ficou mais espessada enquanto as punhaladas ficavam mais rápidas, mais fortes. "Goze por mim, neném. Deixe-me te sentir... Deixe-me te sentir...".

As chamas líquidas tomaram o centro do corpo dela. Morganna tentou gritar, clamar, mas nenhum som emergiria. A conflagração cresceu, se intensificou, até que a cabeça dele abaixou, os dentes prendendo os músculos sensíveis do pescoço dela enquanto os lábios dele o cobriam, puxando-a, e fazendo-a explodir.

Os dentes dela apertaram o ombro dele, e ela estava certa de ter sentido o gosto de sangue enquanto sentia o mundo se dissolver ao seu redor.

Capítulo 12

Quanto tempo fazia desde que ele tinha chorado?

Ele precisava chorar agora, aliviar a emoção que apertava seu tórax.

Enquanto Clint aliviava a traseira de Morganna, podia sentir a emoção que o rasgava, cortava sua alma. Ela estava muito próxima de ficar inconsciente, um pequeno gemido e apenas um resto de consciência enquanto o brinquedo sensual deslizava livre do aperto do corpo dela.

A mão dele deslizou pelo lado da coxa dela enquanto ela se deitava enrolada ao lado dele, o cabelo embolado ao redor dos ombros, nas costas, no rosto, amortecendo e cintilando como seda molhada. Pura. Sem máculas. Não havia uma cicatriz no corpo frágil, mas ele podia ver as contusões que havia sob a carne cremosa.

Ele a havia contundido. E o pescoço... Ele ergueu o olhar para onde a havia marcado. Deus, o que ele tinha feito a ela? Ele correu a mão através do rosto enquanto saía da cama, compassando para o banheiro, onde rudemente lavou o plug e o armazenou na capa protetora que tinha comprado.

Ele apoiou as mãos na pia quando terminou, respirando fundo, firme, antes de se forçar a se olhar no espelho.

Ele ficou surpreso com a marca no ombro. Os pequenos dentes afiados dela haviam perfurado a pele dura em dois lugares, deixando uma pequena mancha de





sangue através da marca primitiva. Ele ergueu a mão, tocando o local sensível enquanto um sorriso amargo tocava seus lábios.

Não compensava pelo o que ele tinha feito a ela.

Era mais do que óbvio que o doce traseiro dela nunca tinha sido usado; ela nunca tinha sido tomada com uma fome tão profunda quanto a que ela inspirava nele. Os olhos dela tinham ficado ofuscados, o rosto pálido, mas Deus, ela o havia tomado. Ficando mais molhada, mais quente, apertando-o dentro dela até que ele estava certo de que ele não podia se mover, não podia fazer nada além de bombear cada gota de seu sêmen dentro dela através de seu pequeno canal.

Agitando a cabeça, ele pegou uma toalhinha do lado da pia enquanto abria a água e a molhava com movimentos firmes. Ele molhou o tecido, torceu e se forçou a voltar para a cama.

Ele usou a toalhinha aquecida para limpá-la suavemente, para tirar a transpiração desconfortável do pescoço, ombros, seios, barriga, e a levou para as coxas. O sêmen dele havia marcado as dobras suaves e avermelhadas de seu sexo, fazendo as coxas dela ficarem lisas.

Enquanto ele a limpava, a garganta se apertou com a visão. Ele não tinha usado proteção. Mas isso não traria problemas a Morganna. Ele tinha sido cuidadoso por toda a vida; não havia nenhuma chance de ele infectá-la com qualquer coisa além da própria amargura e nenhuma chance de gravidez. Ele podia viver com o pau derramando dentro dela por horas, e ela nunca arriscaria conceber um filho dele.

Pela primeira vez em anos o pensamento o aborreceu. Ele nunca veria o corpo dela amadurecer com o filho dele. Mas por outro lado, nenhuma criança sofreria o inferno que ele conhecera, também.

"Clint...", o nome sussurrado passou pelos lábios dela enquanto ele puxava os cobertores sobre ela para protegê-la do frio do ar-condicionado.

Ela se moveu no colchão antes de dar um pequeno suspiro e dormir novamente.

Deus, ele não podia fazer isto.

Ele pegou uma calça jeans e cueca da sacola e voltou para o banheiro. Ele tomou banho depressa, secando o corpo com movimentos ásperos, e impiedosos antes de se vestir e voltar para o quarto.

A pequena geladeira tinha várias pequenas garrafas de bebida alcoólica. Ele pegou todas, abrindo a primeira, e jogou-a para trás. Merda, ele odiava vodca.

Pegando o celular, ele o abriu e esmurrou o número de Joe. Era melhor o bastardo ter algumas respostas. Ele estava ficando cansado de tentar compreender o impossível de onde estava.

"Ei, Clint". A voz outra do homem era cansada enquanto atendia ao telefone. "Você está seguro?".

Uma carranca escureceu a sobrancelha dele. "Seguro o suficiente", Clint





grunhiu, o celular especialmente projetado por um amigo viciado em eletrônica para conversações seguras. "O que está havendo?"

"Inferno se eu soubesse", Joe grunhiu através da linha. "Drage fechou pelo dia e mandou todo seu pessoal embora, exceto a chefe da segurança. Suspeito que ele está trocando os ângulos das câmeras. Ele está bem puto. Pareça que o nosso meliante sabe o ângulo das câmeras".

"Masters sabe sobre a operação?", a mandíbula dele cerrou com a pergunta.

"Ele veio até nós logo depois que a Morganna foi atribuída ao time", Joe admitiu. "Até onde podemos descobrir, ele não está envolvido, mas nós o estamos vigiando. Ele está trancado agora. Não admite que a gente entre até que esteja acabado".

"E isso quer dizer o quê, Joe?", Clint perguntou cuidadosamente, mantendo a voz tranquila, neutra.

"Quer dizer que eu não sei de merda nenhuma", Joe ralhou de volta.

"Me diz que você tem um informante", Clint o informou, sentindo a extremidade da violência pinicar seu temperamento. "Quem é?"

"Não na minha equipe-"

"Não seja tolo", ele aconselhou a Joe suavemente. "Eu não sou. Ache o seu informante traidor ou eu vou começar a procurar, e você não vai querer que eu faça isso com a Morganna na cidade. Se eu tiver que ofender o senso de justiça dela por matar alguns agentes do DEA para pegar o certo, eu vou ficar puto, Joe".

Não era uma ameaça, e pelo silêncio na linha ele sabia que Joe estava ciente disto.

"Tem que haver algo a mais", Joe finalmente ralhou. "Se eles quisessem pegar alguém, começariam comigo ou com Craig, não com Morganna. Tira-la não vai parar a operação".

"Ela viu três dos homens drogarem uma das mulheres na semana passada. Isto é vingança. E alguém no lado de dentro os está ajudando". Se Joe não podia chegar ao interior disso, então ele iria. "Você pode enviar sua agente para casa. Morganna vai trabalhar comigo".

Uma respiração firme quase como um assovio encheu a linha.

"Se ela for comprometida, eles talvez não queiram se aproximar dela novamente".

"Eles não pararão," Clint ralhou. "Pegue todos os seus homens exceto o seu tech e traga-os para o bar aqui. Preparem cobertura. Se qualquer coisa acontecer a ela, Joe, eu matarei você. Você sabe disto, não é?"

"Concordo", Joe disse, a voz áspera, frustrada. "Eu levarei o time e nos encontraremos amanhã à noite-"

"Eu te ligarei antes de nos encontrarmos. Você e Craig podem se encontrar conosco, então informe o resto do seu time. Agora, o que você achou na casa da





Morganna?".

"Nós achamos a faca. Nenhuma impressão digital, mas foi fabricada na América do Sul. Bogotá, para ser exato. Estou tentando conseguir um rastro de outras fontes agora, mas levará tempo".

América do Sul. O Cartel de Fuentes. Ele sabia.

Fuentes usava uma droga muito exclusiva para dosar as filhas dos senadores. Clint se lembrava das meninas na noite em que seu time as havia salvado. Quase nuas, encharcadas de suor, as pupilas dilatadas. A menina mais velha estava coerente o suficiente para dizer a Kell que os soldados estavam se preparando gravar em vídeo o estupro delas como incentivo para os pais delas fazerem como Fuentes queria.

"Contate o escritório central. Coloque o seu melhor hacker buscando o Cartel de Fuentes, ou o que sobrou dele. A droga que você está perseguindo foi desenvolvida por eles, então o laboratório, distribuidores, e mais provável os negociantes farão parte disso. Alguém que fazia parte da organização está tentando reconstruí-la, e estão usando os vídeos para financiar tudo".

"Nós temos trabalhado nesse ângulo, mas nada apareceu ainda". A frustração na voz do outro homem era clara. "Com Diego Fuentes morto, eu estou indo mais na direção de um grupo rival do que do Cartel de Fuentes propriamente".

"Mas isso não significa que Fuentes não tivesse um tenente empreendedor esperto o suficiente para seguir com isto. Veja o que pode descobrir das sobras do cartel. Alguém conseguiu pegar a droga, assim como uma parte do cartel dele aqui. Comece a rastrear e veja o que conseguirá. A inteligência na Colômbia, depois que nós batemos Fuentes, viu que antes do pai de Diego morrer, seu conselheiro mais próximo, um homem conhecido apenas por Saul, tinha se aposentado. Depois da suposta morte de Diego Saul desapareceu de sua mansão do litoral e tomou um voo privado para a Califórnia. A inteligência o perdeu lá".

"Maldição. A inteligência no DEA não tem nenhuma ideia de que Saul deixou a aposentadoria". Excitação cobria sua voz agora. "Essa pode ser a brecha que estávamos esperando. Como diabo você sabe disto?".

A colaboração entre as agências podia ser uma merda às vezes. A CIA tinha as informações sobre Saul há seis meses e Clint as tinha adquirido de um membro do time que estava investigando o rumor de que Nathan Malone, o membro do time perdido na Colômbia, ainda estava vivo.

"Onde não importa", Clint murmurou. "Fuentes e seus homens achavam que as mulheres estavam no degrau inferior dos cachorros. Com exceção daquela aberração que ele chamava de esposa. Eles a adoravam. Saul compartilhava a mesma visão e ele conhecia os negócios de Fuentes de cabo a rabo. Ele pode ser a chave que nós estamos procurando".

"Quer dizer que a puta do Fuentes era uma fêmea?", Joe grunhiu. "Os





relatórios que eu li sugeriram o contrário”.

"Ela teve uma criança", ele grunhiu. "Então ela estava pelo menos equipada fisicamente. Mentalmente, eu a coloquei no nível de Genghis Khan. Deixe-me saber o que você pode descobrir. Eu vou dar mais alguns telefonemas, então dormir um pouco. Eu te contatarei mais tarde para ver o que você descobriu”.

O amanhecer estava espreitando pelos lados das cortinas, lembrando a ele exatamente quanto tempo fazia desde que ele realmente tinha dormido.

Ele desconectou o telefonema, fez mais alguns contatos com amigos que conhecia que espalhariam a informação de que ele atualmente estava buscando o rato, e então embolsou o celular e murmurou uma maldição.

Maldição, isto estava começando a ficar pegajoso. Eles achavam que tinham acabado com o suficiente da rede de Fuentes para incapacitar o cartel. Quem eles tinham deixado passar?

Ele se ergueu do sofá, colocando o telefone de volta no local enquanto compassava de novo pelo quarto. Ele apenas queria olhá-la. Abraçá-la.

Ele tirou a calça jeans e a cueca antes de se deitar devagar sobre a cama ao lado dela, com cuidado para ficar sobre os cobertores que a cobriam enquanto ele se enrolava ao redor dela.

Ele enterrou o rosto no cabelo dela, inalando o seu odor doce, sentindo os odores combinados de seus corpos. O dela era morno e colorido como a primavera, o dele, mais escuro, mais forte. Ele estava afundado e sabia disso. Anos de segredos, escondendo a verdade até daqueles que o conhecia bem, pesando nos ombros com uma força exaustante. Nas costas, cicatrizes velhas, há muito tempo curadas, com um calor ígneo.

Ele vacilou com a memória do cinto batendo nas costas, a ira nos olhos do pai, a violência que apertava suas feições.

Você é o homem da casa e enquanto eu não estava você não podia pará-la?

Grito.

Ela é uma mulher, garoto; onde está o seu orgulho? Você vai deixar que ela transforme a sua mãe em uma prostituta?

Grito.

Vou te ensinar a fazer a sua função direito. Por Deus, você fará direito ou eu vou te matar.

Grito.

Ele tinha treze anos. Era a responsabilidade dele manter a mãe em casa, impedi-la de estragar tudo na maldita base enquanto o pai dele, um Navy Seal, estava longe. A responsabilidade dele.

O pai nunca havia batido na mãe de Clint. E nem tinha batido em Raven. Era trabalho de Clint cuidar delas, protegê-las, mantê-las seguras. Até delas mesmas. Se ele falhasse, então o castigo era dele. Era a lição que o pai dele havia aprendido com





o pai, e assim por diante a cada geração. Era um legado amargo que concluiria com Clint.

Clint se lembrou do dia em que o carro preto havia surgido, a histeria da mãe com a notícia da morte do pai dele. Clint tinha conhecido apenas alívio. Um alívio culpado de destruir a alma, o pai dele não retornaria. Para sempre.

Allen McIntyre tinha sido um bom marido, apesar das infidelidades da esposa. Para Raven ele tinha sido uma figura amorosa, uma forte figura de pai. Mas o rosto que ele mostrava ao filho tinha sido endiabrado, e Clint sabia que esse rosto o assombraria para sempre.

Ele se dobrou para mais perto de Morganna, puxando-a no berço de seu corpo enquanto o cansaço o tomava. Ele não podia mantê-la para sempre, e sabia disto. Ele não podia estar certo de que a loucura que tinha agarrado o pai não o pegaria um dia também. Ele tinha recebido a prova na primeira vez que encontrou um dos amantes de Morganna, anos antes. Ele queria matar o bastardo. Cada instinto dentro dele o empurrava para matar. E isso o apavorou.

Mas enquanto ele a tivesse, ele a adoraria. Silenciosamente. Estoicamente. Ele a adoraria.

Os sonhos eram os piores medos de Clint. Cada vez que ele fechava os olhos, sabia que as chances de reviver o passado eram altas. Ele podia se ver no lugar do pai, a mão erguida para trás, o comprimento do cinto de couro cerrando o punho enquanto os olhos azuis queimavam com fúria, era o seu maior pesadelo.

Ele sabia que a criança diante dele era a sua própria carne e sangue. Grande para a idade, talvez, esperto para a idade, mas ainda assim, apenas uma criança. Havia lágrimas nos olhos do menino, mas nenhuma descia pelas bochechas até que a carne das costas estava untada com sangue. Um cinto desceu, a fúria rachando ao redor deles com cada golpe.

Era um sonho que Clint nunca se esquecia. Da mesma maneira que nunca se esquecia das próprias surras.

Meu pai me ensinou a ser um homem, garoto, Allen McIntyre rugia enquanto batia em Clint. Eu te ensinarei a ser um homem. Um homem não aguarda e deixa os outros tornarem a mãe uma prostituta.

O bastardo idolatrava a esposa. Ele a adorava de joelhos, lutava com ela, gritava e a amaldiçoava. A casa e a vida de Allen giravam ao redor de Linda McIntyre.

Os sonhos despejavam através da mente inconsciente de Clint, porém dessa vez eles ficaram mais sombrios, mais escuros. Em vez de sentir a faixa de couro do pai, Clint sentiu uma carícia suave junto ao braço. O cheiro de seu próprio sangue





era afastado pelo odor do verão, de calor e paixão.

O cheiro de Morganna.

Ele se moveu contra o toque dela, sabendo que este sonho era melhor do que a maioria. Ele podia sentir o toque dela, leve como uma borboleta sobre o corpo, mas nunca como ele precisava. Ele acordaria, envenenado na carne molhada e brilhando dela, sem estar saciado, cheio de desejo por ela.

Mas o toque era mais firme desta vez. Lábios aquecidos em vez de meramente mornos. As pontas dos dedos como seda, o murmúrio de sua excitação contra o abdome à medida que ela o lambia.

Ele arqueou para ela, virando para cima, os braços completamente abertos enquanto apreciava o toque. O toque de uma mulher que ele apenas tivera nos sonhos. Até agora.

A aprovação dela foi apenas um pequeno beijo picante sobre o umbigo. Ele gemeu, o som perfurando a mente enquanto os punhos cerravam nos cobertores. Ele precisava dela mais abaixo, apenas um pouco mais abaixo. Seu pau estava se erguendo feroz e quente entre as coxas, as bolas doendo com a necessidade de alívio.

Lentamente, o conhecimento de que a realidade e não um misto de sonho penetrou sua mente, enviando uma labareda severa de horror furioso por ele. Os olhos abriram bem rápido enquanto as mãos se moviam, pegando o pulso dela enquanto os dedos esbeltos se moviam para cercar o membro pulsante que erguia muito avidamente para o toque dela.

Os olhos de bruxa, de um cinza tempestuoso, quase pretos com excitação, ergueram para os dele. As pestanas escuras sombreavam as bochechas enquanto um sorriso atrevido curvava os lábios e a pequena língua rosa passava pelos lábios antes da cabeça começar a se abaixar.

Ele não podia falar. A mandíbula cerrou, o corpo doía, a mão livre disparou, para prender o cabelo dela e segurá-la de volta. Os lábios eram como uma brisa úmida, a crista vermelha subindo muito avidamente para os lábios dela.

Nada podia parar a língua dela. A mandíbula dele cerrava tão firme que ele se perguntou por que ela não havia rachado quando a língua dela passou da base até a ponta e então fez cócegas no anel de ouro perfurando no prepúcio.

Os quadris dele empurraram, involuntariamente arqueando para os lábios dela apesar do aperto que ele mantinha no cabelo dela, o desespero na mente que o impedia de sucumbir sob o prazer.

Era tão bom. Era bom demais. A língua se arrastou pelo pequeno anel com a bola, enviando faíscas de sensação aquecida queimando junto do pau.

Ela era tão linda. Pelada, corada, os seios inchados, os mamilos rosa e túrgidos enquanto ela se curvava sobre ele. Sua maior fantasia, seu pior medo.

"Deixe-me", ela sussurrou, respirando sobre a cabeça úmida de sua ereção





enquanto ele fechava as pálpebras com o prazer que uma simples carícia trazia.

Os olhos dele se estreitaram para ela enquanto ela tomava a mão que ele agarrava, envolvendo os dedos enquanto ele a forçava a segurar a base de sua carne torturada.

Ele não podia falar. Apenas Deus sabia a loucura que passaria pelos lábios dele se tentasse. A outra mão dele apertava o cabelo dela, com a intenção de arrastar os lábios rosados dela sobre a cabeça pulsante.

Uma franzir se formou entre as sobrancelhas enquanto ela se debruçava de volta, dando um puxão no aperto no cabelo.

A voz era forte, exigente. "Você teve a sua diversão; agora é a minha. Deixe-me, Clint".

Ele lutou para respirar. Como diabo ele deveria permitir a ela a liberdade de tocá-lo como ela queria? Ela o mataria. Ela não sabia que já estava destruindo a alma dele?

"Deixe-me". A voz dela suavizou enquanto continuava a encará-lo entre as coxas abertas. "Eu sonhei com isso. Dar prazer a você. Deixe-me te dar prazer agora".

A mão livre dela se ergueu, os dedos prendendo o pulso, puxando-o enquanto ele forçou os dedos a soltá-la. Ele podia ver a necessidade nos olhos dela, a fome. Apenas por um minuto. Ele podia aguentar, com certeza-

"Jesus!", a mão dele voou para o cabelo dela novamente, prendendo as mechas dela enquanto a boca quente cercava a cabeça violentamente sensível. "Não".

Os lábios se ergueram dele enquanto o olhar dela relampejava.

"Não me diga não". Ela tirou a mão dele da dela novamente. "Do que você tem medo, grande homem? Que uma pequena e fraca garota vá te machucar? Assim...?", a língua bateu sobre ele, enviando uma explosão de calor pela sua região lombar que quase roubou sua respiração.

"Morganna". Ele se moveu para pegar o cabelo dela novamente, apenas para fazê-la sacudir a cabeça para o lado, raiva cobrindo as bochechas.

"Se você agarrar meu cabelo novamente, eu vou morder você". Os dentes se juntaram sobre a cabeça pulsante do pau e ele quase teve a liberação na hora. "Agora fique quieto e me deixe te tocar, Clinton McIntyre, ou eu prometo, você vai ficar machucado por uma semana".

A língua dela se moveu sobre a bola de ouro por um segundo antes dos dentes a agarrarem, o pequeno beicinho nos lábios o assegurando de que ela estava séria.

Clint lutou para tragar. A cada toque, a cada doce e sedosa carícia, ela estava destruindo a alma dele. Como diabo ele conseguiria deixá-la ir quando tudo estivesse acabado?

"Eu preciso saborear você", ela sussurrou enquanto lambia embaixo do





prepúcio, a pequena língua correndo sobre a área mais sensível do pau. "Eu preciso te fazer se sentir bem, também, Clint".

As mãos dele bateram na cama, segurando nos cobertores enquanto ele ousava olhar de volta para ela. Ele não podia falar. Só saíam bobagens.

"Você é tão afável, também". O riso dela foi sobre ele, torturando-o enquanto a mão delicada dela começava a golpear seu membro espesso. "Tudo bem, amor; estou acostumada aos seus resmungos. Deus sabe que eu não poderia lidar com o choque se você fosse realmente bonzinho".

Os olhos dela cintilaram com riso.

Ele se forçou a ficar mudo, a se segurar.

Ele não tinha como se segurar contra os lábios dela. Os lábios cercavam a dor ardente na cabeça de sua ereção, chupando-a no fundo de sua boca enquanto a língua pegava e tocava o anel que perfurava o prepúcio.

"Oh, Deus!", ele rezou, sentindo o gozo vir do escroto enquanto lutava por controle.

O gemido vibrou contra ele enquanto a boca se apertava nele. Os lábios se estiravam ao redor dele, enviando dedos primorosos de choques elétricos por seu pênis, diretamente para suas bolas. Merda, ele não duraria um minuto desse jeito.

Os quadris dele se curvaram novamente, levando a cabeça inchada mais para o fundo enquanto a boca firmemente o chupava. Tão doce, quente, aveludado e apertado. E o rosto. A expressão dela era algo que ele sabia que ficaria marcado em brasa em sua mente para sempre.

Brilhava. A linda e doce face dela brilhava diante dele enquanto lábios famintos o consumiam. Olhos pesados o encaravam, dedos esbeltos acariciavam seu membro e seu saco esticado embaixo, fazendo a mente dele voar.

Ela era a visão de todas as fantasias sexuais que ele tinha conhecido na vida. Claro, todas as fantasias sexuais que ele tinha imaginado eram com Morganna.

"Doce querida". Os lábios dele abriram, a voz tão rouca que o chocou, derramando as palavras que se formavam em sua mente. Deus, ele não podia resistir a ela, não podia resistir à necessidade que tinha se seus quadris bombeando, a ereção fodendo em sua boca enquanto a região lombar se apertava com uma liberação que ele se perguntava se sobreviveria.

"Perfeito". O gemido estrangulado dele passou pelos lábios enquanto ela lambia o anel de bola, arrastando-o, lambendo sobre o prepúcio. Que os céus tivessem clemência dele, ele iria estourar o próprio cérebro com o orgasmo.

Isto não era prazer. Era uma tortura com lambidas sedosas, uma sugada firma com bochechas de cetim. Era o tormento mais incrível que ele já havia conhecido na vida.

"Deus, sim!", o corpo dele ficou tenso enquanto ele a sentiu levá-lo mais fundo, sentia a doçura, a formação ígnea atrás da ponta altamente sensível do pau.





"Maldição vá para o inferno, Morganna!".

Ele iria gozar. As mãos dele se moveram para a cabeça dela, apenas para caírem de novo quando a pressão no pau aliviou.

"Merda. Chupe-me". As mãos dele bateram de volta na cama.

Ele não era tolo. Se ele ousasse tentar controlar, ela pararia. E ele não poderia aguentar. Ela estava chupando a mente dele através da ponta do pau e ele considerava isso um sacrifício aceitável. Os dedos ígneos de prazer estavam despedaçando suas costas, chiando na base de sua espinha, advertindo-o de que ele não podia se segurar muito mais.

Ele ansiava por ar. Respirar estava quase impossível. O suor apareceu inesperadamente sobre o corpo dele enquanto friccionava os dentes, grunhindo com o êxtase que o tomava.

"Maldição, você!".

A boca apertou.

"Morganna. Neném..."

A língua chamejou, deslizando pelo anel de bola, chicoteando-o com calor, e então enquanto a ponta de sua ereção era sugada para a parte de trás de sua garganta a explosão o fez clamar, quando ele nunca havia clamado antes.

Os quadris se curvaram apertados, os olhos fechando enquanto a cabeça afundava no travesseiro e seu sêmen estourava da ponta de seu pau, derramando nas profundidades quentes de sua boca. Era sem fim, rasgando-o, estremecendo por seu corpo, e roubando sua alma.

Quando a última pulsação furiosa, quente e líquida foi consumida pelos lábios sedentos, ele estava livre. Ele a empurrou para ele, rolando-a para a cama e se colocando entre suas coxas.

Ele ainda estava duro, ainda estava faminto. Ele nunca iria, nunca poderia, ter o suficiente dela. As mãos agarraram os quadris dela enquanto ele veio sobre ela, as coxas abrindo as dela enquanto ele entrava nela.

O calor líquido começou a cercá-lo. Ela era tão apertada que ele teve que trabalhar dentro dela, gemendo a cada punhalada rasa até que ele a encheu, até que ele podia sentir cada centímetro de sua ereção cercada por ela.

E não era o suficiente. Ele a segurou apertando-a perto de seu tórax tanto quanto possível, precisando da pele dela fundindo com a dele, tocando sua alma apesar do medo que o segurava.

"Abrace-me", ele grunhiu contra o pescoço dela.

Mas ela o estava abraçando, os braços apertando ao redor dos ombros. E não era o suficiente. Ele precisava de mais. Precisava mais dela para acabar com a dor que se formava em sua alma.

"Abrace-me, Morganna". Ele começou a empurrar, desesperado por ela, precisando de mais de um modo que não podia explicar. Ele não podia ficar mais





perto dela, não era possível, mas ainda assim, não era o suficiente. Deus, não era o suficiente; ele iria morrer se não pudesse tocá-la mais fundo, se ela não o tocasse mais no fundo.

Os braços dela se apertaram mais ao redor dos ombros dele então, os gritos ecoando em seu ouvido enquanto ele empurrava mais firme, as punhaladas ganhando velocidade, matando-os de prazer enquanto o desespero o deixava mais duro.

Mais duro. Mais. Deus, ele precisava de mais.

"Eu amo você, Clint...", o grito rasgou a cabeça dele enquanto ele a sentiu se apertar ao redor dele, sentido o orgasmo a levando. "Eu amo você...".

E ele estava lá. Ela estava lá. Mais fundo. Ele enterrou a cabeça no pescoço dela enquanto sua própria liberação o alcançava. Pulsar após pulsar ofuscante enquanto a sanidade se tornava refém do prazer, e Morganna se estendeu pela alma dele.

Capítulo 13

Ele estava ficando assustado. Morganna podia sentir isto. Ecoava na batida lenta do coração dela e a dor ressoava em sua alma.

Não era uma fuga física, mas mental. Sentimental.

"A que horas mesmo nós vamos nos encontrar com Joe?", ela forçou Clint a girar seu olhar para ela enquanto ela deslizava uma meia-calça pelos dedos do pé e a puxava lentamente pela perna.

Usando apenas uma tanguinha preta e um sutiã preto meia-taça, ela sabia a imagem que exibia. Sexo. Sedução. E o efeito não tinha acabado se aquela protuberância nas calças dele fosse qualquer coisa que se pudesse deixar passar.

"Quatro". A resposta foi baixa, a voz distante.

Morganna concordou com a cabeça enquanto erguia o outro par da meia-calça preta que tinha acabado de ajustar na coxa enquanto se sentava na extremidade da cama. Cobrindo cuidadosamente o pé oposto, correndo acima na perna enquanto ele fixava os olhos nela. Ele a olhou quando ela se virou, quando ela abaixou a cabeça, mas se ela o enfrentasse diretamente nos olhos, o olhar dele deslizaria por ela antes que ela desse as costas.

Isso a apavorava. Não porque ela estivesse com medo dele mas por causa da força do mecanismo de defesa que tinha surgido nele no momento em que ele tinha saído de perto do corpo dela e ido para o banheiro onde tinha ficado o que pareciam horas.

Por tempo o suficiente para a pele dele descascar, ela estava certa disso.

"Você pode se apressar e se vestir? Nós precisamos sair daqui". Ele estava em





modo SEAL, como ela e Raven chamavam. Sem emoções, ar profissional.

Morganna ajustou a meia-calça antes de olhar rapidamente para a cadeira onde ele tinha se sentado novamente. Ele estava largado com a aparência preguiçosa de abandono. Até essa aparência era uma droga.

"Eu te disse que leva um pouco de tempo para eu me arrumar". Ela ergueu os ombros negligentemente enquanto ficava de pé, com cuidado para ficar de costas para ele.

Ela podia sentir os olhos dele no seu traseiro. O conhecimento íntimo não a chocava, ela sempre sabia quando Clint a estava observando, mas agora ela conhecia a diferença na intensidade.

Ele a estava comendo com os olhos. De forma voraz. Com desejo. E estava se segurando para não tocá-la. Se afastando do único jeito que conhecia.

Ela esticou a mão para as costas da calça, ajustando-a entre a fenda do traseiro e também os quadris. Ela ouviu a arfada dele e resolver ignorar.

Virando devagar, ela se moveu para as roupas que Clint de alguma maneira tinha conseguido achar mais cedo. Depois daquele banho, ele tinha desaparecido por uma hora e retornado com as roupas e informou a ela que ela as vestiria.

"Você tem muito mau gosto". Ela pegou a minúscula saia de couro preto e a colocou cuidadosamente.

As extremidades das meias-calças apareceram, mas pareciam razoavelmente sensuais. A seda preta do top não seria a primeira escolha dela, mas ela não discutiu quando a tinha pegado na bolsa mais cedo.

"Parece bom". Os olhos nunca deixando o dela enquanto ele esfregava o dedo pelo queixo, o olhar a examinando cuidadosamente.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Ele estava calculando o melhor jeito de mantê-la fora de perigo, examinando cuidadosamente cada detalhe do que eles estavam para fazer, e forçando a si mesmo a vê-la como uma ferramenta para o trabalho em vez da mulher que desejava.

Modo SEAL. Ela odiava isto.

"Hmm". Ela apertou os lábios antes de ficar de pé. "Tenho que parar em casa para botar maquilagem. Eu devia ter feito isso antes de me arrumar".

"Você não precisa da maquilagem".

"Sim, preciso". Ela alisou a saia sobre as coxas antes de olhar de volta para ele placidamente.

Um vinco apareceu entre as sobrancelhas dele. "Você não precisa e não há tempo para isto".

"Então não há tempo para se encontrar com Joe", ela calmamente o informou. "Eu não vou a lugar algum sem maquilagem, Clint; pode se acostumar com isso".

"Não".

Certo, ela já estava cansada disso. Ela girou, pegou a bolsa que continha as





roupas que tinha vestido na noite anterior, e se dirigiu à porta do quarto.

"Onde diabo você pensa que está indo?", a mão bateu contra o painel enquanto ela o alcançava, fazendo-a se lembrar demais da noite no apartamento dele quando ele a tinha jogado contra a porta.

Ela girou para ele, sentindo a ereção sob a calça jeans roçar contra a parte inferior da barriga e tentou ignorar o salto da pressão sanguínea. Deus, o que ele tinha feito com ela naquela cama pela noite. O prazer não deveria ser tão bom; não deveria levá-la até tal extremidade tão próxima do tormento, a sonhos nunca imaginados.

"Estou voltando para a minha casa", ela disse a ele suavemente. "Vou colocar as minhas próprias roupas, e maquilagem. Depois disto, nós podemos fazer aquela reunião ou você pode ir para o inferno. A escolha é sua".

Ela viu a batalha nos olhos dele, hipnotizando-a enquanto via a raiva e a emoção lutarem por domínio.

"Suas roupas são muito chamativas", ele disse finalmente, a mandíbula cerrando violentamente. "Não é o caso do que fica melhor. Depois que nos encontrar com Joe, iremos ao andar de baixo no Diva, para o coração do clube. Se você não se vestir diferente, nunca será aceita lá. Esse não é um desafio ou controle. É sobre chegar até a droga. Me desafiar sexualmente é uma coisa. Me desafiar na base da relação Dom-sub é outra".

"E usar estas roupas e nenhuma maquilagem ajudará?", ela fez uma carranca ao sentir a ereção dele fazendo o pulso dela ficar mais rápido.

Ele respirou profundamente. "Ao ficar livre da maquilagem e do seu modo normal de se vestir, você mostrará ao outros, aqueles que não estão envolvidos com as drogas, que você está interessada em se submeter. Você ganhará aceitação, e a aceitação trará as informações a você. Para os distribuidores ou os negociantes, isso os força a se aproximarem de cometer um erro, porque eles sabem que é uma encenação. Eles saberão o que você está fazendo, ainda que ninguém mais o faça. Homens assim verão isto mais como um desafio do que como um estratégia para forçá-los a um engano.

"Eles não suspeitarão do meu envolvimento simplesmente porque eu sou uma parte do clube interno. Eu também sou conhecido por escolher mulheres que se assemelham a você. Fará o meu trabalho mais fácil".

"Porque você me queria", ela disse roucamente, ouvindo apenas a admissão de que as mulheres dele se assemelhavam a ela. "Você ia para outras quando me queria". E isso machucava.

Ele fez uma careta, o gelo ao redor de si derretendo mais.

"Até que eu não podia mais suportar", ele finalmente admitiu como se o conhecimento o enfurecesse. "Eu ainda não posso suportar, Morganna".

"Clint-", ela teria protestado a admissão, mas o dedo contra seus lábios





impedia as palavras.

"Você é como um fogo dentro de mim", ele disse, mas o tom de remorso na voz cortava o coração. "Você acha que eu te acho insuficiente, mas isto não é verdade, neném. Eu que tenho defeitos, e quando você perceber quais são, entenderá por que eu me afastei de você".

"Quais defeitos? A habilidade de entender que a sua personalidade normalmente nada encantadora não é a razão de eu te amar?"

Ele respirou com força enquanto a cabeça abaixava, os lábios deslizando nos ombros dela enquanto Morganna lutava contra o peso no coração.

"Se eu pudesse amar alguém", ele sussurrou na orelha dela alguns segundos mais tarde, "seria você, Morganna. Com certeza seria você".

Outra mulher poderia se sentir ofendida. Uma parte de Morganna a assegurou de que ela deveria ficar ofendida. Mas ela sabia que Clint era teimoso, impossível de se compreender, arrogante e exigente o máximo que podia, ele não era carente de paixão.

Ele a amava; ela estava certa disto. Aceitar poderia ser uma questão diferente para Clint. Ele via muitas sombras cinza e não via o suficiente dos matizes do arco-íris que o amor podia ser.

"Sou eu", ela sussurrou de volta, recusando-se a permitir a ele esconder, que mentisse não apenas para ela, mas para si mesmo. "E nós dois sabemos disto, Clint".

Enquanto a cabeça dele erguida, Morganna o encarou calada.

Os lábios dele se moveram estranhamente. "Você causará a minha morte".

"Ou te darei vida". Ela deixou as mãos caírem para os ombros dele enquanto ele os soltava, apreciando o calor e poder dos ombros largos dele.

"Você não sabe que sempre foi a minha vida?", ele disse enquanto a puxava para perto, apenas para facilitar a abertura da porta atrás dela. "Vamos. É hora de mostrar o que podemos fazer, gata selvagem. Vamos tentar achar os caras maus".

Ela não discutiu com ele, mas ela o conhecia. Clint nunca tinha percebido, e talvez ainda não tivesse, apenas o quão bem ela o conhecia.

Ele ainda estava se escondendo dela.

Ela fez uma carranca quando ele verificou o corredor antes de tirá-la do quarto principal e levá-la para os elevadores. Ela sempre se perguntava sobre a sombra de dor nos olhos dele, mesmo quando ele era muito mais jovem. Ela e Raven discutiam sobre isto frequentemente.

Clint sempre tinha sido distante com a irmã também, porém Morganna e Raven achavam que era por causa da diferença de idade. Ele era dez anos mais velho do que a irmã, e sua relação com os pais sempre tinham sido tempestuosa.

Raven ainda era uma criança quando Clint tinha se graduado no segundo grau e se alistado, depois disto, Raven via o irmão apenas ocasionalmente, quando ele estava na casa dos Chavez. Ele raramente aparecia na casa dos pais. E não tinha ido





ao enterro do pai.

Depois de Raven ter saído da casa da mãe, Clint tinha começado a vê-la mais frequentemente. Ficando no apartamento dela quando estava na cidade em vez do apartamento dele. Mas era como se ele deliberadamente colocasse distância entre si mesmo e a irmã. Uma distância que Morganna sempre soube que ele se lamentava.

Ela olhou de relance para ele quando eles pararam no elevador. Ele olhava o painel marcando cada piso à medida que passava, a expressão em branco. Morganna tinha esperado sua vez. As portas de elevador se abriram na garagem do estacionamento. Ela ficou calada enquanto ele verificava a área, então o seguiu descansadamente enquanto eles se moviam para a picape.

O som suave dos saltos dos sapatos no chão de cimento era o único som entre eles enquanto ele a levava à caminhonete.

"Fique aqui". Ele a deixou alguns metros longe da caminhonete antes de se curvar e começar a olhar ao redor dela. "Limpo", ele anunciou enquanto abria a porta do carona e dava um passo para trás.

"Você está brincando". Ela encarou o apoio de pé na lateral do veículo, vários centímetros mais alto do que a saia apertada dela permitiria-a alcançar.

O suspiro longo dele foi de sofrimento. Jogando a bolsa no banco de trás, ele se voltou para ela, pegando-a pela cintura, e a ergueu para o banco.

"Você vai me fazer tremer com todos esses músculos, Sr. McIntyre", ela sorrindo afetada e zombeteiramente enquanto ela batia os cílios para ele antes de girar e ir para o centro do banco.

"Louca", ele grunhiu enquanto se movia para baixo do volante e batia a porta. "Vá para lá".

Ele colou a coxa na dela, o braço parando no seio, enquanto ele engrenava o veículo e saía.

"Não". Morganna se moveu contra ele, arrastando os peitos sobre a parte inferior do braço dele enquanto ela o sentia ficar mais tenso.

"O que você quer dizer com não?", ela gostou do modo como a voz dele pulsou com luxúria. Oh sim, ele sabia que o que eles tiveram, sabia que o que ele havia achado com ela, não iria achar com outra mulher, e a queria. Muito. Novamente.

"Eu quero dizer que estou confortável. Se você quer me vestir com roupas que garantam um convite ao sexo, você ao menos podia me dar um pouco de excitação".

"A noite anterior não foi o suficiente?".

"Eu gostei mais desta manhã". Ela deu uma olhada de rabo de olho enquanto ele saía da garagem do estacionamento.

"Tenho certeza que sim". A voz dele esfriou um pouco.

Ela mal conteve o suspiro. "Mas, de fato, eu notei algo vagamente aborrecido".





Ela ergueu a mão, inspecionando uma unha lascada, antes de olhar para ele enquanto ele olhava de relance para ela depressa.

"O quê?", a voz dele continha suspeita.

"Você não usou um preservativo, meninão", ela assinalou sarcasticamente.

"Você pensou nisto?".

Ela tinha.

"Não se preocupe com isto".

Ela não tinha mal entendido o apertar do corpo dele ou o modo como as mãos tinha se apertado no volante até as juntas ficarem brancas.

"Não me preocupar com isto?", ela perguntou assombrada. "Clint, eu não sou estúpida. Eu posso estar tomando pílula, mas não é cem por cento efetivo, como você sabe. E isto sem considerar as DSTs. Como você tão calmamente pode acreditar que eu não iria me preocupar eventualmente sobre isto?".

"Eu uso preservativo com as outras mulheres", ele grunhiu, dando um olhar meio bravo. "Você não tem que se preocupar com DSTs".

Ela revirou os olhos zombeteiramente enquanto fugiu para o lado o suficiente para fechar o cinto de segurança e se virar para ele.

"E como você pode estar tão certo de que eu estou segura?".

"Porque você não foi criada para ser estúpida". A mandíbula dele juntou enquanto seus olhos ficavam colados na estrada.

Ela o encarou de volta, confusão virando um pouco de raiva.

"Como você pode estar certo disso?", ela perguntou.

"Esqueça, Morganna", ele forçou as palavras a passarem pelos lábios apertados.

"Eu marcarei uma consulta para semana que vem com o meu médico". Ela conhecia aquela expressão no rosto de Clint. Era a que ela normalmente via quando descobria que ele ou Reno tinham mostrado o medo da morte para um namorado dela.

"Você não pode estar certo".

"Eu estou certo, droga".

"Prove".

"Porque eu fiz uma porra de uma vasectomia cinco anos atrás. Por isso eu não posso te engravidar".

Morganna o encarou em choque. Um grunhido bravo enrolou os lábios dele quando ele olhou ferozmente para ela, os olhos azuis vivos com raiva.

"Satisfeita?", ele ralhou quando ela não teve nada mais para dizer. Um grande peso se formou no tórax dele enquanto ela o encarava. Não era apenas raiva que tomava a expressão dele ou seu olhar. Sombras de amargura, demônios rondavam lá, e Morganna percebeu que apenas agora estava vendo como eles realmente eram.





O que havia acontecido? Por alguma razão Clint tinha se segurado contra ela, isto provava que não era simplesmente porque ela era uma "garota festeira". Havia algo mais profundo, alguma razão mais sombria.

"Por enquanto", ela sussurrou, se voltando no banco e olhando fixamente adiante enquanto Clint ia pelo tráfico de domingo à tarde em direção a Atlanta e a reunião com Joe.

Que diabo tinha acontecido com ele? Morganna franziu o cenho, se perguntando se Clint sempre tinha sido assim tão duro, tão frio. Ele tinha evoluído? De certo modo tinha, mas ela tinha percebido que desde que o havia conhecido, que ele tinha um carço tão duro quanto aço, não apenas físico, mas mental. E sempre tinham existido sombras. Elas a tinham atraído quando era criança. Fazia-a querer confortá-lo nos poucos momentos que via um vislumbre de dor no olhar dele.

Ele tinha escondido isso de todo mundo que conhecia, ela pensou. Tão eficazmente que ela nunca tinha suspeitado de que o homem que tinha sido sempre tão tenro e gentil com as crianças dos outros não fosse querer ter alguma só dele.

Cada cabeça no salão principal do andar inferior do Diva se virou quando o elevador se abriu e Morganna entrou no cômodo primorosamente mobiliado. Havia cinquenta pares de olhos que de repente se voltaram para ela, inspecionando seu rosto limpo, o comprimento da saia curta de couro, e o colarinho em seu pescoço.

O colar a surpreendeu. Não era o couro tradicional ou ornamentado que muitas das submissas usavam, Clint a tinha surpreendido com um sufocador de prata de dois centímetros e meio de largura que se ajustou perfeitamente e aparecia claramente contra sua pele escura. No centro da correia havia uma pequena safira azul escura, quase da cor de seus olhos. Um pendente para marcá-la como apenas dele.

Eles pararam em um curvo e largo contador de madeira escura da recepção onde Morganna assinou a declaração de confiança que Clint a advertira de que a estaria esperando. O acordo de seis páginas envolvia tudo exceto seu primeiro filho caso ela ousasse divulgar as atividades vistas, praticadas, ou ouvidas falar dentro do que eles chamavam de 'andar de baixo do Diva', 'subsolo do Merlin', ou 'as cavernas do Roundtable'. Como Drage tinha declarado antes, ele tinha se coberto bem.

Com a mão nas costas dela, Clint a levou para o cômodo atapetado com pelúcia. Movendo com facilidade relaxada, ele a guiou através do quarto para um grupo pequeno sentado no final deste.





Drage Masters estava debruçado para trás em sua cadeira enquanto assistia o avanço dele, um pequeno sorriso dançando nos lábios sensuais enquanto os olhos deslizavam sobre os homens e mulheres juntos lá.

Bom Deus, lá está o filho do senador. Aaron Hawkins. Ela já tinha ouvido rumores de seus gostos excessivos por sexo, mas não tinha acreditado. Ao lado dele, Jayne Smith se reclinava para trás em uma cadeira, os olhos exoticamente curvos seguindo o progresso deles. Ela não usava nenhum colarinho, o que a proclamava como uma Domme em vez de uma submissa.

Morganna teria preferido fazer seu debut aqui nas condições dela, sob seu próprio controle. Em vez de... Ela olhou de relance para as mulheres sentadas aos pés de seus Doms. Droga, isso ia dar merda.

Ela ficou tensa enquanto Clint se movia para uma cadeira vazia, ignorando a advertência dos dedos dele nas suas costas. Ela não era uma tola; sabia o que deveria fazer. Ser submissa. Ela quase suspirou com o pensamento. Isso não era nada parecido com ela.

"McIntyre". Drage moveu a cabeça enquanto Clint facilmente tomava sua cadeira, segurando a mão dela sutilmente até que ela conseguiu se sentar graciosamente no chão aos pés dele.

Com as pernas curvadas, equilibrando cuidadosamente sobre um quadril, ela podia manter pelo menos uma semelhança de decência enquanto fazia isso. Ela iria matar Clint quando eles saíssem por não tê-la advertido do que devia esperar.

Ela esperava algo semelhante ao clube de cima. Em vez disso, o que achou foi um santuário de controle. A música era tranquila, um murmúrio suave de melodias clássicas que pulsava com uma meia-voz de calor sexual. Arranjos confortáveis de assentos estavam dispersos ao longo do cômodo, no que pareciam ser mesas de jogo. No lado distante havia um bar bem provido, e os garçons e garçonetes usavam couro e colarinhos de couro vermelhos com a palavra "Diva" marcada neles.

O acordo de assento que Clint tinha escolhido era de oito cadeiras agrupadas ao redor de uma mesa larga e baixa. Todas as cadeiras estavam cheias, com apenas Jayne Smith carente de uma companheira aos seus pés. Em vez disso, um macho fortemente musculoso estava debruçado contra sua cadeira, o rosto bonito com diversão enquanto olhava de relance para Morganna.

Isso era muito irreal. O sub de Jayne era um membro muito famoso da sociedade. Excessivamente rico, bonito, e considerado um dos solteiros mais perseguidos do estado, Todd Harrington não era a ideia de ninguém de um sub. Mesmo assim aqui estava ele sentado, usando calças de couro preto, o tórax musculoso nu: uma tira de couro preta simples no pescoço e a faixa de couro no pescoço simples com uma corrente de prata caindo ao lado. Em vez de uma corrente grossa ou uma pedra preciosa, Jayne marcava seu sub com uma pequena correia de apenas dez centímetros de comprimento.





A atenção de Morganna saiu do sub quando sentiu o anel de Clint deslizar preguiçosamente por seu cabelo enquanto ele pedia uma bebida para si mesmo, e então pedia água para ela. Água?

Ela girou a cabeça e olhou de relance para ele com o canto dos olhos. Oh, ele iria pagar por isso.

"Boa noite, Morganna", Drage finalmente a saudou enquanto todo mundo continuava a olhando.

Ela girou a cabeça, encontrando diretamente o olhar de Drage.

"Oi, Drage". Ela ignorou a tensão delicada de Clint em seu cabelo.

Os lábios de Drage se contraíram enquanto ele olhava de relance para Clint. "Ela vai ser difícil de amansar, McIntyre", ele informou a Clint.

"Eventualmente ela será". A voz de Clint endureceu com determinação, e apesar de Morganna entender bem a encenação nas quais eles estavam envolvidos, ela de repente estava intensamente contente por ser uma encenação. Porque ela sabia que Clint podia ser um homem muito perigoso de se entrar no caminho.

"Fico surpreso por você ter conseguido fazê-la usar o colar", um cavalheiro mais velho comentou. "Ela nunca usou outra marca, nem tinha permitido uma correia no próprio pescoço. Parabéns".

O que diabo era ela, um troféu? Ela olhou para ele através das pestanas, memorizando seu rosto. O tom dele era insultante, o olhar desaprovador enquanto a encarava.

"Eu não a forço a fazer nada, Collins", Clint declarou com uma meia-voz de exasperação. "Morganna está aqui por escolha, como eu assumo que Velvet está".

Velvet era uma loira de vinte e alguma coisa que estava sentada aos pés do homem mais velho, a cabeça abaixada. Ela estava usando um vestido aveludado preto que abraçava o corpo pequeno e deixava pouco a imaginação. Os seios quase estourando do tomara-que-caia muito-apertado, e uma fenda que subia pela coxa e parava timidamente no quadril.

"Claro que ela está; não está, querida?", ele bateu levemente na cabeça loira como se ela fosse seu animal de estimação favorito.

"Claro", Velvet murmurou, a cabeça ainda abaixada.

Morganna colocou Collins no alto de sua lista de suspeitos naquele momento.

Morganna assistiu o grupo enquanto a discussão se movia para a política do município, o velho assunto de sempre. A garçonete trouxe uma bebida para Clint, então colocou a água da Morganna na mesa baixa. Ela a encarou. Fixamente.

Um segundo depois Clint se esticou e alcançou a mesa ao lado da dela onde deixou sua bebida. O cheiro do uísque a chamava. Ela mordeu o lábio, desviando rapidamente o olhar antes que um de seus impulsos menos submissos a pegasse.

Ela ergueu a bebida, e tomou gole para se fortalecer enquanto ignorava o brilho de diversão na maior parte das expressões ao redor dela. Menos na de





Collins.

"Morganna querida, isso era meu", Clint disse, uma extremidade de aço em sua voz. "Eu terei que te castigar".

Os dedos dele se apertaram sensualmente no cabelo dela. E isso não era justo.

"Eu me lembrarei disto", ela respondeu, quase não conseguindo esconder um sorriso quando o silêncio tomou o grupo por um momento.

"Então, Jayne, já conseguiu fazer o seu brinquedinho masculino conseguir suprimir seu carinho por outras mulheres?", Collins perguntou então, girando-se para Jayne. "Ele pareceu ter um prazer especial em foder a mulher do Hawkins na outra noite".

Oh, cara. O olhar de Morganna voou para Jayne e seu "brinquedinho masculino". Os dedos de Jayne arrepiaram o cabelo preto dele.

"Foi bem excitante, não foi?", ela disse com a voz macia. "Há algo de especial nele. Tenho certeza de que a garota se divertiu muito".

Todd curvou a cabeça, e beijou o joelho coberto de couro de Jayne, e piscou sutilmente para Morganna.

"Se eu me lembro corretamente, ele ficou particularmente encantado em ajudar Clint no último mês com aquela garota no Merlin", Collins disse com tom penetrante enquanto sorria maliciosamente para Morganna. "Seu mestre aprecia compartilhar suas mulheres, Morganna".

"Ele costumava apreciar compartilhar suas mulheres talvez", ela calmamente declarou. "Não mais".

Collins ergueu o olhar para Clint. Morganna não se aborreceu em se virar e ver a fúria ardente nos olhos de Clint; ela sabia que ela estava lá. Tinha ficado claro pelo leve empalidecer no rosto de Collins.

Ela também estava ciente do olhar dos homens que a observavam que ficou mais intenso, o olhar mais quente. De um em particular, Hawkins, observando-a com luxúria devastadora enquanto a mão se apertava no cabelo de sua sub. E enquanto Morganna o assistia, de olhos largos, a mulher se moveu entre as coxas dele, os dedos obviamente abrindo suas calças.

Eles não iriam.

Eles fizeram.

Hawkins a encarava com olhos estreitos enquanto a morena aliviava a ereção de sua calça comprida e abaixava a cabeça.

Morganna virou a cabeça, sentindo o calor surgir no rosto, muito ciente de como era observada atentamente. Ela se forçou a não deixar a mão tremer enquanto pegava a bebida de Clint novamente e tomava um gole maior da bebida ardente.

Hawkins obviamente estava apreciando as atenções de sua amante se os seus murmúrios baixos de prazer fossem alguma coisa que se pudesse deixar passar. Bom





Deus, estas pessoas não acreditavam em privacidade?

Ficando de pé, Morganna ignorou o baixo murmúrio de Clint enquanto inalava profundamente e olhava fixamente para Jayne.

"Há algum banheiro para as damas?", Morganna olhou de relance para a mulher que sugava atentamente a ereção de Hawkins. "Ou isto é para visão pública também?".

Jayne olhou por sobre a dupla por um bom momento acariciando seu amante no ombro e ficando de pé. "Clint?", ela se virou para ele.

"Eu preciso da permissão dele para visitar o banheiro das damas?", Morganna praticamente estava queimando com embaraço agora. Ela iria matar Clint por não a haver advertindo.

"Com outro Domme, sim". Jayne riu. "Mas ele sabe que não precisa se preocupar. Mesmo sendo tão adorável, querida, mulheres não são a minha praia".

Morganna não iria comentar.

"Venha comigo então". Jayne indicou um corredor a vários metros de onde Morganna estava. "Eu mesma preciso de uma pausa".

Elas se moveram para o corredor, onde Morganna parou com tudo de uma vez só. O caminho era iluminado por janelas, mas a visão não era o exterior. Eram pequenos quartos, uma janela ao lado da outra, com graus variados de atos sexuais sendo feitos por detrás delas.

"Posso ver que Clint seguiu seu contrato com Drage", Jayne comentou enquanto Morganna começava a segui-la lentamente. "Advertir você sobre o que te espera é expressamente proibido por um membro. Até que você seja aceita por mim e Drage, não tem permissão para passar por este corredor".

Morganna parou novamente, olhando fixamente para uma parte do vidro com olhos largos. Ela conhecia aquela mulher. Uma âncora de TV estava curvada e algemada em uma cama, os quadris erguidos enquanto um homem vestido de couro dava uma palmada no traseiro dela e a mulher erguia e abaixava os quadris, trabalhando o membro de seu amante firme dentro dela a cada impulso para trás dos seus quadris.

Então isto era o que o acordo de confidência que Morganna tinha assinado quando eles tinham entrado queria dizer. Por Deus.

"O banheiro das damas é logo além do corredor". Jayne agarrou o braço dela e a puxou adiante. "Por que diabo você está aqui, Morganna? Você obviamente não é uma submissa".

"É mesmo?", Morganna questionou distraidamente enquanto pausava novamente, engolindo em seco ao ver outro casal. Se ela já tivesse sido curiosa sobre sexo anal, estava tendo uma visão cheia agora.

O brinquedo que Clint tinha usado na noite anterior não se comparava à visão do casal fazendo isso do outro lado do vidro.





"Venha, Morganna", Jayne riu enquanto a puxava pelo braço novamente. "Você pode assistir mais tarde quando Clint estiver com você..."

Mais tarde? Com Clint? Até parece. Isso com certeza não seria uma ideia muito boa.

Morganna escapou para o banheiro feminino, respirando com dificuldade enquanto tentava se grudar à parede ladrilhada do lado de dentro da porta.

Jayne se desculpou e retornou ao salão principal, e para ser honesta, Morganna ficou contente demais com isso. Não esperava por isto. Para ser honesta, esperava algo mais sombrio, mais áspero, e ela poderia ter lidado com isso mais facilmente. Quartos sombreados e música com alguns arranjos sensuais não teriam deixado os nervos dela em parafusos.

A elegância contida, as luxúrias controladas, e descuidos descarados das regras normais de isolamento sexual estavam à beira de deixá-la louca. Fazer algo no canto sombreado ou dentro de uma multidão era uma coisa. O corredor com janelas para os quartos feitos para o jogo sexual, e a exibição de Hawkins enquanto calmamente se sentava dentro de um grupo conversando, era outro.

Ela sabia o papel que estava lá para encenar. A desafiante submissa pouco disposta realmente a se submeter. E se ela não estava engana, ela teve um vislumbre do suspeito que tinha tentado vigiar no andar de cima várias noites antes em um daqueles quartos de janela.

Ele não parecia mais agradável com a mulher que tinha naquela cama com o rosto voltado para baixo do que como agia no andar de cima quando iniciava as mulheres ao fazerem elas colocarem os pés no seu estilo de vida. Morganna estava certa de que Roberto Manuelo estava envolvido com as drogas. Ele socializara frequentemente com os três homens que tinham sido presos na semana anterior, e desde a prisão ele tinha se tornado uma figura obscura e raramente visto nos clubes.

Os clubes subterrâneos de Drage explicavam como Manuelo não era visto ao entrar ou deixar a entrada principal do edifício e ainda assim podia ser visto ocasionalmente no andar principal. O estacionamento subterrâneo privativo o permitia fazer esse tipo de entrada também, mas ficar observando era um perigo. Drage não permitia que nenhum veículo estacionasse ao longo da entrada da parte de trás do clube sem permissão e era o único lugar de onde conseguir uma visão adequada da entrada que levava para a parte inferior do clube.

Agitando a cabeça, Morganna se moveu até a pia de porcelana e balançou a mão embaixo do sensor. Água morna começou a molhar suas mãos, amortecendo-a antes de ela levá-las ao rosto.

As toalhas suaves estavam dobradas ao lado, e ela agitou uma com um estalo antes de secar o rosto e se forçar a trazer o equilíbrio de volta para onde pertencia. Fora da garganta. Maldição, ela nunca tinha pensado que podia ficar tão agitada





apenas em observar outra mulher pagando um boquete. Ou outro casal fazendo sexo. Ou sexo anal.

O traseiro dela se fechou enquanto se abraçava e respirava fundo. Ela tinha que voltar.

Oh, Deus. Ela não estava pronta para isso. Ela não era assim tão descarada sobre sexo.

Morganna retraiu uma respiração funda, endireitado o top. Então voltou para o corredor. Ela não iria olhar para aquelas janelas.

Quatro janelas depois, ela parou. Retraíndo uma respiração funda novamente, ela encarou o quarto, ficando hipnotizada pela dupla.

A fêmea estava amarrada nos quatro pilares da cama, toda arreganhada e obviamente em um mundo só dela. Entre as coxas, o sujeito estava fazendo uma boa quantidade de ações contra sua buceta nua. Lábios. Língua. Dentes. Ele lambia, chupava, mordiscava, e os lábios de sua amante se moviam freneticamente enquanto pleiteava pela liberação.

Morganna não era uma voyeur. Isto não a devia estar excitando.

Mas estava. Ela podia sentir o calor líquido entre as coxas enquanto se forçava a se virar, abaixar a cabeça, e ir pelo corredor. Maldição, algumas coisas estavam muito erradas. Ficar excitada observando estranhos fazendo sexo era muito errado, em vários níveis.

Enquanto Morganna recuava para a área principal, manteve a cabeça baixa. Ela não queria olhar. Não queria ver sexo. Não queria pensar em sexo. Queria fazer sexo.

Enquanto ela voltava para Clint, ele pegou o pulso dela, levando-a para seu colo em vez de permiti-la se sentar uma vez mais. Ela esperava ser empoleirada nos joelhos, mas quando ele a puxou mais para trás, erguendo as pernas dela para os lados, ela o encarou em surpresa.

Ele continuou sua conversa com Drage. Algo sobre um novo clube que Drage estava considerando? Era difícil seguir o rumo da conversação quando a mão de Clint estava acariciando o alto de sua coxa.

Deus, ela precisava de uma bebida.

A mão livre dele apertou a cabeça dela contra seu ombro enquanto a mão acariciava sobre a saia até o quadril dela.

Isto não era muito justo. Ela já estava tão quente que estava para pegar fogo. Ela nunca teve nenhuma defesa contra o toque dele, era desconcertante perceber como era fácil ficar lá, deixá-lo tocá-la, sem se importar com os olhos os observando.

Ele estava relaxado e confortável nesta posição. E era óbvio que ele tinha feito isto antes. Tocado outra mulher enquanto os outros observavam, acariciando-a. Fazendo-a gemer.





Morganna se remexeu ao ouvir o gemido suave de desejo passar pelos próprios lábios.

"Clint, já chega". A mão dele estava movendo embaixo da extremidade da saia dela, os dedos acariciando em pequenos círculos hipnotizantes.

Com as palavras dela, ele pausou enquanto a mão apertava o cabelo dela.

"Meu corpo", ele murmurou suavemente então. "Lembra? Para eu fazer como quiser".

"Esse não era o acordo". Não, era uma encenação.

Ela endureceu enquanto os dedos dele deslizavam por baixo da saia.

"Não". As pernas se apertaram, e ela estava ciente dos olhos que a observavam.

A mão dele pausou novamente.

Morganna estava ciente do silêncio súbito do grupo ao redor deles.

A mão dele apertou o cabelo dela novamente; então a cabeça abaixou e os lábios cobriram os dela. E Deus, ele sabia beijar. Os lábios dominaram os dela, a língua extasiava sua boca, e seus nervos começaram a se incendiar com a necessidade apesar dos olhos os observando.

Morganna enrolou os dedos na camisa dele enquanto lutava contra a fome, a excitação. Esse não era o lugar. Ela era a amante dele, não seu brinquedo. Nesta arena ela sempre seria um brinquedo. Para ele. Para os homens que a assistiam. E esta arena era algo que Morganna nunca se submeteria. Ela sabia disso. Clint sabia disso. E o inimigo sabia disso.

Ela o empurrou para trás, saindo de seu colo enquanto ele a encarava com uma carranca sombria. Havia muitos olhos observando-a. Era luxúria demais a atingindo por fora, por dentro. As próprias emoções dela de repente a estavam assustando, porque ela sabia, até o dedão do pé, que ser o brinquedo de Clint não poderia ser tão ruim. E poderia ser tudo o que ela poderia ter, a menos que milagres acontecessem e a batalha que ela frequentemente via nos olhos furiosos dele virasse aceitação.

Amar e aceitar eram duas coisas diferentes com Clint. Ao passo que para ela, as duas coisas tinham andado de mãos dadas por toda a vida.

"Eu disse não", ela repetiu suavemente. "Não aqui, não assim".

Ela virou e marchou através do salão, de volta para o elevador e fugiu. Eles tinham discutido sobre isto. Ensaiado mais de uma vez. Mas enquanto ela ia para longe dele, sentia a pequena emoção penetrante da excitação, a suspeita de que talvez ela não tivesse sido uma má submissa, se Clint a tivesse ensinado.

Roberto assistiu o casal saindo enquanto ficava de pé nas sombras do corredor





privado que levava aos quartos de janelas. Ele tinha acabado com a pequena cadela que já estava amarrando há várias noites quando a viu no corredor.

Morganna Chavez. Ela havia testemunhado os homens colocarem a droga na bebida da mulher na semana passada e era a razão de eles estarem agora na prisão, uma ameaça a Diego Fuentes e tudo que ele tinha trabalhado.

Morganna devia estar morta. Se o bastardo que foi na direção dela, com o rosto enfurecido, não os tivesse interrompido, então ela teria morrido sob a faca de Roberto.

Ele os assistiu partirem, os olhos estreitados, um sorriso zombador torcendo os lábios. McIntyre não era famoso por permitir a uma mulher que dissesse não a ele. Ele empregava cada truque que conhecia para ganhar cooperação e submissão sexual das mulheres antes de dar as costas a elas e achar outras.

Mas nenhuma delas tinham sido Morganna. Elas se assemelhavam a ela, mas não eram ela. Clint McIntyre obviamente desejava muito esta mulher.

Diego ficaria muito interessado nisso, Roberto decidiu. Era algo que eles podiam usar. McIntyre era conhecido por seus excessos sexuais; a droga não ofenderia um senso de moral que não estava presente.

Talvez não fosse tão difícil se livrar da garota Chavez. Os lábios de Roberto se torceram em um sorriso enquanto ele se moveu na área da recepção e se dirigiu para os elevadores. Ele deveria se encontrar com Diego e ver exatamente como eles deveriam lidar com este desenrolar.

Matar dois pássaros com uma pedrada só poderia agradar o chefe.

Capítulo 15

Ele sabia que a festa era um engano; ainda bem que a pequena reunião não havia sido muito importante e Morganna tinha encenado excelentemente sua parte. Talvez até demais.

Ela tinha silenciosamente desafiado e provocado toda a regra não escrita que governava os Dom(me)/sub estilo de vida. E ao fazer isso cada maldito macho no cômodo ficou babando por ela. Clint tinha que tentar aplacar todo o instinto possessivo que tinha para socar cabeças e enfiar olhos de volta nas cabeças.

Clint levou Morganna para seu apartamento mais tarde na mesma noite enquanto cerrava os dentes juntos e lutava para manter seu temperamento.

"Isso foi muito bom", Morganna comentou enquanto se movia para um lado do cômodo, observando enquanto ele fazia sua passagem pelo apartamento para verificá-lo cuidadosamente. "E Manuelo estava lá. Estou certa de que o vi no outro corredor logo antes de nós partimos".

Clint não iria dizer uma maldita palavra. Se ele fizesse, apenas Deus sabia o que diria ou como diria. Ela o deixava louco. Como diabo ele deveria trabalhar com ela





quando tudo o que ele podia pensar era em fodê-la? Mostrar àqueles idiotas que babavam por ela a exatamente quem ela pertencia.

Ele foi aos quartos, verificou as janelas, se assegurando que a fita que ele tinha colocado sobre as trancas ainda estava no lugar. Estava. Nenhuma impressão marcada, e a madeira ao redor não tinha sido mexida.

Ela não se moveu de sua posição ao lado da porta até que ele voltou ao cômodo principal, a mandíbula junta com o esforço de manter a boca fechada enquanto ela se endireitava da parede e curvava as sobrelanceiras para ele.

Uma cerveja. Deus, ele precisava de uma cerveja. Ele entrou na cozinha, abriu a porta da geladeira e olhou seu interior. Torceu a tampinha com um movimento selvagem antes de levar a garrafa aos lábios.

"Então, você perfurou o seu pau no mesmo tempo em que fez a vasectomia, ou teve que esperar?".

Ele inalou a cerveja, sufocando com o sedimento amargo enquanto as palavras dela batiam na cabeça dele. O minuto em que ele conseguiu respirar, debruçou a cabeça contra a porta do congelador e a segurou lá enquanto os braços caíam soltos para os lados. Deus o salvasse.

Ele sabia que ela não conseguiria aguentar isto por muito tempo. Ele estava pasmo em como ela tinha aguardado tanto.

"A perfuração veio primeiro. Uma noite de bebedeira em Bangkok com alguns caras depois de uma missão". Ele agitou a cabeça enquanto se endireitava. "Eu posso tomar um gole da cerveja agora ou você ainda tem outras perguntas?".

Os lábios dela se apertaram bem juntos enquanto ela deslizava para a sala de estar. Com uma sacudida de pulso ela lançou a bolsa sobre a cadeira mais próxima enquanto se movia para onde pudesse vê-lo mais claramente.

"Raven sabe sobre isto?", os olhos de Morganna estavam estreitados, o queixo erguendo desafiadoramente enquanto o olhar dele encontrava o dela.

"Não surgiu a conversa", ele a assegurou. "Até onde eu sei, ela não sabe".

Ele deu uma golada rápida na garrafa, rezando para que Morganna mantivesse a boca fechada. Ele precisava de algo mais forte; o problema era que ele não tinha disponível.

"Por que você fez isto?".

"Isso devia ser óbvio", ele disse enquanto a enfrentava. Ele se sentia como um homem enfrentando um pelotão de fuzilamento.

Ele assistiu enquanto ela tragava com força, não de nervoso; não havia sugestão de nervosismo nela.

"Não acredito que você nunca quis crianças", ela declarou ferozmente, a expressão contraída em suspeita. "Você é muito bom com elas".

"Eu não quero uma minha". Ele tentou manter a voz tranquila, casual. Apesar da mentira. Ele amaria vê-la carregando sua criança, a barriga crescendo com a





gravidez. Uma pequena e perfeita forma criada com o que ele sabia queimar dentro de si. E tudo o que ele podia ouvir eram os gritos daquela criança dos sonhos.

"Não me faça te perguntar o porquê novamente", ela o advertiu suavemente. "Eu tentarei adivinhar logo, Clint, e você não vai gostar do que eu vou dizer".

Ele ergueu uma única sobrancelha facilmente, forçando uma expressão de escárnio, observando a dor relampejar dos olhos dela.

"Não há nenhum mistério, Morganna", ele finalmente suspirou, odiando as sombras nos olhos dela. "Eu raramente fico em casa e meu trabalho não é exatamente o mais seguro. Eu não quero deixar um filho órfão. Os preservativos nem sempre são efetivos para prevenir a gravidez-"

"Eu odeio quando você mente para mim", ela disse, a raiva espessando a voz enquanto ele a encarava de volta com surpresa. "Sabe, Clint, eu ouvi Reno e meu pai conversando uma noite, alguns meses antes de mamãe e papai serem mortos".

Ele vacilou. "Sim?", ele sorriu estranhamente enquanto erguia a cerveja novamente.

Ainda bem que ela deu a ele tempo para se fortalecer antes de continuar.

"Reno pensou que seu pai estava batendo em você antes de ele morrer. É verdade?".

Clint a encarou calado. Ele não sabia que Reno suspeitava. Ele achava que tinha escondido bem.

"Cada vez que seu pai voltava para casa e pegava sua mãe, você ficava 'doente' por dias. Ele batia em você, não é?".

Clint manteve a expressão suave, o rosto relaxado. Ele não friccionou os dentes; não deixou a garra da fúria pegar suas entranhas. Ele não podia. Não na frente de Morganna.

"Oh Deus...", a voz dela enviou um calafrio pela espinha dele, e os olhos dela partiram o coração dele. Eles se encheram com dor, com lágrimas.

"Merda, não chore", ele grunhiu de repente desesperado. "Se você chorar, por Deus, eu te colocarei em um avião diretamente para o Havaí. Você pode acabar com a porra da lua de mel de Reno com as minhas malditas benções".

As lágrimas acabariam com ele. Morganna não podia chorar. E por Deus, ele não deixaria que ela chorasse por ele.

"Ele batia em você". Clint a viu lutar para se controlar. "É por isso que você passava dias na cama. Raven se preocupava demais porque você nunca parecia ter febre, mas não queria se mover".

Ele não podia se mover. Havia vezes em que ele se perguntava se o velho havia quebrado seus ossos. Raven, graças a Deus, era muito jovem para perceber exatamente o que estava acontecendo, o pai de Clint e ele sempre se certificavam de que ela não estivesse em casa quando as surras aconteciam, e as marcas de cinto nunca eram mais altas do que os ombros ou mais baixas do que os quadris, então





ela nunca as viu. Tão pequena quanto a irmãzinha era, ela não tinha nenhuma ideia do inferno que o irmão estava suportando na época. E ele não faria de nenhum outro modo. Ele era dez anos mais velho, e naquela idade ele sempre temeu que o pai atacasse o espírito delicado de Raven se Clint não estivesse lá para suportar sua ira.

"Eu não pude perceber". Morganna agitou a cabeça lentamente, o rosto pálido, os olhos como nuvens de tempestade, girando furiosamente enquanto ela o encarava. "Raven vinha para a minha casa quando eles começavam a brigar, mas você ficava. Por quê? Por que você não vinha ao meu pai?"

"A que custo?", ele deixou a cerveja na mesa antes de cruzar os braços sobre o tórax e encará-la de volta. Ele deixou o gelo que enchia seu corpo todas as vezes que pensava nas surras refletirem em seu rosto. "Ele era o comandante de Rory, Morganna. O que seu pai teria feito?"

"Ele batia em você", ela chorou furiosamente. "Papai não suportaria isto".

"Ele não tinha escolha. E eu sobrevivi".

"É mesmo?", o escárnio amarga na voz dela fatiou através da proteção que ele costumava usar para conter a própria ira. "Você sobreviveu, Clint? Você tem trinta e cinco anos de idade. Não é casado e não tem nenhum filho. Você não tem nada além de um apartamento que nem pertence a você. Você mantém Raven tão longe quanto pode, e fica com mulheres que nem gosta. O que isso te diz?"

"Eu gosto de você", ele assinalou calmamente.

Ele podia controlar isto, se assegurou. Ela ficaria sem munição logo. Ele conhecia Morganna; ela explodia como um mini-vulcão, então se aquietava. Desde que ela não chorasse, ele poderia passar por isso sem perder a cabeça.

"Você me ama". Ele vacilou com a declaração dela, observando cautelosamente enquanto ela se aproximava. "Você sempre me amou", ela disse. "E apostado que sei por que você fez a vasectomia. Deixe-me adivinhar, Clint, na semana em que eu fiz vinte anos. Depois que você me viu no chuveiro enquanto estava me visitando".

Ele tinha parado como uma estátua, olhando fixamente para o corpo molhado dela, a fome o comendo vivo. Furiosamente, a luxúria o queimava, e ele soube que quase tinha perdido a batalha. E se tivesse, não teria parado. Ele a teria empurrado contra a parede do chuveiro e a fodido até que se derramasse dentro dela.

Sem camisinha. Ele sempre soube que nunca poderia suportar uma camisinha entre a carne dela e a dele.

"Deixe para lá, Morganna".

"Deixar para lá?", ela clamou incrédula.

"Você não sabe do que está falando".

"Você me amou e fugiu de mim. Você fez algo para se assegurar de que sempre, sempre estivesse sozinho e correu de mim todas as vezes que teve a





chance. Admita”.

“Eu te disse há anos que você estava perseguindo um arco-íris”, ele gritou de volta, o controle se partindo. “Droga, Morganna, você acha que se eu te quisesse tanto não já teria te pegado?”.

Ela andou para trás, quase tropeçando. Correu os dedos pelo cabelo enquanto olhava ferozmente para o rosto dela. “Deus, eu não queria dizer isto”, ele finalmente sussurrou exausto. “Não chore, Morganna. Eu não vou aguentar se você chorar”.

Ele se moveu para ela, puxando-a por causa da dor em sua expressão, as lágrimas enchendo seus lindos olhos.

“Olhe para você, neném. Tão doce e inocente, chorando por algo que não é sua culpa. Algo que você não podia parar. Que você não pode parar”. Ele correu os dedos polegares sob os olhos dela, vacilando com a umidade que os marcava enquanto a respiração dela prendia na garganta. “Você está certa. Eu sempre quis você. Eu te queria até o ponto de me comer vivo. Não importava quantas mulheres eu tivesse, não aliviava. Até que eu pensei que morreria se não te tocasse apenas uma vez. Te sentisse por apenas um segundo”.

“Então por quê?”, os lábios dela tremiam enquanto o encarava, os olhos escurecendo com tudo o que ele sabia que ela pensava que sentia por ele.

“Porque eu precisava te proteger de mim. Porque eu sou o filho de meu pai, da mesma maneira que ele era filho do pai dele, e assim por diante. A minha mãe foi mais sortuda do que a mãe do meu pai foi. Ele não a batia, também. Raven teve muito mais sorte. Papai teria morrido e ido para o inferno antes de bater nela”.

“Clint, você deixou que ele roubasse a sua vida”, Morganna chorou rouca. “Você não sabe que não é como o seu pai? Deus, se você fosse, teria batido em mim e Raven anos atrás”.

“Você não sabe. Nem eu”, ele disse a ela suavemente. “Aceite o que nós temos no momento, Morganna. Isto é tudo o que eu posso fazer. Não peça coisas que eu não posso te dar”.

Ela se afastou dele, a raiva dolorosa contorcendo suas feições enquanto seu olhar passava sobre ele. “Seu amor? Algo pouco mais do que uma foda quente sempre que o desejo bate em você?”, ela riu, o escárnio torcendo seu rosto que não mantinha nenhuma diversão, apenas a raiva, a fúria que ele mesmo tinha sentido por si mesmo por tantos anos.

“Morganna, por favor-”

“Você nunca disse nada”. Ela bateu no peito dele, empurrando-o para trás enquanto girava para longe dele. Um segundo mais tarde ela estava no rosto dele novamente, mais brava do que nunca. “Você sofreu. Você nunca disse nada quando podia ter conseguido ajuda. Onde diabo estava a sua mãe?”.

Ele tentou dar as costas a Morganna. Para evitar que ela visse, percebesse.





Droga, ela o estava matando.

"Oh, meu Deus. Ela sabe", Morganna sussurrou horrorizada, as mãos tentando alcançá-lo. "Ela sabia".

Os dedos dela tremiam enquanto tocavam o rosto dele, o pescoço, então se moveram para seu tórax. Ela o tocou como se tivesse medo de que ele se quebraria, como se tivesse medo de que ela novamente o machucaria.

"Morganna... acabou". Não o machucava mais; ele se recusava a se deixar machucar agora.

As lágrimas dela caíram. "Oh Deus, como ela pôde deixar?".

Clint tinha de pará-la. Ele não podia deixá-la chorar assim. Ele não permitiria. Não por ele. Não para ele. Ele tinha passado muitos anos protegendo-a para permitir que isso acontecesse agora.

Clint a puxou para os braços, os dedos se enroscando no cabelo dela, puxando sua cabeça para cobrir seus lábios com os dele. Ela tinha gosto de paixão doce e lágrimas salgadas. Os lábios se separaram sob os dele, as mãos puxando sua camisa, abrindo os botões, tocando a carne aquecida.

"Não chore, neném", ele sussurrou contra os lábios dela. "Acabou, Morganna. Percebe? Eu já estou bom".

Ele encolheu os ombros e tirou a camisa, permitindo as mãos dela deslizarem sobre seu torso, os dedos passando rapidamente nos mamilos duros, planos. Deus, era bom senti-la. Era como o toque de um anjo, um fogo tão sedoso e uma paixão tão doce que o fazia queimar.

"Você não está bem". Ela o encarou, os olhos nublados, embaçados com tristeza. "E nunca estará, até que se deixe amar. Você não vê isto?".

Ele não podia amar. Pelos dois, ele tinha que protegê-la. Ninguém tinha ganhado; todos tinham perdido. Clint tinha percebido isso anos atrás. Isso não queria dizer que ela iria dar a ele a faca e o queijo na mão. Da mesma forma que isso não significava que ela tinha permissão de chorar por ele. Ele tinha passado muitos anos mantendo as lágrimas fora dos lindos olhos cinza dela para permitir que elas caíssem agora.

"Venha aqui, neném". Ele a ergueu nos braços, ignorando a pequena arfada enquanto andava depressa, a passos largos, para o quarto e para a cama grande na qual tinha sonhado vê-la. Ele teria que fazer algumas regras. Teria que ter controle sobre ela antes que ela o fizesse ter um ataque cardíaco. "Eu te mostrarei como estou realmente 'bem'".

Morganna encarou Clint enquanto ele a deitava cuidadosamente no centro da cama grande e prosseguia se despindo. Ela sabia o que ele estava fazendo. Sabia que ele estava brincando com a necessidade dela por ele, com a necessidade dele por ela, evitando a verdade a todo custo. Mas não era a hora de dizer a ele como esse negócio inteiro era uma droga. Ele estava ficando assustado e ela sabia disto.





Não por causa dos pais dele, não porque ele tinha medo de ser como o pai; Clint estava fugindo porque às vezes era muito mais fácil fugir do que tomar esse risco final. "Maldição, você é linda". Ele se endireitou na cama, olhando fixamente para ela, os olhos de meia-noite ardendo com desejo enquanto ele puxava as botas e as meias dos pés dela. A boca enchendo de água enquanto os dedos longos se moviam para o gancho do cinto, abrindo antes de soltar da cintura e escorregar o tecido pelas pernas. Quando ele se endireitou, o pau apareceu duro e proeminente no corpo, o brilho dourado do piercing relampejando embaixo da cabeça vermelha bem escura.

Morganna ficou de joelhos então, lançando a ele um olhar faminto sob as pestanas enquanto ela rastejava para ele, lambendo os lábios em antecipação. Ela queria saboreá-lo novamente, senti-lo pulsando entre os lábios, enchendo sua boca enquanto ela mantinha o corpo grande dele prisioneiro apenas com um estalar de sua língua.

"Você que pensa". Ele a pegou antes que ela pudesse tocá-lo, endireitando as costas dela uma vez mais quando ela tentou novamente.

"Isto não é justo", ela arquejou, lutando contra ele enquanto as pernas musculosas dele seguravam-na, as mãos pegando os pulsos e erguendo-os sobre a cabeça.

Ela assistiu o rosto dele, viu o calor e a fome, e ficou extasiada. Ele era arrogante, totalmente dominante, e todo dela, gostasse disto ou não.

"Essa é a minha cama", ele murmurou com os lábios se abrindo com uma sensualidade inerente e dominante que fez os nervos dela chiarem.

"E daí?".

Os olhos dela se alargaram ao sentir o metal frio se fechando ao redor dos pulsos dela. Ela se torceu, olhando fixamente em surpresa para o comprimento da corrente que vinha da cabeceira da cama e o tecido acolchoado que agora encarcerava seus pulsos.

"Nós faremos de acordo com as minhas regras".

Morganna estremeceu quanto ele deslizou o olhar pelo corpo dela. Os seios dela deram um impulso para cima, o montículo vermelho de seu sexo, suas pernas, ainda dentro da meia-calça arrastão.

"É hora de ditar algumas regras". Ele suspirou enquanto seus olhos encontravam os dela uma vez mais e ele agitou a cabeça como que em castigo. "Você foi muito malcriada hoje, Morganna".

Certo. Isso não deveria excitá-la. Isso com toda a certeza não deveria fazer o útero dela se contorcer, se enroscar enquanto um arrepio de prazer corria seu corpo.

"Eu sempre sou malcriada", ela o informou, apertando os punhos enquanto o encarava cheia de suspeita. "É parte da minha natureza. E isto não vai te dar





tijolinhos no céu, Clint. Eu já estou chateada com você”.

"Continue chateada comigo, Morganna", ele disse enquanto segurava o seio mais próximo, o dedo polegar sacudindo o cume duro, pegando o pequeno aro de ouro lá e arrastando-o enquanto uma flecha de prazer aquecido passava pela ponta.

A respiração dela ficou presa na garganta. Ela não deveria ficar tão excitada com isso. "Eu Dom, você sub", ela se assegurou. Mas não podia evitar admitir que estava tão excitada, tão molhada e perto do orgasmo, que levaria muito pouco para libertá-la. Redemoinhos de sensações pulsavam de seu mamilo até sua vagina, saltos empolgantes de um prazer quente e elétrico que fizeram os olhos dela ameaçarem a fechar de fraqueza.

"Não há...", ela ofegou enquanto os dedos dele se moviam para o outro seio, beliscando o mamilo. "Nenhum modo de acalmar a minha raiva, Clint”.

"Quem disse que eu quero acalmá-la, docinho?", ele perguntou, a voz impossivelmente gentil apesar do fogo que queimava em seus olhos. "Talvez eu queira te ver queimar ainda mais, mais brilhante. Talvez sua raiva me excite”.

Disso ela não duvidava.

"É apenas o desafio". Ela tentou controlar a respiração, mas era uma batalha inútil. "Você é um total controlador, Clint. Mas você não pode me controlar”.

"Quer apostar?”.

Oh, inferno. Ela gemeu com a excitação que a tomava agora.

"Clint, sexo deveria ser uma participação". Ela estava lutando para respirar, e pensar estava perdendo lugar para as sensações enquanto os dedos dele começaram a descer por sua barriga.

"Hmm. Você vai participar, neném". O sorriso dele não era confortante; era francamente sexual. "Em vários modos". Os dedos agarraram o pequeno anel de ouro no umbigo.

Ela o encarou, vendo as feições selvagens em seu rosto enquanto ele planejava, apertando com a fome que brilhava em seus olhos. Os lábios eram cheios, móveis, comestíveis. Deus, ela precisava dos beijos dele, seu toque.

Os quadris dela se curvaram do colchão enquanto ele abria as pernas dela, as mãos deslizando sobre as linhas da meia-calça.

"Eu vou te foder até que você implore por clemência", ele grunhiu. "Até que você esteja suando, alcançando, certa da libertação com mais apenas um segundo. E então eu vou te virar, neném, bater nesse bonito traseiro, e então te mostra como pode doer gostoso”.

Ela estremeceu, sentindo os fluidos se derramando entre as coxas enquanto ele a encarava, os olhos firmes, talvez um pouco controlados. Mas definitivamente excitado. Muito excitado. "Oh, Deus...", os olhos dela fecharam trêmulos enquanto sentia os dedos dele deslizando pelas dobras empapadas de sua buceta, sentida o inchaço do clitóris, o útero se contraindo. "Não me torture, Clint. Eu te farei pagar;





você sabe que eu irei”.

O dedo dele apertou o clitóris dela, e girou, e ela poderia jurar que viu estrelas.

"Não é nada agradável ameaçar o seu Dom, neném", ele grunhiu antes dos dedos deslizarem para baixo novamente, então se moveram lentamente para dentro dela.

Uma. Uma estocada lisa e dolorosamente lenta que a fez lutar para respirar. Ele retrocedeu segundos mais tarde, apenas para retornar com dois dedos, estirando-a, fazendo-a desejar mais.

"Tão doce e apertado", ele sussurrou, ajoelhando-se entre suas coxas, seu pau pesado, a cabeça quase um rubi vermelho enquanto pulsava a apenas poucos centímetros de sua carne desesperada, preparada.

"Certo, eu implorarei". Ela arqueou para ele, apenas para fazê-lo se retirar. "Droga, Clint, isto não é justo. Eu sou uma novata, lembra? Você deveria ser bom comigo. Foda-me, que droga você”.

"Logo". Os dedos dele trabalharam dentro dela novamente enquanto a mão se curvava, puxando um gemido roto do peito dela. Um segundo mais tarde foi um grito quando o dedo polegar tocou o clitóris.

Isto era muito bom. Uma pessoa poderia morrer de prazer, não é?

"Maldição, você está molhada, neném". Os dedos dele deslizaram para ficarem livres novamente. "Quente, doce e molhada. Acho que você está pronta para mim”.

"Dãã!", ela ralhou em resposta, puxando os punhos. "Deus, Clint, deixe-me ir. Por favor deixe-me te tocar”.

"Veja, Morganna", ele sussurrou enquanto chegava mais perto, as mãos firmes erguendo os quadris dela bem alto antes de colocar um travesseiro embaixo deles, então outro.

Ela estava erguida e aberta para ele, no nível de seu pênis enquanto a cabeça inchada empurrava gentilmente contra as dobras da carne íntima dela.

Morganna estava ansiando por ar, desesperada por oxigênio enquanto sentia a carne dura começar a separá-la, empurrando dentro dela. As mãos de Clint apertadas em seus quadris enquanto ela o assistia começar a deslizar dentro dela com golpes lentos, cuidadosos. A ponta dura deslizou facilmente contra ela, estirando-a até que ela se sentiu queimar.

"Mais". A voz estava estrangulada enquanto ela erguia os olhos para os dele. "Por favor. Por favor, Clint, mais. Eu preciso de mais”.

"Você está implorando, Morganna?", os olhos dele se estreitaram para ela.

"Sim. Sim. Eu estou implorando. Por favor”. Ela faria qualquer coisa que ele quisesse. Apenas uma estocada firme. Isso era tudo que ela precisava.

"O quanto você precisa, neném?", as mãos dele deslizaram pelas coxas dela enquanto ele se balançava contra ela, indo mais distante nela, fazendo seus sentidos girarem.





"O suficiente para implorar, maldição", ela clamou, desesperada agora.

"O suficiente para ficar no meu lado naquelas drogas de festas?", uma punhalada pequena, dura fez a cabeça dela girar.

Ela precisava de mais. Apenas um pouco mais.

"Sim! Eu ficarei com você. Eu irei buscar as suas malditas bebidas; Serei como uma manteiga derretida para você. Apenas me foda!".

Uma punhalada longa e firme a encheu até o limite. Ela podia sentir cada veia pulsando, cada centímetro duro e espesso, enquanto ela se contorcia embaixo dele, o corpo apertando, estremecendo com o esforço de gozar.

"Eu prometo", ela arquejou, lutando para mantê-lo em seus quadris. "Por favor, Clint".

Ele foi sobre ela, duro, feroz, movendo os quadris firme e rapidamente. Ela devia ter explodido. Ela podia sentir se formando, queimando, a necessidade de gozar tão furiosa passando por ela enquanto o pau dele acariciava, mergulhava, indo dentro dela com golpes quentes e espessos. Desiguais. Ela podia sentir suor pelo corpo, a necessidade correndo através dos nervos, formigando junto à espinha até que ela estava gritando em necessidade.

Apenas para fazê-lo parar. Os olhos se abriram quando ele ficou livre antes de depressa girá-la de barriga para baixo.

"Clint", ela clamou fracamente enquanto suas mãos se cerravam em torno da corrente fina, o cabelo ao redor do rosto. "Por favor. Por favor, não me provoque assim. Eu prometi. Você me ouviu".

A mão dele caiu sobre o traseiro dela, ligeiramente. Um suave e pequeno ardor, controlador, aquecido. Não foi uma porrada, nem mesmo uma batida. Mas ele não parou. O tapa leve a fez queimar suavemente, inúmeras vezes, até que um prazer ígneo começasse a florescer nela fazendo seu clitóris se expandir. Pulsar, latejar, pleitear e exigir.

"Agora, para este doce pequeno traseiro". A mão alisou sobre a carne quente. "Você está pronta para mim, neném?".

Ela estava arquejando, ofegando por ar, e ele esperava que ela falasse?

"Responda, Morganna, ou eu pensarei que você não me quer".

"Sim. Sim". O som era severo, rouco.

"Boa menina", ele sussurrou, puxando as mãos para trás.

Um segundo mais tarde, ele estava passando a lubrificação refrescante dentro dela. Morganna se curvou para ele enquanto um único dedo começou a prepará-la. Era fácil, sem arder, sem pinicar. Ela teve que friccionar os dentes para se impedir de pedir mais.

Então houve mais, outro dedo adicionado ao primeiro, abrindo o canal desesperado dela enquanto ele ia mais, lubrificando mais dentro dela.

"Tão doce e apertado", ele gemeu enquanto ela o sentia se mover para mais





próximo dela. "Você tem a permissão de gritar para mim, Morganna", ele sussurrou na orelha enquanto seu pau começou a pressionar a entrada preparada. "Na altura que precisar".

Capítulo 16

Senti-lo tomando-a, possuindo-a da maneira mais proibida, mais íntima imaginável, fazia os sentidos de Morganna vacilar. Ela tinha fantasiado com isto, sonhado com isto. Não havia um ato sexual que ela conhecia que não tivesse imaginado Clint participando com ela. Mas este desafiava as percepções de prazer e dor. Apagava quaisquer noções preconcebidas de aceitação de sua mente e a substituíam.

Senti-lo a estirando, lentamente entrada cada centímetro por vez, ativando nervos que ela não sabia que possuía. Mesmo depois da experiência com o brinquedo sexual da primeira noite, ela não poderia ter imaginado este prazer. Essa excitação ofuscante, furiosa. Se formando. Tomando-a.

Com os olhos largos, vendo a madeira escura da cabeceira da cama e a cadeia esbelta que mantinha as mãos presas dela no lugar, Morganna lutava para segurar sua sanidade.

O calor que se formava sob sua carne, os dedos elétricos quentes e brancos de sensações que chicoteavam de nervo para nervo enquanto um gemido baixo deixava os lábios.

"Pare de lutar contra mim, neném". Os lábios dele estavam na orelha dela, a voz um grunhido firme enquanto uma mão agarrava seu quadril para mantê-lo no lugar. "Fique calma; relaxe para mim, Morganna. Você pode aguentar. Cada centímetro, amor". A respiração dele era tão dura, tão rota quanto à dela enquanto ele deslizava ainda mais para dentro, estirando-a até que ela estava certa de que não podia aguentar mais, ainda assim, fazia. Amando, queimando.

"Você é minha?".

Os quadris dela deram um solavanco com a pergunta, com a fome negra e sedosa que a refletia. Apenas aqui, apenas dentro da fome e da excitação ele não podia negar, ela podia ter um vislumbre das necessidades que rasgavam a superfície da determinação dele de permanecer só.

"Você... é meu?", ela fez a pergunta de volta para ele, mal capaz de falar, mas incapaz de conter as próprias necessidades, os próprios desejos.

Os quadris dele empurraram enquanto seu pau pulsava dentro dela, esfolando seus nervos tenros com prazer ofuscante enquanto ele afundava ainda mais distante dentro dela, entrando os últimos centímetros com uma punhalada desesperada, involuntária.

"Por Deus. Morganna. Amor". A cabeça dele deitou ao lado da dela, o corpo





grande estremecendo sobre o dela enquanto ela se contorcia embaixo dele. "Não lute...", as mãos estavam apertando e afrouxando no ombro e quadril enquanto a voz se tornava um grunhido severo, primitivo. "Ah, neném. Não lute..."

Morganna ouviu os próprios gritos ecoando ao redor de si enquanto um calor líquido corria por sua espinha, chiando na base de seu crânio antes de surgir por sua circulação sanguínea. O prazer tomava seu corpo, fazendo seus sentidos navegarem com êxtase enquanto a mistura de calor e prazer ígneos rasgava seu útero.

Os quadris dela resistiram, dirigindo-o para mais fundo, fazendo um gemido passar por sua garganta enquanto ele começava a se mover. Golpes fundos, duros. Ele não era gentil, mas ela não queria gentileza. Ela não precisava de gentileza. A excitação era como um demônio a arranhando, lançando-a mais alto, aumentando as sensações excessivas ao redor dela. Ela precisava de mais. Ela precisava dele todo.

Inclinando os quadris, ela usou os músculos internos para prender o membro dele, para acariciá-lo, para envolvê-lo enquanto ele deslizava dentro dela.

"Oh sim. Isso. Minha querida...", a voz dele era como uma lixa em sua orelha enquanto ela se apertava ao redor dele, lutando pelo orgasmo.

Ele mantinha a satisfação ao alcance, empurrando dentro dela inúmeras vezes, os gemidos, o prazer ecoando na orelha dela enquanto a fome ficava fora de controle.

"Por favor. Clint... eu preciso...", ela podia sentir a transpiração se formando entre eles, selando-os juntos enquanto ele se dirigia dentro dela.

"Você é minha? Responda Morganna...", a voz funda era desesperada, agoniada.

O peito dela se apertou com a dor na voz dele, a fome e a necessidade que ele apenas mostrava quando os limites de seu próprio controle tinham sido quebrados. E seus limites tinham sido quebrados.

Morganna se curvou sob ele, erguendo-se para mais perto, balançando os quadris e empurrando as nádegas para mais perto da base da carne aquecida que empurrava dentro nela.

"Responda...", ele estava perto; ela podia sentir a dura e feroz pulsação da carne dentro dela, a fome que batia embaixo do aço coberto de seda.

"Responda agora...", a mão se moveu para os quadris, escavando sob o corpo dele, os dedos ásperos acima do broto inchado de seus clitoris.

"Me responda... você...", ela jogou a cabeça, lutando para manter o seu resto de bom senso. Ela estava muito perto de ceder, de dar a ele o que ele precisava e esquecer o que ela precisava.

As punhaladas ficaram mais duras, cavando no tecido delicado, estirando-o para revelar nervos escondidos, acariciando-os, enviando brilhantes estouros de luz na extremidade de sua vista enquanto seu orgasmo ficava mais perto.





Os dedos dele esfregaram ao redor do clitóris, estimulando o já violentamente sensível ponto de nervos enquanto ele empurrava passando além da beira da fome, do desespero e da cobiça. Se ela não gozasse, iria morrer. Iria explodir; ela não conseguiria manter o resto do coração se ele tivesse sucesso. "Seja minha, Morganna", ele gemeu com a voz áspera. "Doce Morganna..."

Ela gritou enquanto os dedos dele prendiam em seu clitóris, ordenhando a carne inchada.

"Responda!", ele rosnou, movendo os quadris ainda mais rápido, a respiração severa. "Agora. Diga, Morganna. Por Deus, diga..."

"Sim!", ela gritou a resposta. "Tanto quanto você é meu".

Os dedos dele firmaram. Os golpes ganharam profundidade e ritmo. Golpes lisos, duros enquanto a mão se movia mais distante entre suas coxas, dois dedos duros fodendo sua buceta enquanto a palma da outra mão raspava o clitóris e a intrusão espessa e dura em seu ânus começava a inchar, pulsar.

A liberação veio como um cataclismo atropelando seus sentidos. Juntando aos jatos fundos e aquecidos de seu sêmen que a enchiam e os grunhidos ásperos de satisfação masculina desesperada contra sua orelha.

O prazer consumiu o corpo inteiro dela, chicoteando seus nervos e células, enviando a sanidade e a realidade para o passado, fazendo-a se jogar em um reino de êxtase que não acreditaria ser possível. Um que ela sabia que nunca conheceria novamente sem Clint.

Ele renascia nela. Clint lutou para achar a respiração, achar o controle que tinha sido perdido no minuto em que tinha afundado dentro das profundidades aquecidas de Morganna. A última intimidade, a última confiança. E ele estava perdido nela.

Ela estava solta embaixo dele enquanto ele lentamente se retirava de dentro dela, desmoronando ao lado dela enquanto lutava para respirar. Os pulmões trabalhando para se ajustarem a corrida de sensações por seu corpo - droga, pela alma. Ela o estava tocando. Cada vez que ele a tocava, cada vez que ele a tomava, ela tomava outra parte do espírito dele.

"Isto é perigoso", ele arquejou, encarando a cama, sem ossos, tão fraco que não poderia erguer um dedo se eles fossem atacados naquele momento.

"Não, não é", ela murmurou. "Eu já estou morta".

Um riso involuntário pulsou por ele, solto, involuntário. Ela podia fazer isso com ele, fazê-lo rir. Ele quisesse ou não.

"Nós vamos nos matar desse jeito". Ele ergueu o braço preguiçosamente,





ativando o mecanismo que soltava os pulsos dela. O som da corrente contra a cabeceira da cama o assegurou de que ela estava livre.

Mas ela não se moveu.

A mão dele tocou o ombro dela, e foi até os quadris erguidos. A pele era como seda, seda aquecida.

"Nós precisamos tomar banho". Ele se forçou a falar quando não queria nada além de dormir.

O pequeno murmúrio irritado de Morganna fez um sorriso torcer os lábios dele.

"Vamos, garota feita de açúcar". Ele se forçou a se sentar, olhando para ela com um pequeno sorriso à medida que ela rolava dos travesseiros que erguiam seus quadris para ele. "Nós tomaremos banho e dormiremos".

"Eu estou com fome", ela murmurou. "Você tem que me alimentar".

Ela virou, olhando fixamente para ele com olhos esfumaçados, a expressão lânguida.

"Nós pediremos pizza".

"Quero comida chinesa". Uma pequena carranca franziu a sobrancelha.

Ele teve um desejo estranho de revirar os olhos para ela.

"Certo. Eu pedirei pizza para mim e comida chinesa para você". Ele encolheu os ombros enquanto se erguia ao lado da cama.

"Eu posso querer um pedaço de pizza, também". Um sorriso se abriu em seus lábios inchados.

"Atrevida". Ele a puxou da cama, dando um tapinha no traseiro muito delicioso dela quando ela passou por ele. "Banho. Nós discutiremos mais tarde".

"Eu não discuto", ela murmurou enquanto olhava de relance para ele sobre o ombro, uma pequena piscada provocativa fazendo o membro dele estremecer. "Eu ganho".

Capítulo 17

Como ela fazia isto? Ela devia ter ficado brava, furiosa com ele. Ele tinha forçado o reconhecimento de que ela pertencia a ele sem dar nada em retorno. Sem dar a ela o que ele sabia. Que ele pertencia a ela. Mas ela não estava brava. Ela era... ela mesma. Dando. Confiante. Um completo enigma para ele.

Não importava de quantos modos diferentes ele abraçasse Morganna ou quantas vezes ela se submetesse ao toque e ao desejo dele; Clint se percebia mais possuído do que possuidor. E ele ficaria puto se ela agisse como uma submissa. O único problema era que em vez de entorpecer as necessidades dele, o desafio o mantinha provocador, faminto.

Ela o tinha, ponto final. Ele não podia se lembrar de alguma vez em sua vida





sexual que uma mulher havia mantido tanto seu interesse passado os primeiros dias. Claro, ele devia estar preparado para isto. Morganna tinha sido sua maior fantasia sexual por mais anos do que ele se sentia confortável em admitir. Ela alcançava uma parte dele que nenhuma outra mulher tinha conseguido, e isso o apavorava demais. O medo dela o alcançando apenas crescia. Como ele deveria ir embora mais tarde quando a cada dia a presença dela apenas ficava mais forte?

"Hmm, quer um pedaço?".

Ele a olhou, ela estava com as costas inclinadas contra ele, usando nada além de uma das camisetas dele, enquanto erguia um pedaço de seu Moo Goo Gai Pan¹⁹ para os próprios ombros e olhava fixamente de volta para ele.

"É realmente bom". Ela moveu as sobrancelhas comicamente enquanto ele se debruçava adiante e dava uma mordida no frango com cogumelo que ela tinha oferecido a ele.

Tão perto, os olhos dela pareciam cheios com pequenas luzes de estrelas, reluzindo, cintilando, com um fundo cinza escuro aveludado. Um pequeno sorriso se arrastava em seus lábios e ele conhecia a emoção que via nos olhos dela. Exatamente a mesma emoção que ele escondia há dez longos anos.

"Muito bom", ele concordou antes de se inclinar para trás e apreciar a sensação do corpo dela descansando contra seu tórax nu.

Ela era suave, relaxada. A superabundância de ondas sedosas que caíam de sua cabeça sobre um de seus braços e o lembravam do calor que ele tinha sonhado todas as vezes que sonhava com ela.

"Reno odeia comida chinesa", ela disse enquanto se voltava para a caixa de papelão com a comida. "Só gosta de bife e batata".

Clint tocou um cacho do cabelo dela enquanto pensava em todos as vezes que ele e Reno tinham sonhado com uma batata, sem falar do bife, em algumas das missões horríveis para as quais tinham sido enviados. Missões em que pensar em bife levaria Reno para casa e pensar em Morganna levaria Clint para casa.

"Outra mordida?", ela ergueu os pauzinhos chineses e ele se debruçou adiante, pegando lentamente.

Ele deveria estar correndo o máximo que podia e sabia disso. Ele devia saltar da cama, se vestir, e se embriagar o suficiente para ignorar a febre furiosa em seu sangue. E ele iria, se não estivesse tão incrivelmente relaxado. Se cada osso e músculo que ele possuía não estivesse tão confortável onde eles estavam. Sustentando o pacote de dinamite que se apoiava preguiçosamente contra ele.

"Por que você entrou na academia de execuções, Morganna?", Clint ficou quase surpreso quando a pergunta deslizou pelos próprios lábios.

¹⁹ Moo Goo Gai Pan é um prato simples. É feito frito rapidamente, composto de frango cortado ou em cubos com cogumelos e outras verduras.





Os pauzinhos chineses pausaram acima da caixa de papelão enquanto ele a sentia respirar fundo.

"Eu quis fazer uma diferença, também", ela disse tranquilamente. "Eu odeio o trabalho de secretária. Ser uma recepcionista é uma droga. O serviço de execuções estava lá. E me ensinou como bater nos caras grandes e musculosos". Ela atirou nele um sorriso sobre o ombro.

"Reno não vai ficar feliz quando descobrir. Se Raven fizesse algo assim sem me contar, eu teria ficado totalmente louco". Será que ficaria? De alguma maneira, ele não estava tão certo.

"Não. Você teria ficado magoado", ela disse com um traço de remorso. "E ele poderia ficar magoado. Mas eu não acho que ele me tiraria disto. Ou que você iria".

Ele iria; não havia nenhuma dúvida.

"Eu penso em você às vezes quando estamos em missão", ele disse, o cérebro aparentemente desconectado do bom senso. "Eu penso em você segura e morna, os olhos brilhantes porque está louca comigo, ou porque está me querendo. Eu não te tiraria porque estaria puto. Eu faria isto porque o pensamento de te ver machucada... me preocupa".

O pensamento de vê-la machucada o destruíu.

O silêncio encheu o quarto por longos momentos. As luzes estavam baixas, a comida dispersa em torno da bandeja de madeira pesada que ele tinha colocado ao lado de Morganna.

"Eu não posso ser uma bonequinha que você e Reno tiram da estante para admirar ou pegar quando têm tempo para voltar para casa", ela disse, porém não havia nenhum calor, nenhuma ira no tom. "A casa é escura e vazia, e agora que ele está casado com Raven e os dois estão tentando começar uma família, o tempo dele é limitado. Eu preciso de uma vida, Clint".

"Você poderia ter casado. Tido bebês". A voz dele trouxe o mesmo argumento de antes, quando eles estavam brigando, quando eles estavam se machucando.

"O homem dormindo na minha cama não seria você. Os bebês na minha barriga não seriam seus". Ela encolheu os ombros facilmente. "Não se deve casar e ter filhos se não se pode se comprometer consigo mesmo e com a família. Eu não poderia fazer isso com outro homem".

Ela fez o tórax dele se apertar, a garganta arder com o bolo de emoção que ameaçava estrangulá-lo.

"Eu nunca quis te machucar", ele disse finalmente. "Foi por isso que eu me ausentei, Morganna. É por isso que eu fui cruel, por que eu tentei fazer você me odiar. Eu não quero que você chore por mim".

"Clint, droga, já é muito tarde para isto". O riso dela era fácil, ainda que marcado com tristeza. "Vamos um dia de cada vez, certo? Quando você tiver que partir, prometo que não chorarei".





Ela girou a cabeça para encará-lo enquanto ele a observava confuso.

"Pelo menos não enquanto eu estiver olhando?", ele perguntou enquanto deixava as pontas dos dedos pararem na bochecha dela.

Os olhos faiscavam com um vislumbre de riso. E como diabo ela podia estar feliz agora mesmo, ele não sabia. Mas ela estava e ele, admitiu, também estava. Aqui mesmo, com ela em seus braços.

"Sim". Ela finalmente anuiu com a cabeça. "Não enquanto você estiver olhando".

Ela se virou, pegando a comida com gosto enquanto ele erguia sua cerveja da mesa ao lado da cama e a bebia.

"Aqui. Isto é bom". Ela pegou um rolinho primavera imerso em molho de pato²⁰ e se debruçou adiante para dar uma mordida.

"Eu realmente não me importo muito com a Academia", ela disse então. "Mas gostei de trabalhar com Joe. E eu passei alguns meses na inteligência aqui em Atlanta. Processando as informações que vinham dos agentes e ajustando-as com os relatórios dos informantes e assim por diante".

"Então por que você pegou esta tarefa?", ele não podia acreditar que tinha colocado tanta distância entre eles sem ao menos saber o que ela estava fazendo.

Ele suspeitava há anos que ela estava se envolvendo em algo que não gostaria, mas investigar, buscar, significava estar envolvido. Ficar envolvido era assim. Comerem na cama, Morganna enrolada contra seu peito, afundando ainda mais em sua alma.

"Porque eu era a única que poderia fazer o que eles queriam. E importava", ela sussurrou. "O que eles estão fazendo a essas mulheres... Mulheres que eu conheço, com as quais eu ri. É demais".

Morganna agitou a cabeça com um movimento aos arrancos.

Clint apertou os braços ao redor da cintura dela e descansou o queixo sobre sua cabeça. "Quando nós perdemos Nathan²¹, foi assim que Reno e eu nos sentimos. Como se uma parte de nós tivesse sido ferida. Nada mais de imitar sotaques irlandeses ou piadas. Não mais brincando com a mulher que o amava ou da vida que ele teria em casa". Ele fechou os olhos com a memória.

"Foi assim que me senti". Ela se enrolou mais perto em seus braços. "Eu precisei fazer algo para poder consertar isso".

Sim, era sua Morganna, sempre lutando as batalhas de outras pessoas.

²⁰ Molho de pato é um condimento usado em alguns restaurantes chineses nos EUA. Pode ser usado como molho de pratos profundamente fritos como pato, frango, peixe, rolinhos primavera, arroz ou macarrões.

²¹ O apelido de Nathan era 'Irish', irlandês.





"Se algo acontecesse a você, uma parte de mim morreria", ele admitiu. "Se você tivesse morrido, Morganna, pelo que eu lutaria?"

Ela congelou nos braços dele então.

"Raven. As crianças que ela terá". Ela deu um suspiro rouco. "Eu não te peço para parar, Clint. Eu sei que você não pode. Não é uma parte de você. Você é um guerreiro, e eu amo tudo em você, especialmente o guerreiro. Mas eu não sou um bebê, e não vou ficar de lado te vendo se matar sozinho, porque você é muito teimoso para amar ou aceitar o amor. Quando isto estiver terminado, talvez nós dois tenhamos que tomar algumas decisões duras. Porque eu não vou querer voltar ao ponto de partida. Se você for embora, apesar do que temos, então eu irei em frente. E eu não vou esperar por um homem que tão obviamente ama mais ser infeliz do que me amar".

Ele fez uma carranca para ela, sabendo que deveria estar bravo, que deveria discutir. Mas a mão dela estava alisando o peito dele com uma carícia gentil e ela olhava fixamente para ele com aqueles olhos aveludados brilhando com carinho.

"Então você apenas irá embora e achará outra pessoa?", ele perguntou franzindo o cenho.

"O maior ruivo, mais mal e mais musculoso do Sul", ela o assegurou. "Então eu chorarei e direi a ele como você era mau comigo e o verei chutando seu traseiro".

Ele riu. Não podia evitar. Ela realmente parecia séria. Olhando para ele com aquele olhar feroz, o pequeno e atrevido nariz enrugado levemente e os lábios firmes em uma linha. Mas ele estava certo de que existia a sugestão de um sorriso lá.

"Você deveria pegar um gato também". Ele sorriu. "Você sabe como eu adoro gatos".

E ele gostava. Amava gatos. Ele apenas nunca possuía um. Infelizmente, a maioria dos gatos realmente não parecia gostar dele.

"Eu terei um gato mau", ela o assegurou, e sim, havia definitivamente um sorriso se arrastando pelos lábios dela e cintilando nos olhos. "E ele terá garras realmente afiadas. Te arranhará por ser mau comigo, Clint".

Ele riu com a ameaça. Se ele não estava errado, ela tinha feito a mesma ameaça quando tinha onze anos e os pais dela não tinha permitido que ela saísse com ele e Reno uma noite enquanto estavam em casa de licença.

Ela tinha chorado então. Lágrimas deslizando dos olhos enquanto resmungava que não era justo ela não ter muito tempo com eles.

E eles ficaram em casa até que ela foi para a cama. Se ele não estava enganado, dois recrutas das Forças Especiais com vinte anos de idade tinham se sentado por quase três horas e jogado Banco Imobiliário® com ela e Raven.

Ele agitou a cabeça para Morganna enquanto ela agarrava a cerveja, apenas para fazê-la tirá-la das mãos dele e levá-la aos lábios. E ele jurou que ela era a visão





mais bela no mundo, os lábios tocando a borda enquanto ela virava a garrafa para trás e bebia.

"Sua cerveja é melhor do que a minha", ela sussurrou enquanto a colocava nos lábios. "Experimente e veja".

E ele bebeu. E o gosto era sim. Ele podia saborear Morganna. A luz do sol e calor encheram seus sentidos até que ele soube que nunca mais seria o mesmo novamente.

Ele tomou a garrafa dela e colocou-a na mesa antes de erguer a bandeja e colocá-la ao lado da cerveja. Então ele podia deitá-la no colchão. Então os lábios poderiam se ajustar sobre os dela e ele poderia saboreá-la mais.

Doce e viciante, picante e elétrico, a sensação dos lábios dela, a língua acariciando a dele, tomando-o em modos que ele não aguentava reconhecer. As mãos tão suaves quanto seda acariciando seus ombros, suas costas. Delicadas pequenas unhas arranhando sua carne; um gemido suave cobrindo seus sentidos.

Não havia nenhuma palavra. Não havia necessidade. Enquanto ele consumia o beijo, era consumido em retorno. Enquanto ele empurrava entre as coxas dela, elas se separavam para ele; as pernas dela se ergueram e apertaram os quadris dele no mais íntimo dos abraços.

Ela ainda estava aquecida. Sua doce buceta estava apertada e quente, e ele teve que trabalhar para o que precisava, a tomada cheia dos músculos de cetim aquecidos ondulando sobre o comprimento total de seu membro.

Curtas e pequenas estocadas abriram caminho na carne interior dela. As mãos dele acariciando as dela e era acariciado de volta até que ele estava totalmente dentro dela, os sentidos explodindo com prazer enquanto ele começava a balançar dentro dela.

Era por isso que ele lutava, sonhava e desejava: Morganna em seus braços, seus gemidos ofegantes ficando livres dos beijos dele à medida que ela arqueava, apertava, e explodia ao redor dele.

E quanto mais ela ordenhava o pau dele, mais ele a seguia. As estocadas prolongadas, ficando mais rápidas, até que um grito passou pelos lábios dele e ele se lançou derramado dentro dela.

Ela era dele e a alma dele reconhecia isto, ainda que a mente não.

Capítulo 18

Na noite de sábado seguinte, Clint estava sentado preguiçosamente no sofá de couro da sala de estar de sua anfitriã, a expressão cuidadosamente suave enquanto observava a multidão reunida no cômodo enorme. A mansão ficava nos subúrbios da cidade, uma monstruosidade de duas alas de vidro e pedra que, de alguma maneira, sempre ofendeu os gostos dele. Mas ele se dava bem com a dona.





Trina Blake era uma esquisitice. Uma Dominatrix com raia cruel, assim como bem experimentada. Seus gostos sexuais iam de mulheres a homens, especialmente mulheres pequenas e voluntariosas. E seu olhar estava atualmente acompanhando Morganna.

A Morganna dele. A possessividade que crescia dentro dele tinha o poder de trazer um pouco de medo a seu coração. Ela o estava mudando e ele não estava certo de que sobreviveria ao resultado.

"Esqueça, Trina". Clint ergueu a bebida para os lábios, dando uma golada enquanto falava com a cubano-americana de cabelo preto.

"Ela é primorosa", ela murmurou, os lábios cor de vinho se enrolando em um sorriso enquanto se movia na cadeira, as mãos tocando indolentemente as mechas longas e grossas de seu cabelo preto. "Eu estava realmente pronta a ir atrás dela eu mesma quando ouvi dizer que você a tinha levado ao bar pela segunda vez". Ela deu a ele um olhar zombeteiro com seus olhos negros antes de, estranhamente, olhar para a pulseira de diamante de seu relógio no pulso. "Apesar de que para mim ela não parece ser a submissa do tipo que eu sei que você gosta, Clint".

Ele girou o olhar de volta para Morganna. Ela estava de costas para ele enquanto se sentava com vários outros convidados, nem todos faziam parte de seu estilo de vida. Enquanto outras submissas estavam suprimindo as necessidades de seus Dons, Morganna estava socializando. Encenando sua parte até o limite e deixando-o louco.

"Você não tem nenhuma ideia do que eu gosto ou não, Trina", ele disse, tirando os olhos de Morganna e a pequena multidão crescente ao redor dela. Ela era como uma chama, incandescente e frágil.

"Eu sei que as mulheres normalmente pairam sobre você, mais perto do que qualquer outro", ela demorou maliciosamente. "Aquele não se curvará a ninguém de boa vontade, Clint".

Ele fez uma careta de irritação. Não, merda.

Mas ele pegava os subentendidos da conversação. Ele sabia que se a droga de Fuentes estivesse envolvida nisso, então as chances de envolvimento de Trina eram altas. Ela tinha sido parte da rede de droga dois anos antes e tinha sido amiga de infância de Carmelita Fuentes, a cadela viperina que mandava no cartel Fuentes com a mão sangrenta ao lado de Diego.

"Ela seguirá os comandos". Ele manteve a resposta cortante. Morganna estava fazendo seu papel perfeitamente. E por que não iria, ele pensou com um pouco de diversão interna; desafiar as regras era muito natural para ela.

"Membros do Masters a têm assistido bem de perto", Trina murmurou. "Eu desejava que ela solicitasse patrocínio. Não havia nenhum modo de que ela pudesse ser adestrada por qualquer Dom, então ela seria posta em leilão. Eu me certificaria disto". Ela olhou de relance para ela novamente, uma carranca leve franzindo a





sobrancelha.

"Deixe isto para lá, Trina", ele grunhiu.

"Se você a estiver patrocinando, poderá colocá-la em leilão, Clint".

"Ela não solicitou patrocínio, Trina", ele bufou.

"Você assinou um acordo com ela?", as sobrancelhas dela se ergueram questionadoramente enquanto uma sugestão de assombro aparecia em seu olhar.

Clint não trazia mulheres às festas; ele pegava mulheres nas festas. Ele nunca tinha mostrado vontade de participar dos tipos de relações que existiam sob a superfície da atmosfera que compartilhava.

"Sem acordo", ele admitiu, olhando rapidamente para Morganna novamente.

Maldita. Aquela saia moldava o traseiro perfeitamente, lembrando-o de como era sedoso senti-lo e de como era sentir seu pau afundando devagar dentro dele. Ele não lutou contra a luxúria que sabia que estava refletida no rosto. Trina leria. E tiraria conclusões...

A risada dela deu nos nervos dele.

"Ela é a verdadeira", ela disse então, trazendo o olhar dele de volta para ela enquanto balançava a cabeça, observando-o com uma sugestão de remorso.

"Como disse?", ele estreitou os olhos enquanto girava o pulso, rodando a bebida no copo, permitindo que o gelo tинisse contra as bordas.

"Todas as mulheres que você teve desde que eu te conheço se assemelham a ela. Mas ela não é a imitação; ela é a que você sempre quis. E eu não sou a única que reconheceu isto".

"Aonde quer chegar, Trina?", ele estava ciente do fato de que cada mulher que tinha dormido por anos lembravam Morganna. Era o único jeito de se afastar dela, difundir a fome que o corroía. Ele apenas não estava ciente de que qualquer outra pessoa tivesse percebido isso.

Cálculos felinos tomaram o rosto angular de Trina enquanto ela abaixava o queixo e o assistia através das pestanas veladas.

"Eu gosto de você, Clint", ela disse então, a voz baixa enquanto corria a área com o olhar. "Talvez um pouco demais".

Isso foi uma surpresa.

"Você gostaria de ser mais clara, Trina?".

"Ela fez inimigos. Inimigos poderosos, meu amigo. Da mesma maneira que você".

"Quando?".

"Você sabe quando. E se for esperto, agora sabe quem. Diego não está morto, Clint". Ela ficou cuidadosamente de pé, debruçando-se para mais perto enquanto a irritação relampejava nos olhos dele. "Você tem cinco minutos", ela sussurrou. "É toda a vantagem que eu posso te dar. Saia daqui, e leve a sua mulher, antes que seja muito tarde".





Fuentes não estava morto. Devia ter sido um choque, mas não era. Clint nunca tinha ficado satisfeito com as informações que tinham chegado, como os restos mortais de Diego Fuentes tinham sido achados dentro do rancho que tinha sido totalmente queimado naquela noite.

Fuentes não entraria naquele prédio queimando por motivo nenhum, e Clint sabia que ele não tinha ficado preso dentro dele quando ele começara a queimar. Fuentes estava atrás da droga, e Morganna tinha entrado no caminho dele quando tinha testemunhado os negociantes drogando a bebida daquela da mulher.

"Nós estamos saindo". Clint se debruçou perto da orelha de Morganna. Sussurrando as palavras enquanto sua mão descia do cabelo dela para a orelha oposta e soltava o receptor.

Ela era melhor do que ele tinha dado crédito. Ela não discutiu. Girou para ele com um sorriso gracioso, mas os olhos cinza escureceram, aguçaram. Ela girou com ele. Movendo-se facilmente para seu lado enquanto ele curvava um braço ao redor de sua cintura e a levava depressa pela casa rumo à cozinha escurecida.

Quando eles entraram no cômodo ladrilhado ela parou apenas por tempo suficiente para tirar os sapatos de salto alto antes de seguir depressa para a porta dos fundos.

Puxando o revólver das costas, ele estava ciente de Morganna deslizando a pistola compacta de dentro da bolsa. Havia algo errado com ela a carregando, ele pensou friamente enquanto os olhos se estreitavam, sondando as sombras escuras além das portas francesas.

"Fique atrás de mim". Ele abriu a porta, ignorando a bufada suave dela.

"Não se preocupe, neném; eu te pegarei de volta". A voz dele era tranquila, porém a linha de diversão fez os lábios virarem um esgar de sorriso enquanto ele a levava sobre o deck e eles abriram caminho rente ao chão.

Nada se movia, nada respirava. Mas os cabelos da nuca estavam se eriçando em alarme. Eles tinham que se apressar. Pegando o pulso livre dela, ele a levou pelas sombras até a parte dianteira da casa enquanto ele deixava cair os dois receptores no chão.

Esqueça os recibos de estacionamento. Apesar dos resmungos mais cedo de Morganna, ele tinha estacionado perto da saída diretamente diante dos arbustos espessos que limitavam a propriedade. Ele a levou pelos arbustos então, cientes dos pés cobertos com a meia-calça e amaldiçoando a própria ignorância por não ter pensado nisso.

Ele não esperava que fosse acontecer tão cedo, admitiu. Ele não esperava que eles se movessem tão rápido. Mas ele deveria. Ele apenas tinha desejado que o serviço de inteligência tivesse recebido a informação de que Diego Fuentes estava morto estivesse correta. Ele também tinha desejado que suas suspeitas contra o time de Merino estivessem erradas. Ele tinha estragado tudo, admitiu. Devia ter





arrastado Morganna para uma viagem na primeira noite em que a havia achado.

Ela ficou muda enquanto eles abriam caminho até a caminhonete. Ela se movia atrás dele facilmente, a respiração fixa, seguindo a direção da mão em seu pulso até que eles pausaram sob as sombras escuras na frente da picape.

A calçada estava bem iluminada próxima a casa, mas a esta distância as luzes brilhantes estavam mais escuras, as sombras sobre os outros veículos fazendo a caminhonete mais difícil de ser vista.

"Fique aqui", ele sussurrou enquanto eles paravam embaixo dos galhos espessos de um salgueiro chorão. "Quando eu te der o sinal, vá abaixada e coloque o seu traseiro na picape".

"Certo". Ela se abaixou ao lado dele, e quando ele a olhou de relance, não viu medo ou excitação. Viu determinação.

Prendendo mais firme o revólver na mão, ele deslizou sob a árvore e fez seu caminho até a caminhonete. Ele tinha visto o sedan preto saindo da casa enquanto eles se aproximavam da caminhonete; ele apostava que os assassinos de Diego já estavam percebendo que algo estava acontecendo.

Curvando-se perto da caminhonete, ele verificou o comprimento da fita adesiva que tinha colocado acima do capô. Ainda estava no lugar. Então ele fez uma pesquisa rápida na subestrutura, verificando se havia algum pacote surpresa que poderia mandá-los para o inferno.

Movendo-se depressa, ele tirou as chaves do bolso e abriu a porta lateral do motorista antes de acenar para ela.

Indo para trás, ele a ajudou a saltar dentro do carro, colocou a chave na ignição, e rezou para que ela pegasse rápido.

O motor ligou com zumbido macio. Girando o volante, Clint saiu da vaga enquanto via dois homens saindo correndo da porta da frente da casa de Trina.

"Segure-se". Ele jogou o veículo na rua antes de acelerar depressa ao sair do estacionamento.

"Apenas o time de Joe sabia onde nós estávamos?", Morganna girou, olhando fixamente para eles atrás, enquanto eles corriam de volta em direção à cidade.

Ela era rápida; ele tinha que dar crédito a ela.

"Sim. Eles eram os únicos".

"Será que alguém teve tempo de ligar da festa?"

"Eles teriam". Ele anuiu com a cabeça. "Mas estava pré-planejado. Eu fui avisado no último minuto por uma amiga".

"Que amiga", ela respirou roucamente. "Há luzes além das curvas atrás de nós".

"Estou vendo". Clint apagou as próprias luzes, sabendo que o freio e as luzes de estacionamento também apagariam. Os ajustes que ele tinha feito no carro depois da operação na América do Sul estavam valendo a pena.

Ele sabia que algo de muito ruim tinha acontecido lá além da morte de Nathan;





ele apenas não estava bem certo do quê.

Com uma virada rápida no volante, ele entrou em uma das pequenas estradas laterais, antes de fazer uma virada rápida e entrar sob algumas árvores.

Ele tinha procurado por grampos ou bombas o melhor que podia, mas ninguém era perfeito.

Segundos mais tarde, o sedan escuro passou correndo, as luzes deslizando próximo a roda da caminhonete antes de seguir fazendo a curva e ao longo da estrada principal.

Ele assistiu as luzes desaparecerem antes de pisar no acelerador, correndo de volta na direção da casa de Trina. Uma vez que seus assassinos tivessem compreendido o engodo, ele esperava que eles verificassem esta estrada lateral antes de suspeitar que ele e Morganna tinham voltado pelo caminho que tinham vindo.

"Nós estamos numa situação de merda, não é?", Morganna respirou vários minutos mais tarde à medida que eles passavam pela estrada que levava de volta para a casa de Trina. "É". Ele acendeu as luzes de volta, dando um suspiro de alívio enquanto a iluminação da estrada escura fazia mais fácil contornar as curvas.

Trina gostava de morar na área afastada em vez de mais próxima da cidade.

"Por quê? Nós não fizemos contato com o único suspeito que temos. Por que se mover tão rápido?"

"É uma armadilha". Ele olhou de relance para ela, o peito se apertando com a vigilância dela com olhos estreitos para a estrada vazia atrás deles.

Ela era calma demais. Ele não teria suspeitado disso uma semana antes. A expressão era composta, determinada. Os olhos afiados e inteligentes, com suspeita, mas não assustados.

"Por que é uma armadilha, Clint?", ela ainda agarrava a pequena pistola perto da coxa, os dedos curvados ao redor dela facilmente demais.

Mas diabo, ele ainda estava segurando a dele. Ele a colocou cuidadosamente no banco ao seu lado.

"Relaxe. Eu tenho um amigo do qual posso obter um carro emprestado e algumas roupas. É a hora de dar uma maldita evasiva, Morganna".

"Eu perguntarei novamente. Por quê?", ele deu uma olhada pelo canto do olho para ela, encarando-a cheio de suspeitas.

"Isto não é apenas pela operação na qual você está trabalhando", ele disse a ela. "Lembra da operação na qual Reno levou um tiro há um ano?"

"Eu me lembro que ele levou um tiro". Claro que ela lembrava. Ela quase tinha perdido o irmão. Todos eles perderam um bom amigo.

"Nós fomos contra um homem chamado Diego Fuentes na Colômbia. Dois times de SEALs, o meu e o do Reno, junto com um time da polícia com seis homens e dois times de seis soldados do governo. Nós fomos salvar as filhas de três





senadores que tinham sido sequestradas e estavam sendo mantidas reféns em troca da passagem segura de uma remessa de drogas. Nós matamos a esposa de Fuentes, seu filho e seu irmão; fomos informados de que Fuentes havia ficado na casa que desmoronou".

"Ele não morreu?", ela se sentou de volta no assento enquanto a caminhonete corria para outra extremidade da cidade. Ainda bem que Trina não estava muito longe do centro social que ela amava tanto.

"Os cientista de Fuentes desenvolveram a droga do estupro". Clint desligou a mão fracamente sobre o rosto. "Eu teria me juntado ao time de Joe há um ano, se o meu comandante não tivesse me impedido. O DEA estava lutando para achar o fornecedor, mas outro grupo estava trabalhando para localizar os distribuidores dos vídeos assim como o laboratório que estava criando a droga. E possivelmente Nathan. Eles estavam usando Joe para manter os distribuidores distraídos do outro grupo trabalhando".

Ela estava muda. Clint fez uma careta. Isto não era uma boa coisa. Ele deu uma olhada para a expressão fechada dela, fazendo careta com a raiva que brilhava nos olhos.

"Eu não tinha nenhuma ideia de que você estava envolvida nisso até que já era muito tarde", ele grunhiu. "Ninguém suspeitava que Fuentes ainda estivesse vivo".

"E o que te faz pensar que ele está?".

"Trina. Ela era parte da rede do Fuentes há dois anos e evidentemente ainda é", ele rosnou, desejando poder torcer o pescoço de Trina por ela não o ter havido mais cedo. "Nós temos que trocar de carro, então achar um lugar para nos esconder onde Merino não poderá nos localizar. Eu não confio na equipe dele agora, Morganna. Eu chamarei o resto do time hoje à noite. Nós cuidaremos disto".

"Conveniente", ela murmurou. "Por que você não fez isto antes?".

"Eu não posso salvar a porra do mundo", ele grunhiu enquanto esfregava a nuca em frustração. "Eu faço a minha pequena parte, Morganna. Eu e Reno. Isto é o melhor que nós podemos fazer, e temos que ficar contentes com isto. Eu concordei com o modo como a operação estava sendo conduzida. Aquela droga é muito perigosa para se rastrear a fonte. Tem que ser eliminada. Tirar um provedor de Atlanta não vai ajudar o problema crescente em Nova Iorque, ou na Costa Oeste. E está crescendo. Ache a origem e terá meio caminho andado".

"E quanto as mulheres morrendo com isso?", ela clamou furiosa, a dor na voz fatiando o peito dele.

"A alternativa é pior, Morganna", ele disse com dificuldade. "Se nós apenas tirarmos alguns distribuidores aqui e lá, e perdemos o laboratório enquanto está em um lugar fixo, controlada por uma mão, então será mundial. Se tornará tão fácil de achar quanto crack ou baseado. Será melhor assim? Como isso irá beneficiar as mulheres que já tiveram suas vidas arruinaram ou tomadas?".





"Você podia ter me contado", ela protestou furiosamente. "Você podia ter trabalhado comigo quando entrou nisto em vez de esconder tudo".

"Eu te queria fora", ele disse entre dentes, o sangue pulsando nas veias. "Pelo amor de Deus, você acha que eu queria que você se misturasse nisso mais do que já está?".

"Você acha que poderia parar?", ela passou os dedos pelo cabelo, encarando-o enquanto ele a examinava, parando quando o sinal ficou vermelho.

Os olhos dele iam de um espelho a outro, verificando o tráfico, procurando pelo sedan.

"Eu queria parar", ele grunhiu. "E teria parado, se você não fosse tão terrivelmente teimosa".

"Droga, Clint, você prometeu trabalhar comigo. Essa é a informação que Joe precisa. A informação que eu precisava".

"Joe não precisa de nada mais do que já tem", Clint disse. "Há um informante naquele time, Morganna; admita. Eu não te dei a informação porque achava que os perigos que você enfrentaria eram os distribuidores ou fornecedores, não um ninho de cobras.

Morganna respirou roucamente. "O que nós faremos agora?".

"Nós temos que chegar a Macey". Macey era um dos poucos homens que Clint conhecia que poderia ajudá-lo agora. O hacker dos infernos. "Nós conseguiremos outro carro e iremos para as montanhas-"

"Isso não ajudará-"

"Uma ova que não vai", ele ralhou, olhando fixamente para ela, certo de que as fichas de Diego no jogo eram muito mais altas do que ele já tivesse imaginado. "Eu não deixarei que Fuentes tenha você, Morganna. Ele sabe que você testemunhou aqueles negociantes mexerem naquela bebida. Ele pode até saber quem eu sou. Eu não darei a ele uma chance de te pegar".

Ele a esconderia o mais longe nas montanhas que pudesse e rezaria a Deus que eles pudessem pegar Diego antes que ele os achasse. Se a rede de Fuentes estava de volta no lugar, então todos eles estariam ferrados. Realmente.

"Raven está bloqueando meus telefonemas para Reno", ele a informou firmemente. "Quando nós chegarmos a Macey, ligue para ela; coloque Reno no telefone. Eles podem estar em perigo também. Ele precisa saber o que está acontecendo agora".

"Deus, Raven nos matará por arruinar sua lua de mel".

"Ela viverá. É isso que importa", ele ralhou de volta. "Quando você conseguir Reno ao telefone, Morganna, vou querer conversar com ele".

"Certo. Tudo bem. Que seja". Ele ouviu o clique da trava de segurança da arma dela antes que ela abrisse a bolsa e a colocasse do lado de dentro.

Deus. Ele não podia acreditar nisto. Anos, malditos anos lutando para protegê-





la, apenas para tê-la em perigo agora por causa dele. Lembranças dos vídeos tomados como evidências nos últimos dois anos em que a droga estava se espalhando fez as estranhas dele se revirarem.

As mulheres eram brutalizadas. O pensamento de Morganna sendo tomada, drogada, machucada de tal modo, era mais do que ele poderia aguentar. As mãos dele apertaram o volante com um aperto mortal enquanto dirigia pelo tráfico do final de noite para o lado mais indigente da cidade.

Macey não era a ideia de ninguém de um bom menino ole. Ele tinha uma enorme queda por eletrônicos que Clint nunca tinha visto igual e um punho que machucava feio. Pegando o celular, Clint esmurrou o número.

"Nós estamos de licença", a voz de Macey era um aviso.

"Estou em apuros", Clint disse suavemente. "Estou com a irmã de Reno comigo e temos um grande problema acontecendo, Mace".

"Estão muito longe?".

"A cinco minutos de você. Preciso de um carro que me leve para uma área distante, muito distante daqui".

"Isso que é uma ordem", ele grunhiu. "Entre pelos fundos; as portas da garagem estarão abertas. Nós armazenaremos a sua beleza lá até que possamos pensar em tudo".

Macey não era de desperdiçar palavras. A linha foi desconectada da mesma maneira rápida que ele tinha respondido.

"Nós temos que advertir Joe", ela disse enquanto Clint guardava o celular.

Clint suspirou profundamente. Ela era uma amiga para Merino, ele entendia isto, mas ela não era dura o suficiente, fria o suficiente, para entender que a faca de um amigo cortaria sua garganta mais rápido do que a dos inimigos faria.

"Clint, nós não podemos deixá-lo na escuridão", ela apontou novamente.

"Nós não podemos arriscar, Morganna". Ele agitou a cabeça firmemente. "Eu não sei em quem posso confiar no time, mas eu sei que um deles nos traiu. Apenas o time de Joe sabia onde nós estaríamos de antemão. Nem mesmo Trina sabia que nós iríamos aparecer".

"Não pode ser Joe", ela sussurrou. "Clint, ele já perdeu amigos nesta tarefa. Você não viu o efeito que isso causa nele. Joe não faria isto".

Ela não era dura o suficiente. Deus o ajudasse. E a ela.

"E ele não acreditará que foi um do time dele", ele ralhou de volta. "Ele confia neles, Morganna, da mesma maneira que eu confio em Reno. Use a cabeça agora. Nós não confiamos em ninguém. Macey entende as regras. Eu farei o que é preciso e então nós sairemos de lá. Ponto final. Se ele me ferrar, não viverá o suficiente para gastar o que quer que seja que Fuentes poderia ter tentado suborná-lo. Macey não irá se ferrar assim. Eu não posso dizer isso sobre Merino ou seus homens".





Capítulo 19

Ela era muito inocente para isso. Muito tenra. Ele pegou o raio de dor que cruzou sua expressão, a quietude de seu corpo leve.

"Eu cuidarei de você, Morganna". Ele passou as palavras entre os dentes e a examinou, esticando a mão para tocar a bochecha pálida. "Mas você tem que confiar em mim, neném. Confie em mim".

Clint se ajeitou enquanto se aproximava do final da rua de Macey. E entrou na ruela atrás da de Macey na casa pouco menos do que primitiva, então entrou no pequeno ferro-velho atrás dela.

A porta de garagem estava aberta como Macey havia prometido. Clint dirigiu a caminhonete para o interior escuro, as pesadas portas corrediças fechando atrás dele enquanto as luzes da despesa iluminavam a área.

Não havia nenhum modo de assegurá-la. Não ainda. Ele tinha que se manter vivo. Ele tinha que manter sua sagacidade. Se ele a tocasse, Deus o proibisse de se debilitar o suficiente para abraçá-la, então o controle dele ficaria fraco. E isso nenhum dos dois poderia dispor.

Mason "Macey" March era enorme. Pelo menos um metro e noventa e cinco centímetros e largo como um celeiro. Não havia um grama de gordura em seu corpo grande ou confiança em seus olhos marrom-chocolate. Cabelo longo e espesso de um loiro escuro estava puxado para trás do rosto e amarrado em um rabo-de-cavalo, enfatizando os planos e ângulos largos de seu rosto. Ele era o que Reno teria chamado de uma força da natureza. Você não ia contra ela; você desviava até que passasse por ela, e daria um suspiro de alívio por não ter sido pego na turbulência.

Macey estava esperando por eles na porta ao lado da garagem, usando uma camiseta preta sem manga e uma calça jeans preta. Botas de motociclista cobriam seus pés e um rifle estava suspenso por um braço poderoso.

"Está confiante hoje, heim, Mace?", Clint comentou enquanto ajudava Morganna a descer da caminhonete, as mãos apertando os pulsos dela antes de soltá-la. "Apenas uma arma como boas-vindas?".

O mostrengo grunhiu, um som áspero que podia ter sido uma risada.

"Entrem aqui". Ele permaneceu perto da entrada. "Eu liguei o receptor depois do seu telefonema. Você tem alguns caras bem sérios procurando aquele picape, cara".

"Não, merda", Clint suspirou enquanto a levava para a entrada. "Mace, essa é Morganna, irmã do Reno. Morganna, esse é Macey; ele é parte do meu time e de





todos que já botei os olhos, é o 'cara' dos computadores".

Os lábios cheios e surpreendentemente sensuais de Macey se curvaram com a descrição.

"Prazer em conhecer, madame". Ele anuiu com a cabeça enquanto os encaminhava em direção a casa. "Reno é um bom amigo. Mas ele tem um cunhado muito desapontador. Ele deveria ter atirado nele anos atrás".

"Eu sugeri isto", Morganna disse lentamente, dando a Clint um olhar de riso. "Reno quis esperar. Ele estava certo de que Clint envelheceria bem".

A risada que encontrou a declaração fez Clint lançar a ambos um clarão chocado.

"Não conspire contra mim com ela, Mace. Estou preso a ela durante algum tempo. Você não está".

"Que pena. Eu seria melhor para ela", Macey grunhiu.

A casa era surpreendentemente limpa mas simples. Nua, realmente. Ela olhou ao redor, perguntando-se como um homem tão atraente enquanto Macey parecia ficar em uma casa com nada de pessoal.

"Essa é a área de recepção, querida". O sorriso de Macey era travesso enquanto a pegava olhando ao redor. "Venha; eu te mostrarei a minha casa dentro da casa".

Ele os levou pela sala de estar puída e pobre com sua mobília no chão, uma televisão antiquíssima para uma cozinha com apenas o essencial até um corredor. Lá ele pegou um controle remoto do bolso da parte de trás da calça jeans e apertou o interruptor. Morganna saltou para trás enquanto uma seção da parede lentamente deslizava para o lado.

"Venha para baixo. Os rádios estão nas transmissões agora. Eu finalmente percebi quem são os meninos procurando por você, mas eles não estão falando nada de importante". Ele desceu os degraus de cimento que levava ao corredor.

Morganna olhou de relance para Clint cautelosamente enquanto o seguia lentamente, pegando sua piscada calmante enquanto a parede deslizava se fechado uma vez mais.

"O que acontece se esse lugar pegar fogo?", ela sussurrou para Clint.

"Então nós iremos por baixo da casa e fugiremos pelos encanamentos", Macey disse de volta. "É um lugar sórdido, mas desejo que ninguém decida queimá-lo. Eu ficaria puto e teria que matar alguém".

De alguma maneira, ela não achou que fosse uma ameaça vã.

Enquanto andava na parte principal do porão, os olhos se alargaram. Aqui definitivamente se vivia e se cuidava. Um sofá longo e confortável dividia o cômodo. Na frente dele, em uma parede distante, havia uma televisão de tela plana presa na parede com um sistema de som de última geração que corria ao longo das paredes. Havia uma mesa de café de madeira feita em mosaico entre eles. De cada lado uma





poltrona usada, mas em boas condições, viradas para a televisão.

Atrás do sofá, o sonho de um louco por eletrônicos: computadores, receptores, e prateleiras com máquinas apitando e zumbindo que não faziam nenhum sentido para Morganna. Acima delas, vários monitores de tela plana mostrando o lado de fora da casa em todos os quatro lados, dando a Macey uma visão perfeita de alguém que aparecesse. Duas outras mostravam os quartos da casa acima, observando cuidadosamente cada área por vários segundos de cada vez.

"Há grãos e pão no fogão". Macey sacudiu os dedos para o canto onde havia um fogão, uma geladeira, e uma pia grande. Uma pequena mesa e cadeiras ocupavam a parede ao lado.

"Com fome?", a mão de Clint subiu e desceu pelas costas dela enquanto a levava mais distante no cômodo.

"Não". Ela agitou a cabeça. "Telefones têm alcance aqui? Eu tentarei ligar para Raven. Às vezes ela demora um pouco para responder".

"Sim, ela é boa em evitar telefonemas. Acho que ela roubou o celular do Reno".

"Era uma das condições quando ela concordou com o casamento", Morganna disse a ele. "Ela estava cansada de você ligando e enchendo por minha causa, fazendo Reno deixar a casa o tempo todo".

"Hmm". O murmúrio sem compromisso fez os lábios dele terem um espasmo. "Tente falar com ela. Eu verei o que eu e Macey podemos descobrir".

"Pegue algo para ela beber pelo menos, Clint", Macey murmurou. "Inferno, ela parece exausta. Tem cerveja lá, e Stacey mantém alguns vinhos frios para me deixar puto. Há almoço, pão e algumas porcarias. Stacey está sempre comendo alguma coisa. Eu juro que assim que o metabolismo dela diminuir vai explodir como um balão".

"Ei, é necessário energia para acompanhar os irmãos", Morganna informou Macey, mantendo a voz azeda, mas brincalhona. "Se ela for um pouco parecida comigo, ficará cansada de todos vocês terem toda a diversão".

Ela ficou ciente da surpresa que cruzou seu rosto largo, junto com a diversão.

"Stacey gostaria dela, Clint", ele riu. "Ela fala mesmo. Aposto que ela mantém você e Reno sob as ordens dela".

"Mais do que você imagina". Clint agitou a cabeça enquanto Morganna olhava de relance para ele conscientemente.

"Meio que me surpreendeu quando eu te ouvi dizer que estava trabalhando com a equipe de Merino", Macey a surpreendeu com o anúncio enquanto ela saía de perto de Clint e se dirigia à geladeira. "Alguns dos nossos que frequentam os clubes têm ficado de olho. Dizem que você é boa demais para uma amadora".

"Obrigada". Ela pegou o olhar de desaprovação de Clint enquanto dava as costas para eles. "Clint não ficou muito feliz".

"Claro que ele não estava", Macey disse lentamente. "Um homem gosta de





guardar seu doce pessoal bem escondido de olhares famintos. Ele não é estúpido. Eu e os outros estávamos nos preparando para tirar a sorte para ver quem iria dizer isso a ele".

"Cale-se, Macey", Clint grunhiu.

"Sim, como se todos nós não soubéssemos que você estava cheio de fome por ela, Clint". Macey sorriu placidamente enquanto Morganna se debruçava contra a parede e assistia com interesse. Não eram muitas pessoas que tinham a coragem de provocar Clint tão descaradamente.

"Ele te contou que ele e Reno brigaram na Alemanha por sua causa?".

"Cale-se, Mace".

Isso era assombroso.

"Não". Ela arqueou a sobrancelha com interesse. "Ele não disse".

"Oh sim, nos ficamos observando os dois muito cautelosamente. Nós tínhamos acabado de sair de uma missão-"

"Cale-se, Macey".

"Parece que o Clint queria que o Reno fizesse alguma coisa sobre um músico que você estava saindo na época. Queria que o namoro acabasse antes que você acabasse na cama com ele-"

"Não me faça te matar, Macey". A voz de Clint ficou de repente mais sombria, mais grossa. "Agora eu preciso de você, cara. Mas mais tarde nós teremos uma conversa".

Macey balançou a cabeça e olhou fixamente de volta para Clint com um torcer de lábios, os olhos escuros dançando.

"Certo, cara". Ele sorriu devagar. "Traga seu traseiro aqui. Deixe aquela bonitinha pegar uma bebida. Aquela saia é muito quente, também. Você está usando calcinha debaixo dela, Morganna?", ele se voltou para ela, o sorriso devasso.

"Na verdade", ela disse lentamente, "não estou. Mas não diga a Clint, certo? Ele pode ficar chateado".

Um calafrio desceu pela espinha dela enquanto Clint se voltava para ela, o olhar completamente possessivo, a expressão de repente sensual, carnal.

"Segure a onda Raven", ele grunhiu. "E fique longe desse homem de apenas uma noite". Ele indicou Macey com a cabeça. "Eu odiaria ter que castrá-lo. Ou cortar sua maldita língua".

Morganna continuou a observá-lo enquanto ele marchava até os computadores onde Macey estava trabalhando. Isso era bastante assombroso. O músico em questão não tinha sido amante dela; na realidade, o amante dele tinha sido seu baixista. Um homem muito bonito e jovem que o idolatrava. Mas Shawn Kevin tinha desesperadamente tentado manter a imagem de sua heterossexualidade. Por que, Morganna nunca realmente tinha entendido. Mas ele tinha sido bom e, durante algum tempo, interessante. Morganna não tinha





nenhuma ideia de que Clint tivesse realmente ciúmes dele.

Agitando a cabeça, ela puxou a bolsa do ombro e a abriu. Tirou o celular de dentro e colocou a bolsa na mesa, então retornou à geladeira para pegar uma garrafa de água.

Teclando o número de Raven, Morganna deixou tocar até que a caixa postal começou.

"Temos um problema, Raven. Preciso falar com Reno". Ela fechou o telefone enquanto tirava a água da geladeira.

Clint estava conversando em seu celular, obviamente chamando o time com o qual ele e Reno normalmente trabalhavam. Ela sabia pelo casamento que vários deles estavam de licença até depois da lua de mel de Reno.

"Eu não consigo achar Markwell". Clint fechou o telefone enquanto se voltava para Macey. "Kell e Ian ainda estão na cidade; Max foi para o Texas para encontrar alguns amigos lá. Isso deixa Markwell sem uma explicação".

"Vamos ver se conseguimos encontrar o nosso garoto então". Macey se voltou para os computadores. "Sei que Kell e Ian estavam andando pelos clubes. Eles estavam vigiando o seu doce", ele riu dissimuladamente quando Clint deu um tapa atrás de sua cabeça.

Enquanto Clint pairava acima do ombro do outro homem, Morganna chegou mais perto dele. Ela se sentia gelada. Incerta. Tantas coisas estavam acontecendo tão rápido, e as implicações da batalha que eles enfrentariam pareciam opressivas.

Nesse momento, Morganna percebeu a extensão de sua inexperiência. Ela era treinada para observar e atirar. Não estava preparada para lutar com terroristas e cartéis internacionais de drogas como o de Fuentes tinha a fama de ser.

Enquanto ela se aproximava dele, ficou surpresa quando o braço de Clint veio até ela e a puxou contra ele. Apenas com isso ele a dobrou contra seu tórax, o olhar nunca deixando o computador em que Macey estava trabalhando.

"Merda. O que é isto?", Macey clicou e apareceram vários retratos e um relatório de texto.

Morganna reconheceu o retrato. Devin Markwell. Ele era jovem, estava sorrindo. Ao lado do retrato estava um esboço a giz de um corpo em uma ruela cheia de lixo.

"Cacete, nem fodendo", Macey murmurou enquanto Clint apertava-a ao lado dele. "Isso aconteceu esta manhã. Ele foi achado em um bar no centro da cidade". Macey agitou a cabeça antes de se voltar para Clint, o olhar chocada. "Ele está morto, Clint".

"Como?", a voz de Clint endureceu, gelada.

Macey voltou para o computador, clicando mais, os dedos voando sobre o teclado até que outra página surgiu. "Eles acharam outro sujeito. Um Sul-americano naturalizado. Um negociante". A voz dele era baixa, sem emoções. "Devin apanhou





até morrer. O negociante foi estripado como um peixe. Santos. Santos não era-

"Parte do Cartel de Fuentes. Ele é o irmão bastardo de Roberto Maneulo. Ele nasceu aqui. Roberto o criou". Clint terminou por Macey antes de um palavrão chiar em seus lábios. "E Roberto é um membro dos clubes do Masters".

Morganna estava congelada, olhando o retrato do negociante na tela.

"Ele é um dos três homens que Joe prendeu no Diva", ela disse tranquilamente. "Foi ele que colocou a droga na bebida. Eram Santos, Robert Lewis, e Donny Caine".

Macey digitou os nomes. "Mortos". O relatório não era inesperado neste momento. "Achados esta manhã. Lewis e Caine foram encontrados esta tarde fora da cidade. Parece que um acordo de drogas não deu certo".

"Fuentes está limpando a casa", Clint disse. "Ele tentou pegar a mim e a Morganna hoje à noite".

"Verifique Roberto Manuêlo", Morganna sugeriu. "Ele é o nosso suspeito no momento da provisão da droga. Mas não houve nenhum relatório de conexão suspeitada para o cartel. Eu também o vi no andar de baixo do Diva na noite em que estivemos lá".

A procura demorou mais. Morganna mordiscou a unha do polegar enquanto Macey teclava, amaldiçoou, falou doce com o computador, e então finalmente ficou mudo.

"Manuêlo está respirando", ele disse finalmente. "O número do celular dele que eu tenho bate com o que eu tenho rastreado desde que a procura por você e Clint começou. Eu peguei seus nomes sendo chamados no receptor que uso para monitorar os celulares inseguros". Ele relampejou seu sorriso frio. "Ele está comandando a busca".

"Não por muito tempo".

Morganna se virou, olhando para Clint enquanto ele ficava a vários metros dela.

"Contate o Almirante, Macey", Clint ordenou, os músculos da mandíbula trabalhando tensamente. "Nós possivelmente temos um ataque nos nossos homens. Precisamos que a localização de Reno seja verificada, assegurada, e ele precisa ser notificado da morte do Markwell".

"Já estou fazendo". Macey se voltou para o computador enquanto Morganna encarava Clint.

"O que você vai fazer?", ela perguntou, porém sentia que já sabia.

Ele a encarava, os olhos azuis ardendo no rosto escuro. Ele parecia tão distante, tão auto-suficiente.

Esse era o Clint que a preocupava. Frio. Sem emoção. Este Clint não precisava de ninguém, especialmente não dela.

"Eu vou cuidar disto, Morganna", ele disse a ela suavemente. "como eu tiver que fazer".





"O Almirante está em contato com Reno enquanto falamos". A voz de Macey foi rápida, concisa e clara. "Ele está se movendo com Raven para um local não revelado por enquanto. Ele está te advertindo para manter Morganna trancada".

Não havia nenhuma diversão na voz de Macey. A voz era tão dura quanto a de Clint.

Primeiro Nathan durante a operação na Colômbia, agora Markwell. E se Fuentes não fosse tirado da jogada, então ele iria atrás de Morganna novamente. Ele não era um homem de desistir. Mas também não era um homem fácil de se pegar. Ele se cercava com lacaios, homens dispostos a morrer por ele, protegê-lo sem se importar com as consequências.

"Eu tenho que me livrar da caminhonete". Clint tinha que sair de lá, tinha que ir atrás de informações, e tinha que fazer isto sozinho. "Macey, mantenha ela aqui embaixo". Ele girou para o outro homem, vendo o horror em seus olhos. "Se eu não voltar em cinco horas, sabe o que fazer".

"Não!", os olhos de Morganna se arregalaram com medo. "Você não vai me deixar aqui-"

"Pro diabo se eu não vou", Clint grunhiu ferozmente, segurando os ombros dela enquanto ela ia apressada até ele, apertando-os, encarando-a enquanto a ira e a dor queimavam seu estômago ameaçado subjuguá-lo. "Você está segura aqui e eu não sei o que diabo espera lá fora. Você não é treinada para isso, Morganna, e sabe disto".

"Eu posso cuidar das suas costas". Ela agitava a cabeça, os olhos enchendo com lágrimas.

"Não, Morganna", ele ralhou, o pensamento dela lá fora, na linha de fogo, era mais do que ele poderia lidar. "Eu tenho que verificar algumas fontes, tenho que me livrar da caminhonete e descobrir o que diabo estou encarando. Não posso fazer isso com você comigo, neném".

Ele não podia matar enquanto ela estivesse olhando. Ela era forte, mais forte do que ele poderia ter imaginado, mas ele não poderia aguentar que ela visse como ele realmente era.

"Macey". Ele não teve que girar para o outro homem.

"Eu fico com ela, cara", ele jurou. "Ela não sairá daqui. Eu juro".

"Eu preciso que você faça isto, Morganna".

Ele viu o conhecimento na expressão dela de que ele estava certo e viu a raiva e a impotência enchendo os olhos dela. Ela sabia que não tinha experiência suficiente, e isso a devorava, rasgava.

Mas Deus o ajudasse, ainda que ela tivesse, ele não poderia levá-la com ele. Ele era um assassino. Uma pedra de gelo. Sem remorso quando a questão era o inimigo. E Fuentes e alguns de seus homens eram o inimigo.

"Macey, descubra se Markwell estava envolvido em alguma coisa. Se isto foi





peessoal. Traga Kell e Ian para cá; nós precisaremos da ajuda deles”.

"Certo, cuido disso". Macey permaneceu atrás de Morganna, se preparando para pará-la se ela tentasse seguir Clint. Ele ficava apavorado que ela tentasse fazer isso.

Clint a puxou para os braços porque não pôde evitar. Os lábios cobriram os dela, saboreando suas lágrimas, seu medo e seu calor. Soltando-a, ele a empurrou para Macey. Clint não esperou para se certificar de que o outro homem a estava segurando; ele sabia que Macey estava. Clint ignorou o grito dela, ignorou a necessidade de tocá-la por mais um tempo antes de se mover depressa para os degraus.

"Macey, eu preciso de alguns equipamentos". Ele desviou para o outro lado do quarto, movendo-se atrás da escadaria para a entrada secreta.

"Pegue o que quiser”.

E ele fez isso. Escolheu depressa, jogando a munição em uma pequena sacola antes de jogar o rifle automático sobre o ombro e enfiar uma arma no cós da calça. Ignorando os argumentos de Morganna, ele correu os degraus acima e passou pela entrada aberta.

Fuentes o tinha pegado desprevenido. Não aconteceria novamente. Ele agora conhecia o monstro que os estava seguindo, e que ele se danasse se deixasse o bastardo tocar Morganna.

Capítulo 20

"Clint, seu maldito,", Morganna amaldiçoou enquanto Clint desaparecia os degraus acima e deixava o porão. Ela subiu correndo os degraus, tocando a parede enquanto ela se fechava atrás da saída de Clint, eficazmente bloqueando-a uma vez mais. Ela bateu o punho contra a parede antes de chutá-la furiosamente. Descendo os degraus com força, olhou para o rosto calmo e sóbrio de Macey enquanto a fúria surgia nela.

"Ele não pode fazer isto sozinho". Ela tinha visto o pesar nos olhos dele, o fundo da alma, enchendo todo seu ser e partindo o coração dela. "Vá com ele, Macey”.

"Fica fria, neném", ele suspirou, cruzando os braços sobre o tórax largo enquanto olhava ferozmente para ela abaixo. "Você está se esquecendo de com quem está lidando aqui. Você é um perigo lá fora com ele, como ele já disse. Assim como eu. Deixe-o ficar com a mente clara; ele não precisa voltar aqui para te achar nas mãos do Fuentes". "Ele não me pegou ainda", ela ralhou. Macey bufou. "Ele realmente não tentou, querida. Fuentes está brincando. É no que ele se supera. Ele ficará sério agora. Ele tirou um dos nossos homens da jogada e isto não é uma coisa fácil de fazer. Agora mesmo, Clint precisa fazer o que sabe fazer melhor. Caçar.





Enquanto eu faço o meu melhor que é rastrear”.

Ela vacilou, andando para trás enquanto desamparo lavava o rosto dele.

"Mataram um dos homens dele", ela sussurrou. "Ele está arrasado, Macey-"

"Ele é um SEAL, Morganna". Macey revirou os olhos para ela. "Ele já perdeu mais amigos do que você pode imaginar. Nathan no ano passado e agora Markwell são golpes pesados, admito, mas ele é frio como uma pedra de gelo quando está em modo de ação; não duvide disto. Aquele garoto é um instrumento da morte agora mesmo, e você não vai querer ver. Diabo, você não precisa ver”.

"Ele está triste-"

"Ele saiu para vingança". O sorriso de Macey estava frio. Duro. "E acredite em mim quando eu digo que Clint sabe como trazer a morte do jeito certo. Apenas fique fria e deixe-o fazer as coisas. Se manter segura é o melhor modo que você pode ajudá-lo”.

O olhar dela voou para os monitores e então viu Clint anda na garagem, o monitor branco e preto mostrando mais do que cores poderiam mostrar.

As sombras correndo pelo rosto dele enviaram um calafrio pela espinha dela. Os olhos estavam frios, duros. Como farpas de gelo escuro enquanto ele se movia para a caminhonete. Ele parecia a morte.

"Sim, uma mudança dos diabos, não é?", Macey grunhiu enquanto pegava a expressão dela. "Ele voltará, Morganna. Posso te prometer isto. Ele sabe o que está enfrentando, e tem mais do que a própria vida para lutar. Ele não falhará”.

Ela o encarou, odiando as lágrimas que caíam dos próprios olhos, odiando o sentimento de inutilidade que a enchia.

"O que ele tem?", ela sussurrou. "Tudo que ele faz é lutar”.

Ele sacudiu a cabeça lentamente. "Clint é leal aos seus homens, não duvide dele," ele rosnou. "Mas algo que alguém que realmente conhece Clint entende é que você é a alma dele. Ele luta contra isso. Ele nega, mas confie em mim, Morganna. Clint não está lutando por amigos ou família agora, ou por ele. Você é a inocência dele, menina. E aquele homem lutaria contra o próprio diabo”.

Ela agitou a cabeça lentamente. "Ele sempre luta em me amar”.

"Ele gosta de pensar que pode", Macey grunhiu. "Não há muitos de nós que conhecem Clint como eu, docinho de coco. Eu e Reno. Nós conhecemos Clint até os ossos. E sabemos o que você significa para ele. Não duvide disto”.

"E como você pode saber isto?", ela desejou, rezou. Ela mantinha a confiança intata quando Clint estava por perto, mas ele escondia tanto dela. Guardava demais para si mesmo.

Macey fez uma careta enquanto dava as costas a ela por um momento, observando enquanto a picape cinza saía da parte de trás da garagem, as luzes escuras enquanto a sombra a engolfava.

"Eu já vi quando ele não conseguiu esconder". Macey limpou a garganta





suavemente. "Eu, Reno, e os homens dele. Clint ficou muito machucado uma vez; nós não sabíamos se ele conseguiria suportar até o local onde nos esperavam. Reno, hmm, ele disse a ele que você estava magoada. Disse a ele que você estava chorando por ele". Ele agitou a cabeça enquanto encarava uma Morganna chocada. "Ele lutou como um louco para viver. Ele não devia ter sobrevivido, mas fez. E ele vai fazer isso agora".

Os olhos escuros estavam presos nela enquanto ele se voltava para ela. "Faça o que aquele garoto te diz e você ficará segura. Se ele quiser que você se enrole em algodão e se esconda em um canto, então FAÇA isto. Porque se ele te perder, não acho que ele sobreviveria, e talvez isto seja uma coisa para você pensar bem".

Deixar Morganna sozinha com Macey era um inferno. Além da ira e da dor, e além do conhecimento de que outra parte do time, que ele chamava de família, tinha morrido por causa de Fuentes, estava o conhecimento de que outro homem estava protegendo sua mulher.

Empurrar o ciúme e a possessividade para os cantos distantes do cérebro não era fácil, mas a violência que rodava por sua cabeça facilitava. Fuentes tinha feito um sério engano ao pensar que poderia atingir Morganna por qualquer razão desde que Clint estivesse vivo. Essa era a razão de Fuentes ter caído a primeira vez, porque gostava de jogar.

Fuentes tinha se convencido de que era um homem mestre em jogos. Estava errado. A esposa dele, Carmelita, tinha sido uma verdadeira estrategista. Ela tinha permitido que Fuentes acreditasse que ele era a inteligência dominante do cartel, mas a cadela malvada com quem tinha se casado era a verdadeira inteligência dominante. E ela tinha manejado o poder com tranquilidade ao facilmente manipular Fuentes.

Não levou muito para que Clint trouxesse os bandidos de volta a sua caça ou levasse os bastardos para onde precisava. Eles não eram estúpidos; Clint dava crédito a eles por isto. Ele precisou de quase uma hora para se "perder" deles novamente e se certificar de que eles tinham visto a picape estacionada atrás do Diva.

Observando das sombras, ele esperou enquanto os três homens deixavam o sedan e faziam o caminho até o clube antes de ele se mover. Ele sabia que o quarto tinha ficado para trás; Clint o viu deslizar ao longo das sombras para a parte de trás do edifício com uma visão clara da caminhonete.

Sim, eles eram bons. Algum dos melhores de Fuentes, e se Clint não estava enganado, o homem desprezível que observava a caminhonete era um de seus tenentes mais altos. Era uma coisa muito triste quando se tinha que usar seus





melhores homens apenas para perseguir alguém. Mas Manuêlo não tinha crescido à toa.

O soldado de Fuentes era bom, mas tirá-lo da jogada era fácil. Clint deslizou de sua posição, com cuidado para ficar abaixado até que estivesse a apenas poucos metros do pretense assassino. Ele ergueu a lâmina que segurava na mão antes de recuar devagar, então a enviou adiante com um movimento rápido do pulso.

O corpo deslizou devagar para o lado abaixo do edifício sem fazer som. Clint se moveu depressa para a forma caída, revirando os bolsos e jogando o conteúdo na sacola ao lado para olhar mais tarde.

Tão depressa enquanto se movia, ele se desvanecia nas sombras, movendo-se de posição para esperar pelos outros três. Pegá-los não foi muito mais difícil. Eles não esperavam que ele estivesse esperando por eles. Ele arrastou cada um para detrás do veículo, jogando-os lá depressa antes de fechar a porta e bater de leve no capô triunfantemente com a luva de couro e conectar um pequeno receptor na orelha.

"Macey, menos quatro. Estou limpo?"

"Limp, Ice", Macey falou. "Tenho um relatório do Loader", ele disse então, a voz suave enquanto usava o nome código de Markwell. "Ele foi chamado as zero cem horas²² ontem à noite. Um telefonema vindo do celular do ole Santos reportando informações que ele precisava dar a Loader vindas de Ice". Clint era o Ice. O Iceman. "Eles arranjam um encontrar e o resto é sangue".

"Como ele sabia a quem contatar?"

"Isso eu ainda não sei", Macey reportou. "Mas ele ligou para o celular de Max, também, e deixou a mesma mensagem. Informações importantes para Ice e um pedido de reunião. Isto é tudo que temos".

Os números dos celulares deles eram seguros. Filhos da puta, como um dos homens de Fuentes os tinha conseguido?

"Nós temos mais de um informante", Clint murmurou.

"Positivo", Macey concordou.

"Vou fazer uma parada dentro do Diva; então voltarei", Clint reportou. "Espere-me em sessenta minutos. Se eu não estiver aí, contate os remanescentes dos times e deixe a gatinha segura".

Morganna tinha que ficar segura a todo custo.

Tirando o receptor da orelha e colocando-o no pacote pequeno no cinto, Clint voltou à entrada do Diva.

O quarto privado que ele mantinha lá continha um pouco de dinheiro, identidades falsificadas, e alguns cartões de crédito. Ele tinha aprendido o suficiente ao longo dos anos para se tornar um filho da mãe paranóico quando a questão era

²² Zero cem horas = meia noite na gíria militar.





proteção. O corredor vagamente iluminado estava vazio enquanto ele se movia para o lado de dentro, o baque firme da música batendo pelas paredes enquanto ele andava a passos largos depressa para seu quarto privado. Ele não tinha nenhuma ilusão de que Drage não o estivesse observando. Não seria surpreendente descobrir que o dono do clube estava envolvido com Joe na confusão. Drage Masters era um bastardo astuto, vivendo apenas na fronteira da criminalidade e de alguma maneira conseguia manter o equilíbrio.

Clint puxou o cartão chave de sua carteira, passou-o depressa pela barra de segurança, e viu a luz mudar para verde. Ele mantinha a arma com firmeza contra a coxa enquanto abria a porta e ia para o lado de dentro.

Filho da puta.

Os lábios afinaram ao ver o casal inclinado negligentemente contra o bar do outro lado do quarto. Fale do diabo e ele virá, seguido de sua diaba armada.

"Eu não tenho tempo para você, Masters", Clint grunhiu. "Vaza".

Drage suspirou pacientemente enquanto girava para Jayne Smith e anuía com a cabeça devagar. Um sorriso se arrastou pelos lábios dele enquanto ela ia até o outro lado do bar e erguia uma pequena caixa de madeira sobre o bar bem polido.

Maldição. Talvez a reserva de Clint não estivesse tão bem escondida quanto ele tinha achado.

"Você a achará inalterada", Drage comentou suavemente enquanto Clint fechava a porta atrás dele. "Assumo que tempo é a essência, mas eu pensei que poderia deixar tudo mais fácil para você". "O que você quer?", Clint manteve a arma abaixada, porém seu dedo estava no gatilho. Um fato que seu anfitrião estava bem ciente, se apertar os lábios enquanto olhava de relance para a arma era qualquer indicação.

"Eu quero o bastardo que está usando meus clubes para matar mulheres", Drage grunhiu com fúria fria. "Assassinar em meu estacionamento homens que podiam me levar a ele não ajudará muito a minha causa, meu amigo".

"Ache Diego Fuentes e você achará o problema", Clint disse, ignorando a surpresa nos olhos do outro homem. "Agora saia do meu caminho, deixe-me pegar as minhas coisas e eu me mandarei".

"Fuentes está morto". Drage ignorou a ordem dele. "Ele levou um tiro há um ano pelo exército colombiano".

"Realmente, o cartel dele foi destroçado pela minha unidade e a de Reno", Clint zombou. "Evidentemente Fuentes escapou. Esta droga veio da cabeça dele e sua pequena esposa com cérebro de criança. Confie em mim, Fuentes está vivo, e eu não tenho o dia inteiro para me mandar daqui e voltar para Morganna. Um dos seus suspeitos, Roberto Manuelo, é um dos adeptos inescrupulosos de mais alto poder dele. Siga-o, e você achará Fuentes".

"Isto é sábio, Clint?", Jayne Smith falou mais alto. "Fugir não irá capturá-lo;





você estará sempre olhando por sobre o seu ombro”.

"Não foda comigo", ele ralhou, acariciando o gatilho da arma de fogo. "O bastardo quase nos emboscou em uma festa mais cedo. Ele pegou um dos meus homens na Colômbia e pegou outro ontem à noite. Eu tenho um dedo muito nervoso no gatilho agora mesmo, então não me force, Smith”.

"Foda!", Drage passou os dedos pelo cabelo enquanto acenava com a cabeça para a segurança com um olhar aguçado antes de se voltar para Clint. "Traga Morganna aqui, Clint. Deixe-o acreditar que você ainda está acessível. Atraia-o para cá e você terá as suas costas cobertas”.

"Cobertura?", Clint curvou a sobrancelha. "Você não é aquele cujos homens não podem nem pegar os bastardos que estão manejando a droga? E não me diga que você não percebeu que o time do DEA está trabalhando neste pequeno jogo tem um informante, Drage. Eu pensei que você fosse mais rápido do que isto”.

"Nós sabemos, e estamos muito perto de descobrir sua identidade", Smith revelou, a voz tão fria quanto uma noite de inverno. "Fuja agora e Fuentes irá te procurar. Continue esta operação e eu cobrirei as suas costas pessoalmente, Clint. Nós acharemos o informante e ele nos levará a Fuentes. Seja quem for que ele está pagando, terá acesso direto a ele. Você sabe como ele é terrivelmente controlador. Ele não permitiria a ninguém mais trabalhar nisso para ele. Seria muito importante”.

Ela tinha razão, tanto que Clint odiava admitir. De forma nenhuma ele colocaria a vida de Morganna na linha de fogo ainda mais.

"Não”.

"Jesus, Clint, você está perdendo a objetividade aqui", Drage rosnou. "Você está deixando as suas emoções nublar o seu julgamento. Você sabe que nós estamos certos. Fuentes aumentou seus esforços para refinar seu cartel. Ele agora pegará você e Morganna na primeira chance que tiver só porque ele quer. Deixe o próprio ego dele pegá-lo. Trabalhe comigo aqui”.

"E eu deveria confiar em você por qual razão?", ele grunhiu. "Você não estava se preparando para patrocinar a minha mulher, Drage? Isso gera muita confiança”.

"Isso colocou o seu traseiro na cama dela, não é?", Drage atirou de volta. "Eu não acredito que você deva correr de seus demônios, Clint. Talvez eu estivesse te ajudando a enfrentar os seus”.

"Bom, obrigado por toda a porra de favor que você já fez", Clint grunhiu furiosamente. "Eu te pedi ajuda?”.

"Considere como um favor entre amigos". Drage acenou: a observação sarcástica com um aceno zombeteiro da mão enquanto os lábios se afinavam com a própria raiva. "Nós temos a suíte máster no andar de baixo. Eu posso circular o rumor de que você se cansou do seu desafio e está usando o apartamento para completar o treino dela. Ninguém duvidaria, exceto Fuentes. Ele tentaria te pegar aqui. Para fazer isso, ele teria que usar o informante que tem dentro do time do





Merino. Deste modo, nós dois conseguiremos o que queremos, e você não estará apenas fugindo. Fuentes pode ter o apoio de um maldito exército. Não seja um tolo com a vida da Morganna”.

Clint tinha uma boa e pequena cabana no fundo das montanhas, retirada, abrigada. Ele tivera vários problemas para mantê-la secreta. Mas ele sabia que as informações poderiam ser obtidas. Ele tinha a intenção de correr para lá com Morganna, escondê-la tão longe do perigo quanto possível. Mas ela ficaria mais segura lá onde ele não poderia enfrentar o inimigo?

"Clint, eles estupraram e torturaram nossos amigos. As mulheres que eles estão atingindo não fizeram nada para merecerem o que acharam nas mãos desses bastardos", a voz de Jayne ecoou com um frio mortal. "Nós poderíamos já ter te traído se isso fosse o que queríamos fazer. Vamos nos ajudar um ao outro”.

Eles estavam certos, e ele odiava isto com todas as forças.

"Eles não esperarão pelo sistema de segurança que eu tenho nos quartos privados", Drage continuou. "Você terá a suíte pela semana. Você pode fazer seu aparecimento no bar todas as noites e insultá-los com o fato de que você está matando seus homens e que está destemido da ameaça que ele representa. Se você correr, dará a ele a faca e o queijo na mão”.

"Droga, eu sei disto", ele grunhiu. "Isto é sobre Morganna. Drage. Ela é tão previsível quanto uma chuva de verão-"

"Ela é esperta, e cuidadosa. Você não a observou nos últimos meses como eu”. Os lábios dele se curvaram um pouco. "O irmão dela confiou-a a mim há quase dois anos, Clint, e eu sou os olhos e ouvidos que permitiram a ela trabalhar nesta operação nos últimos seis meses. Confie em mim, se eu não pensasse que ela seria capaz de aguentar, então eu te ajudaria a levá-la para fora do estado”. Certo, isso fazia mais sentido. Clint sabia que Reno era bastante familiarizado com Drage e Jayne. Ele não esperava isto, mas enquanto pensava no assunto, percebeu que não devia ter ficado surpreso. O que também explicava o fato de Raven poder monitorar e bloquear os telefonemas para o celular de Reno. Esse era o único modo que Reno teria permitido isto.

Deus, ele iria matar Reno. Ele podia pelo menos tê-lo advertido.

"Merda!", ele correu os dedos pelo cabelo em um gesto de completa frustração.

Tudo dentro dele estava gritando para rejeitar a ideia. Todo o instinto possessivo em seu corpo estava exigindo que ele levasse sua mulher de carro para longe e a escondesse o mais distante possível de toda essa merda.

"Você precisa de auxílio nisso, Clint", Jayne inseriu. "Você sabe que precisa. Se nós trabalharmos junto, poderemos acabar com Fuentes de vez”. Sede de sangue ecoava na voz dura de Jayne Smith, fazendo Clint olhar fixamente para ela com intenção firme. "Eles quase me pegaram, McIntyre”, ela revelou, os lábios





balançando zombeteiramente. “Confie em mim, essa droga não é nenhuma diversão, e se eles tivessem conseguido me tirar do clube que eu estava naquela noite, eu nunca teria vivido para achar a minha vingança. Agora eu quero vingança”. O flash de fúria em seus olhos, o conjunto frio de sua expressão, combinada com a tensão súbita de Drage convenceu Clint. Ele odiava. Se havia qualquer coisa que ele odiasse mais do que colocar Morganna próxima ao perigo que rondava este clube, então ele não poderia imaginar o que fosse. Mas eles estavam certos. Eventualmente Fuentes o acharia nas montanhas. Ele não poderia manter vigilância de 24 horas nos sete dias da semana sozinho e não poderia pedir a Reno que deixasse a irmã dele agora mesmo e o ajudasse.

“Eu preciso de um carro”, ele sibilou. “Eu a tenho escondida agora. Eu a pegarei e trarei de volta para cá. Vocês”. Ele apontou o dedo ferozmente para os dois. “É melhor que tenham certeza dessa porra toda. Porque se qualquer coisa acontecer a Morganna não haverá buraco fundo o suficiente para que vocês possam se esconder e se salvar. Homem ou mulher, eu os matarei”.

“Ele é tão feroz”. Jayne estremeceu zombeteiramente. “Mas aposto que posso ensinar Morganna a domesticá-lo”.

“Tsc, tsc, gatinho”, Drage murmurou. “Não vamos tentar causar uma explosão até que estejamos em território mais seguro”.

Merda, ela o fazia lembrar de Morganna. Era assim que ela tinha aprendido sua boca esperta ou ela tinha ensinado a Smith? Ele não duvidava de que ela tivesse.

“Você pode usar o meu carro”. Smith pegou as chaves do bolso de suas calças de couro e as jogou para ele. “É completamente seguro e está estacionado na garagem subterrânea, ficarei te esperando na porta dos fundos quando você retornar e nós a colocaremos para dentro sã e salva. Vamos fazer e bem feito, Clint. Então todos nós ficaremos seguros”.

Ele pegou as chaves com a mão livre enquanto finalmente se permitia respirar profundamente. Ele não gostava de admitir que o terror tinha tomado seu corpo quando percebeu como Markwell tinha sido pego facilmente. Ele tinha sido um dos melhores. Um completo guerreiro Navy SEAL treinado com reflexos e instintos que apenas talento, inclinação ao trabalho e treinamento duro não poderiam criar. Fuentes não seria fácil de pegar. Se Clint pudesse pelo menos conseguir descobrir da rede o suficiente para achar o laboratório, então eles poderiam enfraquecer durante algum tempo, se não conseguissem mais do que isso.

“Como faremos com Merino?”, Clint perguntou então.

Jayne Smith sorriu facilmente. “Nós diremos a verdade a ele, claro. Você não está confortável com os ataques a Morganna ou o fato de que um de seus homens foi pego, então você irá trabalhar daqui. Nós trabalharemos com ele e veremos o próximo movimento do Fuentes. Enquanto isso, eu colocarei uma marca em cada um dos homens de Joe e ver o que acontece. Não levará muito tempo”.





Não, não levaria. Fuentes tinha mostrado como estava desesperado para colocar suas mãos em Morganna. Ele faria seu movimento logo. "Eu voltarei amanhã à noite". Clint anuiu com a cabeça. "Preciso dormir algumas horas e pensar em algumas coisas. Faça o que tiver que fazer". Drage se endireitou do bar, os olhos cintilando com antecipação.

"Teremos tudo arranjado, Clint. Estou ansioso para trabalhar com você".

Sim, Clint apostava que ele estava. O filho da puta contava seu sucesso não pela quantia de dinheiro que fazia mas pelos contatos que podia convocar. Clint não era um homem que gostava de dever favores. Mas neste caso, ele era um homem desesperado porque sabia que se qualquer coisa acontecesse a Morganna, se o fogo que queimava em seus olhos escurecesse, então Fuentes não teria que o matar. O pesar sozinho faria isso.

Capítulo 21

Ele dirigiu de volta para o bairro de Mace no conforto do couro da BMW Z4 Roadster azul escura de Jayne. Se não fosse pela extravagância do carro, ou pelo cheiro do couro morno, o passeio teria sido apreciado em qualquer outro momento em que a cabeça dele não estivesse tão cheia.

Ele pensava nos amigos que tinha perdido para a maldita rede de Fuentes. Nathan Malone, "Irish". Tinha caído durante a missão na Colômbia.

Sua morte tinha sido um golpe duro. Nathan era um bom amigo, mas com sua morte Clint viu o que tinha deixado para trás. A jovem esposa de Nathan tinha ficado arrasada. Clint se lembrava dela do funeral de Nathan, os olhos vazios e ociosos, o rosto tão pálido quanto à morte.

Ela adorava Nathan, da mesma maneira que Nathan a adorava.

E Devin Markwell. Inferno, ele era um dos melhores guerreiros que os SEALs já tinham produzido. O corpo era eficiente, uma arma altamente treinada, e ainda assim ele tinha sido pego.

Não fazia sentido. Fuentes não podia saber quem tinha estragado seu arranjo. Isso não era possível. Mesmo a Marinha não tinha listado os nomes deles para aquela missão. A menos que Nathan estivesse vivo. Era a única resposta.

Clint apoiou a cabeça contra o espaldar, sentindo o cansaço se arrastar pelo corpo. Ele estava muito cansado. Cansado das missões, das mortes. Tinha começado com a morte de Irish. Ver o horror e o pesar no rosto de sua jovem esposa tinha começado o ciclo. Agora - Deus, Clint não achava que podia mais fazer isto. Se eles conseguissem pegar Fuentes desta vez, então talvez fosse a hora de fazer as malas. Clint tinha trinta e cinco anos e se sentia como se tivesse oitenta. Ele tinha mais dois anos antes de poder reivindicar sua aposentadoria. Talvez estivesse na hora de começar a considerá-la.





E havia Morganna.

Ele a tinha deixado com um dos maiores conquistadores que já tinha colocado os olhos. Mace era seguro, um maldito lutador bruto, e totalmente leal quando a questão era batalha. Mas gostava de mulheres. Amava mulheres. Tantas quantas ele pudesse colocar as mãos.

E Morganna estava mais do que louca, furiosa, quando Clint a havia deixado. Ele se lembrava claramente das brigas entre os pais antes do pai sair em missão. Terríveis brigas aos gritos que duravam horas a fio antes que o pai de Clint batesse a porta de casa e fosse para a guerra. E a mãe de Clint ia para festas atrás de festas, noites após noites, homem após homem. Ele podia lidar com isto? Ele se perguntou. Diabo, não, tudo dentro dele gritava em ira. Se Mace tocasse Morganna, Clint não sabia se poderia conter a raiva.

As mãos dele apertaram o volante enquanto ele entrava na garagem aberta e esperava a porta se fechar para acender as luzes interiores. Ele sabia que não teria como sair do carro antes que Mace soubesse que ele estava lá.

Quando as luzes chamejaram, Clint abriu a porta e ergueu seu corpo longo do veículo antes de se mover para a porta.

Os punhos dele cerraram, a mandíbula apertou com uma força que ele podia sentir os molares doendo. Ele podia sobreviver a outro homem a tocando depois que ele a tivera? Ele perderia a cabeça como o pai?

Clint agitou a cabeça enquanto se movia pela casa, sentindo o peso dos medos sobre os ombros enquanto lutava para fazer sentido da fadiga até a alma que o enchia.

A seção na parede deslizou se abrindo enquanto ele se aproximava dela, assegurando se de que não importava o que pudesse ter acontecido pela noite, Mace o estava observando.

"Graças a Deus!".

As mãos de Clint automaticamente envolveram o corpo pequeno que se lançou sobre ele não muito antes de ele colocar os pés na escadaria.

Enquanto a parede deslizava e fechava, Morganna estava soluçando contra seu tórax, as mãos deslizando por seus ombros, costas.

"Você está machucado?", a voz era rouca enquanto as palavras saíam dos lábios, exigentes, ferozes. "Se você se arranhou, vou te esfolar vivo".

"Sua miserável sanguinária". Ele inalou o odor dela. Ele podia sentir seu próprio odor mais escuro embaixo da doçura dela, o cheiro de limpo que era uma parte de Morganna.

Ela ainda usava a saia e o colete, mas tinha tirado os sapatos. Se endireitando, ela deixou o olhar examiná-lo cuidadosamente, os olhos nublados com preocupação e uma sugestão de raiva.

"Estou com tanta raiva de você." Ela bateu no ombro dele enquanto saía de





perto dele e descia séria as escadas. "Você foge como o Rambo²³...", as palavras se arrastaram de volta para ele enquanto ela pisava duro na sala principal. "Todo sinceramente devotado e resistente e me abandona sozinha aqui de mãos atadas. Isto não vai dar certo, Clint."

Ele sentiu cheiro de comida? Comida de verdade? Mace podia cozinhar, mas o cheiro que Clint sentia flutuando além da escadaria era o céu na forma de panquecas e xarope de bordo²⁴. Mas onde estava Mace?

Clint se moveu escadaria abaixo, cauteloso, enquanto saía da escadaria embutida. Mace estava sentado no outro lado do cômodo em seus computadores, os braços cruzados sobre o tórax, encarando Clint.

Erguendo a sobrelanceira, Clint se virou para olhar para a área da cozinha onde Morganna estava murmurando consigo mesma.

"Tudo certo?", ele perguntou ao outro homem.

Mace encarou mais firme.

"Vá em frente e responda", Morganna raliou. "Ele está de volta agora; estou certo de que ele pode te proteger". Ela soou um pouco chateada.

"Essa mulher é problema o tempo todo", Mace disse de repente. "Juro por Deus, se você sair e me deixar sozinho com ela novamente, eu te matarei. Você não terá que se preocupar com o Fuentes". Ele se virou na cadeira e então se curvou sobre o teclado do computador, os dedos se movendo sobre as teclas. "O que você fez, Morganna?", Clint suspirou, movendo-se para dar uma boa olhada nela. Ela estava toda furiosa. Se possível, estava mais puta agora do que quando ele tinha partido. "Eu não fiz nada". Ela escorou as mãos nos quadris enquanto uma pequena zomba feminina torcia seus lábios. "Mas ele não parece saber onde dever manter as mãos estúpidas-"

"Ah, inferno, por que apenas não me mata de uma vez?". Mace saltou da cadeira, olhando para Clint que estava com olhos selvagens, "juro por Deus, foi inocente. Eu não quis dizer nada demais com isto, Clint".

Clint respirou fundo. A fúria que deveria tomá-lo foi obscurecida pela confusão. Mace parecia quase assustado, e Morganna estava em modo de matar. "Olhe, você não tem que me matar. Aquela sua maldita pequena bruxa quase empurrou as

²³ Rambo - herói de série de filmes de ação iniciada na década de 80, cujas características e história foram inspiradas na obra de David Morrell intitulada *First Blood*, publicada em 1982. Estrelando Sylvester Stallone como John Rambo, um veterano do Vietnã e ex-Boina Verde. Foram feitos quatro filmes até hoje: *First Blood* (1982), (*Rambo*); *Rambo: First Blood Part II* (1985), (*Rambo II*); *Rambo III* (1988), (*Rambo III*) e *Rambo* (2008), (*Rambo IV*).

²⁴ Xarope de ácer ou xarope de bordo, conhecido como *maple syrup* e *sirop d'érable* nos Estados Unidos e no Canadá, é extraído da seiva de árvores do gênero *Acer*, cujo nome comum é bordo. No Canadá, o xarope de bordo é muito consumido e existem casas especializadas nas receitas com o xarope chamadas *Cabane à sucre* (Cabana do Açúcar).





minhas bolas para o meu estômago. Eu não queria dizer nada demais com isto. Foi inocente”.

"Ele deu um tapinha no meu traseiro!", a voz dela era baixa, um rosnar enquanto apontava o dedo tremendo para ele. "Ele deu um tapinha no meu traseiro!", ela estava tremendo com afronta feminina. Clint piscou de volta para ela, perguntando-se se deveria agitar a cabeça para conseguir entender melhor o que acontecia aqui. "Mace acaricia o traseiro de todas as mulheres". Ele cedeu e agitou a cabeça enquanto olhava para os dois. "Ele é um Romeu²⁵".

"Ele é um gato vira-lata", ela ralhou. "E tem que manter a maldita mão longe do meu traseiro. Ninguém toca no meu traseiro".

"Eu toco", Clint assinalou. Alguma coisa não estava soando bem aqui, ele só não sabia direito o que era.

Morganna abaixou o queixo e deu a ele o seu olhar que dizia "idiota", como ele e Reno sempre tinham chamado. O brilho divertido, o leve arquear das sobrancelhas enquanto os lábios franziam com irritação.

"Pelo momento, você tem permissão", ela disse sarcasticamente. "Ele", ela apontou o dedo imperiosamente, "não pode".

"Não se preocupe", Mace grunhiu de volta, não sem um pouco de ira. "Ele pode ficar com o seu traseiro. Eu estava apenas sendo bonzinho".

"Então guarde isto para você mesmo". Ela o encarou ferozmente. "As porcarias das panquecas estão prontas se vocês se derem ao trabalho de comê-las. Agora que o Rambo retornou, preciso de um banho". Então ela franziu o cenho novamente. "Você pelo menos me trouxe algumas roupas?".

Ele ergueu a pequena sacola nas mãos para ela silenciosamente. Ele ainda não tinha entendido o que havia acontecido, mas o rosto dela brilhava, os lábios tremeram apenas por um momento antes de ela se lançar sobre a bolsa. Ela a puxou com a mão e a abriu depressa.

"Sim! Confortáveis", ela suspirou, pegando as calças do pijama de algodão suave e a camiseta solta sobre os seios. "Deus, eu amo você".

Antes que ele tivesse tempo de comentar ela tinha saído apressada para o outro lado do cômodo e desaparecido no quarto. Clint se voltou para Mace, que, não era bobo nem nada, e estava se concentrado nas panquecas caseiras com alegria retumbante.

"Quer me dizer o que acabou de acontecer aqui?", Clint inquiriu enquanto se movia para a geladeira e tirava o leite antes de pegar um copo do contador e se sentar à mesa.

²⁵ Romeu e Julieta (no original em inglês, *Romeo and Juliet*) é uma tragédia escrita por William Shakespeare (entre 1591 e 1595) sobre dois adolescentes cujas mortes acabam unindo suas famílias, outrora em pé de guerra.





"Essa mulher é louca", Mace murmurou com a boca cheia de panquecas e xarope de bordo. "Juro por Deus. Ela estava chorando como um bebê, Clint. A maldita mulher não podia nem soluçar. Apenas as lágrimas mudas e os lábios tremendo. Ela estava partindo meu coração. Eu tive que abraçá-la, cara". O garfo estava equilibrado a meio caminho do prato enquanto ele encarava um divertido Clint. "Deveria chutar o seu traseiro por fazê-la chorar assim. Mas eu apenas a abracei e deu um tapinha no seu traseiro ao mesmo tempo. Depois disso eu só sei que estava no chão com as minhas bolas me sufocando". Ele olhou ferozmente para Clint novamente. "Ela é desequilibrada. Disse para eu ficar no meu canto e não cometer o engano de falar com ela novamente ou ela ergueria uma faca contra mim. Eu não falei nada". Ele agitou a cabeça, a expressão francamente transtornada. "Eu não tenho falado por horas, Clint".

Clint se sentou de volta na cadeira lentamente. "Ficou atado, não é?", ele perguntou casualmente.

"Atado?", Mace piscou de volta em assombro. "Homem, é preciso ter alguns parafusos soltos para perseguir aquela mulher. Onde diabo está a sua cabeça? Nas suas calças? Isto não é uma mulher que se pode emputecer. Ela vai arrancar as suas bolas e fritá-las para o jantar e te fazer gostar de comê-las. Você perdeu o juízo?".

"Para começar, Mace, o que você estava fazendo tocando o traseiro da minha mulher?", Clint perguntou a ele cuidadosamente. "Eu a deixei aqui para que você a protegesse, não que ficasse passando a mão".

"Uma mulher apenas pertence a um homem se é o que ela deseja". Mace fez uma careta. "Estou te dizendo. Aquela mulher". Ele apontou o garfo na direção do banheiro, "não é de homem nenhum, mas apenas para um homem tocar. E isto será pela conta e risco dele. Você está certo de que não perdeu alguns neurônios quando se associou com aquele mini-vulcão?", talvez ele tivesse porque seria um mentiroso se não pudesse sentir algo derretendo dentro do peito.

"Oh cara, você não tem mais jeito", Mace grunhiu. "Tire esse sorriso bobo do rosto antes que ela volte aqui. Estou te dizendo, aquela mulher é perigosa".

"Sim, ela é", Clint murmurou, se mexendo na cadeira, percebendo que de repente estava duro, tomado pela luxúria. Ele estava tão cansado que apenas comer já era muito, mas ele estava pronto para mostrar a Morganna que aquele bonito traseiro dela pertencia a ele. "Coma, Mace. Ela te perdoará em algumas semanas.

Mace sufocou comicamente. "Ela me desprezou, cara", ele gemeu. "E você está fazendo piadas. Eu não posso acreditar que você está fazendo piadas. E eu estava apenas tentando ser bonzinho". Mace encheu a boca com panqueca, suspirou, e devorou sua metade. Evidentemente, mesmo ser desprezado não afetou seu apetite. Mas estava afetando o coração de Clint. Ele nunca tinha conhecido uma única mulher que já tivesse rejeitado qualquer atenção que Mace quisesse dar a ela. As mulheres o amavam, desejavam, faziam fila para pegar seu telefone. Pelo





conhecimento de Clint, nenhuma mulher já tinha feito Mace ficar de joelhos em sua história sexual.

Até Morganna aparecer.

Clint terminou as panquecas que Morganna tinha feito, panquecas deliciosas, fofas e que quase derretiam na boca, antes de levar o prato e o copo para a pia.

"Descanse um pouco. Eu lavarei a louça. Estou apenas pegando alguns dados da inteligência nos computadores agora; levará uma hora mais ou menos para eu conseguir algo relevante para mencionar".

Clint voltou à pia, soltando uma respiração cansada antes de soltar o pacote que ainda carregava no cinto. A bolsa preta inchada com quatro celulares e uma variedade de caixinhas de fósforos, pequenos livros pretos, e um sortimento de recibos.

"Veja o que você pode conseguir com isso". Ele jogou a bolsa na mesa. "Quatro homens foram me seguir".

"Deu a eles o que eles queriam, não é?", Mace pegou a bolsa e a ergueu lentamente.

Clint o encarou diretamente. "É difícil desaproveitar algo se você está morto, Mace", ele disse a ele suavemente. "Fuentes tem uma boa mensagem a caminho".

"Merda", Mace murmurou. "Você tem certeza que eles eram garotos de Fuentes?".

Mace tinha um problema com matar primeiro e perguntar depois. Clint não.

"Eu reconheci um deles imediatamente". Ele encolheu os ombros. "Os outros três eu tive que estudar. Todos estavam com Fuentes. E os quatro tentavam emboscar o tolo SEAL que estavam perseguindo. As mães deveriam tê-los criado melhor".

"Você é frio, cara", Mace suspirou. "Muito frio".

"Um dos meus homens está morto e aqueles bastardos querem estuprar a minha mulher", ele grunhiu em resposta. "Sim, Mace, eu sou realmente frio, e posso ficar ainda mais, meu amigo. Não duvide disto".

Mas primeiro ele tinha a intenção de se esquentar. Ficar realmente quente. Ele deu uma olhada final para a bolsa que Mace estava pegando antes de se mover pelo cômodo subterrâneo para o quarto. Mace tinha uma pequena instalação maneira aqui. O quarto era quase à prova de som, a entrada fechada hermeticamente com outra porta enquanto a parede deslizava para o lugar quando ele alcançou o interruptor do lado de dentro.

De lá, havia um alçapão abaixo no banheiro que realmente levava para um túnel de acesso dos esgotos. Mace era um FDP paranóico, ainda mais que Clint.

Enquanto a parede se fechava hermeticamente atrás dele, Clint despiu a camisa, então se sentou em uma cadeira surpreendentemente confortável apoiando na alça confortável para tirar as botas. Ele podia ouvir a água no banheiro. Banho de





banheira em vez de chuveiro. Mace tinha a maior banheira que Clint já havia colocado os olhos. Era evidente que Morganna estava se aproveitando disto.

O pensamento o fez rir sinistramente com o duro inchaço sob as calças de couro. Pensar nela esticada naquela banheira sozinha, aquela carne doce e morena, de linhagem espanhola evidente apenas o suficiente no matiz da carne, dando um brilho cor de terra suave que ele tanto amava.

Também tinha dado a ela aquele maldito temperamento, ele pensou com um sorriso.

Ele não podia acreditar que ela tinha desprezado Mace. Enquanto Clint colocava as botas e as meias ao lado da cadeira, ficou de pé, agitando a cabeça com a memória da expressão divertida de Mace e furiosa de Morganna. Se havia um homem na face da Terra que Clint juraria que poderia pegar qualquer mulher, era Mace.

Em vez disso, Morganna o tinha desprezado.

Clint foi até a porta aberta do banheiro, o cheiro adocicado de baunilha alcançando seus sentidos. Ela estava usando o gel de banho que ele tinha escolhido na loja de conveniência 24 horas onde tinha achado o pijama. Baunilha morna. Essa era a essência. O nome o lembrou Morganna e fez sua boca encher de água com o gosto dela. Então ele tinha comprado. Ele tinha comprado o gel de banho e o pijama, embora não tivesse nenhuma intenção de deixá-la dormir neles.

Ele entrou no cômodo cheio de vapor, com a intenção de se juntar a ela: na banheira, até que a viu. A água vaporosa ao redor do corpo esbelto enquanto se sentava com os joelhos curvados, o rosto enterrado contra eles enquanto os braços cobriam a cabeça.

Os ombros tremiam, mas o único sinal de seus soluços era o puxão suave da respiração. Longos e molhados cachos flutuavam sobre a água ao redor dela como uma capa sedosa.

"Morganna". Ele se ajoelhou ao lado da tina lutando contra as mãos que tremiam enquanto empurrava as mechas longas do cabelo dela para trás, sobre o ombro. "Neném, por que você está chorando?"

Ela agitou a cabeça, escondendo o rosto.

O coração dele estava partindo. Ele realmente podia senti-lo lascando dentro do peito, a tensão na garganta, enquanto ela girava a cabeça para ele.

"Morganna, docinho, você sabe que eu não aguento te ver chorar. Me deixa louco. Você tem que falar comigo".

Quando ainda assim ela não falou, ele se moveu devagar, deslizando na água atrás dela e forçando as costas dela contra seu tórax largo enquanto as coxas pesadas dele se fechavam em volta do corpo pequeno dela.

Ela fluiu contra ele, a cabeça pressionando a expansão grossa do alto do braço dele, o calor das lágrimas lavando a carne dele, marcando-o.





"Eu voltei assim que pude", ele sussurrou, apertando os lábios no topo da cabeça dela enquanto lutava com a necessidade de abraçá-la mais forte.

As mãos dela agarraram a parte inferior do braço dele, o apertado com força enquanto ele ouvia aquele pequeno som quebrado que vinha de sua garganta. Não era exatamente uma arfada, mais como um puxão. Um pequeno puxão cheio de tristeza e dor. Morganna não chorava frequentemente, mas quando o fazia, era porque a dor era muito funda para conter. Era por isso que as lágrimas dela o deixavam violento. Ele não podia lidar com Morganna machucada tão profundamente.

"Você achou que eu iria ficar chateado por você ter desprezado o Mace?", ele sussurrou, sentindo o calor da água e o calor do corpo dela vazando para o dele. Ela agitou a cabeça.

"Eu não podia te levar comigo". Ele fechou os olhos com força, incapaz de resistir a puxá-la para mais perto de seu tórax, os braços segurando-a mais apertado. "Eu não podia te arriscar assim, Morganna".

"Pare". Ela agitou a cabeça novamente. "Isso me deixa louca...", a voz dela prendeu. "Eu não choro porque estou com raiva... Apenas vá para a cama. Descanse..."

O pequeno gemido que deixou a garganta dela fez o terror correr pela alma dele. Oh, Deus, se ela comesse a soluçar, ele poderia sobreviver? Morganna nunca tinha soluçado antes.

"Eu não posso te deixar assim, Morganna". As mãos alisaram de cima a baixo pelos braços dela, tudo dentro dele alcançando-a, desesperado para confortá-la. "Diga-me como deixá-la melhor, amor. Eu irei". Ela agitou a cabeça novamente.

"Amor, você está partindo o meu coração", ele sussurrou contra o cabelo dela. "Eu não consigo aguentar te ver machucada; você tem que me deixar te ajudar".

"Como?", ela chorou com a voz áspera, rouca. "Você não vê os seus olhos, Clint. Você não viu o pesar e a dor, e não poder ajudar". As mãos dela apertaram o braço dele. "Eu não consigo levar embora como costumava fazer. Eu não posso brincar, ou te cutucar, porque eu sei o que significava para você. Eu não posso te ajudar...", um pequeno soluço saiu do peito dela e cravou um punhal de dor na alma dele.

Ele pensava que tinha lidado com isso antes de enfrentá-la. Pensou que estava escondendo o pesar, a ira. Ele deveria ter imaginado. Ele nunca tinha escondido nada de Morganna; era uma das razões pelas quais ele lutava para se afastar dela, tirá-la de sua vida tanto quanto possível. Porque ela podia ver a alma dele.

Ele lutou para tragar a emoção de volta enquanto suspirava roucamente.

"Ele era um amigo", ele disse suavemente. "Assim como Nathan".

A mandíbula dele cerrou ao pensar no inferno que eles poderiam ter despertado. "Eu não consigo me imaginar acordando em um dia e saber que você se





foi, Morganna”, ele disse, sentindo um fragmento de fraqueza encher sua alma. “Eu não sei se poderia sobreviver. E isto é tudo em que posso pensar. Perder você. Nunca mais te ouvir rir. Nunca mais ficar puto com você novamente, ou te tocar novamente, faz as minhas entranhas se revirarem com terror. E eu não aguento esse medo. Eu odeio, neném. O medo faz a pessoa ficar fraca. Te faz ficar lento. Eu não posso me dar ao luxo de ficar lento agora”.

“Eu preciso te confortar”. A respiração dela prendeu novamente. “E eu não sei como. Apenas como há um ano, depois do funeral do Irish, eu precisava fazer algo. Qualquer coisa...”

E ele a enviou para longe. Ela tinha chorado então? Ela tinha se escondido e deixado sua tristeza fluir nas lágrimas que derramou? Ele a tinha feito chorar, mais do que uma vez. Ele, o mesmo filho da puta que tinha quebrado o nariz de um homem por tê-la feito chorar.

“Você está aqui”, ele disse a ela então, sabendo que era mais conforto do que ele merecia. “Olhe para você, fluindo contra mim. Doce e suave. Eu não tenho que ser sozinho...”

Ele cerrou os dentes bem apertados, percebendo a verdade da declaração que estava fazendo. Ele não tinha que se sentir só, porque ela estava com ele. Porque algo em Morganna o aliviava.

“Você nunca teve que estar só”, ela disse rouca. “Eu sempre estive aqui, Clint”.

Ele a ergueu então, girando-a em seu colo, abraçando-a perto do tórax enquanto sentia a ereção deslizar entre as coxas dela, descansando contra a carne sedosa de seu sexo. Ele a queria. Estava faminto por ela. Mas pela primeira vez na vida, sua excitação estava ficando em segundo lugar, dando espaço a algo mais importante, algo primitivo, insistente.

Confortar sua mulher.

Ele encarou as profundidades tempestuosas dos olhos dela cheios de lágrimas, os cílios escuros em torno das profundidades nubladas, a expressão mais pálida do que o normal.

“Eu sabia que você estava me esperando”, ele disse enquanto alisava o dedo polegar sobre a bochecha dela, levando as lágrimas para longe. “Eu voltei para você, desesperado para sentir o seu calor contra mim. Estou frio por dentro, Morganna”. Ele fez uma careta com a emoção que ela inspirava dentro dele. “Aqueça-me”.

Os olhos largos, a respiração presa novamente enquanto a mão dela fechava ao redor do pescoço dele, os dedos puxando sob o cabelo dele para trazê-lo mais perto dela.

“Aqueça-me”, ele sussurrou novamente enquanto os lábios tocavam os dela. “Apenas um pouquinho”.





Capítulo 22

Ele não podia tocá-la. A perda furiosa dentro dele, o perigo a cercando, as emoções que rasgavam sua alma, necessidades e fomes, desejo que ele não podia definir, recusava-se a definir, passava por Clint como um motim que ameaçava destruí-lo.

Os lábios de Morganna eram como cetim aquecido, faminto embaixo dos dele. Abrindo para ele enquanto ele estendia a língua para saboreá-la. E ela tinha gosto de ambrosia, o vinho dos deuses, a paixão perfeita. Um bálsamo para as feridas que ele sentia cortando seu espírito com a perda de seus homens.

As pontas dos dedos se moveram sobre o rosto dele com carícias trêmulas que fizeram o corpo dele apertar, a mente lutando contra a perda de controle das emoções. Ele não tinha condições de sentir assim tão profundamente por ela. Mas ainda assim sentia. Aqui, cercado pelo vapor do banho, a fome nascente que chamejava entre eles, Clint sabia que nunca conseguiria sair de perto dela facilmente.

"Eu estava assustada por você". A respiração prendeu novamente enquanto os lábios deslizavam para saborear a mandíbula dela, os lábios correndo mais baixo enquanto a cabeça dela caía sobre o braço dele. "Eu odiava você ser sozinho".

"Shh. Eu não estou só agora, neném". Uma mão acariciou o quadril dela enquanto a outra alisava o ombro. "Você está aqui comigo. Você me sente?"

"Ninguém...", ela ofegou enquanto a mão dele alisava o seio cheio, o peso inchado se ajustando perfeitamente à mão dele. "Cuidou das suas costas..."

Ele tinha aprendido como cuidar das próprias costas, mas não podia dizer isto a ela. Então a beijou. Curvando-a sobre seu braço enquanto os lábios a devoravam, breves, pequenos beijos picantes que coraram o rosto dela, escureceram seus olhos e a deixaram arquejando em seus braços.

Ela se moveu contra ele, o calor liso de sua buceta acariciando o pau túrgido dele, enviando dedos elétricos de sensação correndo pelo membro inchado antes de chiarem acima pela espinha.

Ela parecia uma tempestade, chicoteando os sentidos dele, afogando seu controle e sua sanidade mental enquanto ele deixava seus lábios se alimentarem dos dela consumindo a paixão que ela dava a ele.

Não havia espaço para gentileza ou palavras macias. O sangue e a morte cercavam ambos. Pesar, tristeza, e uma necessidade que ele não podia lutar ou ignorar e o enchia até que ele se perguntou se poderia sobreviver às emoções que o rasgavam.

Ele precisava dela. Ele não sobreviveria se não a tomasse, se não preenchesse a





alma com a necessidade dela, os sentidos com o toque dela. Com a garantia de que ainda havia algo que valesse a pena lutar. Havia a inocência da paixão verdadeira, os gemidos guturais de Morganna, e a sensação das unhas dela arranhando o couro cabeludo dele enquanto ele a segurava.

"Você me faz queimar, Morganna". As palavras saíram pelos lábios dele enquanto ele a erguia, girando-a até que aquelas pernas longas, esbeltas, apertavam seus quadris e ele podia sentir a cabeça espessa de seu pau na divisão das dobras tenras entre as coxas dela. "Por dentro e por fora".

Ele segurou a cintura dela enquanto a cabeça dela curvava para trás, um gemido de necessidade sussurrado passando pelos lábios enquanto ele sentia a cabeça do pau passando pela entrada tenra dela.

Estar dentro dela não era fácil. Ela era pequena, apertada, envolvendo a cabeça invasora enquanto seus gemidos ofegantes o persuadiam a se apressar. Ele não tinha nenhuma intenção de se apressar; ele queria senti-la, precisava experimentar cada ondulação convulsiva de prazer que tremia em seu canal liso.

"Clint, eu preciso de você agora". A voz era ofegante, imperativa.

"Shh, neném, deixe-me te sentir". A cabeça abaixou, os lábios deslizando pelos montículos inchados de seus seios. "Você é tão doce e morna, fluíndo sobre mim como mel. Deixe-me te sentir, neném".

Ela estremeceu enquanto a respiração prendia e ele sentia a nata suave dela inundando seu sexo, lavando-o, aliviando o caminho enquanto ele deslizava dentro dela. Clint estava iria fácil, a tomaria suavemente. As coxas juntas firmemente com o esforço de se conter dentro dela em vez de tomá-la. Saindo antes de afundar ainda mais, sentindo a seda quente e molhada o prendendo. Apertando sua carne dura enquanto ele sentia o peito se apertar com a excitação que crescia dentro de si.

Ele deslizou mais na tina, meio-reclinado enquanto seus quadris se erguiam e desciam, levando seu pau nas profundidades suaves entre as coxas dela enquanto as mãos mantinham seu quadril prisioneiro.

Ele precisava saboreá-la. O gosto dela subia a sua mente como a bebida mais intoxicante, doce e viciante. A língua enrolou ao redor de um mamilo endurecido, os dentes prendendo a pequena argola de ouro enquanto ela estremeceu nos braços dele.

Mais abaixo, ele podia sentir a argola com bola perfurada de seu prepúcio dentro da buceta, arrastando em seu pau, criando uma fricção que ele não estava certo de que poderia aguentar por muito mais tempo.

"Clint... Oh, Deus. É tão bom... tão bom...", a voz dela era ofegante, cheia com luxúria nascente e colorida com emoção. "Eu te amo, Clint. Oh Deus, eu amo você".

Os quadris dele empurravam enquanto as palavras enviavam uma onda chocante de emoção pelo corpo dele. Ele ouviu o grito dela cheio com prazer e uma fome impossível enquanto ele colocava os últimos centímetros de sua ereção





completamente dentro dela, ajustando-a perfeitamente a ele.

Ele podia sentir os músculos vaginais lutando para se ajustar a ele, acariciando sua vara espessa enquanto arquejos e pequenos grunhidos de excesso sexual deixavam sua garganta. Os lábios raspavam sobre um mamilo, a boca prendendo na dela enquanto ele lutava para conter as palavras que estavam nos lábios. Palavras de fome, necessidade, de emoções que sabia que não poderia falar.

Ela o estava destruindo com sua aceitação, com seu prazer. Maldita, ela estava rasgando as entranhas dele, roubando suas convicções. Clint agarrou os quadris dela, segurando-a enquanto começava a se mover. Ele ignorou a água escorregadia, ignorou as próprias certezas de que ela estava roubando sua alma enquanto ele dava a ela cada parte de si mesmo. Silenciosa e irrevogavelmente.

Morganna sentiu a mudança em Clint no momento em que as palavras soltas passaram por seus lábios. Como se um interruptor tivesse sido acionado, a intensidade, um calor de uma supernova²⁶, parecia enchê-lo, passando por ela enquanto ele perdia o controle impecável que ela tanto odiava.

Os quadris dele se moviam ferozmente entre as coxas dela, arremetendo contra ela enquanto ele enterrava seu pau dentro dela inúmeras vezes. Estocadas aos arrancos, duras batidas dentro dela, construindo o prazer enquanto ele raspava os nervos escondidos, o anel com bola criando uma sensação adicional que ela não sabia se poderia mais ficar sem.

As mãos se moveram dos ombros até a cabeça, o corpo arqueando, apertando o mamilo mais fundo em sua boca que o sugava enquanto ela sentia as chamas do prazer sem fim queimando o útero. Cada golpe perfurava mais do que apenas sua vagina, enchia mais do que apenas as profundidades doloridas de seu sexo. O útero se dobrava com o prazer enquanto o coração dela se enchia com uma emoção sutil que queimava. Era ela? Era ele?

Ela se moveu contra ele enquanto sentia a emoção crescendo dentro dela, sentia a mudança nele, a profundidade de seu toque, o desejo em seus gemidos rotos. Havia mais do que apenas a posse de seu corpo, a intrusão macia, lustrosa e espessa de seu pau dentro dela.

"Deus me ajude!", as palavras ásperas que saíram rasgando do peito dele, fizeram o ventre dela se convulsionar enquanto os impulsos dele ficavam mais firmes, mais profundos.

As mãos dele seguraram-na contra ele, a cabeça enterrou entre seus seios enquanto ela sentia a luta dele para respirar, a luta dela para respirar, sentia o

²⁶ Supernova é o nome dado aos corpos celestes surgidos após as explosões de estrelas com mais de 10 massas solares, que produzem objetos extremamente brilhantes, os quais declinam até se tornarem invisíveis, passadas algumas semanas ou meses.





mundo se escurecer ao redor dela enquanto cada golpe do pau dentro dela empurrava-a mais alto, queimando-a mais fundo.

"Clint...", as mãos dela apertaram no cabelo dele enquanto ela sentia sua buceta de apertar ao redor do membro invasor. "Oh, Deus, sim. Mais fundo. Mais duro. Mais forte, Clint. Leve-me-"

"Minha!", a explosão súbita e furiosa de emoções na voz dele ativou a explosão dela. A possessividade e o domínio, a demanda firme, inconsciente, fazendo-a se precipitar, ativando um orgasmo que ela não esperava.

As luzes explodiram das pálpebras cerradas dela, uma luz muito brilhante estourando pela cabeça enquanto ela sentia a súbita liberação se precipitando por seu corpo, seus sentidos.

Tomou-a, jogou-a num céu de meia-noite, e deixou-a estremecendo com os choques que se seguiam tomando seu corpo. Sentiu a liberação de Clint, as pulsações duras e aquecidas de seu sêmen jorrando dentro dela enquanto as mãos se apertavam com força nas costas dela, segurando-a na extremidade do êxtase, recusando-se a soltá-la enquanto outro orgasmo duro a rasgou.

Sem fim. Sem parar. Ela sentia os lábios dele, seus dentes, no lado do peito dela, marcando-a como sua propriedade da mesma maneira que o corpo dele lutava para marcá-la firmemente, a ejaculação a enchendo.

Quanto tempo tinha durado, ela não sabia. Não se importava. A cada tremor de prazer que a tomava, ela sentia Clint possuir outra parte de sua alma. Como se ele já não possuísse seu coração, estava enchendo sua alma.

Finalmente, a força deixou o corpo dela. Enquanto apenas a fome e o membro duro mantinham Morganna na vertical, ela desmoronou contra o peito dele, exausta, uma fraqueza esmagadora a inundava, esgotando o último pedaço de força que a mantinha consciente.

Ela sentiu o sono rolar sobre ela como uma escuridão, um cobertor morno que a abrigava contra o tórax de Clint, assegurando-a da segurança dele, de sua paixão, ela desistiu de brigar e o deixou tomá-la. Morno. Nos braços de Clint, ela achou o descanso que precisava.

Ele tinha que sair da maldita água, Clint exalou irregularmente enquanto colocava Morganna nos braços, mantendo-a contra o seu peito enquanto ficava de pé, a água em torno das canelas enquanto saía da tina e pegava uma das toalhas grandes da prateleira baixa ao lado da tina.

Ele envolveu Morganna com ela, secando-a depressa.

Um sorriso torceu seus lábios enquanto ela murmurava sonolenta que estava sendo perturbada nos braços dele, apesar do aperto desajeitado dele, relaxada e





flexível enquanto ele desajeitadamente secava a água dos dois, agitando a cabeça para ela ele foi até a cama e suavemente a colocou nela, puxando os cobertores sobre ela antes de voltar para limpar o banheiro e a bagunça úmida que tinham deixado lá.

A mulher o estava matando. Ele não conseguia se impedir de tomá-la, de tomá-la a cada vez que tinha a chance, enchendo-a com sua vara. Sentir cada jato de seu sêmen dentro dela fazia algo com ele que ele não podia explicar. O sentimento de propriedade, de possessividade, que prendia a alma dele cada vez que a marcava de tal modo que estava começando a preocupá-lo.

Não podia continuar para sempre, esta fome ofuscante. Ele não podia permitir isto. Quando o perigo estiver terminado, quando ela finalmente estivesse segura, ele teria que sair novamente. Ele não tinha nenhuma intenção de amarrá-la a ele, de criar um laço que tentaria a violência que era uma parte dele. Jogando as toalhas úmidas no cesto depois de ter limpado a bagunça, ele voltou para o quarto, deitou na cama ao lado de Morganna, tentando ignorar como a sensação era natural. Como era certa. Ela se enrolou nos braços dele, um peso morno que seus braços pareciam apreciar, apertando o peito dele com prazer. Se fosse apenas o prazer sexual, não o preocuparia. Mas não era. Era um prazer que perfurava sua alma e o lembrava uma vez mais da aflição que o aguardava. Porque ele não poderia ficar com ela. Não importava o quanto a quisesse. Não importava o quanto ele precisasse dela. Num dia próximo ele teria que deixá-la ir.

Trina Blake se moveu exausta em seu quarto, ignorando as mobília caras, a cama grande, vazia. Tão vazia quanto à casa que tinha comprado. Tão vazia quanto sua vida. Caminhando em direção à penteadeira antiga no outro lado do quarto, ela tirou os brincos pesados de prata que usava, soltando-os na cerejeira antes de se sentar no tamborete estofado e abrir o fecho das botas de salto alto.

Os pés doíam. Eles nunca tinham doído antes. Ela tinha usado sapatos de salto alto por anos, movendo-se confortavelmente com eles, apreciando a estatura adicional que davam a ela. A impressão de altura e força interna. Mas ultimamente... Ela massageou o pé, franzindo com a dureza que havia lá. Ultimamente eles tinham começado a doer.

Ela se virou para o espelho, automaticamente abrindo o pote de removedor e estendendo-o por todo o rosto antes de limpar a maquiagem com o algodão que estava ao lado do cotovelo. Era automático, seu ritual noturno. Tirar as camadas da máscara que usava para enfrentar o mundo e durante algumas horas, somente algumas horas, permitir à pele sensível do rosto descansar.

Ela encarou o espelho, vendo mais do que apenas resíduos do creme e da





maquilagem livre da pele. Havia algumas linhas nos cantos dos olhos. A pele não era mais tão manchada quanto tinha sido ou tão fresca como quando ela estava com seus vinte anos.

Ela estava ficando velha. E ultimamente, estava começando a sentir isto. Ela tinha trinta e dois anos, e sua casa, como sua alma, ecoava exatamente vazia como ela verdadeiramente era. Ela era uma boneca, um penhor para o estilo de vida e o poder que acreditava que tinha desejado um dia.

Lentamente ela começou a se distanciar dos elementos criminosos que tinha se envolvido ao longo da vida. Com a morte de Carmelita, tinha ficado muito mais fácil. A cadela do inferno tinha sido devolvida para seu reino escarlata, deixando Trina em paz para mudar. Nada mais de telefonemas no final da noite, nada mais de exigências da cadela de coração negro.

Até que Diego apareceu. Deus, como ela o odiava. Desejava com cada fibra de seu corpo que ele tivesse sido consumido no mesmo fogo que havia tomado a vida da Carmelita. Como a vida de Trina seria mais fácil então.

Quão mais fácil teria sido se ela nunca tivesse entrado na vida louca de Carmelita. Talvez Trina pudesse ter tido um pouco de paz junto com a riqueza que tinha acumulado.

Um marido talvez. Talvez uma criança. Um sorriso amargo cruzou os lábios dela com o pensamento. Tais prazeres seriam rapidamente usados contra ela se ela até mesmo considerasse tais coisas. Especialmente agora. Com a morte de Carmelita, a paranoia e propensões psicopatas de Diego não eram mais contidas.

Enquanto Trina enxugava o resto do creme do rosto e encarava sua própria expressão, ela se perguntou quando tinha se tornado tão duro de examinar os próprios olhos. Tinha começado agora, ou tinha crescido ao longo dos anos?

Agitando a cabeça, ela ergueu a escova com as costas de prata e começou a escovar a massa longa de cabelo preto quando uma sombra se refletiu no espelho, se movendo em direção à entrada do quarto.

Uma onda firme e cheia de medo fez o sangue correr nas veias. Ela tinha esperado por isto. Realmente achava que ele viria antes do meio-dia. Ela deveria ter imaginado que ele saberia exatamente quando atacar.

Abaixando a escova, ela se virou no tamborete e esperou.

Dois dos homens dele se moveram pelo quarto silenciosamente, o olhar duro passando sobre ela antes de averiguar que ela não tinha nenhuma companhia. Ela sabia que era melhor não ter companhia. Ela não tinha nenhum desejo de perder outro amante para os jogos que Diego gostava de jogar.

Segundos mais tarde Diego entrou no quarto. Ele tinha envelhecido muito mais do que ela em dois anos. O cinza arruinava seu cabelo preto espesso; as sobrancelhas estavam felpudas; o corpo dele um dia firme estava caído. Carmelita não estava mais ao redor dele para se certificar de que ele manteria a imagem que





ela exigia.

Sem ela Diego era uma bagunça. Trina desejava que logo ele se tornasse uma bagunça exterminada. Ela duvidava que estivesse por perto para apreciar a visão.

"Boa tarde, Diego". Ela mantinha a confiança suave na voz, notando o estreitamento dos olhos dele.

Ele esperava que ela estivesse nervosa, mostrasse culpa. Ela não era a tola que ele pensava que era, e ela descobriu que não estava com tanto medo de morrer quanto um dia tinha sentido.

"Trina". A lixa sombria de sua voz enviou um calafrio pela espinha dela. "Minha presa escapou da sua casa ontem à noite. Meus homens reportaram que parecia, talvez, que a minha presa tenha sido advertida da chegada deles. Isto pode ser verdade?".

A ameaça no tom sedoso dele não passou despercebida.

Ela encolheu os ombros negligentemente. "Num momento ele parecia que estava indo para o quarto foder com sua pequena prostituta; no minuto seguinte seus homens me disseram que ele tinha fugido. Ele não é um homem previsível, Diego. Se fosse, eu mesma poderia tê-lo matado há ano".

"Hmmm". Ele entrou mais no quarto, a seda das roupas ondulando sobre o corpo magro enquanto ela desejava ter continuado com os sapatos de salto. Eles davam confiança.

Ela assistiu, lutando contra o nervosismo enquanto ele compassava através do caro tapete creme na direção dela, os olhos pretos reluzindo com raiva maníaca.

"Ele e sua prostituta escaparam do meu alcance, Trina. Eu preciso saber até onde Santos me traiu, e as pessoas que poderiam me dizer isso fugiram", ele suspirou, a luz malévola nos olhos cintilando diabolicamente. "Não tolerarei traição daqueles que me devem lealdade".

Ele parou ao lado dela, mais alto apenas porque ela estava sentada, mas ela sabia que era melhor não ficar de pé. Apenas com muita força de vontade ela se impediu de vacilar enquanto ele corria a mão pelo cabelo preto espesso dela, levantando algumas mechas e permitindo a elas caírem de seus dedos como uma cascata.

"Você era a companheira mais querida de Carmelita", ele suspirou. "Ela frequentemente alardeava sobre sua lealdade a ela. Ela amava você acima de todos os outros, até da família".

Isso porque Trina tinha, uma vez, estimado a vida. Ela tinha brincado melhor que os outros, assegurado Carmelita de sua lealdade com atos que até mesmo agora ainda faziam sua alma encolher de medo. A vida não parecia mais tão importante quando se enfrenta determinadas escolhas.

"Eu amei Carmelita". Ela forçou um sussurro de remorso na voz. "Ver os assassinos dela pagarem significa tudo para mim".





Ela o encarou, permitindo a fachada de submissão entrar na voz assim como no olhar. Carmelita a havia ensinado o melhor caminho para lidar com o fanatismo de Diego. Sua loucura.

"Você falhou comigo hoje à noite", ele murmurou.

Medo queimou o intestino dela enquanto a mão dele apertava seu cabelo, segurando-a para trás, forçando-a a encontrar seu olhar.

"McIntyre me enganou". Ela tragou firmemente. "Eu não esperava que ele deixasse a casa. Ele deve ter visto seus homens chegarem-"

Ele esticou a outra mão para acariciar a bochecha dela. "Considerarei isto". Ele sorriu, a gentileza falsa na curva dos lábios assegurando-a de que a morte não viria fácil. Se viesse. O gênio maníaco que Carmelita tinha sido bem sucedida em frear queimava no olhar dele agora. Às vezes a morte não vinha. Diego entendia que frequentemente a morte não era o maior castigo.

"Diego, eu fiz como você ordenou", Trina sussurrou, odiando as possíveis represálias que vieram à cabeça dela quando ele se curvava sobre ela.

"Eu considerarei isto também". Ele a soltou lentamente enquanto erguia a mão, um gesto de aceno com os dedos na direção de seus homens fazendo-a olhar através do quarto.

Os guardas se afastaram na entrada, permitindo a vários outros homens entrar. Trina lutou para controlar a respiração, o medo.

"Diego... por favor, eu fiz como você ordenou".

"Não fez bem o suficiente, e agora deverá ser castigada". Ele saiu de perto dela enquanto três homens avançavam. Carmelita amava você, Trina; por isso eu não te matarei. Mas ela também me disse uma vez o quanto você odiava ser estuprada. Ser dominada, forçada".

Ela ficou de pé, olhando para ele com horror.

"Eu fiz como você ordenou", ela clamou furiosamente. "Não há nenhuma razão para me castigar".

Não havia nenhuma fuga. Os olhos foram em torno do quarto freneticamente, notando a colocação de seus homens, a luxúria reluzindo em seus olhos.

"Você falhou comigo. O fracasso não é perdoado facilmente", ele murmurou enquanto os homens avançavam para ela. "Tome seu castigo, de forma que eu posso te perdoar. Então nós veremos se você poderá se redimir aos meus olhos".

Ela saltou para evitar as mãos que a alcançavam, se esquivando para que não a tocassem, impedissem de machucá-la. Pesadelos do passado voltaram a seus olhos, os soldados que a tinham dominado, grunhindo, suado sobre ela enquanto a estupravam.

Deus, a morte teria sido melhor.

Ela gritou enquanto era lançada na cama, mãos duras rasgando as roupas de seu corpo, tocando-a, o riso ecoando ao redor dela.





Ela se ouviu implorando. Chorando. Sentiu o horror que tomou sua mente enquanto suas pernas eram separadas, amarradas, e seu castigo começou.

Valia a pena este castigo pela vida de McIntyre, ela se perguntou nebulosamente. Valia a pena dar a emoção frágil que ela viu no olhar dele enquanto assistia Morganna uma chance de crescer? Valia a pena permitir a ele o que ela nunca conheceria?

A lealdade ganhava. McIntyre havia ganhado sua lealdade. Mas com este ato, mesmo a morte não aliviaria os planos dela de ver Diego cair. Pelas próprias mãos.

A mente dela se moveu, escureceu. Incapaz de aceitar ou lidar com a dor, o horror, do que estava acontecendo a seu corpo. Ela escapou do único modo que conhecia, com seus planos de vingança. Diego cairia por suas mãos.

Capítulo 23

"Nós temos algumas informações interessantes se movendo através da internet", Mace informou a Clint enquanto ele andava na fortaleza do porão, as mãos carregadas com sacolas de compras que Jayne Smith tinha organizado que o estivesse esperando há horas. Se Morganna iria seguir com isto, então ela precisaria de roupas. Entrar na casa para pegar as roupas não iria dar certo, então Jayne tinha feito compras para ela.

Clint se preocupava com isso. Para ser honesto, as duas mulheres eram muito parecidas em temperamento; ele não precisava que Morganna conseguisse qualquer roupa ou traços de personalidade da outra mulher. Morganna já era muito difícil de lidar como era. "O que você achou?", ele deixou as bolsas no sofá, olhando rapidamente em direção à porta do quarto fechado. "Não se preocupe; Ela está dormindo como um anjo", Mace grunhiu, " não ouvi nada dela". Ela estava exausta. O cansaço que tinha marcado seu rosto enquanto dormia tinha preocupado Clint. Ele não tinha permitido a ela muito sono durante sua permanência no quarto do hotel, e a noite anterior não tinha sido exatamente relaxante.

"Estão entrando informações de várias fontes. Trina Blake chamou seu médico pessoal algumas horas atrás. Uma das empregadas é uma pequena espiã. Parece que Diego fez uma visita. Ele bagunçou totalmente com ela".

"Merda". Clint passou os pelo cabelo, uma carranca apertando o rosto. "O que aconteceu?".

"Cinco homens a estupraram". A voz de Mace estava apertada com fúria. "Diego estava puto por que ela te deixou fugir dos homens dele. Ele a fez pagar por isto. A empregada reportou dano extenso, porém o médico a está tratando em casa ao invés de um hospital".

Clint rondou em torno do cômodo, os músculos apertados, lutando contra o desejo de ir à caça. Se ele fizesse, Diego iria meramente desaparecer; eles tinham





aprendido isso ao longo dos anos. Era por isso que o ataque tinha sido planejado, para pegá-lo junto com a esposa sem aviso prévio.

Era uma das razões pelas quais Trina tinha se tornado tão importante como informante dois anos antes. Se não fosse pelas informações dela, o time nunca teria localizado as filhas dos senadores no ano anterior e as salvado de serem brutalizadas.

"Algum relatório sobre Diego?".

"Nada conclusivo. Há alguns rumores de várias quadrilhas grandes dentro da comunidade Sul-americana sendo presas para trabalharem juntas. Eu arriscaria a suposição de que Fuentes está colocando sua rede de espião preparada. O seu retrato e o de Morganna estão sendo mostrados demais, mas ninguém está cem por cento certo de onde vocês estão". Mace relampejou um sorriso triunfante. "Aqueles garotos apenas não sabem como se faz; isto é tudo que posso dizer". Mace podia achar uma agulha em um palheiro em um continente distante.

"Você é tão modesto, Mace", Clint bufou. "O que mais achou?".

"Há um rumor de que você escondeu Morganna em um apartamento no porão do Diva". Mace deu a ele um olhar de soslaio. "Isso soa divertido. Posso brincar, também?".

"Você se esqueceu do joelho animadinho da Morganna?", Clint perguntou a ele cuidadosamente.

"Não ainda", ele grunhiu, franzindo o cenho. "Eu não queria dizer com ela. Putz, Clint, nem todos nós perdemos a cabeça como você".

Cara, isso era verdade.

"Alguns vazamentos sobre o paradeiro de Diego?".

"Nada ainda. Ele está se escondendo muito bem. Mas nós temos o bom ole Roberto Manuelo. Ele é a mão direita do Diego desde que Carmelita morreu. De tudo que eu tenho descoberto, é ole Manuelo que dá a dificuldade a você". Mace se ergueu da cadeira, estirando o corpo antes de olhar rapidamente para o computador. "Eu tenho algumas pistas sobre seu paradeiro. Kell e Ian também estão a caminho daqui. Eles irão cobrir o seu traseiro e o de Morganna depois que vocês saírem aqui".

"Você os informou da situação?", a mensagem foi clara. Se algo acontecesse a Morganna, Clint iria à caça. Todos os responsáveis iriam pagar.

"Foi feito". Mace firmemente anuiu com a cabeça. "Eu também tenho informação sobre Manuelo e várias cabeças atuais de Fuentes. Aqueles garotos precisam cuidar melhor de seus traseiros. Minhas fontes têm derramado informações desde ontem à noite".

"Pare". Clint foi até o computador. "Assim que aparecermos no Diva, então ele fará seu movimento. Se ele for com tudo, não irá ele mesmo. Enviará seus melhores homens, então nós poderemos pelo menos diminuir a velocidade dele durante





algum tempo e por sorte chegar ao local do laboratório que eles estão usando para fazer aquela droga. E o paradeiro de Nathan”.

Macey parou como uma estátua. "Nathan não daria a informação de boa vontade", ele disse.

"E o treinamento dele para resistir às drogas vem depois somente de Kill", Clint o lembrou. "Ele é o único que poderia ter dado os nomes dos homens do time”.

"Maldição", Macey suspirou exausto antes de se voltar para o plano que eles estavam trabalhando. "Qual é a chance de uma casualidade nesta coisa?”.

Os dedos de Mace estavam correndo pelo teclado enquanto ele começava a buscar informações.

"Quase zero", Clint suspirou. "Diego não pega pesado. Ele gosta de pensar que é sutil. Ele gosta de provar que é o melhor no jogo. Ele vai querer nos tirar pessoalmente. Minha suposição é de que, como eu era o chefe de um dos times que o atingiram, ele vai querer me fazer de exemplo assim como Morganna. Ele não poderá fazer isso se atacar no clube”.

Clint correu os olhos sobre as informações que apareciam com os dedos talentosos de Mace. Havia quatro listados como generais de Fuentes, Manuelo entre eles. Havia o tio bastardo de Diego, Jose, e seu sobrinho Santiago assim como um jogador menor de um ano atrás.

"Quando Kell e Ian chegarem aqui, eu notificarei Morganna do plano que temos pronto". Clint esfregou a mandíbula enquanto lia os dados na tela. "Nós nos moveremos hoje à noite”.

"Ela ficará muito ansiosa para iniciar" Mace grunhiu. "Aquela mulher é viciada em adrenalina, Clint, talvez até mais do que você. Ela está ansiosa para ir”.

Isso ele sabia, e o apavorava demais.

"Kell e Ian estão se coçando para começar também. Estarão aqui logo”.

"Quantos sabem desse lugar?”, Clint inquiriu franzindo o cenho.

"Apenas as pessoas certas", Mace o assegurou. "Os homens que sabem manter suas malditas bocas fechadas, com certeza. VOCÊ achou que era o único? Eu te amo, cara, mas você é uma visita rara e eu fico só”. Ele ergueu as sobrancelhas e franziu os lábios em uma exibição cômica de afeto totalmente falso.

"Deixe-me usar o seu teclado". Clint acenou para Mace sair do computador. "Eu preciso fazer algumas buscas eu mesmo nos frequentadores que reconheci no Diva”.

"Desmancha-prazeres". Mace se moveu desajeitadamente da cadeira. "Você pode se divertir com os meus brinquedos, mas o seu me rejeita. Isto não é justo, cara”.

Clint bufou com o riso que seguiu o som de uma porta batendo. Ele girou estreitando os olhos enquanto assistia Morganna sorrir benignamente para os dois.

"Aposto que Clint não é rude o suficiente para brincar com o seu disco rígido,





também, Mace". Ela arqueou uma sobrancelha zombeteiramente enquanto andava pelo cômodo.

Mace se moveu nervosamente, roçando o queixo enquanto relampejava seu sorriso brilhante.

"Meu raio de sol. Dormiu bem?", a diversão estava atada em sua voz enquanto ele ficava cuidadosamente longe dela.

Os lábios dela se contraíram enquanto seu olhar saía de Mace para se encontrar com o de Clint. O riso espreitava nas profundidades cinza e curvadas dos lábios dela. Com o cabelo caindo em desordem ao redor do rosto, a camiseta e o pijama soltos, os pés nus, ela o lembrou da adolescente precoce que costumava ser.

"Eu fiquei com frio". O olhar dela era morno, aquecendo-o de um modo que ele sabia que deveria ter horror.

Em vez disso, ele girou até enfrentá-la completamente e bateu levemente no joelho em convite. Ela se ajustou contra ele perfeitamente enquanto seus braços se lançavam ao redor do pescoço dele e ela se empoleirava em seu colo.

"Ele tem trabalho a fazer", Mace murmurou. "Você devia fazer panquecas".

"Me dê uma razão para cozinhar, Mace", ela disse lenta e zombeteiramente. "Eu faço melhor o meu trabalho depois de ver homens crescidos com espasmos de dor".

"Então ataque ele", ele grunhiu, apontando para Clint. "Em vez de se abraçar a ele como um maldito gatinho. Algumas coisas apenas não ficam legais".

Clint alisou a bochecha sobre o cabelo de Morganna, observando a carranca que Mace fazia para os dois.

"Faça sua coisa no meu computador, Mac, e supere isto. Então você poderá explicar esse esquema impulsivo que fez com Drage Masters e aquela mulher dele, a arruinadora de bolas. Smith e Morganna deverão se dar muito bem".

Havia um resplendor triunfante nos olhos de Mace à medida que ele falava, um sorriso nos lábios enquanto encontrava o olhar de Clint. Clint suspirou, agitando a cabeça enquanto sentia Morganna enrijecer em seus braços. "Sobre o que ele está falando?", ela voltou a cabeça para ele, colocando os lábios muito, muito perto dos dele. Ele não podia evitar imergir a cabeça esses últimos centímetros para um beijo. Ela estava amarrotada de dormir, suave em seus braços, e o que ele estava para fazer revirava suas entranhas com medo. Quando ele ergueu a cabeça, a satisfação agri-doce o tomava, com a emoção que nublava os olhos e o rubor que cobria suas bochechas.

"Ele está falando sobre pegar Fuentes". Clint franziu o cenho enquanto a erguia sobre seu colo antes de bater levemente no traseiro dele, permitindo a mão que demorasse, apreciando a curva suave e a carne morna embaixo do algodão.

"Eu pensei que era o objetivo desde o princípio". Ela cruzou os braços sob os seios. Os seios firmes com mamilos duros apesar da carranca no rosto.





Clint a encarou de volta, armando-se de coragem contra a decisão que tinha feito, rezando a Deus por um milagre.

"Você tem o seu desejo", ele disse a ela. "Nós vamos ao Diva hoje à noite. Ficaremos em um apartamento no nível mais baixo, e trabalharemos com Drage Masters e o cabeça de sua segurança, Smith. Vamos atrair os homens de Fuentes e ver quantos podemos pegar. Manuêlo saberá onde o laboratório está; suspeitamos que ele seja o cabeça dessa pequena operação".

"E quanto ao informante no time de Joe?", Clint assistiu os olhos dela se afiarem, viu a sensação de excitação que enchia seus olhos mesmo enquanto a inteligência calculada começava a cintilar nas profundidades tempestuosas do olhar dela. Maldição, ela podia ser assustadora algumas vezes.

"Nós estamos atrás dele, também. Joe está apenas usando seu time para assistir e fornecer auxílio. Ele está desavisado de que nós também estamos trabalhando para descobrir o informante que ele não quer admitir que tem. Nós estamos em uma operação dupla aqui, Morganna. Não vai ser fácil-"

"Besteira!", ela jogou a advertência para longe. "Se nós estivermos trabalhando junto, podemos fazer, Clint. Eu vi a instalação de computador do Masters; seu sistema é de última geração".

"Mas, estava comprometida". Clint explicou sobre como drogaram uma menina na noite anterior e que o bastardo tinha consciência das câmeras do lugar. "Ele mudou o ângulo das câmeras e adicionou outras, mas Joe não sabe disto. Ele também vai acrescentar um ponto de vigilância secundária para os computadores. Aqueles receptores no escritório dele não exibirão as duas câmeras adicionais. Essas ficarão em outro quarto. O grupo do Joe receberá uma explicação rápida da instalação e então nós veremos o que acontecerá".

Morganna observou Clint atentamente. Ele estava em modo SEAL agora, olhos duros, a voz firme enquanto falava sobre a operação e respondia às perguntas. Ele estava conversando com ela. Ele não a estava ordenando. Ele não a estava tratando como um extra que tinha que lidar. Ele estava trabalhando com ela. E o plano que ele e Drage tinham apresentado era muito bom.

"Vou colocar dois dos meus homens nisso também". Clint girou para o computador, mostrando a ela enquanto passava a informação. "Eles são frequentadores do Merlin. Conhece?".

Ela encarou a tela. "Kell e Ian. Não sei seus sobrenomes. Eles ficam lá em seus mundos, independente das mulheres que têm nos braços. Eles gostam de nos ver dançar". Ela ergueu as sobrancelhas zombeteiramente. "Gostam muito".

"Aposto que sim", Clint grunhiu, uma carranca marcando seu rosto. "Você sabe o que essa pista de dança é, certo Morganna?".

"Claro que sei". Ela encolheu os ombros negligentemente. "Os rebanhos de lobos escolhem seu inocente e pequeno cordeiro de dentro das massas de corpos se





contorcendo. Apenas as “subs” vão para a pista de dança. Elas estão lá para serem vistas, desejadas e assistidas”.

"Então por que você estava lá?", a voz de Clint era escura, possessiva. Ela amava.

"Porque eu gosto de dançar. Se eu quisesse um Dom poderia escolher um eu mesma. Não preciso me colocar lá para fazer um leilão. Por que você pensou que eu estava lá?", ela escorou a mão no quadril enquanto o considerava com diversão zombeteira.

"Você é uma praga", ele murmurou, as mãos movendo sobre o teclado enquanto seguiam as informações que Mace tinha buscado.

"Você diz isso como se duvidasse, Clint", ela disse lentamente, andando relaxadamente até o sofá e as pilhas de bolsas de boutique lá. "Roupas de quem?".

"Suas. Smith fez compras para você". Ele soou menos do que contente. "Eu não olhei ainda. Tive medo de olhar".

Que bom que ele não tinha feito. Morganna examinou cada bolsa, contendo o sorriso enquanto tinha um vislumbre das roupas que a mulher tinha comprado. Jayne Smith tinha o gosto exato. Ela definitivamente teria que fazer compras com ela logo.

"Eu irei olhá-las mais tarde então". Morganna pegou as bolsas e levou-as para o quarto. "Você está com fome? Já comeu?".

"Faminto". A voz de Mace estava quase desesperada. "Panquecas".

Ela revirou os olhos. Ela devia fazer sanduíche de Bolonha²⁷, exceto que ela também estava bastante faminta. Além disso, tinha a sensação de que definitivamente precisaria de força para trabalhar com Clint. O modo SEAL era um modo Dom completo. Obedeça a mim, faça do meu jeito, um alfa muito duro. Ela sorriu devagar, trabalhar com Clint seria muito divertido.

O escuro já havia tomado o lado de fora da casa quando Kell Krieger e Ian Richards entraram no porão, olhando fixamente para Clint e Mace com expressões duras. Morganna tinha conversado com eles várias vezes, dançado com eles, mas o aço que sempre refletia em seus olhos a tinham deixado cautelosa. Estes não eram homens com as quais se brincasse, e até Clint aparecer, Morganna não tinha ficado interessada em qualquer tipo de relação, especialmente as completamente comprometidas que ela tinha a sensação de que ambos os homens exigiriam.

²⁷ Sanduíche de Bolonha ou sanduíche de bobagem é uma escolha comum e barata de almoço nos Estados Unidos. Tradicionalmente feito da linguiça de Bolonha pré-cortada em fatias e colocadas dentro do pão, junto com vários condimentos como mostarda e maionese.





"Chefe". Ian movimentou sua cabeça loira escura para Clint, os olhos castanhos avaliando.

Clint estava de pé atrás do sofá onde Morganna estava sentada. Ela tinha erguido os joelhos puxando as pernas, apesar dos dois homens.

"Eu tinha a sensação de que você estaria com ela". Os olhos castanhos de Ian se iluminaram com um riso. "Você é problema, mulher".

Os lábios dela se contraíram enquanto ela olhava de relance para Clint. Ele não parecia feliz.

"Eu pensei que você não os conhecesse muito bem?", ele meio que grunhiu para ela abaixo.

"Eu não conheço". Ela sorriu. "Apenas o suficiente para saber que devo passar bem longe deles quando eles estão caçando uma mulher. Eles são piores do que aqueles lobos que eu mencionei antes". Kell agitou a cabeça enquanto Ian ria da descrição.

"Nós verificamos o corpo do Markwell antes de vir aqui", Kell disse então a eles. "Fizeram um número nele, Chefe". Morganna piscou os olhos contra as lágrimas enquanto abaixava a cabeça. Clint não estava conversando sobre o homem que tinha perdido; não estava mencionando. Ele não estava frio, mas tinha ficado distante ao longo das últimas horas, os olhos azuis escuros esfriando e criando sombras.

"Venha aqui e eu te explicarei o que está acontecendo".

Clint os levou para a pequena mesa da cozinha onde a parede e a superfície da mesa eram cobertas com desenhos e impressões.

Ela deitou o braço atrás do sofá, observando os quatro homens à medida que eles conversavam. Nesse dia, Clint não estava usando couro. Usava calça jeans, botas, e uma camisa branca de algodão. A roupa, em vez de diminuir a força de seu corpo, enfatizava. As mechas pretas de seu cabelo caíam sobre a sobancelha enquanto ele abaixava a cabeça. Discutia a operação com os outros dois homens; a pequena barba e bigode crescendo davam a ele uma aparência devassa, perigosa. Ela gostava. Gostava especialmente de sentir contra sua pele como tinha acontecido na banheira mais cedo.

"Seu principal trabalho é cuidar dela". Ele girou então, apontando imperiosamente na direção de Morganna enquanto ela revirava os olhos. "Se você a conhece, então está muito ciente do fato de que ela é tão escorregadia quanto uma enguia e duas vezes mais perigosa. Os homens do Fuentes estão determinados a botar as mãos nela. Se eles a levarem, vai haver uma retribuição dos infernos. De mim e do Reno". Ele encarou os dois homens ferozmente. "Esteja seguro de que quer tomar esse risco".

Kell girou e piscou de volta para ela. "Nós temos praticado ao longo dos últimos dois anos. Acho que podemos acompanhá-la".





Teria sido legal da parte deles se a tivessem informado que eles conheciam Clint e Reno. Ela poderia ter evitá-los também.

Ela pegou o apertar da mandíbula de Clint e a labareda de raiva em seus olhos antes que ele escondesse. Um suspiro deslizou pelos lábios dela. Fazê-lo esquecer esse negócio de ciúme não seria nada fácil. Nunca era esperto tentar a besta do homem, mas neste caso seria melhor que ele mantivesse o ciúme sob controle.

"Esteja certo de que vai", Clint murmurou. "E quanto a despi-la com os olhos, tente deixar roupas suficientes nela para que haja alguma decência".

Isso a surpreendeu. Morganna ergueu a sobrancelha enquanto os outros homens riam, girando para ela, Clint deu um olhar demorado, escuro, avaliante. Ela piscou de volta para ele, franzindo os lábios em um beijo pelo ar antes de se erguer do sofá.

"Divirtam-se conspirando e planejando, meninos". Ela olhou para o relógio na parede. "Preciso tomar um banho e me vestir se vamos sair daqui na hora certa".

Ela tinha deixado para o último momento possível. Para não dar tempo a Clint para protestar contra as roupas que ela tinha escolhido vestir à noite.

"Há uma sacola de viagem ao lado da cama. Coloque o resto das roupas lá, Morganna. Nós a levaremos conosco", Clint declarou distraído enquanto ela se dirigia ao quarto.

"Farei isso, docinho". Ela manteve as costas para ele. "Vejo você daqui a pouco".

"Docinho?", Ian se voltou para Clint, o olhar examinando cuidadosamente a forma alta, magra e a carranca feroz que marcava sua expressão.

"Vá se foder!", Clint grunhiu, voltando para o plano que eles tinham planejado.

"Apenas um jogo à vista agora mesmo; vamos jogar no palitinho?", Kell murmurou.

Clint ergueu o olhar, os olhos de meia-noite ficando glaciais, cheios com promessa de retribuição. "Fale com Mace". Ian girou para Mace, um sorriso nos lábios. "Você ainda está vivo". "Mas, tentando virar soprano", Mace suspirou. "Aquela mulher tem um joelho mau e a pontaria perfeita. Cuide das suas mãos, Ian meu rapaz; ela pode causar um dano sério". "E se ela não o fizer, eu farei". E não havia como confundir a intenção por trás da voz. Mortal. Ameaçadora. Clint McIntyre tinha feito sua reivindicação. "Agora tire a cabeça das calças e volte ao protocolo aqui. Nós temos que terminar isso rápido. Quero que cuidem disso, agora".

Capítulo 24

Clint não sabia exatamente o quê esperar das roupas de Morganna. Couro apertado, talvez. A roupa de estudante. A pressão sanguínea poderia ter aguentado





uma das duas. Mas como ela tinha saído do quarto uma hora depois quase o tinha feito sofrer um ataque cardíaco.

O top de manga longa e calça combinando tinha sensuais aberturas na frente e nos lados. Aberturas nada, nos quadris e nas coxas havia nada além de tiras de tecido e muito estreitas para a paz dele. Sua suave e pequena buceta estava apenas escondida. Mangas longas cobriam seus braços e se ajustavam sobre e ao lado dos seios. Cobria os mamilos. Talvez. As correias em suas coxas eram cópias das dos correias dos seios, e o tecido parava apenas abaixo daqueles seios cheios. Havia pele sedosa demais nua abaixo dos seios até a junção das coxas, era para se ajustar como uma luva e era exatamente isso que fazia.

Os saltos de dez centímetros das sandálias pretas faziam as pernas dela parecerem ter metros de comprimento. Clint estava ciente dos outros três homens a encarando, mandíbulas enlouquecidas, olhos inchando, enquanto ela pausava a meio caminho através do cômodo, balançando o quadril, escorou a mão nele e balançou a cabeça zombeteira.

"Você vai se vestir?", o olhar dela encontrou o dele, trazendo-o de volta à realidade em vez da fantasia de fodê-la no meio do porão de Mace.

"Eu irei, se você for". Ele se forçou a falar, mas como conseguiu com a luxúria o sufocando até a morte, não estava certo.

"Você é engraçado". Ela sorriu suavemente. Suavemente. Ela nem se aborreceu em mostrar ao menos um pouco de preocupação que ele estivesse a ponto de cobri-la com um cobertor e escondê-la em um maldito armário. "Mas é melhor você se apressar. Acho que você me disse que Drage estaria nos esperando para entrarmos no clube".

"E deixar você aqui sozinha?", ele piscou de volta para ela. Sim, ele realmente pensou em talvez arrastá-la para o quarto e colocar algum daqueles pijamas de volta nela. Eles eram muito melhores. Não seriam capazes de causar uma confusão.

"Sim, você vai me deixar aqui só com estes três rudes apenas esperando para fazer um comentário esperto". Ela arqueou a sobrancelha para os outros homens. "Eu me apressaria se fosse você. Ou eu poderia acabar fazendo panquecas".

Panquecas? Oh sim, ela cozinhava quando estava puta.

Ele olhou ferozmente para os três homens. "Toquem nela e eu matarei todos vocês. Melhor ainda, parem de olhar para ela. Estão me deixando puto".

Ele entrou no quarto antes de ouvir mais do que um riso baixo. Ele não parou enquanto passou por Morganna; não podia. Se fizesse, acabaria jogando-a sobre o ombro novamente e arrastando-a diretamente para a cama. Maldição. Um homem podia morrer de excitação?





A música vinha pulsando do Diva enquanto Clint parava a BMW na entrada da parte de trás. A porta se abriu suavemente, revelando Jayne Smith, usando couro colado no corpo, botas de motociclista, e uma pistola apertada perto da coxa.

"Como prometido". Ela sorriu amplamente e ergueu o punho para Morganna enquanto olhava de relance para sua roupa.

Batendo o punho contra o da mulher, Morganna deu uma olhada na expressão fechada de Clint, piscando de volta para Jayne sutilmente. Ele não tinha dito duas palavras desde que tinha saído do quarto usando calças de couro, botas, uma camisa preta e uma jaqueta de couro. Ele parecia muito quente, em mais de uma maneira, Morganna pensou rindo por dentro.

"Tudo está no lugar". Jayne escondeu o sorriso enquanto anuía com a cabeça de volta para Clint. "O apartamento de baixo tem uma entrada privada, ou você pode usar a entrada principal. Nós te levaremos pelo elevador privado e você poderá voltar e entrar pela entrada principal. Ninguém saberá que você acabou de chegar".

Ela deslizou um cartão na segurança do elevador e os conduziu para o lado de dentro.

"O time de Joe está no lugar?", Clint questionou enquanto as portas fechavam.

"Tudo menos o tech do furgão". Ela concordou com a cabeça. "Mas, consegui colocar um grampo dentro do veículo. Se ele chamar Fuentes, nós saberemos".

Morganna pegou o olhar que Clint deu para o lado dela. "Onde você conseguiu os grampos?".

"Eu mesma os faço", Jayne disse lentamente. "Quer alguns?".

A resposta foi um grunhido sem compromisso.

"Acho que ele está chateado com você, Jayne", Morganna suspirou. "Ele não gostou da minha roupa".

"Que roupa?", ele grunhiu. "Não existe roupa. São algumas tiras de pano, só isto".

Jayne ergueu as sobrancelhas zombeteiramente enquanto olhava de relance para Morganna. Morganna suspirou. Novamente.

"Ela será notada". Jayne encolheu os ombros, despreocupada. "A questão era que ela fosse vista e isso forçasse Fuentes a se mover logo. Se ele o fizer enquanto estamos preparados, teremos uma chance melhor".

Morganna olhou de relance para Clint enquanto ele girava e encontrava o olhar de Jayne. O brilho direto que reflita em seus olhos fez os lábios dela torcerem. Sim, ele estava ciente de tudo isso, mas isso não significava que ele gostasse.

"Aqui estamos nós", Jayne anunciou enquanto o elevador parava suavemente. "Mudamos toda a segurança dos cartões das suítes". Ela deu a Clint um cartão chave, que ele colocou no bolso dianteiro da calça. "Há provisão de bebidas e lanches; se quiser qualquer coisa referente à comida, o chefe da cozinha do Drage





cuidará de você. O número está ao lado do telefone na quitinete”.

Morganna saiu do elevador, entrando um quarto opulento, ricamente mobiliado do tamanho do andar inferior da casa dela. Um sofá de couro e cadeiras do mesmo estilo estavam próximos à lareira iluminada a gás. A parede oposta tinha uma televisão enorme.

A pequena sala de jantar e a quitinete eram abertas com a sala de estar com exceção do cintilar das colunas de mármore usadas como suporte de teto. Um corredor largo guiava para os quartos. Clint colocou a sacola de acampamento que tinha trazido do carro ao lado do sofá e se virou para Jayne. "Estou armado. Certifique-se de que seus homens estão cientes disto". Jayne fez uma careta. A política da casa era que não houvesse nenhuma arma, ponto final. A entrada e a saída eram equipadas com avançados sensores eletrônicos que notassem quaisquer armas entrando no clube. "Imaginei que estivesse. Fique longe das entradas e ficará tudo certo. Eu já alertei meus homens. Os seguranças trabalhando hoje à noite foram escolhidos a dedo por mim e são fiéis. Então devemos ir andando". Ele concordou com a cabeça. "Estaremos lá em cima imediatamente". Os lábios de Jayne se contraíram enquanto Morganna revirava os olhos; o convite para partir era claro.

"Verei ambos no andar de cima então". Jayne movimentou a cabeça vivamente enquanto se virava para o elevador.

O silêncio encheu o quarto enquanto ela entrava no elevador e a porta se fechava atrás dela. Clint girou para Morganna, o olhar chocado enquanto deslizava pela roupa. "Eu não começaria a falar sobre a roupa novamente, Clint", ela o advertiu suavemente, os olhos dela se estreitando enquanto perigo refletia nos olhos dele.

Ele parecia devasso, malvado com os pelos da barba crescendo porque ele não havia se barbeado. Os olhos azuis meia-noite estavam escuros, cheios com luxúria e apenas uma sugestão de perigo enquanto ele avançava para ela.

Morganna foi para trás cautelosamente.

"Você acha que eu vou te machucar?", a voz dele era como uma lixa sensual através dos sentidos dela enquanto ela tragava com dificuldade.

Morganna agitou a cabeça lentamente. "Não. Você nunca me bateria". Havia outros modos de se machucar. Ele poderia ganhar a cooperação dela com seu toque, fazê-la se vestir com um hábito de freira e apreciar, até que a névoa de prazer sexual se dissipasse. Ele a deixava fraca. Ele a fazia querer ceder para ele, fazê-la se perguntar se isso o seguraria com ela para sempre, embora ela soubesse que não.

"Então por que você está se afastando de mim?", ele continuou a avançar para ela. Ela continuou a se mover para trás até que se encontrou com um dos espessos suportes de coluna.





Ela respirou, uma arfada rápida, dura enquanto ele a pegava por ambos os pulsos, prendendo ambos com uma mão enquanto ele puxava os braços acima de sua cabeça, segurando-os contra a coluna.

"Você sabe o que essa roupa faz comigo, Morganna?", ele sussurrou.

"Te deixa puto?", ela fez um palpite, lutando para apagar o nervosismo dentro de si.

"Me deixa muito duro. Muito excitado. Me faz querer mostrar a todos os imbecis que te olham a quem você pertence".

"Eu pertenço a mim mesma, Clint". Oh droga, Deus a castigaria por essa mentira.

"E essa roupa prova isto", ele grunhiu, a outra mão prendendo o quadril dela, empurrando-a contra o corpo duro dele enquanto seus joelhos imergiam, levando sua ereção contra o montículo suave do sexo dela. "Mas neném, nós dois sabemos a verdade".

Os lábios cobriram os dela, mas em vez de um beijo feroz e dominante como ela esperava, eles afundaram nos dela enquanto um grunhido faminto deixava a garganta dele.

Morganna sentiu o peito se apertar dolorosamente enquanto os olhos dele ficavam pesados mas ainda assim a encaravam bem fundo. Os lábios se moveram sobre os dela, a língua lambendo os lábios dela, os quadris se movendo contra os dela, acariciando os nervos de repente inchados e pulsantes entre as dobras de seu sexo através do tecido das roupas.

Um gemido de desejo e emoção deixou os lábios dela com o prazer refinado, a sensação que começava a se formar, a tomá-la.

Clint a possuiu com este beijo, e ela sabia disto. O raspar suave da barba dele contra sua pele, o modo como os lábios dele acariciavam os dela, a língua se enroscando com a dela enquanto o olhar dele prendia o dela.

Ela se apertou contra ele, sentindo o coração correr no peito enquanto seus nervos se sensibilizavam, aqueciam. A ternura extrema do beijo era como um veludo, mas sob ele havia aço, fogo, dominação.

"Quando eu te trouxer de volta", ele sussurrou, "o que há de pano nessas roupas será arrancado do seu corpo, Morganna. Lentamente. E então você será minha. Enquanto você for minha...", ele deu pequenos beijos nela, puxando os lábios dela, fazendo-a gemer com a ameaça da paixão mais funda, mais escura que ela podia sentir logo abaixo da superfície. "Eu te mostrarei o que acontece a garotinhas más que andam por aí quase nuas".

"Hmm, promete?", os dentes dela pegaram os lábios dele enquanto ele se movia para trás, e ela viu a labareda de surpresa e de domínio possessivo que chamejou naqueles olhos.

O grunhido primitivo que saiu do tórax dele foi a única advertência que ela teve





antes de ele roubar um beijo dela. Pegando-a mais próximo, soltando as mãos dela enquanto seus dedos agarravam o cabelo dela e puxava sua cabeça para juntar as línguas enquanto os lábios dele deslizavam sobre os dela.

Oh, sim. Isto era o que ela gostava. Um aperto poderoso e convulsivo de seu útero fez a respiração dela prender enquanto as mãos dela prendiam no cabelo dele para segurá-lo mais perto. A aspereza da barba e o poder do corpo musculoso e esbelto combinavam para subjugar seus sentidos.

"Chega". Ele a puxou para trás, a respiração tão difícil e tão pesada quanto a dela. "Você tentaria um santo". Os lábios dele estavam puxados para trás em um gesto de dor cheia de fome que ecoava em seu corpo.

"Bem... Você não é um santo...", ela arquejou. "Estou tentando você de alguma maneira?".

Ele gemeu, um bufar misturou com o som de riso enquanto ele deitava a testa contra a dela e a encarava com necessidade aquecida.

"Tenha cuidado lá em cima", ele sussurrou. "Reno me mataria se qualquer coisa acontecesse a você".

E como ele se sentiria? Ela sorriu, sabendo, sentindo a determinação nele, a emoção não dita, indefinida, mas chicoteando por ele como ondas invisíveis de poder.

"Eu te protegerei do Reno então", ela prometeu suavemente. "Vamos, meninão; vamos lutar contra alguns caras maus".

Capítulo 25

Isso não daria certo. Clint podia sentir o sangue apressado nas veias, pulsando sob a carne. Uma camada de suor cobria a pele, sua sensível pele. A batida pesada da música era quase como uma carícia física enquanto as ondas de som se apressavam ao redor dele. Pesada com os gemidos estridentes do cantor, seus gritos guturais, sexuais de paixão. Gritos que o lembravam Morganna. E enquanto ele ouvia, assistia.

Ela tinha se movido para a pista de dança dentro da primeira meia hora no clube, juntando-se aos seus amigos Jenna e o homem de pele escura, Sandy. Sandoval Mitchell era um descendente do Sul, vinte e sete anos e aluno na universidade. Ele era um frequentador regular do clube, embora não fosse uma parte ativa da comunidade BDSM.

No momento, ele estava em perigo de extinção. Se ele tocasse Morganna mais uma vez, Clint jurou por Deus que iria arrancar as mãos de Mitchell. Não que o homem a houvesse tocado de alguma forma indecente. Era apenas o fato de ele a estar tocando.

Tocando a pele nua dentro daquela pseudo-roupa que ela vestia, os olhos





francamente admirando enquanto a examinavam cuidadosamente. Claro, ela ignorou o pedido de Clint de ficar perto de sua mesa enquanto a maior parte das mulheres que tinham tomado Dons como amantes estavam fazendo.

A pequena bruxa tinha rido da ordem. Ela estava lá para dançar, e não para ir buscar as bebidas dele, ela o informou.

A pista de dança era a atração central do clube. Aqui os submissos procuravam um Dom, ou agradavam um dançado com abandono. Pelo menos, Morganna dançava com abandono. Ela dançava como quando fazia amor, sem reservas. E esta música era a pior tortura. "Beijo de língua". A música era puro sexo. Morganna era pura excitação carnal.

As mãos alisavam as coxas quase nuas, a cabeça jogada para trás, o cabelo longo acariciando os quadris nus enquanto as mãos iam para cima nas coxas, acariciando devagar através do diafragma enquanto subia para a cabeça, os olhos longitudinalmente abertos, o olhar preso no dele enquanto as mãos dela se moviam lentamente, erguendo até que se apertaram sobre a cabeça enquanto o corpo dela balançava.

A batida aumentava, os gemidos e gritos apaixonados ecoando ao redor dele enquanto os quadris dela mantinham o ritmo da batida, movendo-se para a lateral enquanto seus cabelos deslizavam ao seu redor como uma cortina sedosa.

Suor brilhava em sua carne; os olhos cintilavam com propósito, desejo. Ela acenou para ele com seu olhar, com os movimentos de seu corpo. Os fragmentos enviavam ondas de desejo que assaltavam seu membro torturado enquanto ele se movia desconfortável na cadeira.

Maldita. Filha da puta, ele a amarraria e bateria em seu traseiro até ele ficar vermelho. Ela o tinha deixado pronto agora, pronto para levá-la para cima, rasgar aquelas quase roupas de seu corpo, e a encher tão fundo e tão forte quanto pudesse.

Quando a música finalmente terminou, ele se viu respirando fundo, alívio lutando com a luxúria. A música poderia ter mudado, mas a energia de Morganna não. O amor dela por música era ainda mais do que evidente, estava claro na expressão de seu rosto; a alegria no movimento, tentando-o, deixando-o louco.

Os dedos dele se apertaram em torno da bebida que estava a sua frente na mesa e a ergueu para os lábios e consumiu a bebida que tinha pedido. Puro e bruto Jack²⁸ queimando o esôfago enquanto ele lutava contra a luxúria.

Ele estava aqui para fazer um trabalho, e não para suspirar por aquela maldita gata selvagem que ele parecia não conseguir ter o suficiente. Ele mal conseguia manter a chama da luxúria longe dos olhos por tempo suficiente.

²⁸ Jack Daniels - marca de uísque que está entre as mais vendidos do mundo e é conhecida pelas garrafas quadradas e rótulo preto. Chamado também de Uísque de Kentucky.





Clint franziu o cenho com o pensamento. Antes ele já sabia que ela era perigosa para seu autocontrole e saúde mental. Ele não tinha nenhuma ideia de como isso era verdade até agora.

"Clint, ouvi dizer que você roubou a aprendizagem da nossa menina". Timothy Wagner, o Dom forte sentado através da mesa ergueu a bebida como que dando os parabéns. "Há muitos homens ciumentos te observando hoje à noite, meu amigo".

Clint moveu os lábios em uma cópia de sorriso divertido. Para falar a verdade, ele queria rasgar o rosto de Wagner.

"Ela é um deleite na pista de dança", Timothy disse, "observá-la é melhor do que preliminares".

Melhor do que preliminares? Clint encarou Timothy meditativamente antes de arrastar o olhar de volta para Morganna. Ela tinha ido mais distante dentro do círculo de dançarinos, obviamente conversando com Jenna e o jovem, Sandy, enquanto todos dançavam. A outra mulher tinha um estilo menos sofisticado de dança. Mais como um girar com fluxo explícito de movimentos nos quadris que não agradava muito a Clint. Morganna era como a água, todos os movimentos lisos e balançando com desejo.

O membro dele pulsou com a memória de abraçá-la, possuí-la, enquanto ela se movia assim embaixo dele.

O olhar dele se moveu para mais distante além da pista de dança, os olhos se estreitando contra as luzes vindo dos estroboscópios e a névoa de fumaça se formando lentamente dos fumantes de cigarro. Shade e Reese estavam dançando, com várias mulheres jovens na pista. Não era incomum ver um Dom dançando com as mulheres, e Clint tinha que admitir que ninguém poderia confundir os dois policiais com menos do que alfas cheios.

Havia muitos novos dançarinos, o que não era incomum. Ele viu Craig fazendo suas rondas assim como Joe que andava preguiçosamente contra a parede distante. Grant Samuels estava faltando, tinha sido chamado em casa inesperadamente.

Clint continuou a inspecionar o clube, voltando em poucos minutos para Morganna enquanto escutava a pulsação da música e vozes no receptor em sua orelha com os relatórios que vinham do tech no furgão que acessava as câmeras de segurança de Drage.

Morganna continuava a dançar, conversando enquanto se movia, rindo, apreciando a liberdade do movimento. Estava se movendo para mais distante na multidão, o que o deixou nervoso.

"Você não pode tirar os olhos dela, Clint". A voz de Timothy era satisfeita consigo mesmo, superior. "Você vai perder o controle sobre ela desse jeito".

Como se alguém um dia pudesse controlar Morganna. Não havia como controlá-la; ele estava aprendendo isto depressa.

"Ela ficará bem". Ele se impedia de comentar muito devido ao simples fato de





Morganna usar na orelha o mesmo receptor que ele.

Enquanto a onda da multidão se movia ao redor dela, Clint manteve os olhos no topo de sua cabeça, ficando tenso enquanto os dançarinos se moviam também. Jenna estava indo para mais e mais distante de Morganna, assim como Sandy. Clint não podia ter um vislumbre do homem que estava dançando mais próximo dela agora mas notou o carinho do homem por seu cabelo. Ele ficava tocando-o. Kell e Ian ainda estavam perto dela. Pegando a atenção de Kill, Clint sacudiu o olhar deliberadamente para o estranho, indicando que eles deveriam se aproximar. Algo no homem fez Clint se sentir desconfortável.

Os dois SEALs estavam em silêncio no rádio, desconhecidos para Joe e seu time. O que significava que o informante não poderia marcá-los. Kell movimentou a cabeça imperceptivelmente antes dele e Ian começaram a se mover, trazendo as mulheres que dançavam com eles para mais perto.

Uma pequena pulsação de estático na orelha do Clint anunciou o homem no furgão.

"Meninos e meninas, temos uma anomalia na porta do clube. Você está vendo, Drage?".

"Sim". Drage respondeu. "Jayne está indo para lá. Parece que a fechadura de segurança está sendo travada. Você pode ver alguma coisa?".

"Nada, muitas sombras", o homem respondeu.

O olhar de Clint foi para a saída da pista de dança que levava aos corredores privados e a porta da parte de trás. Jayne Smith estava deslizando suavemente pela entrada, os ombros retos e tensos enquanto se dirigia à área.

A voz de Timothy era ouvida ao fundo, Clint voltou o olhar para a pista de dança. Uma vez mais Morganna se moveu, e dessa vez ele a perdeu de vista. Ficando facilmente de pé, ele procurou na pista, finalmente pegando um vislumbre dela no lado distante com Ian e Kell se movendo sincronizados com ela e o estranho.

O estranho estava deixando Clint muito nervoso. Ele era muito cuidadoso, mantendo seu rosto sombreado e fora do alcance da vista de Clint. E ele estava muito perto dela. Se fosse qualquer outra mulher Clint teria sentido uma raiva ciumenta. Mas ele conhecia Morganna agora, e sabia muito bem que ela não permitiria outro homem dançar tão próximo dela.

"Quem é o estranho?", Clint ralhou, movendo ao longo da extremidade da pista de dança.

"Nós não conseguimos um ID. Ele está se mantendo protegido", Joe reportou. "Ele me lembra o bastardo que tentou colocar a droga na bebida daquela menina na última vez".

E isso era exatamente o que Clint estava pensando. "Craig, você pode ver alguma coisa?", ele questionou, observando as formas mais altas de seus homens enquanto eles se moviam em modo de combate. Ele conhecia os sinais. Seus corpos





estavam tensos, preparados, os sinais sutis da mão mostrando a ele uma advertência.

Morganna não parecia estar dançando mais; nem o estranho. Usando couro pesado, um chapéu protegendo o rosto. A figura a levou para a extremidade da pista de dança; vindo próximo e depressa estava o jovem Sandy.

"Morganna, tudo bem?", Clint ralhou a pergunta, sabendo que o sensível microfone no receptor levaria suas palavras.

Não houve nenhuma resposta.

"Morganna, relatório".

"O receptor está inválido", o tech do furgão reportou de repente. "Não temos nenhum contato com ela. Repito, sem contato".

"Kell? Relatório". Silêncio no maldito rádio.

"Não podemos dar uma olhada clara no rosto, mas ela está assustada. Nós os temos cobertos no momento, mas ele está segurando a parte superior do braço dela. Acho que ele está rumo à saída".

"Mover". Clint ralhou a palavra no receptor enquanto se dirigia à porta de trás.

"Foda! Nós temos uma brecha na segurança da saída. Jayne está cobrindo. O bastardo está levando Morganna para uma zona cega, Clint eu não posso mais vê-la". A voz de Drage estava escura com raiva enquanto Clint se movia depressa ao longo da lateral da pista de dança uma vez mais perdendo Morganna de vista.

O bastardo de alguma maneira tinha descoberto sobre as câmeras novamente. "Use a câmera auxiliar, Drage; temos um problema na pista", Clint ralhou no link.

"Auxílio está indo, mas a multidão é muito espessa", Drage replicou.

"Ela está sendo levada para a saída na outra extremidade, Lyons". Clint falou com o tech. "Pode levar uma van e verificar a ação lá?", não houve resposta. "Lyons, relatório", Joe ralhou no link. "Estou rumando para a porta dos fundos", Craig reportou. "Tenho um segurança indo para lá também", Drage voltou. "Clint, você já tem uma visão?".

"Ian. Kell. Relatório". Clint abriu passagem pela multidão, desesperado para chegar a Morganna agora.

"Foda!", a voz de Kell era baixa, furiosa. "O bastardo tem uma arma contra ela, Clint. Está escondida entre o corpo dele e o dela e mantém o braço dela apertado. Isso vai ficar pegajoso".

"Quem diabo é esse, Clint?" Joe rosnou. "Que diabo está acontecendo?".

"Auxílio", Clint rosnou de volta. "Se concentre em Morganna. O bastardo que a está segurando é o seu informante, homem, e já que apenas um dos seus homens está faltando, quer apostar quem é?".

Clint sabia quem era.

"Tenho seguranças cobrindo a porta, e as câmeras do lado de fora estão mostrando a ação".





Enquanto Drage falava, a multidão começou a surgir descuidadamente, gritos se ergueram acima do som da música enquanto Clint puxava o revólver das costas e se apressava para o centro do tumulto e começava a rezar.

Morganna soube no minuto em que Grant Samuels foi dançando até ela que algo estava errado. Dessa vez ele não estava usando seu boné de baseball. Mas se isso não tinha sido uma pista, no minuto em que ele a alcançou e depressa tirou o receptor de sua orelha, ela soube que estava em apuros.

A arma que de repente surgiu pressionando ao lado de seu corpo também era uma boa indicação.

"Clint não é estúpido", ela advertiu Grant desesperadamente enquanto ele a levava ao longo da pista de dança para longe. "Você sabe disto, Grant".

Esse era o informante de Joe, o choque disso era quase extremamente intenso. Ao menos seria se ela não estivesse tão incrivelmente assustada. O medo tinha um modo de limpar a mente, e de repente tudo na cabeça de Morganna estava cristalino.

"Não importa agora, Morganna". A voz dele era fria, sem remorso. "Eles não saberão que era eu. Isto é tudo que importa. Tudo o que eu tenho que fazer é te levar para a porta dos fundos, os homens de Fuentes assumirão o comando. Ninguém saberá quando ou onde você desapareceu".

Oh, sim, ela iria pacificamente. Olhou ao redor, pegando o olhar confiante de Reese em seu rosto. Ele estava ciente do que estava acontecendo, cobrindo-a, mas aquela arma ao lado de seu corpo era muito ameaçadora. "Você está louco?", ela foi arrastada na alça dolorosa que Grant tinha em seu braço. "Você acha que Clint ficará apenas sentado quetinho assim que me perder de vista?". "Ele dependerá das habilidades com a câmera do Lyons e do Drage".

A voz de Grant era tranquila. "Eu sei onde as câmeras estão e como evitá-las. Sem problema. Lyons já deve estar morto agora, o que é lamentável, mas não é realmente um problema".

Deus, Grant falou tão friamente da morte de um homem que Morganna poderia ter jurado que era seu amigo. Do time inteiro, Grant sempre tinha parecido o mais sólido, o mais seguro.

"Não faça isto, Grant". O medo se ergueu como uma nuvem escura dentro da mente dela enquanto ela lutava contra o aperto dele. "Você sabe o que Fuentes fará comigo".

Clint se arriscaria a levar um tiro a deixá-la não ser tomada? Morganna sabia que se Grant conseguisse passar por aquela porta, então ela estava morta.

"Eu ajo como se me importasse?".





Ele com toda a certeza não soava como se se importasse. Ela olhou de relance para a expressão de rocha, muito firme e soube que ele não se importava.

"Por que você está fazendo isto?", a arma foi mais firme contra as costas dela enquanto ela lutava contra ele. "Eu não te fiz nada".

"Não. Não fez", ele concordou, a voz benigna. "Acho que você foi pega em uma armadilha muito inteligente que eu apenas quis usar contra Joe. Você conseguiu isso para si mesma, Morganna".

"Solte-me". Eles estavam ficando mais pertos da saída da parte de trás e Kell ou lan ainda não tinham feito um movimento sobre Grant.

Ela tinha a chance de sobreviver a um tiro. Bem pouca, mas tinha. E se ela morresse, pelo menos seria rápido. Se Fuentes conseguisse pegá-la, a morte não viria fácil, não viria pacificamente.

"Eu não te deixarei me levar, Grant". Ela fincou os pés enquanto eles alcançavam a parede e ele começava a levá-la até a luz da saída que ardia na cor de sangue.

Algo em sua voz, na resistência súbita de seu corpo, o fez parar. Ele a puxou para mais perto, fazendo uma arfada passar pelos lábios dela enquanto sua mão se apertava mais no braço dela.

"Um tiro dói muito, Morganna", ele zombou enquanto apertava a arma no abdome dela. "Clint não conseguirá te levar ao hospital a tempo, e ainda que levasse, você já teria morrido, nunca sobreviveria a cirurgia. Apenas pense nos contatos de Clint, ele pode te achar antes que o Fuentes te mate. Você terá uma chance se for pacificamente".

Morganna apertou os lábios com o conhecimento quase certo de que iria morrer lá.

"Atire em mim". Ela lutou enquanto ele começava a puxá-la até a porta. "Eu não te deixarei me levar". "Então eu atirarei em algum dos seus amigos; o que acha?", a dor no aperto dele aumentou mais e roubou a respiração dela enquanto seus joelhos debilitavam. "Você quer escolher o primeiro no qual eu atirarei na pista de dança, Morganna?", ele a girou até que ela pôde ver os dançarinos, a maior parte ela conhecia, ao menos de vista. "Com quantos devo começar? Um? Três? Tenho uma dúzia de balas aqui esperando para descarregar. Escolha o primeiro".

Oh, Deus! Morganna sentiu a força deixar seu corpo, o horror encher sua alma enquanto ela via a determinação nos duros olhos marrons cor de pedra de Grant. Ele faria. Não tinha nada a perder.

"Por favor, não faça isto". O medo furioso dentro dele deixava-a tremendo, desesperada. Tinha que haver uma escapatória.

"Você vai se mover, ou eu começo a atirar?", ela se moveu. A respiração ficou aos arrancos enquanto o terror começava a subjugar-la, chicoteando por ela enquanto pensava em um modo de achar uma fuga. Tinha que haver um jeito de





parar isto, de pará-lo, mas enquanto a porta adiante lentamente ficava mais próxima e nenhuma ajuda chegava, a histeria começou a aguçar sua mente.

"Ei, Morganna". Sandy entrou no caminho, os olhos escuros encarando-a abaixo enquanto ele sorria com uma sombra de seu sorriso habitual. "Onde está o seu namorado?"

"Atrás dela", Grant grunhiu. "Saia do caminho".

"Ei, cara". Sandy piscou, olhando rapidamente de Grant para Morganna. "Ele não é o seu namorado. O que está acontecendo?"

O que estava acontecendo? Esse não era o quieto e quase tímido Sandy que ela conhecia. "Desculpe-nos, Sandy-"

"Você está chorando, Morganna?", ele balançou a cabeça, o corpo se movendo apenas o suficiente para que se Grant tentasse atirar nele, tivesse que revelar a arma primeiro, em vez de mantê-la escondida entre eles. "Você a está fazendo chorar, cara?", Sandy olhou de relance de volta para Grant.

"Se você não se mover, vou te fazer chorar", Grant rosnou.

"Certo. Até parece".

Morganna não teve nenhuma advertência do que viria a seguir. Antes que pudesse se preparar, antes que tivesse qualquer pista de que Sandy era tão perceptivo, ela se sentiu sendo arrancada do aperto de Grant e jogada contra a parede. Ela saltou contra a parede, a cabeça atingindo a pedra enquanto ouvia o som da arma.

Em algum lugar, alguém gritou seu nome. Engraçado, ela não se sentia como se tivesse sido baleada. Agitou a cabeça enquanto tropeçava para o chão, olhando ao redor, confusa, os olhos se alargando enquanto mãos duras agarravam sua cintura e a apertavam mais contra a parede.

Então ela viu. Clint e Grant brigando pela arma enquanto a multidão começava a se dispersar. Outro som de tiro, gritos ecoando ao redor dela enquanto Sandy caía contra ela.

Ele tinha sido baleado. Ela torceu o corpo, pegando o homem enquanto ele desmoronava até o chão.

"Eu viverei". Ele fez uma careta, grunhiu, a expressão torcendo dolorosamente enquanto as mãos agarravam a lateral do corpo.

"Deus! Você é louco!", ela grunhiu enquanto apertava a mão sobre a dele, sentindo o sangue vazar pelos dedos dele. "Aonde diabo foi a sua cabeça, Sandy?"

"Confio em você... para me... salvar", ele ofegou, o rosto pálido. "A bala foi na lateral do meu corpo. Merda, dói". Oh, inferno. Havia tanto sangue. Outro tiro ecoou enquanto ela erguia a cabeça novamente, olhando em choque enquanto Joe estava ao lado dos dois homens lutando, Clint e Grant. A arma de Joe estava segura em ambas as mãos, a expressão tão agoniada, tão cheia com dor, a respiração presa.





Lentamente Grant deslizou do aperto de Clint, a arma entre eles caindo por terra enquanto Clint o pegava.

A música tinha silenciado. Uma tímida ausência penetrante do som enchia o clube à medida que todo mundo assistia.

"Bastardo", Grant ofegou enquanto a mão apertava o peito. "Você devia estar morto... não eu...", ele tossiu

Enquanto Clint o deitava no chão. "Você devia estar morto".

Os olhos de Morganna arregalaram. Eles eram amigos. Joe tratava Grant como um irmão, o amava, sempre brincava com ele.

"Morganna?", Clint estava ao lado dela, puxando-a para ele enquanto as mãos começavam a se mover sobre ela depressa, verificando se havia danos. Mas ela não podia tirar os olhos de Joe. "Você está machucada, neném?".

Ela agitou a cabeça lentamente. "Sandy". Ela mostrou a Clint o sangue em suas mãos. "Sandy está machucado".

Ele se moveu para o homem mais jovem enquanto Joe se ajoelhou ao lado de Grant, eles estavam a poucos centímetros um do outro. O rosto de Joe era inexpressivo, mas seus olhos estavam tomados com pesar.

"Por quê?", ela viu as palavras passarem pelos lábios dele. "Por que, Grant?".

"Porque eu odeio você...", Grant tossiu, sangue vazando pelos lábios. "Você conseguiu a promoção; você teve Maggie-"

"Você casou com a Maggie...", Joe sacudiu a cabeça. "Ela não tem nada a ver com isso".

"Ela tem agora". O sorriso no rosto de Grant era cruel, mal. "E você nunca a terá. Nunca, Joe. Nunca...", a luz escureceu de seus olhos enquanto a morte o tomava. Lenta e completamente.

"Morganna, droga, você está bem?", as mãos de Clint agarraram seus ombros, agitando-a ferozmente enquanto ela girava de volta para ele.

O rosto dele estava branco, os olhos azuis da cor da meia-noite quase pretos com ira enquanto olhava ferozmente para ela abaixo.

"Eu não estou machucada. Sandy?", ela se voltou para ele, observando enquanto Craig e Drage firmavam o outro homem, aplicando toalhas nos ferimentos enquanto uma cacofonia de vozes começava a surgir.

"Polícia e ambulâncias estão a caminho". Jayne deslizou para o lado de Drage, o rosto contundido, o braço vazando sangue sob um ferimento com uma bandagem feita às pressas. "Eles foram pela porta de trás. O tech do furgão está morto, mas conseguimos alguns homens de Fuentes. Ele não estava com eles".

"Você está machucada". Morganna agitou a cabeça, o choque se erguendo dentro dela depressa enquanto lágrimas começavam a encher seus olhos. Deus, ela não devia estar chorando. Eles tinham sobrevivido. Ela tinha sobrevivido. Sandy ficaria bem, não é? Clint estava vivo.





"Eu estou bem". Os olhos da mulher eram frios como pedra, a voz neutra.

"Aqui, neném". Clint colocou a jaqueta de couro ao redor dela enquanto ela percebeu que estava tremendo, tanto que os dentes estavam batendo.

"Que droga", ela disse em pranto, forçando as palavras a passarem dos dentes que batiam.

"Choque. Você vai se recuperar. E você foi bem, querida". Jayne a assegurou, um pequeno sorriso suavizando seu rosto. "E Sandy, querido". Jayne relampejou um sorriso aprovador. "Você foi bem. Muito bem".

Sandy ficou muito quieto enquanto seu olhar voltava para Morganna.

"O que você estava fazendo?", ela perguntou ao jovem. "Como percebeu?".

Um sorriso amargo cruzou os lábios dele. "Eu segui a droga até aqui. Os soldados de Fuentes mataram a minha mãe, seu marido, e minha meia irmã na América do Sul".

"Delores". Clint grunhiu o nome enquanto olhava para Sandy. Adam Delores tinha sido um dos empregados do governo que estava na lista de pagamento de Fuentes. Ele tinha sido também um dos homens infiltrados do DEA.

"Delores". Ele anuiu fracamente com a cabeça. "Eles estupraram e assassinaram a minha irmã mais nova antes de matarem a minha mãe e seu marido. Eu não podia deixá-los fugir. Mas eu não tinha nenhuma ideia de que Fuentes ainda estava vivo".

"Ele está aqui há mais de um ano acompanhando a droga, tentando descobrir quem está por trás dela", Jayne adicionou antes de depressa recuar e deixar os médicos irem para o lado de Sandy.

"Morganna". Clint deu as costas para ele, olhando fixamente para ela preocupado. "Você tem certeza de que está bem?".

"Eu estou bem". Mas ela ainda estava chorando, e odiava isto. "Grant iria me matar, Clint". Ela não esperava isto. Ela esperava um estranho, alguém que ela não conhecesse. Apesar das garantias de Clint de que havia um informante na unidade de Joe, ela realmente não tinha acreditado.

"Eu sei, neném". Clint empurrou o cabelo dela para trás, movendo os dedos pela bochecha dela antes de puxá-la para seu abraço. "Eu sei. Eu estava logo atrás ele. Sandy nos deu a chance que precisávamos para te tirar da linha de fogo".

Ela se segurou contra ele, estremecendo ao pensar como Sandy tinha chegado perto de morrer por ela. "Era Grant. Eu pensei que ele fosse amigo do Joe. Eles eram como irmãos".

"Não, eles não eram". Os braços de Clint se apertaram ao redor dela. "Joe apenas pensava que eram. Agente firme, doçura; a polícia está aqui e nós temos que resolver tudo. Nós vamos passar por isso".

Ela anuiu com a cabeça contra o ombro dele. "Vamos, sim". A voz dela prendeu enquanto lutava contra as lágrimas; então endireitou os ombros e respirou fundo.





"Eu estou bem".

"Eu sei que está, mas eu posso não estar". Ele a abraçou para impedi-la de se afastar. "Apenas me abrace mais um minuto, amor. Deixe que eu me assegure de que você está inteira. Acho que morri de medo quando vi aquela arma contra o seu corpo".

Ela tremeu com a memória. Ele não estava só. Era uma ótima coisa que ela não tivesse jantado mais cedo, ou teria perdido a comida para a pista de dança quando percebeu o que estava acontecendo.

"Clint. A polícia está aqui". A voz de Joe não era normal, mas ela não podia esperar que fosse.

Enquanto Clint a permitia girar contra ele, ajudando-a a ficar de pé, ela viu a expressão cheia de pesar no rosto do homem.

"Eu sinto muito", ela sussurrou.

Joe piscou de volta para ela. "Por quê?".

Ela moveu o olhar para o homem morto estirado no chão, o sangue manchando as roupas com o ferimento no peito. "Ele era seu amigo".

Joe pausou, o olhar deslizando sobre o corpo antes de retornar a ela. "Ele não era meu amigo", Joe disse suavemente antes de se virar e se mover na direção dos oficiais entrando apressados no clube.

Capítulo 26

Crescer era uma droga. Amadurecer, ganhar experiência, qualquer que fosse o título, Morganna decidiu que era uma dor na... alma.

Enquanto os oficiais da investigação fervilhavam no clube, seguidos pela Divisão de Atlanta de Negócios Internos, assumindo o comando do caso da traição e morte do agente Grant Samuels, ela viu o outro lado do horror que estava enfrentando no trabalho que tinha escolhido. E ela podia sentir aquele amadurecimento, aquele crescimento, tomando forma dentro dela. Da mesma maneira que ela sentia a certeza oca de que Clint estava certo. Esse não era o trabalho para ela.

Os acontecimentos tinham criado uma rachadura na realidade que ela tinha tentado evitar. O olhar duro e frio nos olhos de Joe minutos depois de ter atirado e matado o melhor amigo a lembraram demais do gelo que via frequentemente no olhar de Clint. O olhar de um homem que tinha conhecido a traição, aprendido o preço da confiança. Do amor. Ela não queria aprender através dessas lições.

Enquanto ela dava aos investigadores seu relatório, assistia Clint. Os clientes que enchiam o clube tinham sido dispensados, deixando Joe e seus agentes restantes, ela e Clint. Kell e Ian tinham escapado com a multidão para preservar sua cobertura. Não estava terminado. Fuentes ainda estava lá fora.

"Você está indo bem?", Clint se moveu para perto dela enquanto o investigador





tomava o relatório assinado e se movia para Joe.

Ela ainda usava a jaqueta que Clint tinha colocado ao redor do corpo para repelir o frio que podia sentir até os ossos.

"Estou indo bem". Ela inalou profundamente, olhando fixamente em torno do clube com sensação de descrença. "Alguma palavra de Fuentes?". "Nada". Clint agitou a cabeça. "Jayne e seus homens prenderam um tio bastardo, Jose, e o sobrinho, Santiago, tentando fazer caminho até o elevador privado que leva ao andar de baixo. Eles estão sob custódia agora. Manuelo conseguiu escapar, mas Kell e Ian estão procurando por ele".

Morganna escorou os braços na mesa que estava sentada e abaixou a cabeça para correr os dedos pelo cabelo.

"Então o que faremos agora?", ela olhou em torno do clube novamente, ouvindo o eco tímido das vozes dos oficiais enquanto eles faziam o processo investigativo final.

Grant tinha sido colocado em um saco preto e levado enquanto dois oficiais tinham sido enviados para sua casa para notificar sua esposa da morte.

"Agora nós esperamos". Clint se sentou na cadeira oposta a dela, estirando as pernas compridas dentro do couro diante de si enquanto a assistia tranquilamente. "E observamos. Ele vai se mover logo".

Morganna apertou os lábios bem juntos enquanto cerrava os dentes contra o palavrão que queria passar por eles. Ela queria isso acabado, agora. Ela queria Fuentes pego, queria ele fora das ruas e atrás das celas. Ela queria se enrolar nos braços de Clint e se assegurar de que o gelo espreitando atrás do olhar dele derreteria, descongelaria, e ele acharia um jeito de ficar na vida dela.

Talvez fosse apenas sobrecarga de adrenalina, ela pensou, erguendo os olhos de volta para ele, olhando fixamente nas órbitas de meia-noite e sentindo um aperto no peito com o frio que sombreava a preocupação. Ele se importava, ela sabia que sim, mas não onde importava, não onde o manteria com ela para sempre. E ela sabia disto. Quando esta operação estivesse terminada, Clint iria embora, e ele partiria o coração dela.

"Então, e agora?", ela tirou os olhos dele, odiando o aperto de dor no peito.

"A seguir nós vamos para o andar de baixo, jantamos, e-"

"Não estou com fome, Clint".

"Isto é muito ruim, querida", ele disse lentamente um tom sedoso de advertência. "Porque eu estou, e vou insistir que você compartilhe a refeição comigo. Então nós tomaremos um bom banho quente e iremos para a cama. Onde espero ter uma chance de foder a briga que há em você e assim você possa dormir pacificamente nos meus braços".

Ela o encarou de volta. Um sorriso se abria em seus lábios, ondulando o canto dos olhos, mas a mão que estava na mesa era tensa, quase um punho fechado.





"Não fique saidinho." Morganna se ergueu, encarando-o com ira.

"Morganna". Ele a seguiu, ficando de pé para bloquear o caminho dela. "O que está errado?"

O que estava errado? Ela assistiu um amigo a trair, viu outra vida ser destruída, e isso a fez perceber que o mundo brilhante que sonhava estar vivendo iria desmoronar ao redor de seus pés logo.

Estava nos olhos de Clint. Na deliberação cuidadosa que ele tinha usado quando tinha 'lidado' com ela. Ele a queria; ele fisicamente a desejava; ela era mulher o suficiente para saber isto. Inferno, era mais que isto. Ele a amava. Ele a amava tanto que nunca se permitiria ficar com ela. O castelo de cartas que ela tinha construído em seu próprio coração estava se desintegrando.

"Nada de errado". Nada exceto a verdade.

Clint não era um homem que mudasse de ideia frequentemente. A vasectomia que ela tinha se forçado a não pensar era a gota da água em seus sonhos já naufragantes.

"Nada de errado". Ela agitou a cabeça, muito exausta por dentro para achar a força para chorar. Quantas vezes ela tinha chorado? Desistido? Apenas para voltar para ele na primeira oportunidade. Porque ela continuava a esperar, rezar. Sonhar que o amor que ela sentia por ele descongelasse aquela camada de gelo que ela sentia em seu coração.

"Neném". A mão envolveu as bochechas dela enquanto ele a encarava em confusão. "Essa noite tem sido um inferno. Essa coisa toda vai partir a sua alma se você deixar. Não deixe que faça isso com você, Morganna".

"Como fez com você?", os lábios dela se moveram dolorosamente. "Onde está a sua alma, Clint?"

"Não, Morganna". Ele agitou a cabeça, negando a pergunta não dita. "Olhe ao seu redor. A noite foi cheia com sangue e traição. É o suficiente para tirar um homem endurecido do equilíbrio. Te jogará no caos se você deixar". Os lábios dela tremiam, mas não de lágrimas. Ela não podia chorar. "Estou cansada. Quero apenas dormir. Não preciso de sexo hoje à noite". Ele a encarou meditativamente. "Talvez eu queira. Talvez eu precise te sentir Morganna, me convencer de que você está realmente segura. Que desta vez você não foi machucada. Se você continuar com isso, um dia destes será o seu corpo em um necrotério, a sua vida tomada. É isso o que você quer? Todos os seus sonhos soprados com um espanador?"

Ela esticou os dedos que deslizaram pela mandíbula firme porque ela não pôde evitar tocá-lo. Não podia evitar amá-lo. Quando esta operação terminasse, ele sumiria e ela sabia disto. Ele iria embora, e quando o fizesse, o coração dela o seguiria, da mesma maneira que sempre tinha feito.

Cada missão ela choraria e se preocuparia. Todo dia sem ele seria uma eternidade. Cada noite sem ele seria deserta e fria. Durante algum tempo. Iria rasgar





seu coração, mas ela viveria, se assegurou. Da mesma maneira que sempre tinha.

"Talvez você esteja certo", ela sussurrou, os dedos caindo do calor da pele dele. "Vamos foder como se não houvesse amanhã, Clint".

Ela viu o estremecimento de irritação no canto dos olhos dele. Ele não gostou do termo explícito quando ela disse. Que pena. Ela estava cansada de fazer amor sozinha.

"O que estamos esperando?".

Os olhos dele se estreitaram para ela, um músculo de sua mandíbula se moveu em um tique enquanto ela sentia o ar entre eles se espessar com tensão.

"Você faria um santo se embebedar", ele grunhiu enquanto agarrava o braço dela e começava a levá-la de volta através da pista de dança.

Mas os dedos dele eram gentis, seu passo largo contido enquanto eles se dirigiam ao corredor.

"Que bom que você não é um santo", ela comentou sarcástica. "Então você ficará bem".

"Não comece, Morganna. Eu juro por Deus que achei que tinha sofrido um derrame quando vi aquele bastardo te levando para aquela porta dos fundos. Você acha que eu gostei?".

"Sim, Reno teria ficado puto se você tivesse deixado ele atirar em mim. Posso ver o problema que você teria". Ela o estava forçando. Sabia que estava. O pesar estava abrindo um buraco em seu coração, em sua alma, e ela não sabia como contê-lo. Ela não sabia como lidar com a perda que tinha visto hoje à noite ou do mal que tinha enfrentado.

O olhar que ele deu a ela chiava com ira.

"Oh, você vai me fazer ter um calafrio com esse olhar de grande e mau SEAL que você tem aí, Clint". Ela jogou a cabeça antes de dar a ele um olhar sedutor pelo canto do olho. "Não vá me deixar molhada antes de chegarmos à cama".

"Putá que pariu!", ele a arrastou pela entrada até a sala privada antes de empurrá-la contra a parede, mantendo-a lá com seu corpo mais alto e forte enquanto as mãos seguravam o rosto dela, jogando a cabeça para trás e encarando-a com luxúria aquecida. Não havia gelo lá. Ele estava se derretendo com a luxúria feroz, a fachada fina do controle.

"Você vai bancar o Dom agora comigo, Clint?", as mãos dela apertaram com força o abdome duro dele, os dedos luxuriantes ao sentirem os músculos duros sob a carne quente. "Eu poderia derreter se você fizesse".

O comprimento enrijecido do membro dele apertava contra a parte inferior da barriga dela, fazendo o pulso dela correr com a garantia de que pelo menos sua ânsia por ela ele não poderia se negar mais.

"Pare com isto, Morganna", ele disse entre dentes friccionados, fazendo uma careta com prazer doloroso enquanto seus quadris apertavam a ereção ainda mais





contra ela. "Você vai se destruir se não for cuidadosa".

As pálpebras dela se fecharam. A sensação das mãos dele emoldurando seu rosto, os dedos correndo devagar sobre as bochechas, enchendo-a com um prazer aquecido e enfraquecedor.

"Eu preciso de você", ela sussurrou desoladamente. "Você inteiro, Clint. Apenas uma vez, apenas desta vez, seja meu por inteiro".

Os olhos dele se alargaram apenas uma fração, um sombra neles enquanto a encarava de volta.

"Você vai nos destruir antes que isso acabe, Morganna".

"Apenas uma vez, Clint". Ela girou a cabeça para dar um beijo na palma da mão dele, a língua saindo, lambendo firmemente a pele calejada antes de se voltar para ele. "Uma vez apenas. Eu prometo que ninguém saberá, apenas nós dois. Não contarei o seu segredo".

"Oh, neném". O suspiro dele era agriçoce, o olhar pensativo. Abaixando a cabeça, ele descansou a testa contra a dela, o olha conectando ao dela de forma que ela pudesse ver o próprio reflexo nas profundidades da meia-noite. "O que eu faço com você?".

"Me ame". A respiração dela prendeu com emoção. "Eu não preciso das palavras, Clint. Você não tem que mentir para mim. Mas apenas uma vez, me dê mais do que apenas o seu corpo. Me dê algo para lembrar".

A respiração dela prendeu no peito, as pálpebras tremulando enquanto as mãos dele alisavam do rosto até o pescoço. As pontas dos dedos dele acariciando-a enquanto sua expressão lentamente mudava.

Ela sentiu a tensão pronta para a batalha deixar o corpo dele enquanto os dedos deslizavam em torno da nuca dela e os olhos dele se aqueciam, escurecendo até ficarem quase pretos. Ela nunca tinha visto os olhos dele assim. Ela já o tinha visto furioso, com um frio assassino, preocupado, e triste, mas ela nunca o tinha visto assim. Emoção pura. O abrandamento da expressão, os lábios mais cheios, como se a própria força de vontade dele o tivesse contido ao longo dos anos.

"Você sabe o quanto eu te desejo, Morganna?", ele sussurrou. "As noites em que eu estava no chão frio, ficando aquecido ao pensar em você?".

Ele abaixou a cabeça, os lábios apertando na quina dos dela enquanto a respiração dela aumentava, o prazer sedutor se derramando da expressão dele, a alma dela.

"Eu sonhei com você", ela sussurrou, sem se importar onde eles estavam ou se poderiam vê-los. "Eu sonhei com o seu toque, Clint. Sua voz como está agora". Ela estremeceu com o aperto dele enquanto os lábios se moviam sobre a mandíbula dela, os dentes apertando levemente contra a carne sensível.

"Nada mais de sonhar, neném", ele acalmou a dor desesperada que se formava no peito dela. "Apenas hoje à noite. Nós dois teremos o que precisamos. Apenas





hoje à noite...”

Apenas hoje à noite. Ela sobreviveria quando a noite estivesse terminada? A memória seria o suficiente?

Uma mão se moveu, o dedo polegar tomando os lábios, dividindo-os, preparando-os enquanto os olhos cintilavam como uma chama azul proibida da meia-noite nas profundidades de seu olhar. As sombras tinham sumido, o controle frio abolido. Havia apenas o homem, seu coração, sua alma alcançando-a, tocando-a.

Ela sobreviveria com esta memória pelo resto da vida, ela decidiu. Esta noite, para sempre.

"Vamos". Ele recuou devagar, a mão descendo pelo braço dela para pegar seus dedos nos dele. "No andar de baixo".

Havia uma diferença nele agora. Algo mais dominante, e ainda assim mais gentil. Mais morno. Como se as proteções que ele costumava usar para manter todo mundo a distância tivessem sido levadas para longe de repente.

Enquanto eles entravam no elevador e as portas se fechavam sem fazer barulho atrás deles, Morganna podia sentir a diferença em Clint. Fisicamente ele estava mais tenso, o corpo controlado, mais firme. Mas a aura de sexualidade envolta ao redor deles era mais funda, mais intensa. A sugestão de emoção que ela sempre tinha sentido dentro dele parecia inundá-la agora, como se um laço que ela nunca tinha sabido que existia entre eles de repente tivesse entrado no jogo.

A porta do elevador se abriu e ele colocou a mão nas pequenas costas dela, conduzindo-a até a entrada da suíte.

"Eu perdi a minha alma em você", ele sussurrou enquanto a parava, ficando atrás dela, os dedos se movendo para acariciar a barriga dela enquanto ele a puxava para mais perto.

O comprimento duro de sua ereção apertava na parte inferior das costas dela enquanto ela sentia os joelhos enfraquecerem.

"Eu perdi a minha na sua anos atrás". O laço de emoção entupindo a garganta dela dificultou a respiração. A voz dele era como um áspero veludo, acariciando os sentidos dela, afundando em seu coração.

Ela sentiu o remorso na vacilação pequena da respiração atrás de si e lutou para impedir as lágrimas. Nenhum remorso. Ela não lamentaria, não importava aonde a vida dela iria depois disso.

"Eu quero essa roupa fora de você". Ele jogou o cabelo dela para o lado com a bochecha, os lábios se movendo para a orelha dela. "Você sabe como me deixou louco hoje à noite, Morganna? Tudo o que eu podia pensar era em tirar essa roupa do seu corpo. Era tudo no que os homens nesse maldito clube podiam pensar".

Ela lutou para conseguir puxar o ar enquanto as mãos dele subiam, segurando os seios inchados antes dos dedos trabalharem nos pequenos ganchos que





seguravam as tiras de pano que corriam entre eles.

Ela precisava tocá-lo, de alguma maneira. Alguma forma. As mãos dela foram para trás, tocando as coxas dele enquanto ela resistia ao desejo de enterrar as unhas no couro que as cobria.

"Isso, neném", ele sussurrou antes de pegar o lóbulo da orelha dela com os dentes e arrastar sensualmente enquanto descia o top dos seios dela.

"Maldição, eu sabia que você estava usando eles. Amo esses lindos mamilos perfurados". Os dedos dele pegaram os pequenos anéis, arrastando sobre eles lentamente, enrijecendo ainda mais os mamilos.

O prazer se reuniu no útero dela, convulsionando-o com espasmos firmes enquanto ela sentia o arrastar do movimento pelas terminações nervosas.

"Foi você quem os comprou", ela ofegou, os olhos abrindo enquanto abaixava o olhar para assistir os dedos dele brincarem com as pontas violentamente sensíveis.

Clint pausou, como uma estátua atrás dela enquanto as mãos seguravam os lados inferiores dos seios, erguendo-os enquanto ele olhava por sobre o ombro dela.

"Você mandou alterar os brincos," ele rosnou, raspando os polegares por cima dos pontos duros e as pequenas bolas que mantinham os anéis fechados. "Comprei para você, para o seu aniversário".

Dois anos antes. O último presente que ele tinha dado a ela através do irmão dela, Reno. As implicações dos brincos tinham ficado mudas. O fato de que ela pertencia a ele, de coração e alma, não estava em dúvida. O fato de que ela usava os brincos não era mais do que um sinal externo disto.

Morganna mordeu o lábio à medida que ele se moveu, as mãos correndo dos seios dela até os quadris enquanto ele a girava. Ela o encarou, as pálpebras tremulando fracamente enquanto as mãos dele erguiam o top pelos ombros dela e o descia pelos braços. Caiu no chão, esquecido enquanto os olhos de meia-noite suaves como veludo a assistiam atentamente e suas mãos calejadas começavam a acariciá-la.

"Você vai me torturar até a morte?", ela arquejou enquanto os dedos dele passaram rapidamente ao longo das tiras do tecido sobre as coxas.

"Eu quero que a noite de hoje dure para sempre, Morganna". A cabeça dele curvou, os lábios se movendo sobre os dela à medida que ele falava, os olhos fixos nos dela. Nenhuma barreira, nenhum gelo. Apenas Clint. "Eu quero manter o amanhã o mais distante possível".

Ela queria mantê-lo distante para sempre.

Morganna ergueu os braços, enrolando-os ao redor do pescoço dele enquanto ela se movia contra ele, tomando seu beijo, sua paixão, com uma fome que batia por sua alma em um ritmo pesado, desesperado.





Ele comia os lábios dela, firmes beliscões ardentes, seguidos por beijos profundos e de derreter que a fizeram se contorcer contra ele, as mãos presas no cabelo dele enquanto ela lutava para segurá-lo junto a ela para sempre.

Ela estava apenas vagamente ciente dele erguendo-a, movendo-a até a o sofá de couro próximo onde ele a deitou sob ele. O calor a envolveu enquanto Clint veio, abriu a coxa dela com suas pernas, apertando contra o âmago dela enquanto ela arqueava contra ele.

"Tire a camisa". Os mamilos dela raspavam contra a seda, mas ela precisava do calor e da dureza da carne nua, sentir a batida do coração dele contra ela.

"Não ainda". Ele abaixou a cabeça, Os lábios apertando contra a lateral do pescoço logo antes dos dentes rasparem o local. "Isto é para você..."

"Para nós". Os dedos dela foram até a camisa dele. Esquecendo os modos ou qualquer semelhança de controle.

Clint ergueu a cabeça, o olhar se estreitando enquanto a encarava sob ele, observando enquanto ela arrancava a camisa dele de dentro da calça e terminava de abri-la. Ela a puxou sobre os ombros, deixando o resto para ele enquanto as mãos alisavam os duros e bem definidos músculos do peitoral, sentindo ondulá-los sob seu toque enquanto ele encolhia os ombros e tirava a camisa pelos braços.

A pancada pesada da arma e do suporte do coldre que ele usava nas costas foi uma lembrança do perigo que ela tinha enfrentado mais cedo, mas apenas serviu para exaltar a excitação. A adrenalina pulsava firme e rápida por seu sistema, da mesma maneira que a excitação queimava com doçura, consumindo tudo como fogo.

"Oh, Deus, sim", ela gemeu enquanto Clint a puxou contra ele, sentindo o calor da pele dele chamuscar as pontas sensíveis dos seios enquanto as mãos dele puxavam-na para mais perto, o gemido áspero acariciando seus sentidos enquanto as mãos acariciavam o corpo.

Ele a tocava como se não houvesse amanhã. Beijos quentes e úmidos jogavam a realidade para os cantos mais profundos da mente enquanto as mãos prendiam nos cabelos dela, segurando-a firmemente embaixo dele.

A perna entre as dela pressionou mais firme entre as coxas, entalhando contra a carne em chamas de seu sexo enquanto o clitóris inchava em resposta. Ela estava afogando na fome sexual que ele despejava sobre ela, por ela. Perdida em Clint enquanto saboreava cada toque.

"Eu preciso de você nua". Ele disse longos momentos mais tarde. "Nua e selvagem embaixo de mim, Morganna".

Ela abriu bem os olhos, chocada com o brilho nos olhos azuis profundos. Chamas azuis, tão escuras que eram quase pretas, reluzindo com pontos brilhantes de luz.

"Agora", ela sussurrou, as mãos indo para o cinto de couro largo dele que





cilhavam seus quadris apertados.

A risada enquanto ele pegava as mãos dela era má, sedutora.

"Você primeiro". Ele empurrou as mãos dela para o lado, recuando enquanto ele enganchava os dedos na calça dela. O tecido elástico que moldava o corpo dela saiu facilmente de suas pernas enquanto ele a despiu, revelando a minúscula calcinha de seda preta que ela usava por baixo.

"Por Deus", ele gemeu enquanto jogava as calças para o lado, as mãos movendo para dentro das coxas enquanto ela estava aberta para ele, nada além de um triângulo de seda que a protegia de sua visão, seu toque. Ela desejava não a ter vestido.

"Toque-se para mim".

Os olhos dela se alargaram com as palavras. Não era o que ele havia dito; era como ele tinha dito. A voz quase gutural, a demanda enviando labaredas de prazer que gerava espasmos em sua vagina.

"Enfie os dedos na calcinha", ele a persuadiu novamente. "Deixe-me te assistir tendo prazer consigo mesma, Morganna".

Ela ergueu a mão do sofá, permitindo a um dedo se arrastar devagar pelo abdômen enquanto observou o rubor escuro que coloria as maçãs do rosto dele.

Enquanto os dedos dela se moviam para mais perto da faixa estreita da calcinha, as mãos dele foram para o cinto enquanto ele ainda estava ajoelhado entre as coxas dela.

"Provocadora", ele grunhiu, observando enquanto ela corria as pontas dos dedos sobre a faixa elástica antes de inseri-los sob ela, e pausando.

"Eu que sou a provocadora?", ela questionou com um sorriso. "Vamos, Clint, pare de brincar com as suas calças e as tire agora. Vamos ver o quanto você me quer".

Ela estava pasma de conseguir falar, isso sem falar em provocá-lo. Ela estava tão excitada que ansiava por ar.

"Oh, neném, não tenha nenhuma dúvida de que eu a quero". O sorriso era apertado, os olhos estreitos enquanto os dedos se moviam apenas abaixo da faixa de seda elástica.

Morganna assistiu enquanto ele soltou o cinto, então abriu com tudo a calça de couro. Dentro de segundos o material se abriu sob os dedos dele enquanto ele mostrava a cueca cinza escura e puxava-a mais para baixo mostrando o membro ereto. Os quadris empurrando com desejo enquanto os dedos deslizavam mais para baixo. "Continue". A expressão era pesada, com intento sexual, Os lábios mais cheios, as maçãs do rosto mais escuras. "Leve os dedos mais para baixo, neném. Provoque-me. Deixe-me te ver mover os dedos sob a seda e imaginar a carne suave que você está tocando".

Enquanto os dedos seguravam o anel dourado que havia colocado no prepúcio,





os dedos dela deslizaram entre as próprias coxas, abrindo caminho nas pregas lisas e saturadas de seu sexo.

"Foda, isso!", os lábios dele se apertaram enquanto os dedos se enrolavam ao redor do pau, acariciando-o lentamente enquanto ele a assistia se tocar, assistia a seda de sua calcinha se movendo sobre a mão.

"Você está molhada, neném?", ele grunhiu. "Muito molhada", ela respirou roucamente. "E inchada. Eu te desejo, Clint".

Os dentes dele cerraram, o músculo na lateral da mandíbula dobrando convulsivamente enquanto ele esticava a outra mão, puxando o triângulo pequeno do tecido para o lado para assisti-la.

"Oh sim, neném", ele sussurrou enquanto os dedos dela circulavam o clitóris, fazendo-o inchar ainda mais enquanto pulsava em necessidade. "Deslize para baixo. Deixe-me te ver entrando em si mesma. Eu preciso ver, Morganna. Mostre a mim como você se dá prazer quando eu não estou com você".

Ela gemou com o tom escuro, a suspeita de que assim como ela, Clint estava construindo memórias. Ela fez como ele pediu, os dedos se movendo mais para baixo até que um dedo estava imergindo dentro da profundidade quente e molhada de sua vagina.

Como ela fazia para se dar prazer quando ele não estava ao redor? Desesperadamente. Ela gemia e clamava seu nome e se contorcia embaixo dele enquanto o dedo penetrava seu canal dolorido. Os quadris se erguiam, os pés afundavam no sofá de couro enquanto a palma se juntava sobre o clitóris e ela começava um ritmo fixo projetado para fazê-la se liberar. Exceto que o prazer era mais forte desta vez; zombava de qualquer sensação que ela tivesse sentido sem o olhar dele sobre ela.

"Oh sim". Ele acariciava o membro enquanto a assistia, os músculos duros do estômago apertando enquanto ela erguia os quadris para encontrar a estocada de seus próprios dedos, o som da carne molhada encontrando os movimentos desesperados colidindo com sua respiração ofegante. "Maldição, isto é lindo. Tão doce e bonito", ele grunhiu enquanto começava a empurrar as calças, empurrando-as para baixo dos quadris antes de xingar. "Malditas botas".

Ela estava perto, muito perto para achar o humor nas palavras dele ou entender o que elas queriam dizer.

"Clint". Ela sussurrou o nome dele como fazia quando estava só, apenas capaz de olhar fixamente para ele, lutando para manter os olhos abertos o suficiente para assistir seu rosto. Essa seria outra memória para guardar quando ele partisse. Ela não queria perder um único momento.

"Sim, neném", ele grunhiu, movendo-se para mais perto dela, as calças nas coxas enquanto uma mão agarrava o pulso dela. "Já é o suficiente".

Ela clamou em protesto.





"Fácil, neném". Ele deixou os dedos dela livres de sua própria carne molhada antes de erguê-los até a boca enquanto se movia para se posicionar, correndo entre as coxas dela enquanto ficava sobre ela. Os olhos quase pretos, queimando com luxúria e emoção enquanto ela sentia o membro dele apertar a abertura tenra de sua vagina.

Uma estocada dura enviou o pau dele para o fundo do canal dolorido dela enquanto os lábios corriam pelos dedos, chupando-os enquanto a vagina dela sugava a carne espessa que a invadia.

Chamas batiam na mente dela enquanto um calor em chamas enchia seu núcleo. Uma mão agarrou os quadris dela, erguendo-a mais perto enquanto ele apoiava os joelhos no sofá e os quadris começavam a empurrar a vara espessa de sua ereção dentro dela com movimentos fundos, duros.

Era tão bom. As mãos afundavam no couro do sofá enquanto ela se erguia para ele. Oh Deus, ela estava muito perto de gozar, podia sentir o aperto firme no útero, o fogo que chiava dentro dele, sabia que não duraria por muito mais tempo.

A expressão no rosto de Clint a deixava encantada; a luxúria e a emoção furiosas nos olhos teriam roubado a respiração dela se ainda existisse alguma remanescente no corpo.

"Isto mesmo", ele gemeu. "Aperte ao meu redor, neném". O gesto era de um prazer doloroso enquanto ela sentia as contrações a atacando, a liberação a chamando.

"Me observe". O comando severo fez os olhos dela abrirem, olhando fixamente enquanto o ritmo de suas punhaladas aumentava, o pau bombeando dentro e fora do canal desesperadamente apertado de sua vagina enquanto gemidos e arquejos começavam a deixar sua garganta.

Ela observava. A expressão apertada, via o prazer violento que enchia seu olhar enquanto ela finalmente deslizava além da extremidade.

A explosão detonada em seu útero a pegou de surpresa. Mente. Corpo. Coração e alma. Ela se contorceu nos braços dele, empurrando de volta para ele mais firme enquanto as chamas corriam por seus sentidos e tomavam de surpresa seu sistema nervoso.

O cataclisma físico foi além do prazer, além do êxtase. Consumiu sua alma enquanto ela sentia a punhalada dura e final dele um segundo antes dos jatos fundos e aquecidos de seu sêmen começassem a enchê-la.

Ela sentiu a liberação dele com uma sensação de aceitação agridoce. Dessa vez ele tinha dado a ela tudo de si, apenas para negar a ambos a escolha de ela um dia carregar um filho dele.

Enquanto Clint desmoronava sobre ela, os braços de Morganna se ergueram para os ombros dele, envolvendo-os enquanto ela o abraçava bem perto. As batidas do coração de um contra o outro ferozmente, agitando seus corpos enquanto os





tremores finais passavam por eles.

"Se eu pudesse mudar, mudaria por você", ele sussurrou na orelha dela. "Se eu pudesse mudar o passado, faria por nós dois".

Ele era um tipo de homem. Mas isso era certo, no momento; ela estava saciada, repleta e morna. No momento, ela o deixaria acreditar no que quer que ele quisesse acreditar. Ele podia continuar a acreditar que era livre para fazer o que quisesse e não sentir amor, por enquanto. Ele era dela. Ele apenas ainda não tinha percebido isto.

"Eu te amo de qualquer maneira", ela sussurrou. "Eu sempre te amarei, Clint".

Enquanto as palavras eram sussurradas de seus lábios, uma vibração baixa começou a zumbir pelo apartamento. Não era um alarme penetrante, mas os olhos dela se alargaram com o conhecimento de que era um alarme da mesma maneira.

Capítulo 27

"Vamos!", Clint saiu de perto dela ao ouvir o alarme ecoar pela segunda vez pelo apartamento, jogando sua camisa para ela antes de depressa pegar as calças e colocá-las. Morganna lutou para colocar a camisa, os dedos a ajeitando enquanto os olhos se erguiam para a entrada da cozinha e ela congelou, ciente de Clint ter feito o mesmo ao ver que eles enfrentavam o pesadelo que a estava assombrado.

Roberto Manuelo estava de pé na entrada entre a sala de estar e a cozinha, um sorriso benigno no rosto enquanto segurava a pequena e letal metralhadora em um braço, o dedo acariciando o gatilho com prazer óbvio. Ao seu lado estava Jenna Lancaster.

"Eu não perderia meu tempo me vestindo". Ele os observava com um fanático cintilar nos olhos pretos. "Eu apenas teria que despi-la mais tarde, e isso apenas me irritaria".

Morganna puxou a bainha da camisa de Clint enquanto fitava os dois em choque.

"Eu te disse que ela nunca suspeitaria de mim", Jenna disse zombeteiramente enquanto escorava a mão no quadril largo e jogava o cabelo escuro sobre os olhos para trás. Os olhos dela cintilavam com uma intensidade drogada que era quase apavorante. "Não mais do que o Sr. Traseiro Gostoso Masters que achava seus cartões-chave privados podiam ser duplicados. Tudo o que foi necessário foi estar no lugar certo, na hora certa. Ele nunca saberá como foi fácil de enganá-lo e a sua preciosa cadela de segurança".

Morganna respirou profundamente, lutando para se controlar enquanto sentia a arma de Clint aos pés. Não havia como se abaixar e pegá-la. A metralhadora de Manuelo passaria pelo sofá de couro em segundos. A única chance que eles tinham era esconder a arma.





Enquanto o pensamento tomava forma na mente dela, ela sentiu Clint se mover, sentiu o braço dele vir ao redor dela enquanto ele a puxava contra ele, sutilmente empurrando a arma de fogo contra a extremidade do sofá com o pé enquanto fazia isso.

"O alarme está diretamente ligado ao centro de controle do Masters, Roberto", Clint disse a ele tranquilamente. "Ele saberá que você está aqui".

"Minha pequena Jenna cuidou disto também". O sorriso era frio, cruel. "Ela tem sido um ótimo recurso nesta pequena aventura, da mesma maneira que Samuels foi. Claro que o pequeno caso dela com um dos seguranças do Drage ajudou imensamente. Parece que ele tem um pouco de prazer perverso em foder no escritório do chefe. Para o sucesso, meu querido, é necessário achar o ponto fraco. E ele era muito, muito fraco quando a questão era a adorável Jenna".

Morganna viu o cintilar calculista nos olhos de Manuelo enquanto ele virava o olhar para Jenna. Ele a mataria, Morganna sabia disto. A utilidade de Jenna para ele já tinha acabado.

"E o que você ganha com isso, Jenna?", Morganna perguntou amargamente.

"Eu me livro de você". Jenna revirou os olhos zombeteiramente. "A queridinha do escritório e dos clubes. Todos os Dons te querem, ou querem ser como você. Você tem sido uma pedra no meu sapato desde que apareceu, cadela. Eu serei a mulher do Roberto, assim que toda essa coisa desagradável tiver terminado".

Morganna agitou a cabeça em confusão. "Eu não te fiz nada, Jenna".

"Você não fez nada para mim, também". Ela enrolou os lábios em um gesto de zomba. "Todos os Dons que eu queria, queriam você. Todo mundo queria ser amiguinho da Morganna. Nojento. Mas me libertar de você é apenas a ponta do iceberg. Como mão direita do Diego, Roberto é algo que você não entende, doçura, é uma conta bancária ilimitada com todo o poder que almejo".

Poder que ela nunca viveria para usufruir.

"Ele vai te matar", Morganna sussurrou. "Você nunca vai usufruir do dinheiro ou do poder, Jenna".

Jenna franziu o cenho, moveu o olhar lentamente para Manuelo enquanto agitava a cabeça. "Ele precisa de mim. Não precisa, Robby?".

"Claro, amor". Havia zombaria nas palavras enquanto os lábios finos se enrolavam na cópia de um sorriso.

"Você sempre estará segura".

Um sorriso triunfante curvou os lábios cheios de Jenna enquanto ela se virava para Morganna.

"Nós temos o tio e o sobrinho do Diego", Clint disse. "Eles não conseguiram sair".

Manuelo riu. "Até onde me importa, eles são perdas aceitáveis. Isto não é sob as ordens de Fuentes, de qualquer maneira. Ele não se importará de matar quem é





estúpido”.

Manuelo era tão doente, tão demente, quanto Fuentes.

"Se não são por ordens do Fuentes, então por quê?", Clint estreitou os olhos para a dupla.

"Vingança". Os lábios de Manuelo se curvaram enquanto uma careta se formava em sua expressão. "Sua cadela é responsável pela morte do meu irmão. Quando ela o entregou, permitindo àqueles agentes bastardos do DEA prendê-lo, Diego o matou. Agora ambos têm que pagar por isso. Diego pode estar disposto a jogar com você por causa da vida da família que você matou na Colômbia, mas eu não jogo”.

"Sim". A voz de Clint era fria, gelada com a falta completa de emoção. "Foi uma pena com o seu irmão, Robby, mas do que eu ouvi, ele foi um ótimo espião na sua pequena organização”.

Os olhos de Manuelo chamejaram com ira. "Nunca. Santos nunca teria me traído”.

"Por que você acha que ele estava encontrando com Markwell?", Clint disse suavemente. "É por isso que Fuentes o matou. Ele contatou o meu homem na tentativa de me achar. Você é uma doença. Manuelo, como o seu chefe. Até o seu irmão sabia disto”.

"Mentiroso! Bastardo. Eu criei Adônis. Ele estava lá para matar o seu homem”.

Clint bufou. "Hm-hum. Sim. Ele sabia que podia pegar um SEAL. Vamos, Robby, você sabe bem que não é assim. É por isso que Fuentes o matou para você. Estripou-o como um peixe, porque ele estava dando informações a Markwell”.

"Ele está te provocando, Robby", Jenna sussurrou ao lado dele, a mão apertando o braço imperativamente. "Não o deixe te irritar”.

"Ele está mentindo". Manuelo empurrou o braço dela. "Meu irmão nunca faria isso”.

"Evidentemente você realmente não acredita nisso", Clint riu zombeteiramente enquanto o homem olhava ferozmente de volta para ele, um cintilar de loucura enchendo os olhos. "Por que outro membro do meu time foi morto com ele? Diego o estava observando; ele sabia que Santos era um vínculo fraco”.

"Cale-se!", Manuelo ergueu o barril da arma, a fúria contorcendo suas feições enquanto ele olhava ferozmente para Clint.

"Robby, doçura, não deixe ele te provocar". Jenna estava preocupada agora, mas diabo, Morganna pensou, ela também estava. Clint tinha perdido a cabeça?

Ela mantinha os olhos em Fuentes, o olhar chamejando nervosamente para o dedo que acariciava o gatilho.

"Sim. Mate o mensageiro". Clint estava tenso, apesar da voz confiante e relaxada. "Deve ser uma droga saber que o irmão mais novo estava tentando fazê-lo ser morto. Você não o criou, Robby? Não se sacrificou por ele?”.





"Não. Não o meu irmão". Ele agitou a cabeça desesperadamente, os lábios torcidos com pesar. "Ele não faria isso".

"Ele era um informante, da mesma maneira que Grant era o seu. Você não se perguntou por que ele foi solto da prisão tão rápido?", a sugestão insidiosa na voz de Clint fez a cabeça do homem se erguer nitidamente. "Diabo, Robby. Joe precisava de sua fonte de informações do lado de fora, não na prisão".

Não era verdade, Morganna sabia. Clint estava jogando com Manuelo, trabalhando suas emoções, sua ira. Sua instabilidade. Era fácil de ver que o geral do Fuentes não era tão estável quanto devia ter sido um dia.

O irmão era ainda menos estável. Ele e os homens presos com ele tinham sido soltos na esperanças de levarem o DEA até os laboratórios ou ao fornecedor, por que eles não tinham conseguido obter mais informações.

"Não!", a arma erguida, o dedo apertando o gatilho. "Santos nunca teria feito tal coisa. Você está mentindo".

"Não, Robby, esse não era o nosso plano", Jenna se moveu furiosamente ao lado dele. "A sua vingança não virá desse jeito, nem a de Fuentes. Ele o punirá por não os levar como ele ordenou.

Manuelo estremeceu, a mandíbula cerrando enquanto ela cravava os dedos no braço oposto.

"Você o está deixando manobrá-lo, conduzi-"

"Outra fêmea controladora, Robby?", Clint zombou. "Ela me lembra a Carmelita. Garoto, aquela mulher tinha uma raia má, não é? Não foi ela quem fez o Santos se viciar em drogas?".

Os olhos de Manuelo chamejaram para Jenna.

Deus, Morganna esperava que Clint soubesse o que estava fazendo. Ela podia sentir a mão dele nas costas dela, acalmando-a, reassegurando-a, enquanto ele acabava com os últimos limites da sanidade do homem.

"Cale-se antes que eu mesma te mate". Jenna ergueu a pistola que carregava ao lado do corpo.

"Para mim, Robby, parece culpa", Clint murmurou. "Ela está terrivelmente desesperada para nos calar. Aposto que Carmelita a treinou".

"Você quer fechar a boca, McIntyre? Você pode gritar por clemência enquanto os homens do Diego estupram a sua cadela. Você gostará de vê-la implorar para ser fodida enquanto os soldados dele fazem fila para prová-la?", Jenna fez uma careta com ira.

Clint suspirou fortemente. "Não perca seu tempo me ameaçando, Jenna. Você é um pequeno inseto se arrastando atrás do Robby. Agora, Carmelita, ela sim era um animal. Ela teria colocado uma bala nas nossas cabeças de cara e se desculparia mais tarde. Ela nunca teria deixado Diego vê-la tentando assumir o comando. Melhor ficar de olho nela, Robby. Você pode ter uma mulher que não conseguirá dar





limite”.

Manuelo agitou a cabeça, o cabelo preto caindo diretamente sobre a sobrancelha enquanto encarava Clint furiosamente.

"Doçura, ele está apenas tentando te enrolar". Jenna estava frenética agora. "Santos amava você. Não o deixe fazer isto com você”.

"Assim como você o ama, Jenna?", Clint zombou. "Ele te bate até você sangrar? Ou ele prefere te deixar ficar numa cama vazia enquanto brinca com suas outras mulheres como Fuentes faz? Aposto na segunda opção. Inferno, eu sei porque o vi em um quarto de janela na semana passada. Aquela pequeno loira que ele estava fodendo com certeza não era você”.

"Cale-se!", Manuelo marchou furiosamente através do quarto, movendo-se em torno do sofá até que estava a poucos metros deles, a arma apontada diretamente para o coração de Morganna.

Clint ficou mudo. Ela podia sentir a satisfação que fluía dele, assim como podia sentir a prontidão completa de seu corpo. Que ele pensava que sabia o que estava fazendo, Morganna não tinha dúvida. Mas aquela arma preta não estava apontada para ele; estava apontada para ela. Ela encarou o barril abaixo cautelosamente.

"Você vai deixá-lo te derrotar", Jenna silvou na orelha de Diego. "Esse não era o plano. Dê-me a seringa e nós a levaremos daqui”.

"Só sobre o meu cadáver", Clint sibilou.

"Isso pode ser resolvido". A raiva que se formava em Jenna era clara. Estava lívida.

"Não, Robby me quer vivo, assim como Diego", Clint disse a ela confiante. "Ele quer me ouvir gritar enquanto estupra a minha mulher. Infelizmente, ele é esperto o suficiente para saber que não poderá nos arrastar daqui drogados”.

"Tudo o que nós precisamos é da cadela", Manuelo ralhou.

"Você terá que me matar para levá-la, e sabe disso. Então, como pretende solucionar isto?”.

Manuelo estava respirando forte agora, uma fina camada de suor brilhava na testa escura enquanto ele encarava Clint com olhos enfurecidos. Pequenos tremores rasgavam o corpo de Manuelo enquanto Jenna o assistia preocupada.

"O que você diz sobre o meu irmão, não é verdade". A voz dele era rouca, o dedo apertando confortavelmente demais o gatilho da arma.

Jenna se moveu para o lado de Manuelo, ela parecia definitivamente nervosa agora enquanto Diego começava a tremer com ira. Clint encolheu os ombros. "Nós passamos dois anos investigando a organização do Fuentes antes que fossemos a sua base na Colômbia. Nós tínhamos espiões em todos os lugares. Santos era um dos nossos melhores”.

A fúria que subjuguou o outro homem seria apavorante se Morganna tivesse tempo para ficar apavorada. Enquanto Manuelo erguia a arma, Clint se moveu.





Antes que ela pudesse fazer mais do que arfar, ele agarrou o barril, levando-a para longe dela enquanto ele batia em Jenna com as costas da mão e pegava a arma de sua mão quase ao mesmo tempo.

Morganna não pensou; seguiu a outra mulher. Enquanto Jenna estivesse se movendo, seria um perigo, e Morganna tinha a impressão de que Clint iria cair na mão com Manuêlo.

Enquanto Jenna ia para trás com a força do tapa de Clint- não teve a sorte de nocauteá-la - Morganna esticou a mão apontando para o nariz da mulher.

Mas Jenna não era tão lenta quanto a atitude dela levava os outros a acreditar. Antes que Morganna pudesse dar o soco, Jenna jogou a cabeça para trás, fazendo o soco resvalar no queixo. Mas isso deu a Morganna a chance que precisava.

Um chute circular jogou Jenna para trás onde Clint e Fuentes estavam trocando socos com uma força que soava como se dois cavalos estivessem chutando um ao outro.

"Sua maldita prostituta!", Jenna gritou enquanto o sangue fluía de seu nariz, a expressão torcida com ira maníaca enquanto chutava os sapatos para longe e erguia os punhos. "Vamos lá. Cadela".

Oh, sim, ela iria para uma briga com os punhos, Morganna pensou sarcasticamente. Ela achava que não. Ela chutou, pegando Jenna no intestino e jogando-a mais para trás.

Equilibrando nas pontas dos pés, Morganna ficou grata por ter fechado alguns dos botões da camisa que Clint tinha dado a ela um momento antes de Manuêlo e Jenna aparecerem. Caso contrário, ela teria mostrado um pouco de carne a outra mulher, e Morganna odiaria dar à Jenna, uma bissexual, esse prazer.

"Vamos lá, Jenna". Morganna chamou a outra mulher com um estalido dos dedos. "Venha e me mostre o que você sabe. Vou chutar o seu traseiro por isso; então eu vou te ver ser arrastada para longe algemada quando Drage descer aqui".

"Drage não virá", Jenna zombou. "Eu te disse, eu incapacitei tudo".

"Ele verá, se já não viu. E ele saberá", ela assegurou Jenna com um sorriso frio enquanto elas circulavam uma ao redor da outra. "Ele saberá, Jenna, e quando ele olhar para você, te dará aquele pequeno gesto zombador que você sempre odiou tanto. Não será uma droga?".

Atrás dela, ela podia ouvir Clint e Manuêlo grunhirem entre os socos. Droga, ela desejava que Clint acabasse logo com o pequeno desprezível. Morganna odiava lutar.

"Cadela, eu mesma vou te foder", Jenna rosnou, baba escorrendo do canto da boca e misturando com o sangue do lábio. "Você e o seu namorado".

Morganna imitou a zomba de Drage. A leve curva dos lábios, a expressão sabedora e cínica. A outra mulher gritou com fúria antes de se apressar. Infelizmente, ela pegou Morganna de guarda baixa. Apenas um pouquinho,





Morganna se assegurou. Mas o soco de Jenna bateu no rosto de Morganna jogando-a para trás um segundo antes de Jenna a agarrar.

"Droga". Morganna foi para o chão enquanto batia o joelho na pélvis de Jenna, fazendo a outra mulher se dobrar com dor.

Ela deu um soco firme na lateral do rosto de Jenna e ela desmoronou no chão enquanto Morganna rolava sobre os joelhos e subia para o sofá. Ela podia ver a arma embaixo da extremidade, ainda no coldre, enquanto Clint e Manuêlo agarravam um ao outro.

Ambos estavam sangrando. E Manuêlo tinha uma faca. O sangue molhava o tórax de Clint com um corte raso no esterno e novamente abaixo, no abdome. Manuêlo estava esgrimindo com a faca como um demônio, apesar do nariz obviamente quebrado e a hemorragia. Enquanto o outro homem arremetia com a faca novamente, Clint deu um chute firme no joelho de Manuêlo, obviamente pretendendo mandá-lo ao chão. Que poderia ter dado certo se ele não tivesse conseguido, de alguma forma, arrastar Clint com ele.

Enquanto Morganna pegava a arma embaixo do sofá e a arrancava do coldre, dedos arranharam seu cabelo, jogando-a para trás.

Maldita Jenna. Morganna jogou o cotovelo para trás, ouvindo o som de dor da mulher com intensa satisfação um segundo antes de girar para Jenna, dobrado seu punho, e batendo-o em seu rosto.

Os olhos de Jenna reviraram enquanto ela tombava para trás. Segurando a arma, Morganna se virou, encarando com horror Manuêlo sobre Clint, a faca entre eles enquanto eles lutavam por ela.

Morganna ergueu a arma, as mãos tremendo enquanto o medo rasgava seu corpo. Enquanto o dedo apertava o gatilho, um soco firme nas costas a fez perder o equilíbrio.

"Eu vou arrebentar a merda da sua cabeça!", Morganna gritou, girando enquanto outro soco arrancava a arma de suas mãos.

Jenna estava com os pés cambaleando, sangue empapando o rosto, e os olhos ofuscados. Enquanto ela puxava o pé e dava um chute, Morganna agarrou seu tornozelo e o puxou.

Jenna afundou com uma pancada, mas não tinha desmaiado. Droga, Morganna não tinha a merda do dia todo para ficar nisso. Enquanto ela segurava a outra mulher no lugar, Morganna sentiu pena do vaso que tinha visto segundos antes. Onde diabo...? Aí estava. Os dedos dela envolveram o vaso enquanto o erguia, com uma onda de força, jogou-o na cabeça da mulher maior.

Se quebrou assim que bateu. Os olhos de Jenna alargaram, escureceram; então ela tombou para o chão novamente. Deus, ela precisava ficar lá. Morganna rastejou pelo chão até a arma, a cabeça se ergueu e os olhos arregalaram.

Enquanto Manuêlo e Clint lutavam pela faca, Morganna viu Clint curvar os





pulsos do outro homem, girando a faca lentamente em direção ao seu dono, logo abaixo do tórax. Mas foi a sombra que se moveu atrás de Manuêlo que segurou o olhar dela. O semblante escuro da morte que empurrou o Sul-americano para trás e deslizou uma lâmina mortal através da garganta.

O sangue esguichou do ferimento enquanto um grunhido animal de ira deixava os lábios de Kell Krieger. Os olhos verdes elétricos estavam estreitados, ferozes, predatórios, e cheios com satisfação enquanto andava para trás e via sua vítima tombar ao lado de Clint.

"Clint". Morganna ficou de pé tropeçando, o olhar concentrando-se em seu peito. Estava subindo e descendo; ele estava respirando. Isso era tudo o que importava. Ele estava respirando.

"Merda. Jenna ainda está viva?", ele pegou a mão de Kell e ficou de pé.

"Ela está inconsciente", Kell declarou, a voz fria.

"Merda, filho!", Clint o encarava em choque.

Os olhos verdes de Kell estavam tranquilos, a expressão cheia com satisfação. "Parece que nós conseguimos". Os lábios se ergueram em um sorriso.

"Você conseguiu". Clint olhou de relance para o cadáver agora deitado no chão enquanto agitava a cabeça. "Maldição, você o pegou mesmo".

Morganna estava ao lado, olhando em choque enquanto os elevadores se abriam. Drage, Jayne, Reno, Raven e Joe entraram apressados, armas na mão, as expressões cheias com horror enquanto encaravam a destruição.

"Parece que nós chegamos um pouquinho tarde", Drage estremeceu com o sangue sujando o carpete.

"Morganna". Reno saiu apressado para o lado dela enquanto Raven se movia para o irmão.

"Você conseguiu me arrastar de volta para casa da minha lua de mel, Clint". Raven o estava punindo, mas a voz estava cheia de preocupação.

Vozes vibraram ao redor de Morganna, martelado em seu crânio, e não importava o quanto ela tentasse se livrar do irmão para chegar a Clint, Reno se recusava a deixá-la ir.

Ela podia sentir as lágrimas que lavavam o rosto enquanto a reação aparecia. Ela precisava de Clint, apenas por mais um minuto.

"Me solta!", ela tenta se soltar de Reno, olhando ao redor, procurando por Clint.

"Morganna". Ela balançou para o outro lado enquanto ouvia a voz dele, os olhos largos enquanto Clint de repente a puxava nos braços. Ele estava lá. Oh, Deus, ele estava bem. Sangrando, os olhos estavam enegrecidos, os lábios inchados, mas ele estava bem.

Ela correu a mão pelo rosto dele, os ombros nus, o tórax, passando sobre a linha de sangue onde a faca de Manuêlo havia rasgado a pele.





"Não é muito fundo". Clint tocou a contusão na bochecha dela, a escuridão dos olhos, rodando com sombras e, embaixo delas o frio que ele sempre carregava. "Você está bem, neném?".

Clint correu as mãos pelos braços da Morganna, e as costas.

Ele ignorou a desaprovação no olhar de Reno, a preocupação de Raven. Deus, Morganna tinha lutado como uma gata selvagem. Ele tinha pegado alguns vislumbres nas poucas vezes em que Manuêlo o tinha pegado com aquela maldita faca, e ela tinha mandado muito bem.

"Eu estou bem". Ela estava confusa, tremendo, em choque. "Você tem certeza de que está bem?".

"Eu estou bem, neném. Mas o relato dessa missão será de matar.". Clint suspirou. Ele não queria deixá-la ir. Ele não queria deixá-la. Mas era melhor agora do que mais tarde. Se ele a deixasse agora e apenas não retornasse, então as chances dela se recuperar, de ele se recuperar, eram melhores.

"Não vá". Ela o encarou com olhar consciente.

Deus o ajudasse, ele podia afogar nos olhos dela, mesmo agora. Ela era como uma droga que ele não conseguia se livrar do corpo, ele tinha começado a depender demais dela tanto quanto respirar. E ele não podia mantê-la.

Ele sabia que não podia mantê-la. Ele a amava. Amava-a com tudo em seu coração, sua alma, seu mundo, tudo era consumido por Morganna. E ele estava completamente assustado. E se ele fosse como o pai? Como ele poderia viver machucando-a?

"Eu tenho que ir, neném-"

"Se você me deixar, não volte". Ela foi para longe dele enquanto ele a encarava, surpreso pelo aço súbito que viu nos olhos dela.

"Morganna...", ele não sabia o que dizer. Ele odiava a dor que via florescer nas profundidades cinza e aveludas de seus olhos, a traição que relampejava através da expressão.

"Se você não voltar para a minha cama logo, se não voltar para mim logo, não irá dividi-la comigo novamente, Clint McIntyre", ela disse a ele ferozmente.

"Faça o relatório da missão; ajeite todas as pontas soltas-", a respiração dela engatou, os olhos furiosamente cheios com lágrimas. "Se você me deixar, não precisa voltar".

Ele respirou roucamente, e droga, ele podia sentir as mãos tremendo. Os olhos estavam como antes quando ela estava brigando com Jenna.

"Eu te conheço", Morganna sussurrou, as mãos cravando nos antebraços dele enquanto ela olhava ferozmente para ele. "Se você pensa que vai embora, e depois





voltar quando não aguentar mais, como faz há anos, então, perdeu a cabeça. Eu vou cortar o seu coração e dar para o meu gato comer”.

"Você não tem um gato, Morganna", ele disse a ela suavemente.

"Eu comprarei um", ela ralhou. "Então irei até o cara maior e mais mau de inferninho que encontrar e me casarei com o roceiro maior e mais mau do Sul que achar e ele dará um chute no seu traseiro.". Uma única lágrima desceu pela bochecha dela. "Não faça isto, Clint”.

O que diabo ele iria fazer com ela?

"McIntyre, nós precisamos de você conosco", o investigador chamou cortante enquanto carregava o cadáver de Manuêlo e o corpo inconsciente de Jenna.

"Estou indo". Clint anuiu com a cabeça firmemente antes de se voltar para Morganna.

"Estou falando sério, Clint", ela rosnou, o dedo cutucando o peito dele enquanto a expressão ficava feroz. "Estou indo para casa, se você não estiver lá quando tudo estiver dito e concluído, então não perca seu tempo em entrar na minha vida novamente”.

"Você ficará melhor sem mim", ele sussurrou. "Sabe que ficará, Morganna”.

Ela respirou profundamente; a briga dela de conter as lágrimas estava partindo o coração dele.

"Você me ouviu", ela repetiu rouca enquanto saía dos braços dele. "Se você não me ama, se não pode lutar comigo, por mim, então, por Deus, eu não preciso de você e, com toda a certeza, não vou querer você. Pense nisso”.

Ele a deixou ir. Os braços dele apertados ao lado do corpo enquanto ele lutava com a necessidade de puxá-la de volta, lutava com cada instinto dentro dele que impedia as palavras de saírem dos lábios.

"Tenho que ir", ele finalmente grunhiu enquanto alguém chamava seu nome novamente.

"Vá", ela sussurrou. "Estou indo para casa. Espero te ver lá. Logo, Clint. Logo”.

Ele conhecia Morganna. Conhecia seus humores e conhecia sua teimosia, e ele sabia que ela estava séria. Se ele não voltasse assim que possível, então podia dar adeus. E se ele retornasse? O pensamento de machucá-la, de atingi-la como o pai dele o havia atingido o apavorava.

E a vasectomia não era a rede de proteção que ele pensava que seria. Ele conhecia sua mulher, por dentro e por fora; não seria muito antes que ele estivesse tentado a revertê-la, antes que ele cedesse à necessidade que ela tinha por crianças, por uma família. Diabo, deixá-la sem nada e grávida poderia ser o único jeito de mantê-la longe de problemas e enviá-lo ao inferno.

Clint se forçou a se virar e se moveu para onde Kell o esperava. Os olhos verdes do homem observaram Morganna pensativamente antes de se voltarem para Clint.

"Ei, nós conseguimos pegar os caras maus. Isto é tudo que importa. Certo?", o





conhecimento refletido nos olhos de Kell fez Clint abafar o protesto que subia até seus lábios. Não, isso não era tudo o que importava. Havia mais na vida do que pegar os caras maus. Havia pegar a garota. Clint olhou de volta para Morganna e em vez disso encontrou o olhar duro de Reno.

Não era tudo o que importou, e Clint sabia disso, da mesma maneira que Kell sabia. Mas Clint foi embora de qualquer maneira. Ele girou, seguindo Joe para o elevador, e foi para dentro dele com o resto do time enquanto Kell os seguia.

A última visão de Clint foram os olhos de Morganna encontrando os seus enquanto as portas do elevador se fechavam, e ele teve a certeza de que se não retornasse logo, então a perderia para sempre. E se ele retornasse...? Ele poderia perdê-la de qualquer maneira.

Capítulo 28

Dois dias depois

Ele sentia a falta de Morganna. Enquanto Clint tirava a caminhonete do estacionamento do Edifício Federal, finalmente admitiu a verdade para si mesmo. Ele não tinha pregado o olho no apartamento na noite anterior. A cama, normalmente de máximo conforto, tinha ficado áspera. Ele não podia ficar confortável, não importava o quanto tentasse.

E cada vez que ele acordava, buscava Morganna. Só que Morganna não estava lá. E ela não atendia as ligações dele. Apenas a caixa postal.

"Se é você, Clint, vou verificar o bichano agora". Ela estava em casa. Ele sabia que ela estava porque Reno estava respondendo ao seu celular e ele tinha estado lá duas vezes quando Clint tinha ligado para averiguar Morganna.

"Entre mim e você, amigo ole", Reno tinha bufado no dia anterior, "ela voltou para casa com um gato hoje. Isso está me preocupando".

Clint agitou a cabeça enquanto ia pelo tráfico do centro da cidade de Atlanta e se dirigia à casa da mãe, logo fora dos limites da cidade. Ele não a via há anos. Ele a ligava, via como ela estava, mas ir à casa dela para reforçar um laço que realmente nunca tinha existido, não era algo que ele se forçava a fazer desde que tinha se juntado aos SEALs. Agora ele não tinha outra escolha.

Admitir que é covarde não é algo que um homem faz facilmente, mas enquanto Clint dirigia pelo tráfego, admitiu que era exatamente o que ele era quando o assunto era Morganna. Ele se mantinha tão longe dela quanto possível até que não tinha nenhuma escolha a não ser mantê-la perto dele. E como ele sempre soubera, ela tinha aberto seu caminho até muito fundo na alma dele sem que ele pudesse se livrar.

Ele a amava. Mas até que ele enfrentasse o passado, assim como ele mesmo, então ele nunca seria o homem que sabia que ela precisava. O homem que ele





precisava ser.

Ele não conseguia se imaginar sendo uma parte da vida de Morganna e não ter um filho com ela. Não imediatamente mas talvez nos próximos anos. Uma menininha com o sorriso de Morganna, e olhos cinza cor de pomba. Uma pequena atrevida determinada a mandar no mundo e deixar todos os machos loucos. Ou um garotinho... Clint tragou firme ao pensar em ter um filho.

O pai de Reno havia ensinado Clint a jogar bola, atirar, ser um homem. O pai de Clint o havia ensinado como era seu punho e nada mais. O que Clint ensinaria ao filho? O pensamento o apavorou.

Ele entrou na calçada da casa da mãe, desligou a caminhonete, e encarou a pequena casa silenciosa de dois andares. Não era muito diferente da casa que ele tinha sido criado, porém o bairro era ligeiramente melhor. Ela tinha vivido em um apartamento até recentemente, guardando o dinheiro que Clint mandava para ela enquanto ela esperava sua aposentadoria e as economias que o pai dele tinha começado quando eles tinham se casado.

Raven disse que Linda McIntyre se orgulhava da casa. Ela falava frequentemente sobre netos, visitas e almoços de feriados. Essa não era a mãe que ele se lembrava. Mas, ela sempre tinha sido diferente com Raven, da mesma maneira que o pai dele tinha sido. E agora que Clint estava aqui, que diabo ele iria dizer? Ele não via Linda há cinco anos e estava a ponto de se virar e apenas partir. E os dedos dele estavam apertando as chaves, a porta se abriu e ela estava lá. Ela era menor do que ele se lembrava, mais velha. O cabelo estava cinzento, o rosto esticado, os olhos, tão parecidos com os dele, fitavam-no de volta. Clint colocou as chaves lentamente na ignição antes de abrir a porta.

Droga, ele deveria ter continuado apenas dirigindo. Deveria ter ido diretamente para Morganna. Isto era um engano. Mas ele se forçou a sair da caminhonete, ficando de pé silenciosa e atapalhadamente.

Enquanto ele encarava Linda, se lembrava da mulher que ela tinha sido vinte anos antes. Esbelta, bonita, com cabelos pretos e longos, olhos cinza suaves. Clint tinha herdado as feições e o corpo largo e musculoso do pai, mas a cor vinha da mãe, assim como Raven.

"Raven acabou de partir". A voz de Linda era a mesma de sempre – amarga e áspera. "Você pode entrar também".

Ela girou, deixando a porta aberta para ele enquanto reentrava na casa. Era uma droga de recepção, mas ele não tinha vindo para ser bem-vindo. Ele não estava certo de por que tinha vindo, mas boas-vindas teriam sido muito chocantes para que ele sobrevivesse.

Embolsando as chaves, ele respirou rotamente antes de pisar na calçada forrada de flores na frente da pequena casa de tijolo. A porta se abria para uma pequena entrada e então para uma sala de estar classicamente bonita. A mãe





sempre tinha sido uma defensora de que tudo parecesse direito, combinando as cores e afetadamente correto.

Ela estava esperando por ele no meio do cômodo, de pé, dura e muda enquanto o encarava.

"Como Raven está indo?", ele finalmente perguntou enquanto fechava a porta e enfrentou Linda com nada da raiva que se lembrava de ter sentido na última vez em que eles estiveram no mesmo cômodo juntos.

"Esquecida como sempre", ela suspirou. "Deixou a porta encostada quando partiu. Aquela menina nunca entendeu como fechar e trancar a porta. É uma maravilha que ela não tenha sido estuprada e assassinada na própria casa".

Linda estava nervosa. Clint ouvia o tremor leve na voz, viu a cautela no olhar. Era a aparência habitual dela sempre que ela o via, como se ela esperasse que ele a batesse a qualquer hora. Ele nunca tinha encostado a mão nela, nunca tinha desejado.

"Admito que comprei a casa com o dinheiro que você me deu". Ela falou mais alto com uma faísca de raiva. "Você não me disse como eu deveria usá-lo. Então se você está aqui porque eu não estou naquele apartamento pequeno e encantador -"

"A casa é boa, mãe".

"Eu estava cansada do apartamento-"

"Eu não vim para discutir com você. Eu não me importo com o que você faz com o dinheiro", ele finalmente disse a ela suavemente. "Eu apenas..."

Ele apenas o quê? Ele abaixou a cabeça, suspirando exausto. Esse era um maldito engano.

"Você não aparece há mais de cinco anos". Ela juntou as mãos em frente ao corpo enquanto erguia o queixo em desafio. "Por que agora?"

Ele se mexeu, perguntando-se o que diabo deveria dizer, fazer. Putz, ele era um arrumador de encrencas, não é? Nos anos desde a morte do pai, Clint raramente a tinha visitado e sempre que o fazia, nunca era por mais do que alguns minutos. Ele a viu e o passado voltava a sua mente como uma nuvem furiosa. As surras, os apelos a cada vez que a mãe saía, enquanto ele chorava e implorava para que ela não deixasse o pai pegá-lo. Ela batia levemente na cabeça de Clint e dizia a ele que fosse um garoto grande. Deus, ela tinha sido tão louca quanto o pai.

"Estou pensando em me casar". Foda. Certo, sim, ele tinha pensado nisso, mas não tinha pensado em contar a ela sobre isto.

Ela piscou de volta para ele. "Alguém que eu conheço?"

"Sim...". Ele anuiu ligeiramente com a cabeça. "Olhe, eu não sei por que diabo estou aqui". Ele passou a mão pela cabeça, exausto, antes de baixar os braços para os lados uma vez mais. "Sinto muito por ter te aborrecido". Ele girou para partir, sair de perto dela e as memórias que se erguiam como uma nuvem preta em sua mente cada vez que a via.





"Ele não acreditava que você fosse filho dele". As palavras pararam Clint enquanto ele se dirigia à porta. Ele congelou os passos por longos segundos antes de se voltar para ela. "O que você disse?", ele agitou a cabeça em confusão. Ela aprumou os ombros e pela primeira vez em que ele podia se lembrar, ela o olhou nos olhos. Não que o olhar fosse confortante de alguma maneira. Não havia nenhum remorso lá, nenhum calor. Apenas o mesmo frio olhar cinza que ele sempre tinha conhecido.

"Ele não acreditava que você fosse filho dele". Havia uma luz curiosa nos olhos, quase que de interesse, como se ela se perguntasse como ele reagiria.

Ele não reagiu. Não dava a mínima para o quê o bastardo pensava dele, mas estava curioso para saber se compartilhava ou não o sangue com o homem que tinha conhecido como seu pai biológico.

"Eu era?".

"Claro que era. Posso ter sido uma prostituta, Clinton, mas era cuidadosa. Você é filho dele".

O curvar zombeteiro no canto dos lábios não mais tinha o poder de machucá-lo ou deixá-lo bravo. Serviu apenas para enfatizar o fato de que ela realmente não dava a mínima.

"Então por que ele acreditou do contrário?".

Ela suspirou como se cansada, dando as costas para ele e compassando para uma estante alta no outro lado do cômodo. Havia retratos lá, vários sobre as prateleiras. Havia alguns retratos de família, mas a maior parte deles era de Raven, Raven e o pai, Raven e a mãe. Havia poucos de Clint.

"Eu nunca reivindiquei ser uma boa mãe". Os lábios afinaram enquanto ela o encarava. "Mas ultimamente, eu percebi como depressa a idade está me pegando, eu lamentei muitas coisas. Eu o deixei acreditar nisso, porque ele o machucava. O machucava do mesmo modo como me machucava cada vez que ia para outra mulher. Cada vez que voltava para casa e passava as noites longe de casa. Então eu o deixei acreditar nisto".

"Você deixava ele me arrebentar de pancada".

"Você sobreviveu".

Ele teve a impressão de que ela teria revirado os olhos se não estivesse tão assustada.

"Eu sobrevivi?", ele ralhou. "Eu mal podia me mover por dias, maldita. Ele pegava aquele maldito cinto e me arrebentava e você nem se importava o suficiente para impedi-lo de te pegar cada vez que você fazia das suas por aí. Eu era uma criança".

"E você é um homem agora", ela atirou de volta, tão fria e insensível quanto sempre tinha sido. "O seu pai foi criado acreditando que o cinto era a única resposta para tudo. Ele nunca quebrou os seus ossos; ele não deixou cicatrizes. Não era culpa





minha que ele te culpasse pelas minhas infidelidades”.

"Era o seu dever proteger os seus filhos". Os punhos dele cerraram ao lado do corpo, não porque ele quisesse atingi-la, mas porque naquele momento ele percebeu o quanto tinha desperdiçado de sua vida ao tentar entender porquê os pais tinham agido de um jeito ou de outro.

"Ele era um homem duro, mas te proveu". Ela finalmente encolheu os ombros. "Você e eu nunca fomos próximos. Mesmo quando você era um neném, você não se importava muito comigo". Os lábios se moveram amarga e acusadoramente. "Você não queria ser abraçado e cuidado como Raven. Você sempre gostava de ficar só, a menos que precisasse ser alimentado ou trocado. Você não queria uma mãe; você queria uma babá”.

Ele piscou de volta para ela em surpresa.

"Você é tão louco quanto ele", ele disse suavemente, não realmente surpreso ou chocado.

"Eu não sou louca, Clinton". O sorriso dela era zombador. "Eu não queria filhos; seu pai queria. Ele me forçou a conceber você, e então ele cismou que você não pertencia a ele. Eu nunca reivindiquei que estava certa ou errada, mas sabia que ele nunca te mataria ou mutilaria. Você cresceu bem”.

Ele tinha crescido odiando os pais; tinha crescido com cinismo e desconfiança sombreando cada movimento, cada relação.

"Você parece mais com ele do que imagina". Ela cruzou os braços sobre os peitos e o assistiu com interesse calculado. "Um Navy SEAL. Ele vivia para o serviço, para seus homens. Você até parece com ele agora. Ele se orgulharia de você se estivesse vivo”.

Alegria-alegria. O desgosto que Clint sentia enquanto a observava enchia sua boca com um gosto azedo. Esta mulher o tinha parido, nada mais. Ela não tinha sido uma mãe na época, e não era uma mãe agora.

"Então, você vai se casar com a menina do Chavez?", ela perguntou curiosa. "Ela tem abanado o rabo para você por anos. Você sabia que ela veio me ver outro dia?”.

Ele observou Linda bem de perto. "Não, eu não sabia". "Sim". Ela sorriu friamente. "Ela estava chateada. Me criticou severamente, muito furiosa, realmente. Eu fiquei surpresa por você ter dito a ela sobre as surras. Você sempre foi muito ciente da lealdade em família, até quando era criança. Você mudou ao longo dos anos”.

"Lealdade a família", ele murmurou zombeteiramente. "Primeiro seria necessário haver uma família, mãe”.

Os lábios dela se apertaram com irritação. "Como eu disse, ela estava chateada. Muito protetora". Em vez da zombaria que ele esperava, havia um abrandamento leve nos lábios, um vislumbre de respeito nos olhos. Mas as próximas palavras o





deixaram puto. "Ela finalmente conseguiu que você a emprenhasse? É por isso que vão se casar?".

Ele agitou a cabeça, admitindo que talvez estivesse em choque. A mãe tinha mais audácia do que ele tinha dado crédito.

"Ela não está grávida", ele disse confuso quando sabia que não devia estar.

O conhecimento de que Morganna tinha estado lá não devia tê-lo surpreendido. Ele devia ter esperado isto. Ela era como uma tigresa. Não importava que nisso, ele não precisasse de nenhuma proteção; ele tinha se defendido contra a família a maior parte da vida.

Apesar de toda maquilagem, hábitos de menininha e habilidades sociais, Morganna tinha um caroço de puro aço. Ela não deixava que nada a abatesse, não que ele gostaria que isso acontecesse, mas ela nunca se permitiria isto. Não mais do que ela tinha permitido à mãe dele.

"Claro que ela está grávida". A mãe dele riu suavemente, "você abomina a ideia de casamento. Sempre detestou. Ela obviamente te prendeu e pensou que poderia salientar isto aparecendo aqui furiosa sobre mim e me encher com ideias de maternidade e proteção. Era jogada óbvia de algo do tipo".

"Não, mãe", ele disse suavemente. "Não há nenhuma jogada, da mesma maneira que não existe nenhuma gravidez. Porque eu fiz uma vasectomia há alguns anos para me assegurar de que eu nunca fodesse as coisas como você e aquele bastardo do seu marido fizeram". Ele ignorou a surpresa no olhar dela. "Eu sinto muito por ter te aborrecido hoje. Estou saindo agora".

"Eu teria gostado de netos". O remorso súbito nos olhos dela o deixou enjoado. Remorso, de uma mulher que nunca tinha permitido ao filho um fiapo de esperança de que pudesse escapar da próxima surra, de que um dia ele virasse um pai.

"Então espero que Raven nunca aprenda como você pode ser fria", ele suspirou. "Porque tendo Deus como minha testemunha, eu nunca poderia confiar em você cuidando de um filho meu".

Ele deu as costas a ela, girado para a porta e abrindo-a enquanto sentia os ossos afundarem com remorso. O que ele esperava depois de todo esse tempo? June Cleaver?²⁹

Ele fechou a porta enquanto pegava as chaves do bolso e se movia para sua caminhonete. Inferno, ele já tinha desperdiçado tempo demais nisso, tempo demais

²⁹ June Clever (June Evelyn Bronson Clever) - personagem do seriado americano *Leave it to Beaver*. June e seu marido, Ward, faziam uma comédia de costumes, os pais suburbanos e típicos dos anos 50. O casal tinha dois filhos, Wally e Beaver. Wally tinha doze anos e Beaver, sete. Os episódios seguiam as escapadas de Wally e Beaver, e normalmente terminavam com os meninos recebendo uma lição de moral do pai quanto ao mau comportamento e um jantar quente e nutritivo da mãe.





deixando o passado e os próprios medos arruinarem o sonho que agarrava sua alma não importando o quanto ele lutasse para se libertar disto.

Morganna. E se havia uma coisa que ele estivesse totalmente certo, ainda que o monstro do pai espregueiasse dentro dele, Morganna se certificaria de que fosse excluído rápido, enquanto chutando o traseiro dele até o inferno. Ninguém nunca ameaçaria um filho dela.

Ele desceu a mão pelo rosto antes de destrancar a caminhonete e se mover para o banco do motorista. Estava na hora de achar seu futuro, em vez de temer o passado. E seu futuro era com Morganna.

A picape de Clint saiu da calçada e acelerou pela rua, Raven descia lentamente os degraus. Ela não deveria ter estado lá. O táxi tinha chegado na hora certa, mas ela tinha se esquecido na casa alguns retratos que queria. Retratos do pai. O homem que tinha cantado para ela, rido com ela, que a tinha cuidado. O monstro que tinha batido em Clint. Ela tinha mandado o táxi embora e entrado de novo na casa, nunca pensando que a mãe não a havia ouvido.

Enquanto ela escutava a conversa no andar de baixo, o passado relampejava diante dos olhos. Clint quando adolescente, não mais do que quinze anos, dizendo que estava doente, pálido e fraco depois que o pai tinha retornado para casa, cada vez que o pai retornava para casa. Enquanto ficava na cama por dias, às vezes nem mesmo comendo a menos que Raven o enchesse. Ele tinha saído de casa quando ela ainda era uma criança. Na noite em que o irmão tinha feito dezessete anos, tinha saído de casa e se alistado. Ele nem tinha terminado o segundo grau.

Ela tinha sido jovem, tão jovem para entender, mas mesmo assim a culpa a corroía.

Ela andou na sala de estar, observando enquanto a mãe girava da janela grande, onde tinha assistido Clint partir. Tinha os olhos cinza largos, escurecidos, então cheios de medo cauteloso.

A emoção que Raven viu nos olhos da mãe enquanto percebia que ela tinha escutado cada palavra deveria tê-la feito se sentir melhor. Raven tinha sido a princesinha. A criança querida - tinha sido mimada e amada, sentindo nada além de um ressentimento forte pela mãe por ter mandado o pai para longe. Raven nunca tinha descoberto sobre a dor de Clint ou os casos. E se odiava por isto. Odiava o fato de não ter percebido como Clint tinha sofrido.

Raven colocou os retratos na mesa ao lado da porta e encarou a outra mulher enquanto a dor tomava vida dentro dela.

"Eu sabia que você tinha o coração frio". Ela mal podia forçar as palavras a passarem pelos lábios. "Sabia isto de alguma forma, de alguma maneira havia algo





faltando em você que te permitiria amar-"

"Isto não é da sua conta", a mãe retrucou, os olhos escurecendo com raiva. "Você não deveria estar aqui. E eu sempre te amei, Raven. Sempre".

Raven abaixou a cabeça e encarou o retrato que estava sobre a pilha pequena que tinha escolhido. Seu pai. Ele parecia tanto com Clint. Tinha sido tão gentil com ela; havia amado-a. Não tinha? Ela agitou a cabeça. Não se pode amar uma criança e quase destruir outra. Não é possível.

"Eu não poderei te ver durante algum tempo, mãe", ela sussurrou dolorosamente enquanto colocava a mão sobre a barriga, descansando a palma contra a criança que suspeitava estar crescendo lá. Seu filho. Seu e de Reno. Um filho que nunca, jamais conheceria o medo que Clint tinha vivido.

"É tudo culpa dele", a mãe grunhiu enquanto Raven erguia os olhos. "Aquele maldito Clinton. Estava sempre estragando as coisas. Se ele tivesse aprendido a mentir quando menino, não teria apanhado tão frequentemente. Tudo o que ele tinha que fazer era mentir para o pai".

"Ele é o seu filho".

O rosto da mãe estava marcado em uma careta enquanto os olhos se estreitavam com uma advertência glacial. "Ele sempre foi uma pedra no meu sapato. Eu não permitirei que ele estrague o que nós estamos finalmente reconstruindo".

A relação delas tinha deteriorado depois da morte do pai de Raven. Ela sempre tinha acreditado que as brigas eram por causa da carreira do pai, o perigo que ele representava, e muitas tinham. Mas as razões escondidas de repente estavam claras. Não era porque ele ia guerrear; era por causa do próprio egoísmo da mãe e a determinação fria do pai dela de castigar alguém por isto. Todos exceto a mulher com a qual tinha se casado.

"Não estamos reconstruindo nada", Raven finalmente disse rouca. "Talvez, mais tarde eu poderei olhar para você sem me lembrar de todos os anos que Clint sofreu. Um dia, talvez. Mas eu nunca te perdorei pelo que você e papai fizeram a ele. Eu nunca perdorei nenhum dos dois".

Ela deixou os retratos onde os tinha colocado, abriu a porta, e saiu. Ignorou o grito da mãe, o som de seu nome ecoando dentro da casa enquanto pegava o celular da bolsa de grife que carregava e discou o número de seu marido.

"Ei, neném, já está em casa?", a voz veio através da linha enquanto ela começava a caminhar pela calçada. "Reno-", a respiração dela prendeu quando as lágrimas começaram a rolar. "Raven? Neném, o que está errado?", ela ouviu o alarme na voz dele, o medo.

"Eu estou bem. Estou segura. Preciso que você venha aqui me pegar".

"Onde você está?".

Ela olhou ao redor. Havia um delicatessen no fim da rua. Ela podia esperar lá.





Disse a ele onde estava, respirando roucamente, lutando para conter as lágrimas enquanto enxugava as bochechas úmidas com os dedos.

"Eu preciso de você", ela sussurrou enquanto abaixava a cabeça, forçando-se a por um pé na frente do outro.

"Eu preciso de você agora".

"Estou indo aí". Claro que ele iria... Ela podia ouvir o grito dos pneus, a preocupação que vinha pela linha. "Fique no telefone comigo, neném. Estou a vinte minutos. Estou indo".

"Você sabe que eu te amo?", ela tinha que dizer a ele. "Sabe como eu sinto muito por ter fugido de você por tanto tempo?".

"Eu baterei no seu traseiro novamente mais tarde. O que acha?", a provocação forçada a fez dar um sorriso trêmulo.

"Promete?".

"Sempre, neném. Para sempre. Você tem certeza de que está bem, Raven? Você está chorando". A voz dele estava apertada, e apesar de ele estar se contendo, ela podia ouvir o medo no seu tom de voz.

"Eu estava na casa da mamãe". Não "mamãe". Nunca mais "mamãe".

"Sim. Eu sei disto. Vocês discutiram?".

"Não".

"Você está machucada?".

"Não fisicamente".

O xingamento murmurado dele foi cheio com remorso.

"Apenas venha me pegar, Reno". A respiração dela prendeu enquanto agradecidamente entrava na delicatessen quase deserta. "Eu apenas quero ir para casa".

Ela queria estar ao lado dele, sentir o calor de seus braços a segurando, e deixar as lágrimas caírem. Ela precisava chorar, não apenas por si mesma ou pela imagem quebrada do pai que amava, mas por Clint.

Pelo menos ela tinha conhecido a fantasia de um pai amoroso. A mãe sempre tinha sido fria, desinteressada, mas o pai – ela respirou roucamente. Ela pensava nele como um herói. Clint nunca tinha recebido a chance de conhecer o amor de nenhum dos pais, e isso estava partindo o coração dela.

Ela queria apenas ir para casa, achar consolo nos braços do marido, então dar um chute no traseiro do irmão por manter tais segredos dela. Isso se Morganna não chutasse o traseiro dele antes apenas por ser um macho teimoso.

Capítulo 29

Clint entrou na casa de Morganna vários dias mais tarde usando a chave sobressalente que estava escondida na parte inferior da caixa do correio. Ela estava





louca, totalmente louca, mas limpar a bagunça que a droga do estupro tinha criado, não tinha sido fácil. Ele mal tinha saído da casa da mãe quando Joe Merino tinha ligado. Jenna tinha falado, e eles tinham o local do laboratório.

Clint tinha ficado muito surpreso ao saber que Morganna não tinha sido parte da equipe que entrou no laboratório. E ficou ainda mais surpreso ao descobrir que ela tinha aceitado um treinamento para trabalhar no escritório da inteligência local.

Sim, ela seria boa nisto. Era tão curiosa quanto um maldito gato. E isso a manteria fora da linha de fogo pelos próximos dois anos pelo menos. Até que ele pudesse se aposentar. Até que pudesse se dedicar a ela e talvez criar uma criança ou duas.

O som do chuveiro no andar de cima chamou sua atenção enquanto ele fechava a porta cuidadosamente e a trancava novamente. Há cinco dias que ele não retornava a ela. Cinco dias no inferno. Dormir não era uma opção; tudo o que ele pensava era em Morganna. Ele sentia falta de seu calor, sentia falta do som de seu riso, seus comentários ácidos. Inferno, ele desejava ouvir seus gemidos sussurrados, sentir os lábios dela embaixo dos seus. Sua presença.

Ele agitou a cabeça enquanto caminhava na sala de estar, atraído pelos retratos que Morganna deixava nas prateleiras leve de madeira. Diferentemente dos retratos que a mãe mantinha, esses eram cheios com riso, com família. E mesmo com alguém que não era da família. Havia várias fotos de Rory Chavez com o filho, Reno, e com Clint. Rory estava entre os dois meninos, os braços ao redor dos dois.

Havia retratos semelhantes de Lisa com Morganna e Raven. Retratos de ambos os pais com suas crianças, assim como das duas crianças de Chavez.

Rory Chavez tinha sido um bom homem, e Lisa, Deus, ela amava os filhos. Eles tinham festas de aniversário todos os anos, iam à praia nos fins de semana no verão, e maldição, Lisa os perseguia até a água. Ela nunca deixava os filhos longe das vistas e se as crianças trouxessem companhia, então eles eram tão estimados e queridos quanto os próprios filhos.

O que diabo ele tinha feito com a própria vida?

Enquanto encarava os retratos, pensou em Lisa e Rory, a força, o amor de um pelo outro, as crianças, e mesmo as que não eram deles. Eles o ensinaram mais do que ele tinha percebido. Que pena que ele tinha se esquecido disto em sua determinação de fugir da única pessoa da qual não podia se defender.

Morganna.

Enquanto o som do chuveiro parava, a cabeça dele se ergueu, girando em direção à escada da entrada. Depressa o corpo dele endureceu, a ereção enchendo sua calça jeans com uma demanda súbita, intensa.

Clint fez uma careta com a fome que eriçava seu corpo. Maldita. Em poucos dias ela tinha se ancorado dentro da alma dele mais fundo do que jamais tinha estado antes. Por quê?





Os lábios dele curaram enquanto se virava, movendo-se silenciosamente pela sala de estar enquanto se dirigia às escadas.

Ela era mais do que ele já havia imaginado. Por tantos anos ele tinha permitido que as ações da mãe manchassem sua visão das mulheres. Morganna amava parecer bonita, dançar, rir e apreciar as pessoas, da mesma maneira que a mãe dele tinha quando era mais jovem.

Essa pequena semelhança com a mulher que tinha ajudado a fazer da infância dele tão miserável o fez correr da uma mulher que sempre tinha verdadeiramente amado.

Morganna morreria e iria para o inferno antes de permitir que alguém machucasse um filho seu. Só pensar em crianças o assustava demais, Clint admitiu, mas tinha sido um tolo ao permitir que o passado despertasse os sentimentos que ele nunca tinha sido capaz de realmente fugir quando a questão era Morganna.

Enquanto dava o primeiro passo para cima, ele a ouviu no quarto. As gavetas da cômoda estavam batendo e ela estava murmurando furiosamente para si mesma. Ela ficaria puta por ele ter levado tanto tempo para retornar, mas ele poderia lidar com isso.

Morganna era como um fogo no inverno, quente, capaz de queimar um homem até a alma enquanto renovava a vida dentro dele.

Ele podia fazer isto.

Ele manteve os passos silenciosos enquanto se movia, abrindo caminho em direção ao quarto, sentindo o fogo que ela atizava dentro do corpo dele a cada passo que tomava em direção a ela.

"Gatinho Chesney³⁰, eu já tive o suficiente". Ele revirou os olhos enquanto a ouvia conversando com o que devia ser o gato que Reno tinha dito que ela tinha conseguido. Ela chamava a maldita coisa de Gatinho Chesney. Apesar de todo seu amor pela batida das músicas nos clubes, Morganna ainda tinha um lugar no coração para um cantor de música country.

Ele ouviu um distinto miado baixo.

"Homem teimoso". Outra gaveta bateu. "Diga-me novamente por que eu decidi que valia a pena esperar por ele. Ele não vale mais a pena".

Ele podia ouvir a dor na voz dela, sentiu o coração se contorcer enquanto a desilusão banhava o tom de voz dela.

"Mas tudo bem. Quem diabo precisa dele?".

Ele estremeceu com o monólogo.

"Eu posso viver sem ele".

³⁰ Kenneth Arnold (Kenny) Chesney, como a autora informou, um cantor de música country. Desde 1993 Chesney fez 13 álbuns, 11 dos quais ganharam disco de ouro. Também produziu mais de 30 músicas que entraram no Top 10 da Billboard.





Os olhos dele se estreitaram.

"E o capitão ficou muito contente por eu ter lidado bem com aquela tarefa. Tão feliz que me deu a escolha do cargo".

A voz estava ficando mais brava.

"Dane-se ele. Ele é um incômodo, arrogante, um macho controlador, e eu não preciso dele. Não é? Diga-me que eu não preciso dele, Gatinho".

Miau.

"Exatamente".

Ele podia imaginar o afiado mover da cabeça, o estreitamento dos olhos.

"Sabe, Gatinho, da próxima vez que eu o vir, é melhor que ele esteja usando proteção".

Miau.

Os lábios dele se curvaram quase em diversão.

"Gatinho", Morganna suspirou. "Ele não vai voltar, não é?".

O peito dele se apertou com a dor na voz dela.

Agitando a cabeça, ele se moveu na entrada, então parou como uma estátua. Céu misericordioso, que desse forças a ele, porque a visão dela tomou a respiração dele.

Ela estava de costas para ele, usando uma tanguinha de seda preta, as costas cobertas pelos cabelos longos e sedosos. As nádegas lisas e arredondadas tentando as mãos dele, fazendo sua ereção empurrar em demanda súbita, faminta.

"Às vezes, ele é apenas um pouco lento". Clint falou suavemente, debruçando-se contra o umbral da porta, enquanto Morganna girava para enfrentá-lo.

Ah. Maldição. Ele manteria a cabeça no lugar, tinha prometido a si mesmo que iria, mas o pequeno triângulo de seda cobrindo o montículo e a renda empinada do sutiã cobrindo os seios cheios e firmes estavam roubando sua sanidade.

"Você está atrasado". Os braços esbeltos cruzaram sobre aqueles montículos erguidos enquanto a voz irritada estalava pelos sentidos dele com uma luxúria ofuscante.

"Vejo que você conseguiu o gato". Ele limpou a garganta, observando Morganna cuidadosamente.

Os olhos estavam escuros como a tempestade, ferozes, e estreitos. Os lábios tentadores estavam finos, as bochechas esvaziadas. Oh, ela estava puta. Ele podia lidar com ela puta.

"E hoje à noite eu vou achar um cara rústico para mim", ela ralhou de volta para ele. "Eu já terminei com você, Clint. Vá embora". Ela o mandou para longe com um zombeteiro pequeno sacudir das mãos. "Eu e o Gatinho Chesney decidimos verificar nossas perdas e ganhas. Você não é mais desejado agora".

Ela deu as costas a ele, indo ao closet, e desaparecendo dentro das dezenas de roupas. Clint esperou. Segui-la dentro daquele closet seria como seguir uma loba até





a toca. Ele estava louco de luxúria e tão apaixonado por ela que não podia respirar com a fome que se erguia dentro de si, mas os duros treinamentos com os SEALs e cada instinto que ele possuía o advertiam de que ele andasse cuidadosamente quando o assunto era Morganna.

Um minuto mais tarde ela saiu. Era possível que estivesse um pouco mais brava do que quando tinha entrado. Carregava uma calça jeans e algum tipo de top branco. Não parecia haver muito tecido para ser um top. E botas.

"Tenho um encontro. Vá embora". Ela deu a ele um clarão. Clint escondeu um sorriso. "Você é uma mentirosa. Tem uma reunião com Joe mais tarde".

Um pequeno esgar de desgosto fez os lábios dela se curvarem enquanto os olhos cinza relampejavam de volta para ele.

"Você acha que é tão esperto". Ela jogou as roupas na cama enquanto o gato os assistia curiosamente.

"Acho que te conheço". Ele arqueou a sobrancelha. Morganna podia enganar várias pessoas, mas ele a conhecia. Bem. Muito bem, estava começando a perceber.

Ela revirou os olhos. "Bem, talvez eu tenha um encontro depois de me encontrar com o Joe". Ela pegou a calça jeans.

"Você gosta dessa calças, Morganna?", Clint perguntou curiosamente enquanto ela colocava a primeira perna sobre o tornozelo. "Por que eu vestiria se não gostasse?", "termine de colocá-las e eu irei rasgá-la mais tarde", ele a informou suavemente. "Eu odiaria ter que arruinar uma boa calça jeans".

"Eu odiaria ter que te machucar, Clint". O sorriso dela era apertado, duro, enquanto terminava de colocar a calça.

Ela o encarou desafiadoramente, provocando. Ele riu com a deliberada ousadia na expressão dela. Ele olhou enquanto ela se vestia. Ela abotoou a calça, então pegou na cama a blusa branca sem mangas. Não que ela devesse ter se incomodado. Ela mal tampava o umbigo, mostrando o anel dourado que tinha colocado nele.

Ele agitou a cabeça, separou os pés, e colocou os dedos polegares nos bolsos da calça jeans enquanto a assistia. Sim, ela realmente estava com raiva.

"Foram apenas alguns dias, neném", ele murmurou. "Faz cinco dias, Clint. Você partiu; foi embora novamente."

"Eu amo você, Morganna".

Ela se calou, encarando-o com os olhos largos alguns longos segundos antes de piscar. "O quê?".

"Eu amo você", ele repetiu. "Sabia que te amava cinco dias atrás. Sabia que te amava há mais de dez anos".

"E agora você está me dizendo isso?", os seios estavam se movendo mais rápido agora, mais duros. Os pequenos mamilos apertados contra as camadas do sutiã e da blusa, assegurando-o de sua excitação, queimando da mesma maneira





que ele estava queimando.

Enfrentá-la com a verdade, porém, era mais difícil. Admitir fraqueza não era fácil para ele, especialmente pelo modo covarde que tinha permitido o passado quase destruir o que sempre tinha havido entre ele e Morganna.

"Sim, estou te dizendo agora". Ele exalou com força. "Porque você me faz sentir, Morganna. Você me faz sonhar. Sonhar com nós dois juntos". Ele olhou de relance para a barriga dela. "Sonhar com você embaixo de mim, ficando redonda com o meu filho. Sonhos que estavam me destruindo porque eu estava apavorado por ser o filho de meu pai".

"Você pensou que bateria no próprio filho?", ela o encarou, incrédula.

"Droga, Morganna, não me olhe assim", ele grunhiu. "O pai dele batia nele, da mesma maneira que o pai dele tinha feito antes. Eu estava preocupado-"

"Você é tão cheio de asneiras!", ela bateu o pé.

Agora isso não era realmente um bom sinal. Morganna estava se aproximando do nível de erupção quando batia o pé no chão.

Ele estreitou os olhos para ela, perguntando-se o que diabo ela tinha na cabeça agora. Era isto que ele ganhava ao desnudar a alma para ela? Da próxima vez ele apenas a foderia e pronto.

"Você correu porque pensou que bateria no próprio filho? Porque pensou que pelo fato de eu usar maquilagem, paquerar e me divertir eu iria te sacanear?", os olhos começaram a brilhar com lágrimas. Não. Inferno, não. Ela não ia começar a chorar.

"Você correu porque o grande he-man³¹, o Conan³² durão, não podia fazer uma garotinha obedecê-lo como todo o resto da droga do mundo faz". Ela estava gritando antes de terminar, no rosto dele, o dedo cutucando o peito. "Pare com a palhaçada, Clint. Você fugiu porque se importava. Porque quando estava comigo eu te fazia sentir. Eu te fiz amar e você odiou isto".

E ela estava certa, o que ele detestava ainda mais. Ou não? Ela o conhecia. Ela sempre o havia conhecido. O que o deixava bravo, o que o fazia rir, o que podia fazê-lo puxar os cabelos em frustração. Morganna sabia, como a pequena bruxa que era.

³¹ He-Man - herói da série de brinquedos Masters of Universe, lançada pela indústria de brinquedos Mattel. Possui uma série de animação produzida pelo Filmation Studios entre 1983 e 1985, com 130 episódios, chamado He-Man e os Defensores do Universo (He-Man and the Masters of the Universe em inglês). Na série, o personagem principal e seus amigos defendem o planeta Eternia e o Castelo de Grayskull das forças malignas comandadas pelo vilão Esqueleto.

³² Conan, o Bárbaro - personagem da literatura de fantasia heróica - ou "espada & feitiçaria" (sword and sorcery). Criado pelo escritor texano Robert E. Howard em 1932. Fez sua primeira aparição na revista pulp Weird Tales no conto chamado "The Phoenix on the Sword" (A Fênix na Espada).





"Você ainda não me obedece. A ninguém". Ele passou a mão na nuca em frustração. "Você me deixa muito louco. Você sempre me deixa louco. Você me faz querer foder a sua tolice e ao mesmo tempo querer dar uns tapas no seu traseiro por não escutar o bom senso".

"Bom senso ao ser o que você quer que eu seja?", ela discutiu, os olhos ardentes, os seios levantando. O pau dele estava pulsando como um ferimento aberto mesmo quando a própria frustração começava a erguer.

Maldição, nada podia excitá-lo mais rápido do que Morganna quando decidia ficar desafiante.

"Pelo amor de Deus, Morganna, você nos deixa louco a sua vida toda", ele rosnou. "Escapando do seu quarto para me seguir e a Reno-"

"Você estava sempre fugindo". Ela fez beicinho. "Só Deus sabe que tipo de doença você acabaria pegando se tivesse que lidar comigo te seguindo".

Surpresa estreitou os olhos dele. "E as festas?".

Ela revirou os olhos. "Oh realmente, Clint, você veio me procurar, não veio?".

Os lábios dele afinaram. "E quanto a flertar? E os namorados?", ela respirou zombeteiramente enquanto erguia a mão, olhou de relance para as unhas, então colocou os dedos no quadril enquanto olhava de volta para ele maliciosamente. "Agora, Clint, você me daria metade da atenção durante os anos passados se eu me sentasse em casa e esperasse por você? Você teria se esquecido de que eu existia". "Sua pequena atrevida". Diversão surpresa marcava a irritação em sua voz.

"Ei, uma menina tem que fazer o que tem que fazer". Ela encolheu os ombros negligentemente. "Mas eu parei de te perseguir, Clint. Que eu me ferre se perder mais um minuto do meu tempo com um homem que continua a fugir de mim. Vá ficar com os SEALs ou algo assim; tenho uma vida para viver, e ela não inclui te ver ir embora cada vez que compreende que não pode me controlar. E com toda a certeza isso não inclui esperar que você decida se eu sou digna de amar a cada vez você fica irritadinho".

"Irritadinho?", ele grunhiu, sentindo a perda de controle que sempre sentia ao redor dela. Maldita, ela podia dar nós no intestino dele com nada mais do que um olhar. "Querer manter esse seu pequeno e bonito traseiro vivo não me torna um irritadinho, Morganna".

"Você é tão controlador-"

"Você é muito selvagem", ele acusou em retorno. "Se te deixar por conta própria, apenas Deus saberá o caos que causará. Você é uma criadora de problema, droga, e sabe disso".

Ela jogou a cabeça; o pequeno movimento sedutor e sensual fez cada instinto do corpo dele uivar para pegá-la. Ele a queria de quatro, aquele atrevido pequeno traseiro erguido para ele enquanto ele a metia por trás.

"Que seja, garoto SEAL. Agora apenas vá embora. Estou certa de que





conseguirei ficar bem sem você”.

O último tiro deveria tê-lo deixado puto. Inferno, ele tinha acabado de abrir o coração para ela e ela lutava com ele. Mas ele viu a dor nos olhos dela, a esperança e os sonhos. Sim, ele conhecia Morganna muito bem. Ela era uma mulher, com pensamentos estranhos e demandas ilógicas das mulheres, uma bonita, desafiadora e pequena bruxa, e por Deus, ele iria ficaria por cima mesmo que isso o matasse. Ela o estava forçando a isso, e ele não deixaria a oportunidade passar.

"E você acha que eu vou apenas girar e sair por aquela porta agora?", ele perguntou a ela curioso. "É duro de acreditar que você está desistindo tão facilmente, Morganna. Você tem lutado para me ter na sua cama há anos. Eu pensei que você era mais teimosa do que isto”.

Ele moveu os dedos para os botões da camisa enquanto falava, soltando-os enquanto a assistia. Os olhos dele estavam firmes a cada movimento, as bochechas corando ainda mais enquanto o olhar ficava com um pequeno cintilar faminto.

Claro que ela era mais teimosa do que isto. Ele resistiu ao desejo de sorrir, agitar a cabeça, enquanto terminava de desabotoar a camisa, enquanto puxava a bainha da blusa de dentro da calça jeans. O olhar dela era quase uma carícia física, lambendo o tórax nu dele enquanto ele encolhia os ombros e tirava a blusa.

"Não me faça arrancar as suas roupas, neném", ele a advertiu suavemente. "Tire-as”.

A excitação chamejava nos olhos dele.

"Eu te disse que tenho um compromisso”. Ela cruzou os braços acima dos seios. "Se você pensa que voltar para a minha cama vai ser fácil assim-"

"Eu fui ver a minha mãe”. Ele se sentou na cama, erguendo um pé para colocar sobre o outro joelho enquanto começava a desamarrar o cadarço das botas.

Ele assistia Morganna. Ela tinha ficado quieta, cautelosa.

"Oh, é mesmo?", ela finalmente perguntou quando ele não disse mais nada.

"Ela me disse que você foi visitá-la”. Ele tirou a bota do pé antes de erguer o outro pé e desamarrar o cadarço.

"Há algum objetivo nesse assunto?”.

Ele soltou a bota e a encarou. Ela parecia frágil, delicada, e apesar de sua ferocidade, era apenas uma mulher. Criada para ser protegida, estimada.

"Por que você foi vê-la?”.

Os lábios dela firmaram quando a irritação no olhar virou raiva.

"Ela finge ser tão atenciosa”, Morganna rosnou. "Ela teve a audácia de me ligar para ver se eu sabia onde você estava. Fingindo estar preocupada porque não ouvia notícias suas”. Ela secou a lágrima que caiu do olho. "Eu queria enfrentá-la. Eu queria ver o monstro que sabia que ela era”.

"E o que você viu?”.

Ela desviou o olhar, o lábio inferior tremendo.





"Você não viu um monstro", ele disse a ela suavemente. "Você viu uma mulher velha, muito egoísta. Viu algo que não pode consertar".

Outra lágrima desceu pela bochecha dela.

"Eu te amo, Morganna", ele sussurrou. "E não vou mais esconder. Eu não vou mais fugir. Apesar de estar muito assustado; isso eu te digo. O pensamento de destruir esse amor, de destruir sua crença em mim, me apavora".

Ele a assistiu tragar firmemente enquanto ela o encarava, o rosto enrugado ao tentar abafar as lágrimas. Ele se ergueu da cama, incapaz de aguentar as lágrimas, aguentar a dor nos olhos.

Clint a alcançou, lutando para parar a tremedeira das mãos enquanto segurava o rosto dela, os dedos polegares aliviando a umidade de suas bochechas.

"Eu nunca mais te deixarei novamente", ele jurou, sabendo que fugir não era mais uma opção. "Você me deixará louco, eu ficarei com o cabelo branco cedo, mas sempre te amarei, Morganna. Com tudo o que tenho, eu sempre te amarei... e as crianças que você me permitir ser o pai".

Ela ofegou, um tremor passando pelo corpo enquanto os lábios se separavam, as lágrimas correndo mais rápido.

"Eu te amo". O soluço sussurrado rasgou o coração dele com uma alegria e esperança que encheram cada célula de seu ser. "Oh, Deus, Clint, eu amo você".

Capítulo 30

Ele tinha dito a palavra com c. "Crianças". A palavra com a. "Amor". Morganna sentiu a dor e o vazio dolorido que a tinham atacado nos últimos cinco dias se apagarem do corpo enquanto os lábios de Clint cobriam os dela.

A sensação dos lábios dele sobre os dela, a língua lambendo, os dentes beliscando, deixou-na desejando mais, desejando que ela pudesse se fundir ao corpo dele e ficar lá para sempre.

"As roupas estão saindo, Morganna", ele grunhiu um segundo antes das mãos se moverem, os dedos enrolando no decote baixo da camisa e despedaçando-o.

Os botões espalhavam-se enquanto ela o sentia puxando os braços dela de seus ombros antes que ele puxasse a roupa entre eles.

"Eu devia te amarrar e cortar essa calça jeans". As mãos rasgaram os botões de metal. "Mas maldição, ela fica tão boa em você, neném. Eu posso querer te ver nelas novamente algum dia".

"Eu poderia deixar". Morganna lutou para respirar enquanto Clint se ajoelhava na frente dela, lentamente abaixando a calça jeans pelas coxas, erguendo um tornozelo, então o outro até que ele jogou a roupa para longe.

"Você me faz perder o ar". Ele deitou a cabeça contra a barriga dela, os lábios apertando contra a pele dela, a língua chamejando contra o anel na barriga,





saboreando a pele enquanto ela estremecia no aperto dele.

As pontas dos dedos calejados descendo contra a parte de fora das coxas, alisando a carne, uma navalha afiada enviando explosões de necessidade pelo útero. Ela podia sentir a corrida de prazer pelos nervos, o toque quente, movendo mais fundo do que apenas a carne enquanto os dedos se moviam lentamente para mais perto do centro dolorido de seu corpo.

"Você está deixando os meus joelhos fracos", ela sussurrou sem ar, os dedos segurando nos ombros dele enquanto um calor começava a queimar pelo corpo dela.

Morganna podia sentir o deslizamento aquecido da vagina, o botão inchado do clitóris, os mamilos sensíveis. Cada toque das pontas dos dedos, cada lenta e sensual arrastada para mais perto do pequeno triângulo de seda cobrindo seu sexo tinha o véu de sensualidade espessando ao redor dela.

Ela podia sentir a transpiração cobrindo o corpo, entre os seios. Cada respiração que raspava pelos mamilos contra a renda delicada do sutiã; cada momento que Clint ficava mais perto de sua meta.

"Você me encanta", ele respirou contra a seda úmida entre as coxas dela, enviando fragmentos incríveis de prazer rasgando o corpo dela.

"Clint". O apelo sussurrado dela era um protesto ou um gemido por mais, ela não podia dizer.

A mão dele se moveu, as pontas ásperas dos dedos contra a seda que cobria as dobras inchadas de seu sexo enquanto ela estremecia diante dele. A outra mão se moveu para o traseiro dela, curvando embaixo de uma nádega arredondada.

"Você tem cheiro de verão". Ele aninhou os lábios contra o material úmido enquanto um grito quebrado saiu dos lábios. Ela estava agitando em necessidade; em uma extremidade de excitação tão intensa que não estava certa de que poderia sobreviver.

"Eu amo o seu toque", ela arquejou. "Suas mãos, os seus lábios...", ela estava quase soluçando com a necessidade de mais, a necessidade de senti-lo contra ela, cercado-a, penetrando-a.

"Ah, neném, não mais do que eu amo te tocar". Ele puxou a seda para o lado antes de dar a carne lisa uma longa lambida, trazendo a umidade para ele, se deliciando com o gosto dela.

As coxas se separaram mais com as mãos persuasivas dele, as pernas tremendo enquanto ela lutava para permanecer de pé diante dele.

A língua raspou o broto delicado, tenro no ápice do montículo, lambendo ao redor dele, colocando em sua boca antes de sugá-lo gulosamente com a boca.

O útero dela ondulou com o prazer incrível; a vagina se convulsionou com a necessidade de ser cheia. Os quadris se apertaram para mais perto dos lábios dele enquanto as mãos se moviam para a cabeça dele, os dedos enterrando no cabelo





sedoso enquanto ela se abria mais para ele, pedindo por se liberar.

"Tão intoxicante quanto o melhor vinho", ele sussurrou contra a carne empapada dela antes de beijar o clitóris com uma sucção gentil. "Goze por mim, neném. Encha-me com a sua doçura".

Dois dedos longos e largos deslizaram dentro das profundidades famintas de sua vagina enquanto os lábios circulavam o clitóris, sugando-o, a língua chamejando sobre ele com resultados devastadores.

Ela se partiu sob o ataque violento, o corpo apertando, arqueando, erguendo dentro de um prazer que enviou estrelas cadentes por sua mente.

O mundo balançou enquanto os tremores de prazer a rasgavam. A sensação do colchão nas costas foi depressa seguida pelo rasgar da seda entre as coxas. Morganna abriu os olhos, encarando o brilho nos olhos azuis escuros de Clint enquanto ele empurrava as coxas dela para trás e então a preenchia.

O prazer em chamas tomou sua vagina, apertou seu útero, e a fez arquear para mais perto. Os quadris se contorceram enquanto ele trabalhava dentro dela, tomando as profundidades de seu sexo com um rapto tão incrível que ela estava gritando.

As unhas dela cravaram nos ombros dele, as costas curvadas.

"Isso, neném... tão doce, tão apertado". Clint se estirou contra ela, empurrando dentro dela com punhaladas sedentas, acariciando os nervos tão sensíveis que o próximo orgasmo a fez gritar com o prazer.

"Mais," ela gemeu, a voz rouca, desesperada, enquanto ele a empurrava mais, fazendo-a chegar ao ponto máximo novamente, tremores fortes passando por ela enquanto ela o sentia se enrijecer sobre ela.

Três estocadas duras e ferozes anunciaram a liberação dele. Ele se dirigiu dentro dela como uma onda violenta antes de se juntar ao orgasmo dela no auge. Ela sentiu os jatos firmes do sêmen dele a enchendo, o calor, uma junção enquanto ela se moldava a ele, enquanto ele se moldava a ela.

"Eu amo você...", a voz dele era um voto estrangulado em sua orelha. "Com tudo o que sou, Morganna, eu amo você".

Epílogo

Diego Fuentes estava sentado silenciosamente atrás da escrivaninha, olhando as ondas estourarem sobre a costa da Califórnia abaixo de sua casa na encosta da montanha.

Ele apoiou os dedos contra o queixo, os olhos estreitados pensativamente enquanto o sol se punha. Atrás dele, o relatório que tinha sido enviado via fax estava amassado em sua escrivaninha com a fúria que tinha tomado seu cérebro enquanto o lera.





O laboratório tinha sido destruído. A potente droga de estupro conhecida nas ruas como Pó das Prostitutas tinha acabado para sempre. O cientista estúpido tinha se recusado a dar a Diego a receita e era tão complicada que até agora os outros homens que ele tinha trabalhando nisso ainda estavam tentando duplicá-la corretamente.

Tinha algo a ver mais como os ingredientes eram preparados do que os ingredientes em si.

Ah, bem. Ele tinha um pouco estocado em um armazém pouco conhecido, mas não era o suficiente para disponibilizar nas ruas, era o suficiente para outros usos, talvez.

"Don Diego". O novo geral bateu brevemente na porta antes de entrar. "Mais relatórios chegaram".

Diego girou na cadeira para observar o homem mais velho que tinha entrado no cômodo.

Saul um dia tinha sido o conselheiro de seu pai. Tinha retornado no ano anterior para aconselhá-lo e agora com a morte de Roberto tinha concordado em ficar como segundo homem dele. Saul era um bom homem. Frio e impiedoso.

"Entre, Saul". Diego sorriu benignamente. "O que mais esses agentes bastardos do DEA podem tirar de mim?".

"O diário de Grant Samuels", Saul respondeu. "Nossos homens acharam apenas aquele cheio com as imaginações lascivas dele com a esposa. Nós ainda não achamos o que revela os segredos que Carmelita deu a ele".

Carmelita. Diego suspirou. Ele a amava. Amava-a até não ter mais razão envolvida. E ela o traía tantas vezes e com tantos homens.

"E quanto ao nosso SEAL?", havia outra ponta solta. "Ele ainda está bem?".

"Está". Os lábios de Saul se ergueram em um sorriso cruel. "A porção mais recente da droga que o Dr. Germano criou parece que promete. Ainda vamos pegá-lo".

Acabar com o SEAL tinha se tornado uma compulsão. Ele era forte. Tão forte que tinha resistido ao Pó das Prostitutas por quase um ano. Ele ainda teria que pegar uma das mulheres que estavam com ele. Mas Diego podia dizer que isso estava acabando com a sanidade do homem. Logo o SEAL acharia sua liberação num outro corpo além do da esposa, e então Diego poderia matá-lo.

Mas até lá, eles tinham o maldito diário para lidar.

"A esposa de Samuel saberia", Diego disse pensativamente. "Pegue-a e questione-a. Se ela não falar, então você poderá dá-la para os seus homens para alguma diversão. Fique de olho em Merino também. Ele não desistirá enquanto não achar o diário. Se a esposa dele não souber onde está, então Merino o achará".

"Esse foi o meu pensamento também". Saul anuiu com a cabeça. "O diário dele fala do segredo frequentemente. Merino não poderá resistir a procurar por ele".





Diego sorriu. Os diários falavam frequentemente da esposa de Grant e a traíam a cada traço da caneta. Não que ela soubesse de alguma uma coisa que o marido estava envolvido, mas Grant tinha planejado cuidadosamente sua prisão. Que pena que o bastardo não tivesse planejado a própria morte.

"Pegue a esposa. E, por favor, arme um acidente para a incrédula Jenna. Um doloroso".

"Será organizado". Saul anuiu com a cabeça. "Também finalizei os planos de trazer o seu filho, meu amigo. Atingir a filha do senador uma vez mais deve chamá-lo. Não devemos ter problemas agora que os espiões na nossa organização se foram. Assim que estivermos com o diário, poderemos proceder com o nosso plano de conseguir a lealdade dele. Tudo irá bem de agora em diante.

Sim, tudo iria. Saul estava agora no comando, e não confiava em ninguém. E menos do que tudo uma mulher. Mas talvez ele tivesse uma chance com o filho dele. O menino que ele não soubera por tanto tempo.

Mulheres. Não se podia confiar nelas. Elas eram, como o pai o tinha advertido, prostitutas traiçoeiras que valiam menos do que os cachorros que os serviam. Pelo menos os cachorros, mesmo sendo animais, conheciam a lealdade. Mas esse filho era um filho verdadeiro, um filho com poder, força e honra. Tal filho seria um recurso.

"Sim", Diego sussurrou, ciente de que Saul estava lentamente deixando o cômodo. "Sim, agora nós traremos meu filho para dentro". O filho que Carmelita e o pai dele não tinham contado.

O coração de Diego ainda doía enquanto a fúria comia sua alma. Como ele tinha confiado nela, como a havia amado. Ela tinha sido a luz em seu mundo, e sua morte quase o havia destruído. Até que ele tinha achado os retratos. Até que tinha descoberto suas luxúrias vis e suas traições. Até que ele tinha descoberto quantas vezes que ela quase tivera sucesso em assassinar o filho dele.

Se ele sentisse falta dela às vezes, trazia os sentimentos traiçoeiros de volta e achava um dos animais de estimação preferidos dela para castigar. Como Trina.

Carmelita o havia ensinado muito. Lições que ele não esqueceria.

Ele bateu na superfície brilhante de madeira de sua escrivaninha enquanto considerava seus problemas mais imediatos. O diário de Grant Samuels deveria ser achado. E então seu SEAL de estimação deveria ser destruído.

Os SEALs eram resistentes ou algo mais. Um verdadeiro desafio para um homem como ele. Clinton McIntyre tinha sobrevivido a Roberto, o que Diego havia antecipado. Era apenas outro vínculo na cadeia para alcançar seu sonho. E a garota, a filha do Chavez, Morganna, tinha escapado dos planos de Roberto.

Pobre Roberto. Diego o havia advertido a não usar Santos em uma operação tão importante, mas o homem tinha sido insistente. Tinha tornado mais fácil para Diego matar Santos.





Diego ainda não podia acreditar que o garoto tinha sido estúpido o suficiente para contatar aqueles SEALs, acreditar que pudesse negociar as informações sobre o bichinho de estimação que Diego mantinha em troca dos SEALs tirarem suas acusações. Santos conhecia as ligações do promotor com Diego, o local do laboratório, e o local do amigo perdido dos SEALs.

Tal traição podia apenas levar à morte. Agradecidamente Saul tinha sido esperto o suficiente para ficar de olho em Santos e levar uma equipe quando percebeu o que o jovem estava aprontando.

Roberto tinha culpado as mortes em McIntyre e a mulher. Em vez de cair a culpa nos ombros de Santos, onde pertencia. Essa lealdade familiar enfraquecia um homem. Amor por algo além do próprio filho ou filho de outro, era um grave erro. A necessidade de Roberto por vingança tinha sido sua morte.

Ah, bem. Matar McIntyre e a garota do Chavez não tinha sido ideia de Diego, então ele não tinha ligado. O laboratório, isso sim tinha sido uma perda, mas não valia a pena buscar vingança no momento.

Agora, ele tinha assuntos mais importantes para lidar...

FIM

Sobre Lora Leigh



Os personagens da autora de Best Sellers do USA Today vêm a ela em sonhos vívidos, inspirando-a com as possibilidades do “e se”... Na maioria dos dias Lora pode ser achada na frente do computador sonhando acordada enquanto bebe da ambrosia dos deuses, também conhecida como café.

Conhecida pelos romances deliciosamente intensos e profundamente eróticos, as complexidades da mulher dinâmica fascinam nos livros de Lora. Ela também tenta o desafio de entender seu marido atraente e audacioso.

Quando não está escrevendo, pensando em escrever, ou conspirando no que escrever, Lora, uma nativa de Kentucky, adora seu filho travesso, um alfa em treino. Gosta de jardinagem, pescar, caminhar e ler um bom livro.

Aprenda mais em www.loraleigh.com

